

PHILIP MATYSZAK

OS INIMIGOS DE ROMA

De Aníbal a Átila, o Huno



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PHILIP MATYSZAK

OS INIMIGOS DE ROMA

De Aníbal a Átila, o Huno

com 72 ilustrações

Tradução de
Sonia Augusto



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

PRELÚDIO AO IMPÉRIO

PARTE I

Do Ebro até o Nilo

1 ANÍBAL

2 FILIPE V

3 VIRIATO

4 JUGURTA

PARTE II

Tramas, traição e guerra civil

5 MITRÍDATES

6 ESPÁRTACO

7 VERCINGETORIX

8 ORODES II

9 CLEÓPATRA

PARTE III

Pax Romana

10 ARMÍNIO

11 BOUDICA

12 JOSEFO

13 DECÉBALO

PARTE IV

O fim do Império

14 SHAPUR I

15 ZENÓBIA

16 ALARICO

17 ÁTILA

EPÍLOGO

CADERNO DE IMAGENS

LEITURAS ADICIONAIS

FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

FONTES DAS CITAÇÕES

ÍNDICE REMISSIVO



AGRADECIMENTOS

Devo agradecer a Adrian Goldsworthy, que foi a primeira pessoa com quem discuti a ideia; à Biblioteca de Clássicos da Universidade Cambridge pelo uso de suas instalações enquanto a ideia tomava forma; a Barbara Levick por dar-lhe um novo formato, mais correto dessa vez; e à equipe da Thames & Hudson, que apoiou o projeto do início ao fim.

PREFÁCIO

Até pouco tempo, supunha-se que a civilização romana foi algo bom. Roma havia levado a tocha da civilização até a escuridão bárbara e, depois da parte desagradável da conquista, levou as leis, a arquitetura, literatura e outros benefícios para os povos conquistados. Quando a Idade Média abateu-se sobre a Europa ocidental, o ideal de Roma e as lembranças da grandeza perdida tornaram-se inspiração para a reconstrução, ao mesmo tempo em que o idioma romano – o latim – unia a igreja e os eruditos por toda a Europa.

Existe agora outra visão que sugere que Roma tornou-se a única civilização na área do Mediterrâneo ao destruir meia dúzia de outras civilizações. Algumas dessas civilizações eram tão avançadas quanto a de Roma, ou ainda mais. Outras estavam se desenvolvendo, e a forma que poderiam ter assumido está agora perdida para sempre.

No século III a.C., quando nossa história começa, havia várias culturas diferentes, ativas e rivais espalhadas na região do Mediterrâneo. No Oriente, a conquista macedônia da Ásia Menor havia criado o Império Selêucida, uma combinação exótica das ideias ocidentais gregas, do espiritualismo zoroastriano e da antiga cultura persa. No Egito, a dinastia ptolomaica havia se identificado com seus súditos egípcios, e Alexandria, a capital preponderantemente grega do Egito, era o centro intelectual do mundo.

Os hebreus e os fenícios tinham cidades com milhares de anos quando Roma foi fundada. Na verdade, o alfabeto fenício foi o precursor do grego, que foi a base dos alfabetos usados ainda hoje na maior parte da Europa moderna. Tanto os gregos quanto os fenícios expandiram-se para o oeste para fundar cidades como Marselha, na França atual, e Nápoles, na Itália moderna. A Sicília foi dividida entre os gregos, a leste, e os fenícios, a oeste, estes vindos da cidade de Cartago, que dominava o sudoeste do Mediterrâneo.

Os povos celtas do norte da Europa expandiam-se rapidamente. Como os romanos, aprenderam muito com a antiga civilização etrusca, mesmo enquanto ajudavam a extingui-la. Embora os celtas não fossem uma civilização avançada, estavam longe de serem bárbaros. Sua metalurgia era tão boa ou até melhor que a dos romanos, e eles eram competentes construtores e mercadores. Uma das tragédias da história foi que, no momento em que os celtas da Gália estavam

começando a desenvolver um governo mais representativo, uma economia monetária e uma tradição escrita, foram romanizados por uma conquista selvagem. Os massacres e a fome subsequentes custaram milhões de vidas e, de fato, sufocaram a nascente civilização celta.

Portanto, na época da invasão de Aníbal, Roma estava longe de ser a única civilização europeia. O padrão social do continente estava mudando rapidamente e, por toda parte, a urbanização, a escrita e o comércio de longa distância estavam transformando o modo em que as pessoas viviam. Essa tendência teria continuado e se desenvolvido mesmo que Roma nunca tivesse existido. De fato, até o período que se seguiu às Guerras Púnicas, a contribuição geral de Roma para a cultura mediterrânea foi mínima. No início, Roma não produziu grandes pintores ou escultores, nem historiadores, poetas ou filósofos. Até mesmo os romanos da época admitiam que a arquitetura de Roma era de qualidade inferior, e o maior edifício era um esgoto – a *cloaca maxima* – construído durante um período de domínio etrusco.

O que Roma tinha a oferecer era uma sociedade voltada para a guerra – uma cultura guerreira na qual cada camponês era um soldado e a aristocracia competia pelo sucesso militar. Quando este livro começa, Roma já havia conquistado a maior parte da Itália continental. Aníbal não tinha como saber disso, mas seu fracasso significou que Roma desenvolveria um ímpeto incontrolável que a levaria do Tâmis ao Eufrates, transformando cada nação conquistada em um modelo de si mesma. Aníbal, involuntariamente, representou a última chance para a Europa de diversas culturas e civilizações que poderiam crescer e se desenvolver juntas.

Naturalmente, Roma absorveu muito dos povos que conquistou. De fato, tanto foi absorvido a partir da Grécia e dos povos gregos da Ásia Menor que a cultura da civilização romana é, com muita propriedade, descrita como greco-romana. O problema não foi Roma ser uma cultura de exclusão, mas ter se tornado uma monocultura. Para os povos do Mediterrâneo, tornou-se uma escolha: a civilização romana ou nenhuma civilização.

No decorrer dos séculos, essa civilização tornou-se estéril, doente e rígida. Aqueles povos que ainda se opunham a Roma mudaram sua perspectiva e passaram a considerar Roma menos como uma potencial ameaça e mais como um alvo lucrativo. Roma assumiu uma postura defensiva, flagelada por incursões bárbaras vindas do exterior do império enquanto as guerras civis a devastavam internamente. Na época da morte de Átila, o Huno, Roma havia retornado à posição que tinha antes do nascimento de Aníbal. Ela não era mais a força motriz da cultura e da civilização na Europa ocidental. Porém, quando Roma caiu, não havia nenhuma civilização para assumir seu lugar, como teria havido caso Aníbal tivesse destruído Roma no ano 215 a.C. Os godos, francos e vândalos só tinham ruínas sobre as quais reconstruir. Se Roma não tivesse triunfado tão

esmagadoramente, tanto na área militar quanto na cultural, a Idade Média nunca teria acontecido.

Neste livro, vemos muitas das outras culturas europeias e mediterrâneas em seus últimos anos antes de serem subjugadas. Conhecemos os líderes que por orgulho, ambição, idealismo ou autopreservação levantaram-se contra o poderio romano. Poucos resistiram à conquista, e um número ainda menor deles morreu pacificamente. E, conforme cada um deles caía, a civilização do Mediterrâneo tornava-se muito mais pobre.

PRELÚDIO AO IMPÉRIO

Não é de surpreender que os romanos acreditassem que seus fundadores, Rômulo e Remo, fossem filhos de Marte, o deus da guerra. Desde seus primeiros anos de existência, o novo estado esteve quase que constantemente em conflito – com os vizinhos sabinos, com as tribos selvagens das colinas e com as cidades-estados da Etrúria, ao norte.

Na Itália central, durante o século VI a.C., a guerra era um modo de vida. Para sobreviver, um estado não tinha apenas de praticar a arte da guerra: tinha de se tornar extremamente bom nessa arte. Os romanos, liderados por seus reis guerreiros, tinham algumas vantagens. Em primeiro lugar, com pressa em aumentar sua população, Roma não se importava com o lugar de onde vinham seus cidadãos. Desertores, escravos fugidos e antigos salteadores, todos se adaptavam prontamente à vida militar, ainda mais porque o serviço militar foi, desde o início, crucial para o sucesso social em Roma.

Em segundo lugar, em um ponto muito inicial de sua existência, o eleitorado romano foi organizado segundo linhas militares. A lenda diz que isso ocorreu sob Sêrvio Túlio, o quinto rei de Roma, mas a história do início de Roma é formada por partes iguais de mito e de história. Na democracia de Roma, os cavaleiros, que iam para as batalhas montados em seus cavalos, tinham a maior parte dos votos. Os que podiam pagar uma armadura boa o bastante para lutar na infantaria pesada formavam o segundo bloco com maior peso na votação. No ponto mais baixo da escala estavam os *capite censi* (ou “os contados por cabeça”), aqueles tão pobres que eram isentos do serviço militar, mas também tinham direitos mínimos de voto.

E finalmente, como o exército romano era formado por seus cidadãos armados, Roma era extraordinariamente resistente à tirania. O último rei de Roma, Tarquínio, o Soberbo, descobriu isso quando o povo romano derrubou a monarquia em 509 a.C. Tarquínio não podia usar o exército contra o povo porque o povo era o exército. A percepção de que tinham uma posição a perder em sua sociedade fez com que os romanos lutassem ferozmente para defendê-la. Os etruscos, que apoiavam Tarquínio, decidiram que a conquista de Roma não valia a pena, e a nova república floresceu.

Durante as décadas que se seguiram, Roma conquistou os sabinos, saqueou os

volsci e a cidade rival Veii, embora uma indicação do quanto as ações de Roma eram pouco importantes, mesmo para o resto da Itália, seja fornecida pelo fato de as ruínas de Veii agora se situarem no interior dos subúrbios da zona norte da Roma moderna. Se os estados ricos e sofisticados tivessem olhado para Roma, teriam apenas visto outra tribo semibárbara apossando-se de terras a partir de seu forte no alto da colina.

No entanto, havia uma diferença perigosa. Os que eram conquistados por Roma não se tornavam súditos, mas cidadãos. Depois de algumas poucas gerações, os povos derrotados consideravam-se romanos e emprestavam voluntariamente seu dinheiro e mão de obra para o estado em retorno pelos benefícios trazidos pelas novas conquistas.

Roma era então governada por cônsules, magistrados eleitos com muitos dos poderes executivos dos reis. Os cônsules lideravam os exércitos romanos na guerra e presidiam as deliberações do senado em Roma. Entretanto, o senado de Roma não era um parlamento, pois não tinha poderes para criar nem aprovar leis. Embora a opinião dos principais homens de Roma tivesse muito peso, as leis eram na verdade propostas pelos magistrados e votadas pelo povo.

A democracia romana limitava o poder dos aristocratas e levou a uma amarga luta de classes que colocou o povo comum (os plebeus) contra os aristocratas (os patrícios). Esse conflito levou os plebeus a, por duas vezes, separarem-se do Estado romano e, a cada vez, serem atraídos de volta pelas concessões feitas pelos patrícios. Entre esses patrícios estavam as casas nobres que dominaram Roma durante a república e o início do império. Os Horácios, Claudianos, Valerianos e Domícios Ahenobarbas estão entre os nomes que surgem repetidamente na história inicial da república.

Em 396 a.C., Roma destruiu a cidade rival de Veii, mas logo depois a própria Roma foi capturada e saqueada pelos gauleses, que estavam então no ponto mais alto de sua expansão territorial. Com poder de recuperação surpreendente, os romanos atacaram, retomaram sua cidade e forçaram os gauleses a voltar ao norte da Itália. Uma geração depois, Roma estava tão poderosa quanto sempre e começou a se expandir para o sul através da Itália.

Nos anos em que Alexandre, o Grande, estava conquistando os persas e levando as fronteiras da Europa até o rio Indo, os romanos estavam envolvidos em uma série de guerras com os resistentes povos das montanhas da Itália central chamados de samnitas. Algumas vezes aliados às cidades gregas do sul da Itália, os samnitas opuseram-se teimosamente ao domínio de Roma e sua resistência levou séculos para ser totalmente esmagada. As cidades gregas pediram o auxílio de sua nação e isso, em 281 a.C., colocou Roma contra seu oponente mais perigoso até então: Pirro, um dos sucessores de Alexandre, o Grande, e o maior general de sua época.

A apresentação de Roma ao mundo mais amplo das potências mediterrâneas

foi sangrenta. A cidade foi derrotada em uma série de batalhas no sul da Itália e, no entanto, lutou com a tenacidade pela qual estava se tornando famosa. Finalmente, abalado pela perda de grande parte de seu exército, Pirro decidiu, como os etruscos antes dele, que a conquista de Roma era cara demais. Ele retrocedeu, deixando os romanos com o domínio da península italiana.

Entretanto, como tantas vezes ocorreu com a república romana, a vitória não trouxe paz, mas novos e maiores desafios.

PARTE I

ANÍBAL

FILIPPE V

VIRIATO

JUGURTA

Do Ebro até o Nilo — o nascimento da superpotência romana

À medida que Roma prosperava e ficava mais forte, do outro lado do Mediterrâneo, Cartago observava com olhos invejosos. Cartago estava há muito acostumada a dominar o oeste do Mediterrâneo e seus líderes viam, com razão, o poderio crescente de Roma como uma ameaça a esse domínio. Era inevitável que as duas maiores potências no oeste do Mediterrâneo viessem a se confrontar, e isso ocorreu em 264 a.C. A guerra começou por causa do apoio romano a uma cidade siciliana hostil a Cartago, e as batalhas dessa guerra foram travadas na Sicília e nos mares ao redor dessa ilha.

Roma, que até então havia se limitado à península italiana, foi obrigada a se transformar em um poder marítimo. Já foi dito que os romanos velejavam como um tijolo na água: sua falta de habilidade para manter os barcos flutuando a não ser nas águas mais calmas fez com que perdessem exércitos inteiros por causa de naufrágios. Nas ocasiões em que ficaram acima da superfície (por exemplo, em Mila, em 260 a.C.), os romanos se saíram bem nas batalhas navais, derrotando com frequência os cartagineses, mais experientes. Na época em que os cartagineses foram forçados a um acordo, em 241 a.C., tanto Roma quanto Cartago estavam esgotadas em termos de dinheiro e de homens.

Então, em 218 a.C., os romanos descobriram que tinham de fazer tudo de novo. Os Bárcida, uma das famílias dirigentes de Cartago, sempre haviam considerado a paz com Roma como uma trégua durante a qual eles poderiam reunir novas forças. Roma estava se tornando cada vez mais assertiva e interferia em áreas como a Espanha, que os cartagineses consideravam dentro de sua esfera de influência. Além disso, Cartago havia se recuperado rapidamente da guerra anterior e esperava que a recuperação de Roma tivesse sido mais lenta. O atrito na Espanha fez com que a guerra irrompesse novamente, mas os líderes de Cartago haviam decidido levar a luta até o inimigo. Liderados por **Aníbal** (Capítulo 1), os cartagineses invadiram a Itália. Os anos que se seguiram estão entre os mais sombrios na história romana. Aníbal foi um excelente estrategista que derrotou os romanos em batalha após batalha. O ponto mais crítico ocorreu em 216, quando os romanos foram derrotados em Canas. Várias das cidades súditas de Roma se rebelaram e, por um momento, pareceu que Roma poderia cair.

O sucesso de Aníbal incentivou o rei macedônio **Filipe V** (Capítulo 2) a se aliar a Cartago contra Roma. As potências mediterrâneas estavam notando Roma, e a atenção delas não era amigável. Filipe havia observado a ascensão de Roma e a estreiteza dos mares que separavam seus domínios dessa potência nova e expansionista. Ele percebeu que se Roma se envolvesse com as cidades-estados feudais da Grécia, seu próprio governo seria ameaçado. Filipe fez uma aliança com Aníbal. Seu envolvimento militar na guerra contra Roma foi mínimo, mas sua intenção hostil foi notada. Imediatamente depois de Cartago ser mais uma vez obrigada a se render, Roma lançou um grande ataque a Filipe. A vitória deixou os romanos com interesses a defender na Grécia e conquistas a consolidar na Espanha. Até então desinteressados no que ocorria fora da Itália, eles repentinamente se viram enredados em aventuras diplomáticas e militares da Andaluzia até Atenas.

Mesmo antes do final das guerras contra Cartago, uma posição mais cosmopolita estava surgindo entre a elite romana. Cipião Africano, o general que finalmente derrotou Aníbal, estava entre os que admiravam a vida e a cultura gregas, para desgosto dos tradicionalistas obstinados como Cato, o censor que considerava que as novas culturas estrangeiras subvertiam os antigos valores romanos.

As guerras contra Cartago haviam mudado Roma para sempre, e não para melhor. A grande perda de mão de obra romana levou ao extenso uso da mão de obra escrava no campo. Esse processo foi agravado pelo fato de que o exército de cidadãos romanos agora combatia ainda mais distante de seu território. Os pequenos fazendeiros que compunham a espinha dorsal do exército não conseguiam cultivar suas terras, que começaram então a cair nas mãos da elite romana.

Ao mesmo tempo em que o campesinato romano era excluído dos frutos da vitória, Roma deixava de lado sua antiga política inclusiva e começava a dividir seus povos em “conquistadores” e “conquistados”. Enquanto os cidadãos romanos desfrutavam os benefícios do Império, os novos súditos de Roma na Espanha eram impiedosamente explorados por uma sequência de governantes corruptos e venais. Os povos ibéricos não aceitaram isso passivamente e, por décadas depois da guerra de Aníbal, a situação entre os celtiberos e os lusitanos variou de agitação a revolta aberta, agravada pela inexperiência romana. A maior parte das conquistas romanas até esse momento ocorrera sobre povos cujo nível de civilização era próximo do deles; governar tribos mais selvagens longe de Roma era uma nova experiência. Além disso, os romanos não tinham como interesse principal o bem-estar dos ibéricos, mas sim a exploração dos recursos naturais da península, especialmente da prata. Nos ciclos de opressão brutal e revolta sangrenta que resultaram, Roma acabou triunfando, mas o preço em sangue e devastação econômica foi muito alto. **Viriato** (Capítulo 3), o grande

líder lusitano, mostrou aos ibéricos que as legiões romanas não eram invencíveis e que o acidentado interior da Espanha era adequado para guerrilhas e emboscadas súbitas, nas quais os povos da península eram mestres.

Cartago e a Macedônia haviam sido potências mundiais, e derrotá-los deu a Roma uma confiança que, algumas vezes, transformava-se em arrogância. Com Filipe V da Macedônia sendo forçado a ceder a Roma sua hegemonia sobre a Grécia, os reis selêucidas usaram a derrota de Filipe como uma oportunidade para estender suas fronteiras ocidentais. Diversos embates com a máquina de guerra romana acabaram deixando claro para os selêucidas que o leste do Mediterrâneo tinha, de fato, novos donos – que não eram os selêucidas.

Os romanos exploraram brutalmente sua superioridade. Quando Cartago começou a se recuperar e a se fortalecer depois da derrota esmagadora ocorrida duas gerações antes, Roma provocou uma guerra e, depois, arrasou Cartago até os alicerces (embora mais tarde Cartago tenha se reerguido como uma cidade romana). Em Roma, dois reformadores de uma das principais famílias patrícias, os irmãos Graco, tentaram corrigir alguns dos desequilíbrios da justiça social que ameaçavam o estado romano. Eles encontraram intensa resistência daqueles que tinham interesses velados e que, de modo egoísta e corrupto, exterminaram não só o programa de reformas, mas também os dois irmãos. A morte de Tibério Graco em 133 a.C. marcou o início da lenta morte da República Romana.

Depois das Guerras Púnicas, a cultura romana floresceu sob influências estrangeiras. Os dramaturgos Terêncio e Plauto produziram peças que divertem o público ainda hoje, e Políbio (um exilado grego) apresentou os romanos à historiografia. Um dos primeiros historiadores romanos foi Salústio, um antigo político que se desiluiu profundamente com a situação em Roma. Sua história da guerra com o rei numídio, **Jugurta** (Capítulo 4), expõe impiedosamente a arrogância e a corrupção da classe governante de Roma. A ganância e o egoísmo foram explorados sem escrúpulos por Jugurta para sua vantagem pessoal, e a aversão pública diante da corrupção de sua própria classe governante ajudou a levar ao poder uma nova geração de demagogos.

Apesar das pressões internas, esse período foi o auge da República Romana. Roma reinava suprema da costa do Atlântico até o litoral do Líbano e estava experimentando novos estilos de poesia, teatro e arquitetura. Até mesmo o tradicional panteão romano teve de acomodar novos deuses em suas fileiras. Embora a aristocracia mantivesse um pulso firme sobre o poder político, os conflitos internos entre as grandes famílias aumentaram a importância dos votos dos homens comuns, e o povo passou a ter uma participação importante na vida política romana. Porém, nas entrelinhas, nem tudo estava bem.

CAPÍTULO 1

VENDETTA: A LONGA LUTA DE ANÍBAL COM ROMA

Tudo que aconteceu aos dois povos, romanos e cartagineses, foi,
na origem, provocado por uma coisa — por uma mente, um
homem. Eu me refiro a Aníbal.
Políbio 9.12

Mais de 500 anos antes de Aníbal nascer, enquanto o território de Roma ainda era um pântano improdutivo, uma tempestade levou um grupo de refugiados para a praia africana próxima à cidade recém-fundada de Kart Hadasht, hoje conhecida como Cartago.

A rainha daquela cidade era Dido, filha de um rei fenício. Fugindo de sua terra natal, ela havia conseguido asilo junto a um governante africano que lhe ofereceu toda a terra que ela pudesse cobrir com a pele de um touro. Com o espírito que seria típico dos aventureiros mercadores cartagineses das gerações futuras, Dido mandou cortar a pele do touro em faixas muito estreitas e usou essas faixas para cercar uma área de terra grande o bastante para formar a base de sua futura cidade.

Então, com a cidade florescendo, Dido acolheu os recém-chegados do mar na esperança de que eles engrossassem as fileiras dos cidadãos de Cartago. Os recém-chegados eram liderados por Eneias, favorito da deusa Vênus e um nobre da cidade caída de Tróia. Dido apaixonou-se perdidamente por ele. Enquanto estavam caçando, os dois se abrigaram de uma tempestade em uma caverna e ali consumaram seu amor.

Dido mal havia encontrado a felicidade perfeita quando ela lhe foi arrebatada. Enquanto dormia, Eneias foi visitado em sonhos por Mercúrio, o mensageiro dos deuses. Mercúrio lembrou a Eneias que seu destino estava na Itália e que ele deveria abandonar sem demora seu atual amor.

Dido notou a mudança em seu amado e ficou histérica com a ideia de que ele poderia abandoná-la. Dividido entre o amor e o dever, Eneias não conseguiu despedir-se de Dido do modo correto. Em vez disso, uma manhã, Dido acordou e descobriu que Eneias havia embarcado em sua galera e estava zarpando. Perturbada, ela ordenou que sua irmã, Ana, fizesse uma pira com todas as posses que o troiano deixara em sua fuga censurável. Antes que alguém suspeitasse de suas intenções, atirou-se nas chamas e morreu. Suas últimas palavras foram uma

maldição a Eneias e a seus descendentes:

“E vós, ó cartagineses, persegui com o vosso ódio a raça e toda a descendência que dela advirá; enviai esta dádiva às minhas cinzas. Não haja amizade alguma ou alianças entre os dois povos. Que surja dos meus ossos um vingador, quem quer que seja, que com archotes e espadas persiga os colonos dardânios, agora, no futuro e sempre que as forças lho permitirem. Praias contra praias, vagas contra ondas, – é este o meu desejo – armas contra armas. Lutem eles e os seus descendentes.”

Virgílio *Eneida* 4.622-29

Assim, segundo a lenda, começou a inimizade entre Cartago e Roma. A realidade não era muito melhor. O primeiro contato diplomático conhecido marcou o ponto mais caloroso em seu relacionamento e mesmo isso não foi mais do que uma tolerância cautelosa. Na época, Roma era um poder incipiente no Lácio, enquanto Cartago era a potência dominante no oeste do Mediterrâneo. O primeiro tratado conhecido entre os dois estados ocorreu em 508 a.C. e nele os romanos concordavam em não interferir com o comércio cartaginês na região enquanto Cartago concordava em se manter distante das questões de Roma na Itália.

Em 280 a.C., os cartagineses compartilharam com Roma um interesse comum em repelir a invasão de um dos sucessores de Alexandre, o Grande, o rei Pirro. De fato, a frota dos cartagineses lutou ao lado dos romanos. Porém, o crescimento do poder romano depois da guerra provocou profunda inquietação em Cartago e apressou o confronto inevitável.

Esse confronto ocorreu quando os romanos se envolveram em questões na Sicília. Messana, no norte da Sicília, foi tomada por um bando de mercenários chamados mamertinos. Nessa época, Cartago controlava o oeste da ilha e os gregos, o leste. As guerras entre os dois povos eram frequentes e os dois lados apressaram-se a tomar Messana. Os mamertinos buscaram proteção junto ao poder regional remanescente: Roma. A guerra não era inevitável, mas nem a boa vontade nem a diplomacia se manifestaram. Em 264 a.C., Roma e Cartago envolveram-se em uma luta horrenda que durou os 23 anos seguintes.

A guerra custou centenas de milhares de vidas e foi travada na África, na Sicília e nos mares adjacentes. Os romanos invadiram a África, mas seu general, Atílio Régulo, foi derrotado e o exército, destruído. Na guerra marítima, os romanos enviaram frota após frota, apenas para ver cada uma delas ser destruída. Algumas foram afundadas pelos cartagineses, mas a maioria naufragou devido a condições climáticas, pois os romanos eram marinheiros incrivelmente ruins.

Na Sicília, os romanos foram mais bem-sucedidos. Tão formidáveis em terra quanto vulneráveis no mar, as forças de Roma rapidamente expulsaram os cartagineses do campo e os mantiveram sob sítio nas cidades portuárias. Eles não conseguiram expulsar Cartago totalmente da ilha devido aos esforços de um admirável comandante cartaginês, Amílcar Barca.

Amílcar era um Bárcida, uma das principais famílias cartagineses daquele tempo. Havia começado a guerra atacando a costa italiana e, quando chegou à Sicília, se estabeleceu perto de onde hoje fica a cidade de Palermo. A partir desse local, realizou uma ousada campanha de guerrilha. Em 244 a.C., ele conquistou a cidade de Eryx e a transformou em sua base de operações. Em 241, Cartago, embora quase totalmente sem recursos e efetivo, fez um último esforço desesperado para suprir Amílcar com homens e munições. Nas ilhas Égadi, os romanos comandados pelo almirante Lutácio Catulo interceptaram os navios de suprimento e os destruíram. Essa foi a gota d'água para Cartago. Eles fizeram a paz com Roma, concordaram em abandonar suas possessões na Sicília e em pagar uma enorme indenização de 3.200 talentos de prata (um talento pesava pouco mais de 25 quilos).

Esse tratado precipitou indiretamente outro conflito. O montante da indenização significava que Cartago não tinha como pagar os mercenários que haviam lutado a seu lado e que se amotinaram por esse motivo. Amílcar retornou da Sicília e teve um papel importante na campanha subsequente, cuja violência pode ser avaliada a partir de seu nome: a “guerra sem tréguas”. Para fúria impotente de Cartago, Roma aproveitou-se da fraqueza do rival e anexou a província cartaginesa da Sardenha.

Acompanhado pelos mercenários derrotados, Amílcar partiu novamente para o norte, desta vez para a Espanha, onde Cartago pretendia construir um novo império e usar a prata e a força de trabalho para se opor a Roma. Políbio relata a história no ponto em que Amílcar ofereceu um sacrifício aos deuses para o sucesso de sua missão.

Então, ele [Amílcar] chamou seu filho Aníbal e lhe perguntou com ternura paternal se desejava partir com ele [para a Espanha]. Como qualquer menino, Aníbal ficou feliz e implorou ao pai que o deixasse acompanhá-lo... Amílcar tomou Aníbal pela mão e o levou até o altar. Então, ele ordenou a Aníbal que pusesse sua mão sobre o corpo da vítima sacrificial e jurasse que nunca seria amigo dos romanos.

Políbio 3.11

Aníbal tinha 9 anos nessa época. Ele deve ter tido uma infância empolgante na Espanha enquanto Amílcar expandia a influência de Cartago a partir de sua base em Gades (atual Cádiz). A Espanha não era um país unificado, mas uma colcha de retalhos de povos diferentes e frequentemente em guerra que foram

dominados por Amílcar com uma mistura de força e diplomacia. Em 231, os romanos enviaram uma missão diplomática para descobrir o que Amílcar pretendia, e ele os agradou ao dizer que estava na Espanha em busca do dinheiro para pagar a indenização a Roma. Quando, dois anos depois, ele se afogou ao cruzar um rio, o comando passou para seu genro, Asdrúbal, que continuou suas políticas. As preocupações romanas foram aliviadas com o Tratado de Ebro, de 226, pelo qual Asdrúbal prometeu limitar suas atividades ao sul do rio Ebro.

Aníbal acompanhou pessoalmente as negociações e testemunhou dezenas de pequenos cercos e escaramuças. O conceito moderno da adolescência como um período entre a infância e a idade adulta não existia no mundo antigo, e Aníbal encarregou-se das tropas ainda muito jovem. Ele também se casou com uma moça da cidade de Castulo. Com vinte e poucos anos, Aníbal era um comandante experiente.

Asdrúbal foi assassinado em 221. Nessa época, os soldados na Espanha haviam decidido que desejavam Aníbal como sucessor de Asdrúbal. Isso se devia ao fato de Aníbal assemelhar-se a seu pai na aparência, nos gestos e, o mais importante, na perspicácia militar. A assembleia popular em Cartago confirmou a escolha e, aos 25 anos, Aníbal tornou-se comandante supremo na Espanha.

Segundo o historiador Lívio, Aníbal agiu então como se levasse adiante um plano previamente formulado para guerrear contra os romanos. Isso não é inteiramente impossível. Pelo que sabemos do caráter de Aníbal, ele era tanto rápido no raciocínio quanto firme em seu propósito quando estava decidido. Porém, há muito que não sabemos sobre esse homem, embora ele fosse um dos maiores generais da Antiguidade. Ele não foi objeto de nenhuma biografia antiga que tenha resistido ao tempo e Aníbal entra e sai de foco segundo a ênfase que outros autores dão a seus atos e a seu caráter.

Não sabemos quase nada de sua mãe e de sua esposa. Grande parte do que sabemos do resto de sua família vem do fato de eles terem comandado exércitos contra os romanos. Nenhuma moeda nem autor antigo nos dá alguma pista quanto à aparência dele. Um busto encontrado em Cápua pode ser de Aníbal: data aproximadamente da época das Guerras Púnicas e assim, se for dele, pode haver uma semelhança realista. O busto mostra um homem com feições semitas, uma barba curta e cacheada e uma expressão reflexiva e cruel.

De fato, diz Políbio, para os romanos, o principal traço de Aníbal era a crueldade. Lívio concorda.

Crueldade desumana; perfídia, mesmo para um cartaginês, sem se importar nem um pouco com a verdade, honra, religião, inviolabilidade de juramentos ou das demais coisas que os homens consideram sagradas.

Porém, Lívio também disse que Aníbal era o primeiro a entrar em ação e o último a deixar o campo. Ele era “temerário ao cortejar o perigo e mostrava excelente habilidade tática quando o perigo se materializava”. Ele era indiferente à fome, fadiga e estresse e, muitas vezes, dormia no chão envolto em seu manto. Estava pronto para arriscar sua vida e a vida de seus homens se a causa parecesse justificada, mas nunca o fazia desnecessariamente.

Ele inspirava lealdade devotada nos que estavam sob seu comando, como pode ser visto nas palavras cheias de admiração de Políbio:

Durante dezesseis anos, ele lutou contra os romanos na Itália, sem pausa e, em todo esse tempo, nunca dispensou seu exército do serviço no campo e, mesmo assim, manteve um grande número de homens sob seu controle e livres de desafetos em relação a si mesmo ou uns pelos outros. E isso, apesar do fato de ele empregar soldados que pertenciam não só a países diferentes, mas também a raças diferentes. Ele comandava africanos, espanhóis, celtas, ligúrios, italianos e gregos, homens que não tinham nada naturalmente em comum em suas leis, costumes, idiomas ou de qualquer outro modo. Ainda assim, a habilidade de seu comandante era tal que ele podia impor a autoridade de uma única voz e uma única vontade mesmo sobre homens de origens tão diversas. E ele conseguiu isso sob condições que não eram estáveis, mas que mudavam constantemente com os ventos da fortuna; muitas vezes em seu favor, mas também às vezes na direção oposta.

Políbio 9.22—26

Outro detalhe é conhecido sobre Aníbal: ele guardava rancor. Desde a infância até sua morte, continuou resolutamente em sua missão de prejudicar Roma com todos os meios a sua disposição. E em 221 a.C., o destino lhe deu o instrumento mais poderoso que se poderia desejar para uma batalha: um exército forte, equipado e pago com os recursos de metade da península ibérica.

Em 220, Aníbal avançou contra duas tribos que habitavam uma área além do rio Tejo – os vacceus e os carpetanos. Ao mesmo tempo em que ele conquistou o apoio desses povos, a cidade costeira de Saguntum envolveu-se em uma disputa com alguns aliados dos cartagineses. Aníbal tinha uma decisão a tomar. Ele podia abandonar seus aliados e perder toda a credibilidade com as tribos espanholas ou ele podia apoiá-los contra os saguntianos. No entanto, Saguntum era uma aliada de Roma e Roma já estava profundamente preocupada com as atividades de Cartago na Espanha.

Como lhe era habitual, Aníbal mal hesitou. Embora Saguntum fosse bem situada e estivesse fortemente defendida, ele iniciou um cerco sem nem consultar as autoridades em Cartago. Oito meses depois, invadiu a cidade. Roma reagiu furiosamente, enviando uma embaixada a Cartago com a exigência de que Aníbal e seus comandantes fossem entregues à justiça romana.

Os cartagineses retrucaram que eles nunca haviam ratificado o acordo de Asdrúbal com os romanos e que, de qualquer modo, Saguntum estava ao sul do Ebro. Além do mais, Roma não havia demonstrado nenhum respeito ao disposto no tratado quando anexou ostensivamente a Sardenha. Existem relatos diversos quanto ao que ocorreu a seguir, mas a versão mais comum diz que o líder da delegação romana, Fábio Máximo, deu um ultimato ao senado cartaginês: entregar Aníbal ou enfrentar as consequências. Os cartagineses responderam que não entregariam Aníbal e que os romanos podiam agir como quisessem. Os romanos declararam guerra. Mais tarde, eles viriam a descobrir que Aníbal já havia feito o mesmo unilateralmente e que estava se preparando para invadir a Itália.

O fato de Cartago ter se recuperado o suficiente para desafiar Roma como fez era prova do acerto da política espanhola do clã Bârcida de Aníbal. A prata da Espanha não só estimulou a economia cartaginesa, mas financiou empreendimentos comerciais em uma cidade que ganhava mais com o comércio do que qualquer outra na Antiguidade. Esse comércio ocorria principalmente pelo mar, mas ao contrário de Roma em anos futuros, Cartago nunca dependeu da importação de provisões do exterior. A cidade era abastecida pelas terras no interior da África – uma região que se tornaria uma das fornecedoras de alimentos para Roma no final da Antiguidade.

Embora a área sob controle direto de Cartago fosse relativamente pequena, a cidade exercia um poderoso domínio cultural sobre grande parte da região e muitas cidades e povos nominalmente independentes estavam de fato dentro de sua esfera de influência. Apesar disso, Cartago nunca produziu um estilo distintamente próprio na arquitetura ou nas belas artes. E embora saibamos que existiam poetas e historiadores cartagineses, nenhum de seus trabalhos chegou até nós.

Politicamente, Cartago era controlada por uma oligarquia de famílias poderosas das quais, na época da Segunda Guerra Púnica, os Bârcida eram a mais forte. A participação no senado cartaginês era vitalícia, mas dois líderes que, em latim, eram chamados de *suffetes* eram eleitos anualmente. As ações dos comandantes cartagineses no campo de batalha eram verificadas por um conselho de cerca de 100 supervisores, um arranjo que permitiu que a cidade permanecesse livre de golpes militares durante toda sua história de 500 anos. A justiça cartaginesa era dura com os comandantes derrotados. Por exemplo, Hanão, o almirante cuja derrota provocou o final da Primeira Guerra Púnica, foi crucificado por seu fraco desempenho na batalha.

Os deuses dos cartagineses incluíam a deusa Tanit, que, nos anos anteriores à guerra, havia sido tão adorada quanto seu consorte, Baal Hammon, o deus patrono da cidade. Aliás, o patronato de Baal é o motivo de tantos nomes cartagineses terminarem em “bal”; Aníbal, por exemplo, significa “graça de

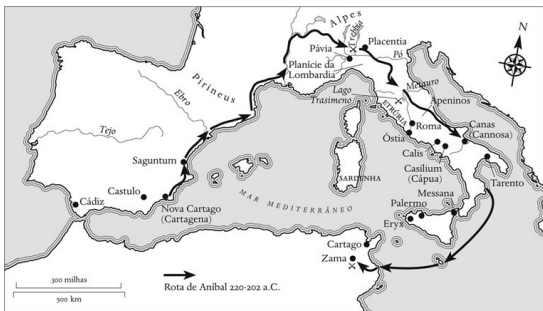
Baal”. Recentemente a afirmação romana de que os cartagineses sacrificavam crianças a seus deuses tem sido fortemente confirmada por restos mortais infantis e de animais encontrados em locais de sacrifício. Portanto, deve-se dar crédito a escritores como Diodoro, que afirmou que não era incomum que filhos das famílias governantes fossem sacrificados em épocas de crise nacional.

À exceção desse costume repugnante, havia aspectos de Cartago – como as facções de famílias oligárquicas que dominavam um senado com dois líderes eleitos anualmente, uma mistura de deuses patriarcais e matriarcais, suscetibilidade à helenização e o recente sucesso imperial na Espanha – que tornavam a cidade muito similar a outra situada a apenas três dias de navegação cruzando o Mediterrâneo: Roma. Independentemente de quais fossem os erros e acertos na questão, a guerra de Aníbal iria determinar qual potência, romana ou púnica, dominaria o oeste do Mediterrâneo no século seguinte.

O plano de Aníbal era ousado ao extremo. Ele se propunha a marchar sobre a Itália pelo norte, levando seu exército pelos Alpes. A aposta era tanto política quanto militar. Aníbal contava com que seu exército permanecesse intacto e coeso apesar de uma passagem por montanhas repletas de travessias traiçoeiras e de tribos igualmente dissimuladas. Havia enormes dificuldades com o transporte de seus elefantes – valorizados pelo efeito que tinham sobre a cavalaria romana inexperiente –, mas todas as ideias de realizar cercos foram abandonadas logo de início. Isso significava que os cartagineses teriam de depender de deserções e traições para capturar qualquer uma das principais cidades da Itália, e demonstrava a crença de Aníbal de que os povos submetidos da Itália só precisavam de um protetor confiável antes de se libertarem dos grilhões da opressão romana.

Essa ideia não era irreal. As tribos samnitas que habitavam as montanhas da Itália central só há pouco haviam sucumbido a Roma depois de uma luta que durou séculos, e as cidades gregas das costas do sul tinham uma orgulhosa história de independência. É claro que isso havia ocorrido uma geração antes, um fato que levou alguns historiadores a sugerir que Aníbal estava executando um plano criado por seu pai. E é verdade que, embora Aníbal fosse ótimo para vencer batalhas, sua visão estratégica mostrou-se limitada e falha.

A primeira atitude de Aníbal, na primavera de 218, foi partir de Nova Cartago (a atual Cartagena), a capital que havia sido fundada por seu antepassado Asdrúbal. Ele deixou a Espanha sob os cuidados de um irmão mais jovem, também chamado Asdrúbal, e foi acompanhado por outro irmão, Mago. O exército de Aníbal contava com 90.000 soldados de infantaria e 12.000 de cavalaria. Nos meses que se seguiram, o exército submeteu a Espanha do Ebro aos Pirineus, desconsiderando totalmente qualquer resquício do acordo de Asdrúbal com Roma. Então, Aníbal aguardou, pretendendo destruir qualquer exército que os romanos enviassem antes de seguir os que fugissem para a Itália.



1 Odisseia de Aníbal. Entre cruzar os Alpes e retornar à África, Aníbal passou mais de uma década e meia em solo italiano, sendo que os romanos não o derrotaram nenhuma vez em batalha durante esse período.

Mas Cipião, o comandante romano, foi atrasado por uma revolta gaulesa no norte da Itália. Isso parecia favorável aos planos de Aníbal de separar Roma de seus súditos, mas significou que Aníbal partiu para a Itália sem uma batalha preliminar. Os romanos acabaram enviando um exército consular para a Espanha e outro para a Sicília, sem sequer imaginar que a própria Península Itálica corria perigo. O exército enviado à Espanha não cruzou com o exército de Aníbal, que seguia na direção contrária. Quando a situação tornou-se aparente, houve consternação em Roma, e os dois cônsules foram chamados apressadamente de volta.

A rota de Aníbal através dos Alpes é desconhecida, embora tenha sido depois muito discutida. Certamente incluiu as terras dos alóbrogos, uma tribo gaulesa que não gostava de recém-chegados. Os alóbrogos arrasaram os cartagineses, que eram inexperientes tanto na guerra em montanhas quanto em lidar com a neve. As perdas de Aníbal foram pesadas.

Quando chegaram ao final da árdua subida, Aníbal fez um discurso de estímulo para seus homens. Ele lhes mostrou a planície lombarda que os esperava abaixo e prometeu que ela estava pronta para ser tomada.

Toda a riqueza que Roma reuniu em seus anos de conquista; todas aquelas ricas posses, sim; e também aqueles que as possuem, estão ali, para serem conquistados por vocês. Tirem suas espadas e sigamos em frente para tomar posse desse prêmio!... Vocês viajaram muito, atravessaram rios e

enfrentaram montanhas e tribos hostis. Agora, têm a oportunidade de ganhar uma rica recompensa em dinheiro e as coisas boas da vida.

Lívio 21.43

No total, a travessia demorou pouco mais de duas semanas. Depois de sair de Nova Cartago, Aníbal estava esgotando seus recursos em uma velocidade assustadora. De seu enorme exército, restavam cerca de 6.000 cavalos e 30.000 soldados de infantaria; suas fileiras haviam diminuído com as batalhas, privação e deserções. Não é de admirar que Aníbal então descansasse suas tropas em preparação para o próximo confronto com os romanos. Para surpresa dos cartagineses, Cipião havia conseguido levar suas tropas de volta à Itália, depois de desencontrar de Aníbal a caminho da Espanha. Não menos surpreendente foi o feito de Tibério Semprônio, o outro cônsul, que percorreu toda a extensão da Itália com seus soldados em cerca de quarenta dias.

Então, os generais de Roma tinham bons motivos para estarem confiantes. Sabiam como a travessia dos Alpes devia ter sido desgastante e pensaram que Aníbal não passava de um jovem teimoso que poderia ser esmagado pelas tropas romanas mais descansadas e disciplinadas.

Os dois lados se encontraram no rio Ticino, perto de Pávia, em outubro de 218, e pode-se questionar se o confronto merece o nome de “batalha”. Cipião, avançando pela margem norte do rio Pó, encontrou os cartagineses que vinham na outra direção. Semprônio ainda não havia vindo em seu apoio, e Cipião viu que sua cavalaria era inferior aos cavalos numídios mais rápidos e mais leves usados por Aníbal. Os romanos, desconcertados, foram forçados a retroceder e viram-se próximos a uma derrota completa.

Cipião tentou animar seus homens com grande bravura pessoal. Lançando-se em combate, ele foi ferido e quase capturado. Alguns relatos dizem que ele foi salvo pela coragem de seu filho mais novo; outros, mais prosaicos, atribuem o ato a um servo lígúrio. Enfraquecido, Cipião levou suas tropas para o outro lado do rio, destruindo a ponte depois de atravessá-la. Ele se refugiou na cidade-fortaleza de Placência e lá cuidou de seus ferimentos até que Semprônio fosse encontrá-lo.

Atrasado pela ponte destruída, Aníbal foi obrigado a retomar seu caminho até um ponto a montante. Depois de cruzar o rio, imediatamente dirigiu-se para a posição romana e se ofereceu para o combate. Cipião recusou, demonstrando uma timidez que fez com que alguns de seus aliados gauleses desertassem e se unissem a Aníbal. Com sua posição deteriorando-se dia a dia, Cipião foi obrigado a bater em retirada e a cruzar o rio Trébia com a cavalaria de Aníbal mordendo seus calcanhares.

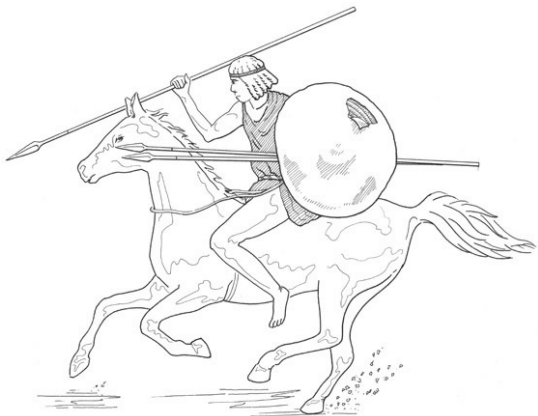
Cipião retirou-se até uma posição forte que Aníbal relutou em atacar. Aníbal já estava obtendo ganhos políticos úteis entre os gauleses e sua sorte foi ainda maior quando o comandante da guarnição italiana em Clastidium rendeu-se

diante dele. Isso não só foi uma propaganda útil – a deserção de alguns aliados italianos de Roma deveria incentivar os demais –, mas os romanos haviam armazenado seus suprimentos de grãos para a campanha nessa fortaleza. Aníbal agora podia escapar da escassez de seus próprios suprimentos à custa dos romanos.

Semprônio chegou a dezembro de 218. As fontes, que tendem a favorecer a visão dos eventos a partir do ponto de vista de Cipião, relatam que Semprônio estava impaciente com o que via como pusilanimidade de Cipião. Ele imediatamente iniciou uma ação contra os soldados cartagineses que estavam espalhados no interior em busca de despojos. Os cartagineses apressadamente colocaram as tropas em posição de batalha a fim de proteger seus homens e, com os dois lados alimentando a escaramuça, parecia que uma batalha espontânea estava por irromper.

Aníbal não queria lutar em um momento e uma posição que não fossem de sua escolha e, assim, colocou seus homens atrás de sua linha de fogo e acompanhou os extraviados de volta ao acampamento. Ele observou a agressividade de Semprônio e fez planos de acordo.

Desse modo, um pouco depois, o acampamento romano foi atacado ao amanhecer pela leve cavalaria numídia. Apesar dos receios de Cipião, Semprônio estava com o exército romano preparado em ordem de batalha, supondo que o principal exército cartaginês não estivesse muito distante. Na verdade, Aníbal ainda não havia saído de seu acampamento. Sabia que os exércitos combinados dos dois cônsules suplantavam o seu e que seus homens ainda estavam enfraquecidos pela longa jornada. Sua intenção era desequilibrar os romanos.



2 Um cavaleiro numídeo. Os cavaleiros numídios, usando armas leves, montavam cavalos pequenos e resistentes sem rédeas e confiavam em sua velocidade e facilidade de manobras para derrotar os inimigos em batalhas.

A cavalaria numídia retirou-se atravessando o Trébia, e os romanos seguiram-na, acrescentando a dificuldade de vadear um rio no inverno ao fato de entrarem em batalha antes do desjejum. As tropas de Cipião eram formadas por recrutas relativamente inexperientes (Políbio diz que Cipião esperava passar o inverno treinando-os e os endurecendo). Assim, eles entraram no que, para muitos, era a primeira batalha com o moral muito mais baixo do que o dos veteranos de Aníbal, que haviam acordado em um horário decente e feito um desjejum calmo enquanto seus inimigos enfrentavam a travessia do rio.

Rajadas ocasionais de chuva e granizo começaram a cair enquanto os dois exércitos entravam em formação. Aníbal estava enfrentando quatro legiões da infantaria mais avançada do mundo – cerca de 16.000 legionários romanos acompanhados por 20.000 soldados aliados, incluindo a última das tribos gaulesas leais. Mesmo com os gauleses que se haviam unido a ele, Aníbal estava em desvantagem numérica na infantaria, mas tinha uma vantagem substancial na cavalaria.

Os dois lados se engalfinharam. Os soldados cartagineses superaram

facilmente seus colegas romanos e a batalha da cavalaria seguia mesma direção. Aníbal foi favorecido nesse momento por ter ainda alguns elefantes que assustaram os cavalos romanos que, em sua maioria, eram tão inexperientes quanto os cavaleiros que os montavam. Porém, a infantaria romana recuperou-se da quase derrota e caiu sobre o corpo principal do exército de Aníbal. Mesmo cansados, fracos e parcialmente desmoralizados, eles ainda eram legionários romanos. Acreditavam-se imbatíveis e Aníbal sabia que muitos de seu próprio lado abrigavam a mesma crença.

Nesse ponto crucial, Mago, o irmão de Aníbal, e mil homens de cavalaria e infantaria saíram do local onde esperavam emboscados e se lançaram atrás da linha romana. Os homens de Mago haviam passado uma noite difícil ocultos nos arbustos no ponto em que a planície do Trébia mergulhava em um curso d'água. Tinham esperado que o exército romano que avançava passasse por eles e atacaram quando as duas linhas de batalha estavam em plena luta. O choque desse ataque inesperado provocou uma confusão totalmente desproporcional em relação ao número de soldados envolvidos e foi outro golpe no moral romano.

Perdendo tropas aliadas em largas quantidades, as legiões lançaram-se pelo centro do exército de Aníbal. Com seus soldados totalmente envolvidos em perseguir os romanos à direita e à esquerda, Aníbal pouco podia fazer além de observar enquanto cerca de 10.000 legionários corriam pelo meio de seu exército. Os comandantes dos legionários romanos perceberam que o dia estava perdido e não tentaram lutar novamente contra Aníbal; em vez disso, retiraram-se ordeiramente para Placência e montaram acampamento perto dessa cidade. Os remanescentes dispersos do exército romano reagruparam-se em torno desse núcleo, enquanto os sobreviventes da fuga vagaram de volta em pequenos grupos.

No início, os romanos tentaram fingir que o confronto terminara de modo honroso para os dois lados. Porém, quando o número de mortos e feridos ficou mais claro, o mesmo ocorreu com o resultado da batalha. Aníbal havia arrasado seus inimigos.

Encorajado pelo sucesso e esperando evitar que os gauleses tivessem de sustentar seu exército durante o inverno, Aníbal rumou para a Etrúria. Ele foi obrigado a retroceder nos Apeninos, não por causa dos romanos, mas pelo terreno e pelas tempestades inverniais. Desacostumados ao frio intenso, todos os elefantes pereceram, exceto um animal resistente apelidado de “o sírio”. Em parte para aliviar a pressão sobre seus suprimentos e em parte por motivos de propaganda, Aníbal libertou todos os prisioneiros italianos que havia capturado em Trébia sem exigir pagamento de resgate, como era costumeiro.

Ele então passou um tenso inverno junto a suas tropas gaulesas. Políbio relata:

Ele estava ciente da inconstância dos celtas... e permanecia em guarda

contra a possibilidade de assassinato. Assim, mandou fazer um conjunto de perucas, cada uma das quais lhe dava a aparência de um homem de idade diferente. Ele as mudava constantemente e, a cada vez, mudava suas vestimentas para que combinassem com a aparência. Desse modo, era uma pessoa difícil de reconhecer, não só pelas pessoas que o haviam visto brevemente, mas também por aqueles que o conheciam bem.

Políbio 3.78

Os gauleses também estavam ficando inquietos e ansiosos por despojos e assim, no início da primavera de 217, Aníbal lançou sua ofensiva. Mais uma vez, sua abordagem foi original e ousada. Em uma marcha de três dias, atravessou os pântanos próximos ao rio Arno, chegando na Etrúria com seu exército intacto e sem batalhas. Porém, o próprio Aníbal não ficou ileso. Ele foi atacado por uma grave infecção que mais tarde o levou a perder a visão de um dos olhos e teve de ser carregado em parte do caminho pelo último elefante que lhe restara.

Caio Flâmínio, um cônsul romano acompanhado por um exército romano em plena força, estava à espera de Aníbal. Flâmínio era um demagogo que tinha uma longa história de atritos com o senado, mas era também um general competente, como os gauleses do exército de Aníbal podiam atestar – ele havia lutado com muito sucesso contra eles. Flâmínio estava tão ansioso para defender a Etrúria quanto os gauleses estavam para saqueá-la e, ao saber que Aníbal havia chegado e estava devastando o país, ele se apressou a encontrá-lo. Parece não ter lhe ocorrido que estava sendo deliberadamente provocado.

Em parte devido a sua cavalaria superior, Aníbal estava bem informado quanto ao que os romanos estavam fazendo. Assim, na manhã de 21 de junho, o exército cartaginês foi colocado em formação de batalha em uma colina enevoadada próxima ao lago Trasimeno. A névoa era tão densa e a disciplina cartaginesa tão boa que o exército romano que seguia em formação de marcha pela margem do lago não se deu conta da presença deles.

Flâmínio estava esperando entrar em batalha nesse dia, mas provavelmente acreditava que Aníbal estivesse aguardando no acampamento no final do lago. A ideia de que um grande exército de diversas nacionalidades – muitas das quais pouco acostumadas à disciplina e à ordem militar – pudesse ter se movimentado durante a noite e se posicionado com perfeição em um terreno difícil deve ter lhe parecido absurda. O fato de Aníbal ter conseguido fazer isso é evidência de sua genialidade como comandante.

O ataque cartaginês foi duro e a batalha terminou logo depois de começar. Os romanos estavam desorganizados e confusos, de costas para o lago e sem ter onde formar a linha de batalha. Eles rapidamente se dividiram em grupos que lutavam e foram dominados por uma maré de atacantes. Os gauleses estavam especialmente ansiosos por se vingar de Flâmínio que, segundo um relato, usava

uma armadura gloriosa com o elmo encimado por um escalpo celta. Alguns relatos dizem que Flaminio entrou em pânico, outros afirmam que ele morreu lutando com bravura, mas certamente ele não sobreviveu à batalha.

No final do dia, 12.000 soldados romanos tiveram o mesmo destino de Flaminio, e um número aproximadamente igual havia sido capturado. Seu exército estava arrasado, e Aníbal havia reequipado cada um de seus soldados líbios com um novo escudo e uma armadura de segunda mão, oferecidos por seus inimigos derrotados.

O exército de Aníbal mal havia tido tempo para se reagrupar quando ficou sabendo que o cônsul romano sobrevivente, Servílio Gêmino, havia enviado 4.000 soldados de cavalaria para a Etrúria. Uma força poderosa de cavalaria iria obrigar Aníbal a manter seu exército unido, sem chances de saquear e coletar provisões, e os cartagineses precisavam fazer essas duas coisas. Por isso, enviou sua própria cavalaria, sob o comando do impulsivo, mas brilhante Maharbal, para enfrentar a nova ameaça. Maharbal repetiu quase exatamente o sucesso de seu comandante, matando metade dos inimigos e capturando a maioria dos sobreviventes.

Aníbal havia agora enfraquecido a força de luta do exército romano e estava ansioso para terminar com os que restavam. Porém, o restante do exército romano mostrou-se estranhamente ardiloso: ele sempre estava próximo o bastante para ameaçar uma batalha, mas Aníbal nunca conseguia de fato um confronto decisivo. Ele descobriu rapidamente que o general por trás dessas novas táticas era Fábio Verrucoso, um general vindo de uma importante família militar romana. Fábio havia sido eleito comandante único – ditador – em Roma depois da vitória de Aníbal no Trasimeno, e estava determinado a preservar o exército sobrevivente de Roma na Itália.

Fábio pretendia desgastar Aníbal e mantê-lo em movimento enquanto Roma recuperava as forças e, por esse motivo, os romanos o chamavam de *Cunctator* ou “o protelador”. O próprio Aníbal se referia a seu adversário como “o professor” devido à rapidez e à severidade com que punia qualquer erro cometido pelo cartaginês.

Um desses enganos quase custou caro a Aníbal. Enquanto saqueava a Campânia, Aníbal permitiu que Fábio deslocasse uma guarnição para Casilino, perto de Cápua. Dali, o rio Volturno bloqueava a retirada de Aníbal enquanto Fábio esperava nas montanhas entre Casilino e a colônia de Cales. Isso colocou Aníbal em uma armadilha. Ele não poderia permanecer em uma planície cujos suprimentos já havia saqueado, mas tampouco poderia lançar seu exército em um ataque suicida contra um exército romano entrincheirado em uma posição superior. No entanto, essas pareciam ser suas opções.

Finalmente, parecia que Aníbal havia optado por tentar uma escapada noturna. Os romanos viram as tochas de um exército que se dirigia para uma

passagem bem guardada. Confiante em que a guarnição lá estacionada poderia interceptar a tentativa de passagem, Fábio recusou-se a sair do acampamento, apesar dos pedidos e das imprecações de seus subordinados, que viam a oportunidade de vencer os cartagineses de uma vez por todas.

Porém quando a guarnição de Fábio realizou a interceptação, descobriram milhares de cabeças de gado com tochas presas aos chifres, mas nenhum soldado cartaginês. O exército de Aníbal estava passando pela posição que eles haviam abandonado, carregando seus despojos e se dirigindo para o acampamento de inverno em Apúlia. Aníbal havia escrito mais um capítulo nos anais dos engodos militares e, além disso, fez com que Fábio parecesse um tolo.

Com a credibilidade de Fábio enfraquecida e seus aliados vacilando, os romanos decidiram voltar ao tipo de guerra que dominavam – esmagar o inimigo em uma batalha aberta. Desse modo, reuniram não menos do que oito legiões, cada uma com cerca de 5.000 homens. Junto com seus aliados e a cavalaria, eles tinham pelo menos 85.000 homens diante dos 50.000 de Aníbal.



3 Um triário romano. Os triários eram a terceira e última fileira na linha de batalha romana e eram os guerreiros mais experientes. Observe a armadura na perna (greva) que era usada apenas na perna esquerda e que os legionários desse período usavam cota de malha em vez da cota de placas da era imperial.

Pode bem ser que Aníbal tenha demorado a perceber a mudança na estratégia romana. No verão de 216, ele atacou a fortaleza de Canas (atual Canossa) e confiscou os suprimentos de milho destinados a alimentar o enorme exército de Roma. O mesmo movimento colocou Aníbal entre os romanos e os milharais de Apúlia. Os romanos tinham de retroceder até uma fonte segura de suprimento ou enfrentar uma batalha. Isto é, eles precisavam lutar ou se retirar, que era o que Aníbal estava tentando obrigar Fábio a fazer durante a maior parte do ano anterior.

Aníbal pensava de modo semelhante ao dos dois cônsules que se opunham a ele – preferia a batalha. Os romanos, Terêncio Varrão e Emílio Paulo, foram encarregados da destruição imediata de Aníbal e este deve ter sentido que outra vitória arrasadora quebraria ainda mais a força de vontade romana e faria com que os vacilantes aliados de Roma mudassem de lado *en masse*. A aposta não poderia ter sido mais elevada.

O confronto ocorreu na manhã de 2 de agosto de 216 a.C. Aníbal havia alojado o flanco esquerdo de seu exército nas margens do rio Ofanto. Esse flanco era formado pelas cavalaria espanhola e gaulesa. No centro de seu exército, Aníbal posicionou as infantarias espanhola e gaulesa, com a infantaria pesada líbia de cada lado. No outro flanco foi reunido o restante dos 10.000 soldados de sua cavalaria, provavelmente com cavalos numídios leves, sob o comando de Maharbal, que havia arrasado a cavalaria romana depois da vitória no lago Trasimeno.

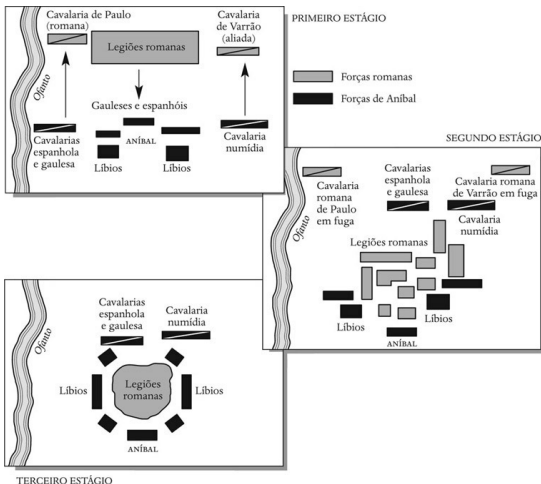
Aníbal comandava o centro, pois ali ele pretendia que suas tropas realizassem uma das manobras mais difíceis em um campo de batalha – retroceder sob pressão sem quebrar. Na guerra antiga, a maioria das baixas em uma batalha era infligida sobre os soldados inimigos conforme eles fugiam desordenadamente. Mas aqueles que fugiam primeiro tinham a melhor chance de sobrevivência. Assim, para que um exército lutasse de modo efetivo, cada soldado devia confiar que seus companheiros de armas não o deixariam em apuros. Essa confiança era testada ao máximo quando a linha de batalha começava a se mover para trás.

Nada demonstra melhor a capacidade de Aníbal como líder do que o fato de os gauleses e espanhóis, soldados mais famosos por sua ferocidade e temperamento impulsivo do que por sua obediência, retrocederem exatamente como Aníbal pretendia. Enquanto isso, no flanco esquerdo, a cavalaria havia dispersado os cavalos romanos com um ataque feroz. O comandante romano, Emílio Paulo, deixou sua cavalaria em fuga e uniu-se à infantaria pesada no

centro, onde a luta era intensa. Enquanto isso, no flanco direito, os cavalos leves de Maharbal estavam bloqueando a cavalaria italiana comandada por Varrão.

Então, as infantarias espanhola e celta começaram a fraquejar e, sentindo a possibilidade de vitória, os romanos lançaram-se no vazio deixado no centro dos cartagineses. O fato de os cavaleiros gauleses terem voltado do flanco esquerdo e se unido a Maharbal para romper a cavalaria italiana não mudou a situação. Os romanos venciam as batalhas com a infantaria, e as legiões pareciam estar a um passo da vitória. Até então a infantaria líbia de Aníbal praticamente não havia tomado parte na batalha. Neste momento eles se lançaram sobre os romanos desordenados, ultrapassando seus flancos e os fechando pela esquerda e a direita como as placas de um torno. Ao mesmo tempo, os gauleses e espanhóis pararam de retroceder e se lançaram sobre a linha romana, enquanto a cavalaria cartaginesa atingia os romanos por trás. O cerco estava completo.

Nesse ponto, terminou a batalha e começou o massacre. Porém, mesmo que sua situação fosse desesperada, os romanos não se renderam nem morreram tranquilamente. Cerca de 45.000 romanos e seus aliados caíram naquele dia, um número que só foi igualado em um único dia de batalha na Europa durante os esforços dos comandantes aliados no Somme em 1916. Outros 4.000 romanos foram capturados e, assim, do enorme exército reunido para livrar a Itália dos cartagineses, restaram cerca de 17.000 homens, muitos deles feridos e todos exaustos e desmoralizados. O cônsul Emilio Paulo estava entre os mortos romanos, além de algo entre um quarto a um terço de todo o senado romano. Essa foi a maior vitória de Aníbal.



4 A batalha de Canas. O plano de Aníbal atraiu os romanos em desordem para o centro da linha de batalha, permitindo que a infantaria líbia os atingisse pelos flancos enquanto a cavalaria atacava os romanos por trás.

Depois de varrer os restos da resistência romana e dispor dos prisioneiros, Aníbal deu um descanso merecido a seus soldados, apesar do argumento do impulsivo Maharbal:

“Continue! Se você entender o significado desta vitória, em cinco dias poderá se banquetear no Capitólio (em Roma). Eu irei primeiro com a cavalaria e poderemos chegar lá antes que percebam que estamos indo”. Isso era demais para que Aníbal apreendesse de imediato. Ele elogiou a atitude de Maharbal, mas disse que precisava de tempo para ponderar sobre seu conselho. Diante disso, Maharbal disse: “Realmente, os deuses não dão tudo a um homem. Você tem a capacidade de vencer batalhas, Aníbal, mas não sabe como usar a vitória”.

Lívio 22.54

Segundo Lívio, o atraso de Aníbal salvou Roma e o Império.

Aníbal tinha bons motivos para não continuar, embora retrospectivamente esse erro tenha lhe custado sua oportunidade de uma vitória definitiva. Porém Aníbal e seu exército estavam exaustos. Os romanos haviam levado entre 5.000 e 8.000 homens de Aníbal para o túmulo com eles, e muitos mais estavam feridos. Precisavam de tempo para se recuperar.

De qualquer modo, Aníbal provavelmente pensava que a guerra já estava vencida. Qualquer outra nação mediterrânea teria se rendido antes mesmo da crise em Canas. Ele julgava que a escala dessa derrota acabaria até mesmo com a lendária teimosia romana. E se não o fizesse, quais dos aliados de Roma iriam continuar a apoiá-la, considerando-se que Aníbal parecia capaz de derrotar Roma quando quisesse? Certamente não a maior parte do sul da Itália. As cidades gregas e as tribos samnitas, que haviam aceitado a hegemonia romana recentemente e com relutância, declararam seu apoio a Aníbal quase de imediato quando a notícia da vitória chegou até elas. Isso incluía Cápuia – um ganho importante, pois seus cidadãos eram romanos, embora de uma classe inferior, sem direito a voto.

Por mais bem-vindos que os novos aliados fossem, eles tinham um custo. Nos meses que se seguiram à vitória em Canas, ficou cada vez mais claro que Roma pretendia lutar e os primeiros a sentir sua ira foram aqueles que desertaram e apoiaram Aníbal. Mago foi enviado a Cartago em busca de reforços. A elite equestre de Roma distinguia-se pelos anéis que usavam. Para mostrar que não estava exagerando a escala das vitórias de Aníbal, Mago despejou um saco desses anéis no piso do senado cartaginês. Cada um havia sido tirado de cavaleiros capturados ou mortos e aos que já estavam no chão, Mago acrescentou saco após saco até que a pilha contivesse milhares de anéis.

Entretanto, a ausência dos Bárcida em Cartago havia permitido que seus inimigos se fortalecessem. Os oponentes de Aníbal no senado perguntaram com desdém: se Aníbal pedia ajuda enquanto estava vencendo, o que iria demandar quando as coisas se voltassem contra ele? De fato, durante a longa guerra que se seguiu, Aníbal só recebeu ajuda significativa de sua cidade natal uma única vez.

No campo de batalha, Aníbal continuava único. Em 212 e 210, enfrentou os romanos e os derrotou. Porém, agora ele sabia que o ferimento que Roma sofrera em Canas não fora mortal. O fluxo de deserções para o lado cartaginês diminuiu e depois parou, embora não antes que o porto estratégico de Tarento caísse em mãos cartaginesas em 212. Roma enviou quatro exércitos ao campo de batalha contra Aníbal e depois aumentou este número para seis. Em 208, outros dois cônsules romanos morreram em lutas diferentes, mas na Espanha a guerra voltou-se contra Cartago.

O irmão de Aníbal, Asdrúbal, havia sido muito pressionado por Cipião, o Jovem, filho de Cipião a quem Aníbal havia vencido em Ticínio em 28. Asdrúbal

decidiu então abandonar a Espanha e levar seu exército para a Itália. Os romanos reagiram rápida e corajosamente a essa nova incursão, deixando apenas uma força leve para ocultar sua partida de Aníbal, e apressaram-se para o norte, pretendendo destruir o Bárcida mais jovem antes que ele se juntasse a Aníbal no sul.

Eles foram muito bem-sucedidos. Em 207, os romanos encontraram os cartagineses invasores nas margens do rio Metauro, no norte da Itália, destruíram o exército e mataram Asdrúbal. Aníbal não soube disso, pois os mensageiros enviados por seu irmão foram interceptados pelos romanos. Os romanos voltaram a suas linhas no sul sem que Aníbal sequer percebesse que eles haviam partido. A notícia lhe foi dada pela cavalaria romana que jogou a cabeça de Asdrúbal sobre as muralhas do acampamento de Aníbal e depois enviou dois prisioneiros líbios para lhe contar a história triste e desmoralizante da derrota.

A lenda diz que Aníbal olhou fixamente para o rosto do irmão morto e comentou: “Agora, de fato, vejo claramente o destino de Cartago”.

Aníbal estava perdendo terreno. Os romanos tinham retomado Tarento. Em um esforço desesperado para manter a posse de Cápua, Aníbal havia levado seu exército até seis quilômetros de Roma, o mais próximo que ele havia chegado da cidade de seus inimigos. Isso de nada lhe serviu. Roma não se impressionou e o ataque a Cápua continuou. Sem armas de cerco, Aníbal não pôde fazer nada fora de Roma e acabou por se retirar. Porém, nos séculos que se seguiram, as mães assustavam as crianças agitadas para que fizessem silêncio à noite com as palavras “*Hannibal ad portas!*” (“Aníbal está à porta!”).

Em 203, os romanos romperam o impasse. A iniciativa foi tomada por Cipião, o Jovem, um general à altura de Aníbal. Depois de comandar a derrota dos cartagineses na Espanha, ele persuadiu o relutante senado romano a ignorar Aníbal na Itália e invadir a África diretamente. Ironicamente, muitos dos soldados que Cipião comandava eram os desonrados sobreviventes da batalha de Canas, enviados em quase exílio à Sicília.

A campanha inteligente e enérgica de Cipião logo obrigou os cartagineses a concordar com uma trégua até que um tratado de paz fosse elaborado. Uma das condições da trégua era que Aníbal saísse imediatamente da Itália. Aníbal tinha então 45 anos. Ele tinha 29 quando levava suas tropas para a Itália e ainda permanecia invicto no campo de batalha.

“Poucos exilados deixaram sua terra natal com tanta tristeza e amargura quanto Aníbal ao deixar a terra de seus inimigos. Ele olhou repetidamente para as praias da Itália, acusando deuses e homens e proferindo pragas contra si mesmo por seu fracasso.”

Lívio 30.20

No entanto, Aníbal ainda teria outra oportunidade contra os romanos. Os

cartagineses se animaram por ter seu comandante de volta à terra natal e começaram a planejar o reinício da luta. Na verdade, os romanos acreditaram que todo o cessar-fogo havia sido uma trama pífida para permitir que Aníbal retornasse à África sem ser perturbado pela frota romana.

Em 202 a.C., perto de um local chamado Zama (o lugar exato na África agora é desconhecido), os romanos comandados por Cipião confrontaram os cartagineses comandados por Aníbal. Foi realmente um duelo de titãs. Com as manobras preliminares, tanto políticas quanto militares, fora do caminho, Aníbal solicitou um encontro com Cipião, ostensivamente para negociar a paz, mas a verdade mais provável é que Aníbal estivesse curioso sobre o jovem que tanto estrago havia provocado a sua causa. Os dois se encontraram entre as linhas de batalha, acompanhados por um único intérprete. Aníbal ofereceu a retirada de todas as terras em sua posse, exceto as terras nativas de Cartago na África, mas Cipião não aceitaria nada exceto a rendição total.

Aníbal abriu a batalha com um ataque com elefantes, na esperança de desorganizar os romanos que nunca haviam visto nada semelhante. As tropas bem treinadas de Cipião abriram suas fileiras para deixar que os elefantes passassem e os atormentaram com as lanças arremessadas pela infantaria leve. Os elefantes fugiram de volta e semearam confusão nas tropas que vinham atrás deles. Essa confusão foi aumentada por um ataque bem-sucedido da cavalaria romana. A cavalaria romana agora superava o número de cavaleiros cartagineses, pois o rei numídeo, Massinissa, havia desertado e levado seus homens para Cipião.

Aníbal tinha organizado sua infantaria em três linhas, com os veteranos italianos na última. Para impedir que cada linha se desorganizasse à medida que os romanos rompessem a linha anterior, as tropas cartaginesas em fuga não podiam passar pelas fileiras. Em vez disso, tinham de lutar até a morte ou abrir caminho ao redor dos flancos. A ideia de Aníbal era que os romanos estariam exaustos no momento em que chegassem aos soldados veteranos e foi isso que ocorreu. A batalha na terceira linha foi árdua e prolongada e só terminou quando a cavalaria romana voltou da perseguição aos cavaleiros cartagineses e atingiu os cartagineses por trás.

Cerca de 20.000 soldados cartagineses morreram e aproximadamente o mesmo número foi aprisionado. Essa derrota acabou com a guerra e provou que, afinal de contas, Aníbal podia ser derrotado. Na verdade, considerando-se a superioridade romana na infantaria e na cavalaria, apenas o gênio de Aníbal poderia ter afetado o resultado da batalha, como Aníbal apontou implicitamente depois a Cipião, que recebeu o título de Africano após essa vitória.

Cipião perguntou a Aníbal quem era o maior general. Em resposta, Aníbal proclamou Alexandre, o rei macedônio, como o maior, pois sua travessia de

território inexplorado apenas com uma pequena força “transcendeu as esperanças humanas”. Quando lhe perguntaram quem era o segundo melhor, Aníbal proclamou Pirro por seu ensinamento sobre a criação de acampamentos e sobre a arte de persuadir os homens. Quando lhe perguntaram quem era o terceiro, Aníbal disse o próprio nome. Rindo, Cipião perguntou qual seria a posição de Aníbal se tivesse conseguido derrotar Cipião em batalha. “Então, sem sombra de dúvida”, respondeu Aníbal, “eu deveria me colocar antes de todos os outros generais”.

Lívio, Livro 10

A empatia entre Cipião e Aníbal mostrou-se boa para Cartago. Aníbal, o estadista, liderou o país de modo tão efetivo quanto havia liderado a guerra. Com Cipião mantendo sob controle a sede de vingança do senado romano, Aníbal trabalhou sem cessar durante os sete anos seguintes, de 202 a 195 a.C., para reconstruir sua nação abalada.

O domínio de Aníbal na administração e nas finanças da cidade provocou muitas inimizades, e esses inimigos acabaram por informar os romanos de que Aníbal estava mais uma vez conspirando contra eles. Os inimigos de Cipião em Roma aproveitaram a denúncia e convocaram Aníbal para que fosse processado em Roma. Em vez de colocar-se à mercê de um tribunal romano, Aníbal fugiu para Tiro e dali foi para os reinos da Ásia Menor. Na corte do rei selêucida Antíoco III, encontrou um aliado que também estava lutando contra Roma.

Aníbal atuou como consultor de Antíoco. Como o rei não confiava plenamente nele, Aníbal não recebeu o comando de tropas. Em vez disso, teve a oportunidade de experimentar sua mão como almirante contra os cidadãos da ilha-estado de Rodes, aliada de Roma. Os habitantes de Rodes eram os melhores marinheiros do Mediterrâneo na época, e deve-se dar o devido crédito à habilidade de Aníbal por ter superado o inimigo e quase ter capturado seu comandante apesar de sua inexperiência e da de seus marinheiros. Porém, a frota de Aníbal foi castigada pelas habilidades de combate próximo dos barcos de Rodes, e ele acabou sendo obrigado a admitir a derrota e afastar-se da batalha.

Antíoco acabou por se render aos romanos na batalha de Magneia em 189. Aníbal supôs corretamente que sua rendição seria uma das cláusulas do tratado de paz que se seguiria e, abandonando o comando, fugiu mais uma vez, com os enviados de Roma em seus calcanhares.

Eles o alcançaram na corte do rei Prúsias, da Bitínia, em 183. Diante do poderio superior de Roma, Prúsias não teve alternativa exceto entregar Aníbal. Bem pode ser que Aníbal também estivesse cansado de fugir. Ele tinha 65 anos e havia guerreado contra Roma durante a maior parte dos 40 anos anteriores, mas não tinha planos de se entregar.

“Vamos colocar um fim a esta vida que causou tanto temor aos romanos.”

Com essas palavras, Aníbal tomou veneno e morreu por suas próprias mãos. O epitáfio que ele pronunciou para si mesmo era inteiramente adequado. Por aqueles contra quem lutaram, os romanos da República sentiam desde respeito até o mais profundo desprezo. Dentre todos esses inimigos, Aníbal foi singular: ele inspirou medo em uma nação que dizia não conhecer o significado dessa palavra.

CAPÍTULO 2

FILIFE V DA MACEDÔNIA: O HERDEIRO DE ALEXANDRE CONTRA OS ROMANOS

Sei que Filipe é um homem com um coração orgulhoso e um temperamento guerreiro. Existe uma fúria ardente em seu coração, como a de um animal preso em uma jaula ou acorrentado.

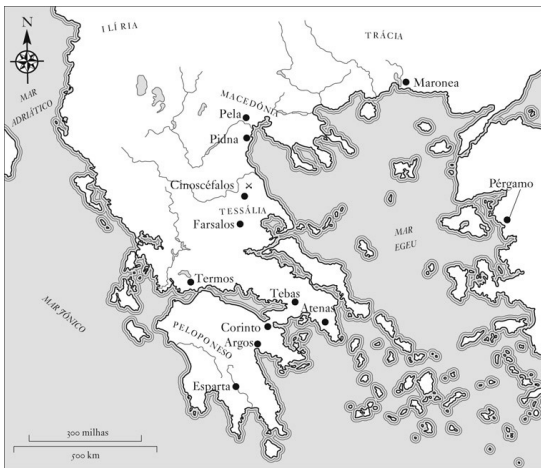
Avaliação do caráter de Filipe por seu contemporâneo Alexandre de Arcarnia — Lívio 35.18

Filipe V nasceu em 237 a.C., cinco anos depois do final da Primeira Guerra Púnica. Mas os problemas de Roma, um estado semibárbaro do outro lado do Adriático, não eram uma grande preocupação do pai de Filipe, Demétrio II, rei da Macedônia.

O rei macedônio tinha outras preocupações, pois o mundo mediterrâneo do final do século III a.C. estava repleto de perigos e oportunidades. A Macedônia situava-se entre as tribos bárbaras da Ilíria e da Trácia e acima da Grécia, sobre cujas cidades-estados rivais e combativas mantinha uma hegemonia instável. A Macedônia era igual às outras grandes potências do Egito e da Síria que dominavam a costa leste.

Na Ásia e na Grécia, reis e cidades insignificantes criavam um mosaico mutável de ligas e alianças e, periodicamente, suas pequenas guerras arrastavam seus vizinhos. Os pequenos estados muitas vezes se uniam para explorar qualquer sinal de fraqueza em uma das grandes potências, e as tribos bárbaras esperavam lançar ataques de pilhagem pelas fronteiras do norte se encontrassem o exército macedônio desprevenido.

A Macedônia era um país próspero. Ele ficava entre a Grécia e as tribos dos Bálcãs, com o Danúbio funcionando como uma ligação comercial adicional. O clima – uma mistura entre o mediterrâneo e o europeu, mais temperado – produzia terras férteis e florestas abundantes. No subsolo havia reservas de ferro e prata que os macedônios exportavam com lucro.



5 Grécia em 200 a.C. A Macedônia exercia a hegemonia sobre a Grécia desde a época de Alexandre, o Grande, mas o território era constantemente perturbado pelas guerras entre as cidades-estados adversárias.

Os gregos do sul achavam que os macedônios eram, no máximo, primos esquisitos (houve algum debate a respeito de eles poderem ou não competir como um estado grego nos jogos olímpicos); mas os próprios reis macedônios afirmavam descender dos filhos de Hércules, exilados da Grécia após a morte do pai. Nos anos 360-330 a.C., um dos maiores reis macedônios, Filipe II, estendeu o domínio macedônio até a Tessália e transformou a Macedônia no poder dominante na Grécia. Seu filho, Alexandre, o Grande, conquistou o Império Persa e o Egito.

Porém, o reino de Alexandre logo se dividiu em facções diferentes e opostas, das quais a própria Macedônia era uma. Embora a ameaça persa já tivesse acabado, os reis da Macedônia enfrentavam competição dinástica por parte das casas reais dos Selúcida e Ptolomeu.

Consequentemente, quando o rei Demétrio morreu em 229 a.C., tomou providências cuidadosas para que seu filho de 8 anos fosse seu sucessor. O novo

rei, Filipe V, herdou a coroa, mas não o poder real. Em seu testamento, Demétrio havia indicado um regente, Antígono Doson, para governar o reino durante a infância de Filipe. Antígono governou como um rei, embora não tivesse o título, e considerava Filipe mais como seu herdeiro do que como o monarca de direito.

O jovem rei deve ter sentido algum alívio quando Antígono morreu em 220 e o poder real passou calmamente para ele, em vez de passar para os filhos do regente.

Filipe, aos 17 anos, assumiu firmemente as rédeas do poder, para tristeza de Apeles, seu novo tutor, que esperava governar o estado por meio do rei adolescente.

Como Demétrio havia previsto, não demorou muito antes que os estados vizinhos testassem a coragem do novo rei. Os etolianos, um povo que vivia no sudoeste da Tessália, atacaram os aqueanos, que viviam na península do Peloponeso, ao sul dos etolianos, e eram aliados da Macedônia. Filipe foi lento na resposta, concentrando-se em formar uma coalizão de aliados. Muitas dessas alianças tinham propósitos puramente diplomáticos, pois eram os macedônios e os aqueanos que participavam da maior parte das lutas (foi a partir da palavra em latim para aliados – *socii* – que essa guerra recebeu o nome de Guerra Social).

A guerra durou três anos, em parte porque Filipe foi obrigado a se apressar para as fronteiras norte da Macedônia para rechaçar uma invasão bárbara. Como a temporada das campanhas já estava adiantada, ninguém esperava que os macedônios retornassem antes da primavera. No entanto, Filipe apareceu subitamente com uma força de ataque escolhida a dedo em Corinto. Ele lançou uma série de ataques relâmpagos sobre seus oponentes antes de se recolher para o inverno em Argos. Essas manobras súbitas tornaram-se parte do estilo de batalha de Filipe; naquele verão, fez um ataque surpresa à capital etoliana de Termos no qual saqueou o tesouro e ateou fogo à cidade antes de voltar-se para combater os aliados espartanos dos etolianos, em 218.

Filipe parecia um rei nos moldes de Alexandre, o Grande, que ocupara o trono da Macedônia quase exatamente 100 anos antes. Ele era ativo e audacioso, embora moderado em sua conduta e compassivo com seus inimigos. Ele também era inteligente e um orador animado, embora com um tom maldoso. Certa vez, quando um conselheiro que não enxergava bem expôs um argumento contrário ao dele, Filipe voltou-se para o conselho e disse sarcasticamente: “Anotem – até um cego pode ver isso”. No decorrer dos anos, a personalidade de Filipe tornou-se mais sombria e mais selvagem – o que não é de surpreender em um homem que passou a vida entre aliados traiçoeiros, inimigos perversos e súditos desleais.

Apeles, o tutor de Filipe, estava entre os súditos mais desleais. Decepcionado por não poder reinar em segunda mão, Apeles e sua facção conspiraram

traíçoeiramente. Apeles foi descoberto e executado, e Filipe passou a procurar conselheiros fora da Macedônia. Um deles foi Demétrio de Faros, um governante ilírio, exaliado de Antígono Doson. Em sua diversificada carreira em Ilíria, Demétrio fora tanto um aliado quanto um inimigo dos romanos. Havia procurado Filipe em busca de proteção e agora chamava a atenção de seu patrono para os problemas de Roma com Aníbal, na Itália.

Demétrio teve facilidade para despertar a ambição de Filipe. O rei era jovem, mas já havia obtido sucesso em tudo que experimentara, tinha uma reputação de audácia e, acima de tudo, descendia da família que, como nenhuma outra, ambicionava governar o mundo.

Políbio 5.102

Outro conselheiro de Filipe foi Arato, um nobre aqueano favorável aos romanos. Filipe dava muita atenção a Arato, e a moderação do rei deveu-se muito aos conselhos do aqueano. Porém, Filipe notou que os interesses da Grécia e de Roma estavam entrelaçados e que, em algum momento, ele teria de lidar com o poder do outro lado do Adriático. Depois da vitória de Aníbal em Canas, em 216, Filipe decidiu arriscar sua sorte com o cartaginês. A morte de Arato – possivelmente de tuberculose, embora o próprio Arato suspeitasse de envenenamento lento – não aliviou a situação. Um amigo que o encontrou tossindo sangue recebeu um comentário amargo: “Isto é uma prova do amor do rei”.

Filipe conseguiu firmar um tratado de aliança com Aníbal, mas seu embaixador foi capturado pelos romanos, que enviaram uma frota à costa do Adriático para impedir que Filipe entrasse na Itália. Antes de se comprometer com uma invasão, Filipe literalmente testou a água, lançando uma pequena frota contra as posições romanas em Ilíria. Uma breve ação contra uma flotilha romana obrigou-o a destruir seus barcos e se retirar por terra, uma difícil experiência que ele não se arriscou a repetir nem mesmo depois de Aníbal tomar o porto de Tarento, bastante acessível.

Nessa época, segundo nossas fontes, a personalidade de Filipe começou a mudar.

Ele tinha desfrutado uma sequência de sucessos. A prosperidade havia aumentado suas ambições e desejos extravagantes começaram a tomar conta de sua mente. Sua inclinação natural para o mal rompeu as barreiras que ele tinha construído contra ela, e ele começou a demonstrar sua verdadeira personalidade.

Plutarco *Vida de Arato* 52

Preocupados com Aníbal, os romanos não podiam abrir uma segunda frente

contra Filipe. Porém, mesmo seu apoio moral fez com que os etolianos e ilírios se declarassem como adversários da Macedônia, e Pérgamo – um aliado romano na Ásia Menor – rapidamente se uniu a essa coalizão.

Nessa época, o historiador Lívio disse que “Filipe mostrou o espírito digno de um rei”. Ele atacou seus inimigos gregos de modo tão feroz que eles rapidamente concordaram com uma paz negociada por Ptolomeu do Egito. Previsivelmente, os etolianos voltaram atrás depois de saber dos reforços dos pergameses a seu favor e da invasão bárbara na Macedônia.

Infelizmente para os etolianos, os pergameses foram distraídos por uma guerra mais próxima e os bárbaros saíram da Macedônia quando Filipe retornou. Isso deixou os etolianos sem apoio e o irado Filipe saqueou suas terras sem piedade. Por consequência, quando finalmente chegou, a força expedicionária romana encontrou poucos aliados em condições de lutar. Os romanos retrocederam até um porto seguro e ali permaneceram até que a paz foi negociada em 205. Essa “Paz de Fenice” tinha o objetivo de manter Filipe afastado até que Aníbal fosse derrotado. Depois disso, Roma tinha planos muito claros para a Macedônia:

Não é uma questão, romanos, de se haverá paz ou guerra. Filipe já fez essa escolha e está reunindo ativamente suas forças para a guerra por terra e mar. Tudo o que temos de decidir é se levaremos nossas legiões para a Macedônia ou se esperaremos para lutar aqui na Itália. [...] Que a Macedônia seja o teatro da guerra. Que sejam seus as cidades e o campo a serem devastados por fogo e espada.

O cônsul Sulpício falando à assembleia romana – Lívio 31.8

Enquanto isso, Filipe voltou sua atenção para os pergameses e derrotou-os rapidamente em batalha. Ele também tinha se aliado com o rei selêucida Antíoco III, com o objetivo de tirar de Ptolomeu V do Egito suas possessões de além-mar. A frota de Filipe tinha derrotado outro conjunto de aliados romanos, os rodianos, em uma batalha naval em Lade. Diante de toda essa atividade, ninguém ficou surpreso quando os romanos declararam guerra em 200, embora o senado tivesse dificuldade para convencer seus próprios cidadãos, cansados de guerra.

Os romanos entraram no campo como aliados dos atenienses que estavam sob o cerco de Filipe. Como era de se prever, os etolianos retomaram a guerra contra a Macedônia, e os bárbaros dardanianos ultrapassaram as fronteiras. Filipe respondeu com seu vigor usual, enviando metade de suas forças para o norte para combater os bárbaros e concentrando as forças restantes em destruir uma força etoliana que arrasava a Tessália. Como de hábito, tudo estava terminado quando Quinto Flamínio e um exército romano chegaram. A longa e pretensa guerra com Roma subitamente tornou-se séria.

Lembrando-se do destino de Aníbal, Filipe recusou-se a lutar e tentou

negociar. Flaminio abriu as conversações com a exigência de que Filipe deixasse a Grécia, inclusive a Tessália, que era dominada há décadas pela Macedônia. Essa era uma exigência impossível e Flaminio, ansioso por glórias militares, fizera-a propositadamente.

Flaminio pressionou a passagem através de montanhas sob domínio de Filipe e forçou-o a ir para a Tessália. Embora Flaminio afirmasse estar liberando a Grécia do domínio de Filipe, a primeira cidade da Tessália à qual ele chegou resistiu ferozmente à libertação. Ela foi reduzida a cinzas como um aviso a quem resistisse. Longe de se assustarem com essa selvageria, os tessalios ficaram ultrajados e, então, todas as cidades se opuseram aos romanos, algumas vezes com um heroísmo desesperado. Frustrado, Flaminio arrasou os territórios ainda intocados pela política de devastação de terras praticada pelo exército de Filipe em retirada.

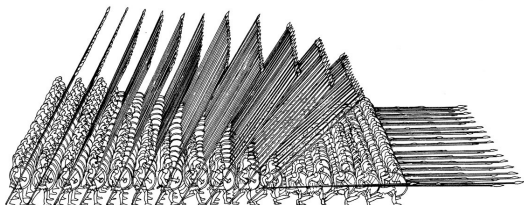
Vendo Filipe em dificuldades, os antigos aliados da Macedônia, os aqueanos, passaram para o lado romano. Com essa deserção, Filipe redobrou as tentativas de negociar a paz. O comandante romano parecia concordar com essa possibilidade enquanto, ao mesmo tempo, contatava Roma com urgência para descobrir se seu comando seria renovado por mais um ano. Ele instruiu seus amigos no senado para aceitarem a paz com Filipe se ele estivesse para ser substituído na Grécia, mas, caso contrário, que votassem a favor da continuidade da guerra.

Com seu comando renovado, Flaminio retomou sua exigência original de que Filipe se retirasse da Grécia. Filipe resolveu lutar, embora seu exército estivesse em pior forma do que a dos romanos. Ele tinha feito uma aliança com o rei Nabis de Esparta, porém, depois de usar essa aliança traiçoeiramente para obter o controle de Argos, os espartanos mudaram de lado, deixando Filipe abandonado por todos os aliados, exceto os arcanânios.

Filipe passou o inverno de 198 reforçando seu exército até que ele ficasse do mesmo tamanho que o do inimigo. Então, ele marchou para o sul, determinado a acabar com a questão assim que possível. Flaminio estava igualmente ansioso pela batalha e, em um dia da primavera de 197, o destino da Macedônia foi decidido perto de Farsalos, em Cinoscéfalos, onde algumas colinas com a forma de cabeça de cão sugeriram o nome da batalha.

Não era o terreno ideal para os macedônios comandados por Filipe. Seu exército lutava em uma formação fechada chamada de falange. Cada membro da falange carregava uma lança de 4,5 metros, permitindo que as três primeiras fileiras se apresentassem como uma cerca de lanças ao inimigo. Quando se movimentava para a frente, a falange praticamente não podia ser bloqueada. Especialistas militares contemporâneos debateram extensamente se a falange era superior à coorte romana (Políbio dedica um capítulo inteiro ao assunto, e Lívio passa boa parte de seu Livro 9 explicando como os romanos poderiam ter

lidado com os macedônios se Alexandre, o Grande tivesse voltado sua atenção para o oeste). Essa dúvida estava prestes a ser resolvida.



6 Uma falange macedônia. As lanças extremamente longas carregadas pelos componentes da falange permitiam que eles apresentassem uma cerca de lanças ao inimigo, mas a falange era difícil de manobrar e vulnerável quando desorganizada.

A maior flexibilidade da coorte mostrou-se decisiva. Os romanos atingiram o flanco esquerdo de Filipe enquanto ele estava se formando, rompendo-o, e caíram sobre o flanco e a parte posterior do restante do exército de Filipe. As longas lanças e a formação fechada tornavam quase impossível a manobra para os homens de Filipe e, quando os romanos penetraram no meio deles com suas espadas curtas, os macedônios não tiveram chance.

Filipe perdeu aproximadamente de 8.000 a 10.000 homens naquele dia e outros 5.000 foram feitos prisioneiros dos romanos. Novamente, ele negociou os termos da paz com Flâmínio e, dessa vez, concordou em entregar o controle da Grécia. Os etolianos, aliados de Flâmínio, ficaram enfurecidos por os romanos deixarem Filipe com seu reino e a Macedônia ser mantida intacta. Porém, Flâmínio e Filipe haviam estabelecido uma relação pessoal durante as negociações e, assim, Flâmínio disse bruscamente ao líder etoliano que “paras-se de reclamar”. Havia também motivos práticos para essa decisão. Sem a Macedônia como barreira, a Grécia estaria vulnerável a invasões das tribos bárbaras do norte.

No tratado formal ratificado pelo senado, Filipe também deveria pagar uma indenização de mil talentos, limitar seu exército a 5.000 homens e entregar seu filho como refém. Vendo que os romanos o tinham à sua mercê, Filipe ficou agradavelmente surpreso com o tratamento que recebeu. Não se surpreendeu quando os etolianos e espartanos romperam com Roma e auxiliou de boa vontade seus conquistadores a derrotar o rei Nabis de Esparta em 195.

Roma então voltou sua atenção para Antíoco III da Selêucia, um antigo aliado de Filipe que ficara visivelmente inativo durante suas recentes tribulações. Flaminio havia retirado o exército romano da Grécia, e Antíoco considerou isso como um convite para uma invasão. Quando Antíoco aliou-se aos etolianos, Filipe, já contrário às ambições selêucidas, uniu-se ao lado romano. Em 191, ele lutou na Tessália ao lado de Bêbio, um pretor romano.

Filipe lutou uma guerra astuciosa, reabsorvendo muitas de suas antigas possessões e observando o exército romano e etoliano destruírem-se mutuamente. Seu bom humor era tal que um comandante etoliano que caiu em mãos macedônias teve a companhia de Filipe no jantar e foi escoltado de volta a suas linhas. Inevitavelmente, os etolianos foram derrotados e obrigados a uma rendição vergonhosa. Eles foram salvos da extinção apenas porque Flaminio percebeu que a Etólia era um contrapeso valioso à Macedônia.

Quando Antíoco finalmente foi obrigado a sair da Grécia, Filipe apressou a saída dos romanos, auxiliando em Helesponto um exército que incluía Cipião, o Africano, o conquistador de Aníbal, e seu irmão, Lúcio. Além disso, o mensageiro enviado para informar Filipe da chegada deles era um jovem com um futuro célebre – Tibério Semprônio Graco. Filipe enviou congratulações a Roma por suas vitórias e recebeu, em retribuição, o perdão do restante da indenização e o retorno de seu filho Demétrio.

Como seu pai, Demétrio se dava bem com os romanos em nível pessoal e havia aproveitado sua estada em Roma para cultivar diversos conhecimentos pessoais para uso futuro. Isso logo foi necessário. Filipe não conseguiu se desvencilhar completamente dos hábitos predatórios de um monarca helenista. Ele começou a se expandir agressivamente para a Tessália até que, em 181, Roma enviou um aviso incisivo para que se retirasse. Filipe agiu como solicitado, mas, em um ataque selvagem de frustração, massacrou os líderes de Maroneia, uma das cidades que deveria desocupar.

Demétrio apressou-se a ir a Roma para conter o dano diplomático, mas as suspeitas entre Roma e a Macedônia estavam aumentando. Filipe, de maneira cruel, começou a preparar seu reino para a guerra. Ele deportou uma parte da população civil e executou os prisioneiros políticos de quem mais desconfiava. Filipe tampouco confiava em Demétrio, seu filho amigo dos romanos. Essa suspeita foi incentivada pelo filho mais velho de Filipe, Perseus, que tinha inveja da popularidade de Demétrio e pelo fato de Demétrio ser filho da esposa de Filipe, enquanto ele nascera de uma concubina.

Perseus forjou uma carta de Flaminio mostrando que Demétrio estava conspirando contra Filipe. Ouvindo que seria preso, Demétrio tentou fugir, mas isso foi considerado como prova de sua culpa. Foi capturado e executado.

Filipe começava a sentir o peso da tensão. Ele estava sustentando seu país relutante diante de uma guerra difícil e era muito impopular, até mesmo odiado,

por muitos de seu povo. Para piorar, ficou provado que a carta que provocou a execução de Demétrio era uma falsificação. Enfurecido, Filipe deserdou Perseus. O príncipe bem poderia ter sofrido outros ataques, mas enquanto estava em batalha contra os bárbaros, em 179, o velho rei morreu de doença e (supostamente) de coração partido.

Perseus apossou-se do trono, executou rapidamente o herdeiro indicado por Filipe e lançou seu novo reino em uma guerra contra Roma. Nunca saberemos o que poderia ter acontecido se o astuto velho rei Filipe tivesse liderado o exército da Macedônia em Pidna, mas seu filho não era páreo para Roma. Perseus teve o destino que Filipe conseguira evitar – ser conduzido como prisioneiro por Roma em um triunfo romano.

CAPÍTULO 3

VIRIATO: DE PASTOR A LÍDER GUERRILHEIRO

Ele tinha as maiores qualidades de um comandante (para um bárbaro) e era o primeiro dentre seus homens a confrontar os perigos.

Apiano Hispânia 12 (75)

Viriato, o maior líder da Ibéria antiga, veio da Lusitânia, uma área delimitada aproximadamente pelos rios modernos Guadiana e Douro e que incluía grande parte de Portugal atual. Embora rica em minerais, a terra era montanhosa e o solo era pobre. Os povos da Lusitânia ganhavam a vida, em parte, pilhando as tribos das terras mais férteis. Isso combinava com os valores tribais dos povos celticizados da região, cuja principal tribo era os lusitanos, que emprestaram seu nome à região; esta tribo alternativamente aliava-se com os outros grupos principais da região – os vetões e os célticos – ou os combatia.



7 Hispânia em 150 a.C. As montanhas e os rios da península Ibérica tornavam-se um ambiente excelente para a guerra de guerrilhas, e a Espanha não foi totalmente subjugada por, pelo menos, mais um século.

Quando seus vizinhos caíram sob domínio romano, no início de século II a.C., a ferocidade dos homens da tribo e o fato de não terem posses valiosas mantiveram Roma afastada da Lusitânia. Porém, os lusitanos não viam nenhum motivo para deixarem de atacar os vizinhos e isso inevitavelmente levou a um confronto com os romanos, que dominavam esses vizinhos. Depois de um período de embates frequentes, no qual os lusitanos repetidamente faziam acordos de paz e os violavam, Roma perdeu a paciência em 151 a.C. e lançou um ataque em grande escala sob o comando de Sêrvio Sulpício Galba (um ancestral do imperador romano de 69 d.C.).

Mais uma vez os lusitanos buscaram a paz. Galba respondeu que a pobreza do solo nativo dos lusitanos tornava impossível que desistissem por muito tempo dos ataques e, assim, propôs uma recolonização em ampla escala em três planícies férteis. Na data combinada, em 150, os lusitanos se reuniram em três grupos separados para aguardar a realocação. Galba insistiu em desarmá-los, pois as

armas eram supérfluas para um modo de vida agrário. Então, com a nação em três grupos separados e desarmados, Galba ordenou que o exército romano cercasse um grupo por vez e massacrasse todos – homens, mulheres e crianças. Foi uma atrocidade que revoltou até o mais brutal dos romanos. “Ele vingou traição com traição – um romano sem valor imitando os bárbaros”. (Apiano *Hispânia* 10 [60].)

Nem todos, e provavelmente nem mesmo a maioria dos lusitanos, caíram nessa cilada. Entre os que escaparam estava um pastor chamado Viriato. Como os seus compatriotas sobreviventes, ele jurou vingança a Roma e logo estava comandando diversos grupos de guerrilha que atingiam os romanos a partir de esconderijos seguros nas montanhas.

Esses ataques tornaram-se mais ousados e frequentes, até que, em 147 a.C., os lusitanos lançaram uma grande invasão à vizinha Turdetânia. Eles lutaram contra o exército do propretor Vétio. Os lusitanos entraram em combate com armaduras leves, protegidos principalmente por escudos que variavam entre o celtibero, distintamente espinhoso, e outros menores e mais redondos, chamados de “*targes*”. A principal arma ofensiva era uma lança (a *saunion*) e uma espada formidável do tipo falcata, cuja lâmina curva se parecia com a grande Gurkha kukri. Em combinação com sua ferocidade natural, isso tornava os lusitanos uma força de luta formidável, mas eles não eram páreo para as disciplinadas legiões do melhor exército da antiguidade. Os romanos rapidamente empurraram a maior parte das forças lusitanas para uma cidade fortificada e as cercaram ali.

Desesperados diante da escassez de provisões, os lusitanos ficaram tentados a aceitar os termos oferecidos por Vétio, embora eles tivessem uma similaridade suspeita com aqueles oferecidos anteriormente por Galba. Viriato argumentou vigorosamente contra a rendição e, quando se ofereceu para mostrar uma saída a seus compatriotas, ele foi eleito como líder.

No dia seguinte, ele liderou os lusitanos como se para uma batalha e, então, enquanto os romanos entravam em formação contra eles, os homens das tribos se espalharam, cada um em busca da própria segurança. Apressadamente, Vétio convocou sua cavalaria, mas os cavaleiros não puderam seguir os homens que fugiam porque Viriato havia mantido 1.000 de seus melhores cavalos e cavaleiros para cobrir a fuga dos demais. A cavalaria romana teria de vencê-los primeiro, mas os lusitanos permaneceram fora de alcance e só entraram em escaramuças com os romanos quando seus soldados de infantaria chegaram a terreno acidentado e à segurança. Com cavalos mais ágeis e cavaleiros mais leves, Viriato então se movimentou mais rapidamente do que a cavalaria romana para se reunir ao exército em segurança na cidade de Tribola.



8 Alguns guerreiros lusitanos usavam espadas retas em vez da falcata mostrada aqui e, muitas vezes, carregavam lanças leves para usar nos combates preliminares. Alguns guerreiros usavam saias de malha de metal e outros podem ter usado couraças de linho endurecido, mas as armaduras eram provavelmente mais exceção do que regra.

Vétio os seguiu, e Viriato fingiu retirar-se enquanto guiava os romanos para uma posição adequada a uma emboscada. A emboscada foi um sucesso. Presos entre os lusitanos e um despenhadeiro, cerca de 4.000 romanos foram mortos, entre eles o próprio Vétio. Um oficial romano inferior assumiu o comando dos sobreviventes. Com os homens desmoralizados para a luta, o oficial recorreu ao suborno dos celtiberos e, assim, conseguiu enviar 5.000 homens em batalha contra Viriato. Animados com o sucesso anterior, os lusitanos tiveram pouco trabalho com os celtiberos; segundo Apiano, depois de uma breve batalha todos estavam mortos. Viriato passou então a estocar as despesas de seu país, saqueando amplamente a Carpetânia (na região da moderna Toledo).

O ano 146 a.C. viu outro exército romano entrar na luta, desta vez comandado por C. Pláucio. Mais uma vez, Viriato retirou-se para seu território natal. Ali, em uma colina chamada de Monte de Vênus, os romanos estavam montando acampamento entre as oliveiras quando Viriato atacou e os venceu. Pláucio ficou tão chocado que levou seu exército para a segurança do acampamento de inverno e recusou-se a se mover, mesmo quando Viriato passou a atacar as terras dos aliados de Roma, confiscando e destruindo colheitas e pilhando o importante centro celtibero de Segóbriga. A destruição do exército de Segóbriga foi registrada por um historiador militar romano:

Viriato enviou homens para enfrentar os segobriganos. Quando os soldados viram isso, fugiram em grande número. Os atacantes fingiram fugir e atraíram os segobriganos para uma emboscada na qual foram massacrados.

Frontino *Estratagemas* 3.10.6

Porém, tentar novamente era da natureza dos romanos. No ano seguinte, foi a vez de Quinto Fábio Emiliano, o filho do conquistador de Perseus da Macedônia, com um exército de cerca de 15.000 soldados de infantaria e 2.000 de cavalaria. Enquanto essas tropas estavam dominando Urso (moderna Osuna), ficaram sabendo que Viriato atacara o sucessor de Pláucio, Cláudio Unimano, e quase exterminara seu exército. Os símbolos da posição de Cláudio foram levados como troféus para o forte lusitano.

Depois de encontrar e derrotar outros subordinados de Fábio, Viriato estava preparado para enfrentar o próprio general. Fábio, porém, sabendo que suas tropas eram inexperientes e pouco treinadas, recusou-se a uma batalha decisiva.

A Espanha pôde presenciar os soldados ibéricos repetidamente oferecendo combate a um exército consular que, com a mesma constância, recusava-se a enfrentá-los. Em 144 a.C., Fábio finalmente arriscou-se a um enfrentamento e obrigou os lusitanos a retroceder, mas o dano ao prestígio romano já havia sido feito. Os celtiberos levantaram-se em revolta contra Roma e assim começou a longa e amarga Guerra Numantina (cujo nome vem da capital da Celtibéria, Numância).

O seguinte na sequência de comandantes que testaram suas forças contra Viriato foi Q. Pompeu. Viriato seguiu seu padrão usual sob ataque e se retirou para as montanhas. No mesmo Monte de Vênus que trouxera a derrota a Plúcio, Viriato decidiu cair sobre os romanos. Pompeu perdeu cerca de 1.000 homens e levou os sobreviventes de volta ao acampamento, enquanto Viriato decidia que a excursão de verão de seu exército seria arrasador a área próxima ao rio Guadalquivir.

O ano de 142 a.C. chegou trazendo outro exército romano, desta vez sob o comando de um meio-irmão de Fábio Emiliano – um homem chamado Fábio Serviliano. Como um reflexo da gravidade com que Roma estava começando a considerar as atividades de Viriato, Serviliano estava acompanhado por duas legiões inteiras (cerca de 16.000 homens), 1.600 soldados de cavalaria e um elefante doado pelo rei Micipsa da Numídia (ver Capítulo 4).

Os romanos tiveram alguns sucessos iniciais e obrigaram Viriato a voltar para a Lusitânia. Serviliano também isolou e matou alguns grupos guerrilheiros que estavam operando afastados da força principal de Viriato. Com Viriato em retirada completa, Serviliano retomou diversas cidades que haviam estado sob controle lusitano e, em 141 a.C., tomou a malfadada decisão de sitiá-la uma cidade chamada Erisone (cuja localização atual é desconhecida).

O cerco não foi mantido com firmeza e, à noite, Viriato esgueirou-se para dentro das muralhas, acompanhado por um grande contingente. De manhã, esses reforços e a guarnição da cidade investiram contra os romanos e os pegaram de surpresa. Os romanos retrocederam em completa desordem, perseguidos pela cavalaria de Viriato e com a infantaria em seus calcanhares.

A batalha de retirada terminou em um vale e Viriato havia tomado a precaução de fechar a passagem de saída do vale com uma fortificação resistente. Os romanos foram emboscados exatamente como Fábio Máximo havia emboscado Aníbal quase oitenta anos antes. Porém esse outro Fábio já havia demonstrado que não era Aníbal. Estava completamente indefeso na armadilha que os ibéricos montaram e, então, ele e seu exército encararam a extinção.

Essa não foi uma guerra travada com gentileza e cavalheirismo. Por exemplo, quando Serviliano capturou alguns homens das tribos, ele se certificou de que eles nunca mais pegariam em armas contra Roma cortando as mãos de

900 prisioneiros. E Frontino menciona um massacre de inocentes realizado pelos lusitanos:

Quando Viriato propôs devolver suas esposas e filhos, os habitantes da Segóvia preferiram testemunhar a execução dos entes amados em vez de trair os romanos.

Frontino *Estratagemas* 4.5.22

Devido a essas circunstâncias, deve ter sido com considerável agitação que Serviliano fez a única coisa que lhe era possível, rendendo-se incondicionalmente aos lusitanos. Para sua surpresa e alegria, Viriato impôs apenas condições muito brandas ao inimigo derrotado. Os romanos deveriam se retirar da Lusitânia e reconhecer a independência desse território. O próprio Viriato deveria ser considerado como amigo e aliado do povo de Roma.

Algumas vezes tem sido questionado por que, com o inimigo odiado à sua mercê, Viriato permitiu que ele se safasse com tanta facilidade. Existem várias possibilidades. Uma é simplesmente que Viriato considerava ser esse o fim da guerra. Ele havia derrotado todos que Roma enviara contra ele e, depois, colocara de joelhos um exército consular formado por duas legiões. Roma pediu trégua. A guerra acabara e ele havia vencido. Além disso, Viriato e seus homens podiam estar cansados da batalha constante. Se tivessem atacado o exército romano com suas espadas (e é preciso um exército com estômago forte para massacrar tantos homens), Roma nunca esqueceria nem perdoaria. Por mais que demorasse, seria guerra até a morte. Viriato acreditava que apenas impondo termos brandos poderia celebrar um tratado de paz com o arrogante senado de Roma, e foi o que ocorreu. Seu acordo foi ratificado, embora a contragosto.

A extensão da má vontade tornou-se aparente quando o governador seguinte chegou à província. Servílio Cépio era o irmão do general recentemente derrotado e, certamente, considerava Viriato e os lusitanos como um problema a ser resolvido. Considera-se que Cépio desejava a luta por glória e lucro e para vingar a honra da família. Porém, ele pode também ter percebido que a causa primeira da guerra ainda não havia sido resolvida. Havia mais lusitanos do que suas terras poderiam sustentar e, para que eles e suas famílias sobrevivessem, era preciso saquear as províncias vizinhas. Apesar da amizade da paz recente, esse fato inconveniente não havia deixado de existir e, em algum ponto, os lusitanos teriam de retornar a seu comportamento anterior, especialmente porque agora sentiam que poderiam derrotar os romanos quando quisessem.

Cépio começou uma série de provocações calculadas, testando a tolerância do senado, por um lado, e a paciência de Viriato, por outro. Embora incentivasse Cépio em segredo, o senado não permitiria um rompimento aberto do tratado de paz. Sabendo disso, Viriato recusou-se a ser provocado, mas parece que, em algum momento, alguns dos homens de temperamento mais impaciente

tomaram a questão nas próprias mãos e, finalmente, deram aos romanos o pretexto de que precisavam para romper a paz. A guerra começou em 140 a.C.

Como líder, Cépio inspirava menos seus homens do que Viriato. A princípio, parecia que os problemas entre o general romano e seus homens faria o trabalho pelos lusitanos:

Cépio [...] era uma fonte de problemas para seus próprios homens e eles, por sua vez, chegaram perto de assassiná-lo. Ele era duro e cruel com todos os soldados e, em especial, com a cavalaria. Consequentemente, eles contavam todo tipo de piadas pesadas sobre ele, à noite, e quanto mais ele se enfurecia com isso, mais eles faziam piadas para enfurecê-lo. Embora ele soubesse o que acontecia, não havia ninguém a quem Cépio pudesse acusar diretamente. Ele suspeitou da cavalaria e, sem conseguir responsabilizar um único homem, puniu-os coletivamente. Todos os 600 homens receberam a ordem de cruzar o rio e, sem outra escolta além de seus cavaleiros, coletar madeira na montanha em que Viriato estava acampado. Isso era tão obviamente perigoso que os auxiliares de Cépio suplicaram-lhe que não destruísse a cavalaria. Os soldados esperaram por algum tempo, pensando que ele poderia ouvir a razão. Cépio não mudou de opinião e os soldados da cavalaria não imploraram por suas vidas, sabendo que era isso que ele desejava. Preferindo morrer em vez de dizer algumas palavras respeitadas a seu comandante, cruzaram o rio, com a companhia dos cavaleiros e de outros voluntários. Cortaram a lenha, retornaram cruzando o rio e empilharam a lenha ao redor dos aposentos do general, pretendendo queimá-lo até a morte. E ele teria morrido nas chamas se não tivesse fugido a tempo.

Cássio Dio *História Romana* 22.78

Mesmo com o moral baixo, o exército romano era grande e perigoso e, assim, Viriato recorreu a sua tática usual de retroceder diante de um inimigo agressivo. Ele havia pegado em armas com relutância e ainda achava que um acordo era possível. Desse modo, enviou seus consultores de maior confiança – três homens chamados Audax, Ditalco e Minurus – para ver quais termos seriam aceitáveis para Roma.

Devido ao temperamento de seus homens, Cépio sabia dos riscos da batalha com Viriato, tanto para a causa romana quanto para si mesmo. Portanto, ele experimentou outra tática. Os enviados de Viriato foram tratados como parte da realeza e sentiram-se dominados pela suntuosidade do acampamento de Cépio no campo de batalha. Cépio garantiu-lhes que poderiam ter esse padrão de vida e muito mais. Tudo o que precisavam fazer era matar Viriato e receberiam uma polpuda recompensa. Devido aos frequentes alarmes noturnos, Viriato dormia vestido com sua armadura. Por outro lado, ele também recebia mensageiros e seus homens de confiança a qualquer hora e, assim, os delegados que

retornavam puderam entrar sem perguntas na tenda de Viriato. Uma vez lá, eles esfaquearam seu líder na garganta – o único ponto em que a armadura não o protegia – e fugiram para as linhas romanas antes que o assassinato fosse descoberto.

A traição ibérica foi paga com traição romana. Céprio friamente assegurou aos assassinos de que eles haviam entendido mal o que havia sido dito, pois ele nunca os teria incentivado a matar seu próprio comandante. Os assassinos foram expulsos do acampamento romano sem um centavo de recompensa por seu ato.

Os lusitanos ficaram pesados e desmoralizados com o assassinato de seu líder. Eles lhe deram um funeral magnífico e elegeram um homem chamado Tântalo como seu sucessor. Porém, sua causa perdera o ânimo e o moral dos romanos estava mais alto. Céprio obteve facilmente a vitória que havia escapado a seus predecessores e os lusitanos foram obrigados a pedir a paz. Com sabedoria, Céprio fez exatamente o que Galba havia prometido em 150. Uma década de guerra havia diminuído em muito a população do país e então Céprio pôde cumprir a promessa romana de instalar os lusitanos em terras férteis o bastante para sustentá-los sem que tivessem de recorrer a pilhagens. A Ibéria ocidental estava em paz. O que generais honrados não tinham conseguido em anos de guerra aberta, um valentão traçoeiro conseguira por meio de um engodo em uma única campanha.

Pouco se sabe de Viriato, o homem, em comparação com Viriato, o comandante. Sabe-se que ele tinha um genro (a quem ele supostamente matou para que não se rendesse aos romanos) e, portanto, por dedução, uma esposa e uma filha (Diodoro faz um relato fantasioso de seu casamento). Nada sabemos de sua aparência e, quanto a sua personalidade, temos de nos basear nos relatos dos romanos que pareciam admirar bastante seu adversário:

Viriato era de origem muito obscura, mas obteve grande fama por suas ações. Ele passou de pastor a ladrão e daí a general. Começando com uma aptidão natural e desenvolvendo-a pelo treinamento, ele era rápido na perseguição e na fuga, e tinha muita energia em combates corpo a corpo. Ele ficava feliz com qualquer alimento em que pudesse pôr as mãos e se satisfazia em dormir ao relento. Consequentemente, estava acima do sofrimento com frio ou calor e não se perturbava com a fome nem com qualquer outra dificuldade; contentava-se da mesma maneira com o que estivesse à mão e com o de melhor qualidade.

Por meio natural e de treinamento, ele tinha uma forma física magnífica, mas sua inteligência e sua astúcia eram ainda melhores. Ele podia planejar e executar rapidamente o que fosse preciso fazer e sempre tinha uma ideia clara a esse respeito. Além disso, sabia exatamente quando agir. Podia fingir ignorar os fatos mais óbvios e, com igual esperteza, esconder seu

conhecimento dos segredos mais ocultos. Em tudo o que fazia, era não só o general, mas também seu próprio braço direito. Suas origens obscuras e sua reputação de força eram tão equilibradas que ele não parecia nem inferior nem superior aos demais, e não era nem humilde nem arrogante. Resumindo, ele travava guerra não por ganho, poder ou vingança pessoal, mas pela própria ação de lutar; considerava-se que ele gostava muito de lutar e que era um mestre nessa arte.

Cássio Dio fragmento 78

CAPÍTULO 4

JUGURTA: AMBIÇÃO E TRAIÇÃO

...muito versátil ao se adaptar às mudanças em seu destino e possuía uma combinação de grande astúcia e coragem. *Plutarco*
Vida de Mário 12

No ano 112 a.C., um pequeno grupo de diplomatas chegou da África com um apelo desesperado ao senado romano.

Não é minha culpa, pais do senado, que eu tenha de me voltar novamente a vocês. Sou obrigado a fazer isso por causa da violência de Jugurta. Ele deseja tão desesperadamente me destruir que não dá atenção nem a vocês nem aos deuses imortais. Mais do que qualquer outra coisa, ele tem sede de meu sangue. É por isso que, embora eu seja um aliado e amigo do povo de Roma, ele vem me sitiando há mais de quatro meses. Nem os exércitos de meu pai Micipsa, nem seus decretos me foram de qualquer auxílio; não sei o que mais me oprime, se a espada ou a fome.

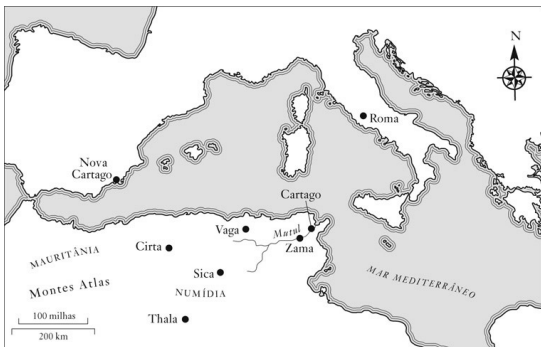
[...] Como eu fui criado meramente para ser um monumento aos crimes de jugurta, não rezo mais por ser poupado da morte ou da infelicidade; quero apenas fugir da tirania de meu inimigo e evitar a tortura física. Quanto à Numídia, podem ficar com ela – ajam como preferirem, mas mantenham-me fora do alcance das mãos ímpias de Jugurta.

Salústio *Jugurta* 23-25

A carta foi escrita por Aderbal, primo de Jugurta, que considerava Jugurta tanto uma violenta força da natureza quanto um rival ao trono. Que tipo de homem poderia atacar um amigo leal de Roma, usurpar seu reino e, depois, desafiar o senado romano a agir do pior modo possível? Essa, em resumo, era a política de Jugurta, embora ele bem conhecesse o poderio de Roma. Quando Cipião Emiliano destruiu a Numância na Espanha, Jugurta estava lá, não como observador, mas como um soldado que lutava no lado romano.

Jugurta era da Numídia, um reino africano aliado de Roma desde que Massinissa, o avô de Jugurta, aliara-se aos romanos contra Aníbal. Jugurta era o filho ilegítimo de Mastanabal, o mais jovem dos filhos de Massinissa. Era improvável que ele sucedesse ao trono, mas ele era popular, tinha boa aparência

e muita energia. O sucessor de Massinissa, Micipsa, decidiu que esse jovem poderia gastar sua energia em outro lugar e enviou-o com um contingente numídeo para apoiar a guerra de Cipião na Espanha. Micipsa não teria ficado triste se Jugurta não tivesse retornado.



9 África do Norte depois de Aníbal. A destruição de Cartago deixou um vácuo de poder que Jugurta planejava preencher. As legiões romanas eram imbatíveis nas planícies costeiras, mas tinham dificuldade para acompanhar Jugurta em seu próprio território.

Porém, Jugurta mostrou ter um talento natural como soldado. “Por sua obediência inquestionável e sua indiferença diante do perigo, ele logo se tornou um herói para os romanos e um terror para os inimigos”, diz o historiador Salústio, que é nossa principal fonte para a história de Jugurta. Salústio cita a forte recomendação de Cipião Emiliano com que o jovem herói retornou até Micipsa.

“Estou certo que você ficará feliz ao saber que, nesta guerra, seu sobrinho Jugurta distinguiu-se dos demais. Eu tenho muita consideração pelo que ele fez por nós e farei tudo o que for preciso para transmitir essa estima para o senado e o povo romanos. Falando como amigo, tenho de congratulá-lo pessoalmente por encontrar um homem digno de você e de seu pai.”

Salústio *Jugurta* 8

Micipsa entendeu a sugestão e, obedientemente, adotou Jugurta. Ele tornou

Jugurta herdeiro conjunto com seus próprios filhos, Hiempsal e Aderbal e, em seu leito de morte, em 118 a.C., deixou seus filhos aos cuidados de Jugurta. Mais tarde, Jugurta disse que Micipsa estava senil e sugeriu que todos os seus decretos recentes fossem cancelados. O jovem Hiempsal concordou e sugeriu que a adoção de Jugurta, ocorrida três anos antes, também deveria ser cancelada. Logo depois disso, soldados entraram na casa em que Hiempsal estava alojado, descobriram-no oculto nos aposentos das empregadas e o mataram. Depois, levaram sua cabeça para Jugurta.

Aderbal rapidamente pegou em armas. Ele tinha a maioria do povo a seu favor, mas Jugurta tinha os melhores soldados e mais capacidade militar. Aderbal foi derrotado e obrigado a fugir para a província romana da África que havia sido criada no território da Cartago conquistada.

Jugurta havia aprendido mais do que arte militar na Espanha. Ele sabia que o sucesso ou o fracasso em Roma dependiam de assumir um mandato e que as eleições, até mesmo para as magistraturas inferiores, eram incrivelmente caras. Aderbal chegou a Roma com o direito a seu lado e com um pedido de justiça. Os enviados de Jugurta chegaram com ouro. Para indignação dos romanos não subornados, Jugurta obteve um decreto que dividia o reino entre ele e Aderbal, sendo que Jugurta recebeu a parte mais rica.

Esse acordo durou por alguns anos enquanto Jugurta consolidava seu novo reino e o colocava em condições de lutar e por mais alguns meses depois disso, enquanto Aderbal continuamente se recusava a responder às provocações de Jugurta, cada vez mais violentas. Finalmente, Jugurta perdeu a paciência e invadiu ostensivamente as terras de Aderbal, obrigando-o a retornar rapidamente à cidade-fortaleza de Cirta.

Isso, e os apelos ardentes de Aderbal a Roma (um dos quais inicia este capítulo), levaram uma comissão de Roma a investigar a questão. Jugurta alegou que Aderbal havia tentado matá-lo e fez bom uso de sua amizade com Cipião. Então, assim que teve certeza de que a comissão havia deixado a África, ele retomou o cerco. Em resposta às mensagens cada vez mais agitadas de Aderbal, os romanos enviaram outra comissão, desta vez composta por senadores seniores, incluindo o grande Marcus Aemilius Scaurus.

Jugurta calmamente recusou-se a fazer qualquer concessão. A comissão retirou-se, frustrada, e os defensores de Cirta, abandonados por Roma, foram obrigados a capitular. Jugurta ofereceu a vida aos defensores e a Aderbal em troca da rendição; mas assim que entrou na cidade, Jugurta assassinou todos os homens adultos que capturou. Aderbal, como havia temido, foi torturado até a morte.

Quando a notícia da queda de Cirta chegou a Roma, em 112 a.C., a guerra tornou-se inevitável, até porque muitos dos defensores de Cirta haviam sido comerciantes italianos com amigos e patronos no senado. Quando o filho de

Jugurta chegou para acalmar os romanos com palavras gentis e muito dinheiro, recebeu a ordem de voltar para casa a menos que pretendesse oferecer uma rendição incondicional.

O cônsul L. Calpúrnio Béstia chegou à África com um grande exército e começou as operações imediatamente. Jugurta respondeu com sinais de paz que foram aceitos pelo romano. Foi firmado um tratado de paz pelo qual Jugurta tinha de declarar sua submissão a Roma, pagar uma indenização modesta e entregar 30 elefantes. Considerando-se a extensão dos atos de Jugurta, essa foi uma punição realmente leve. Houve uma suspeita quase universal de que Jugurta, mais uma vez, tinha conseguido se livrar de problemas por meio de suborno, embora ele possa simplesmente ter sido extremamente afortunado.

Roma estava sendo ameaçada pelo norte por um grande exército migratório de homens das tribos alemãs, que já haviam derrotado um exército comandado pelo arrogante e incompetente Papírio Carbo. Em III a.C., a tempestade estava contida, mas a elite romana sabia que, a qualquer momento, a horda bárbara podia atravessar os Alpes. Béstia pode ter decidido que esse não era um bom momento para que Roma se envolvesse em uma aventura africana, combinando uma sólida diplomacia com o recebimento de uma grande contribuição em dinheiro paga por Jugurta.

O povo romano suspeitou de um embuste, e uma comissão foi criada para investigar exatamente a quem Jugurta havia pagado. O rei numídio foi convocado a Roma e recebeu a promessa de imunidade em troca de seu depoimento. Jugurta foi, mas antes que pudesse dizer uma palavra para a comissão, um tribuno deu um passo à frente e proibiu-o de falar. Jugurta deve ter considerado todo o procedimento como uma farsa, mas fez bom uso de seu tempo em Roma. Massiva – outro neto de Massinissa – estava afirmando seu direito ao trono da Numídia, apontando a evidente inadequação de Jugurta, e então Jugurta ordenou que seu rival fosse assassinado. Ele praticamente nem tentou ocultar sua culpa, e os romanos, respeitando o salvo-conduto de Jugurta, só podiam ordenar-lhe furiosamente que deixasse a Itália de imediato.

Existe uma história de que, enquanto Jugurta estava saindo de Roma, ele olhou para trás e comentou: “Essa é uma cidade à venda; assim que encontrar um comprador, ela estará condenada”.

Provavelmente, Jugurta acreditava mesmo que Roma estava podre até o cerne. Ele podia fazer qualquer coisa e, para evitar a punição, precisava apenas subornar um general ou um político. Apesar da polêmica de Salústio (que, antes de ser historiador, fora um político de uma facção hostil à oligarquia romana governante), o governo de Roma ainda tinha princípios suficientes para se sentir afrontado por essa suposição. Não haveria mais acordos de paz.

Em IIo a.C., Jugurta foi seguido até a África por um exército comandado por Póstumio Albino, o ultrajado patrono do falecido Massiva. Póstumio pouco

conseguiu antes de ter de retornar a Roma para as eleições, deixando seu irmão Aulo para confrontar Jugurta. O rei abriu negociações de imediato, embora provavelmente soubesse que a situação não poderia mais ser resolvida com um suborno rápido. Entretanto, Jugurta arrastou as conversações até quase o final da temporada de campanhas. Sem ter nada para mostrar do tempo em que estivera no comando, Aulo tentou compensar atacando a cidade de Suthul, onde Jugurta mantinha boa parte de seu tesouro. Ele nunca chegou à cidade.

A maior característica de Jugurta era sua ousadia. Sem esperar que os romanos chegassem, ele lançou um ataque surpresa ao acampamento deles e reduziu a pedaços boa parte do exército romano, obrigando o restante a se render. Esses cativos tiveram de passar sob o jugo, um gesto simbólico pelo qual cada soldado derrotado reconhecia a superioridade do inimigo. Depois de infligir aos homens de Albino essa que era a maior humilhação possível para um exército tradicional, jugurta deu aos romanos 11 dias para deixarem o país.

A derrota romana não se deveu apenas à capacidade superior de Jugurta como general. Ele estava em terreno conhecido e as legiões, devastadoramente efetivas nas baixas planícies costeiras, tinham dificuldades no planalto elevado do interior da Numídia. Nesse local, uma mistura de arbustos e terreno acidentado dificultava o movimento. Os verões eram quentes e áridos e, na primavera e no inverno, os ventos frios sopravam do Mediterrâneo para as montanhas, trazendo chuvas que transformavam as poucas estradas em lama e cada leito de riacho em uma torrente. Os suprimentos vindos da costa tinham de ser levados pelas montanhas com densa vegetação de coníferas e sempre-vivas e que também eram densamente povoadas por bandidos prontos a atacar qualquer comboio com pouca guarda.

Nos locais em que o terreno era aberto, os romanos tinham de enfrentar a formidável cavalaria de Jugurta. Esses homens haviam sido cavaleiros nômades apenas há algumas gerações e se readaptaram facilmente a seu ambiente semidesértico. Com armaduras mais leves do que as de seus oponentes romanos, tinham mais mobilidade e conheciam o terreno muito melhor. Em resumo, Numídia não era um inimigo fácil para a força expedicionária romana.

A vitória de Jugurta produziu uma fúria venenosa em Roma. Um cartel corrupto de oligarcas poderia ter decidido diminuir suas perdas e terminar a guerra, mas se essa era a visão que Jugurta tinha do governo de Roma, o exército que desembarcou em suas praias em 109 a.C. deve ter sido um grande choque para ele. O comandante romano, Quinto Cecílio Metelo, não apenas era um soldado tão bom quanto Jugurta, como também era famoso por ser incorruptível. Alarmado, juguta tentou iniciar negociações de paz. Metelo mostrou-se pronto a conversar.

Quando Jugurta enviou uma mensagem a Metelo a respeito da paz, este fez

muitas exigências, uma por uma, como se cada uma delas fosse a última e, deste modo, recebeu dele os reféns, armas, elefantes, prisioneiros e desertores. Todos os desertores foram mortos; mas ele não concluiu a paz, pois Jugurta, temendo ser aprisionado, recusou-se a ir até ele.

Cassius Dio *História Romana* 26.89

Jugurta ficou amargamente desapontado ao descobrir que Metelo estava adiando a luta – usando as próprias táticas de Jugurta – enquanto treinava e aclimatava seu exército. Então, Metelo atacou do oeste, dominando a cidade comercial de Vaga e lutando contra Jugurta nas margens do rio Muthul. Antes da batalha, Jugurta fez a seus homens uma breve, mas precisa exortação.

“Vocês já lutaram antes contra esses homens, derrotaram-nos e os fizeram passar sob o jugo. Eles não serão mais bravos sob o novo comandante, enquanto eu dei a vocês tudo que um soldado pode esperar de seu general. Vocês não estão em menor número nem têm qualidade inferior. Vocês conhecem a terra, e sabem o que é esperado de vocês. Os romanos não sabem o que irão enfrentar”.

Salústio 49

E, sem dúvida, a batalha foi intensa. Ela não foi particularmente sangrenta, pois os numídios, com armaduras mais leves, não podiam ferir gravemente a infantaria romana mais pesada, nem podiam ser facilmente pegos por ela. Porém, depois da batalha, muitos dos soldados de Jugurta – em sua maior parte criadores de gado e fazendeiros pobres – simplesmente se dispersaram e voltaram para casa. Eles haviam cumprido seu dever para com o rei na batalha, mas agora tinham de cuidar de seus afazeres.

Jugurta tentou montar um novo exército enquanto seus oponentes tentavam ocupar tantas cidades dominadas por Jugurta quanto possível. Jugurta enviou constantemente mensageiros em busca de paz, e Metelo fez esforços irrestritos para jogar esses enviados contra ele. Até mesmo Bomílcar – o homem que havia assassinado Massiva – foi subornado e Jugurta foi obrigado a executá-lo para impedir uma trama contra sua vida.

Havia certa ironia na situação: o homem que Jugurta não podia corromper estava usando contra ele suas próprias armas: corrupção, engodo e adiamento. Pelo resto de sua vida, Jugurta não pôde confiar em ninguém, e todo ajudante próximo era um assassino em potencial. A atmosfera de medo e suspeita que resultou fez com que muitos dos conselheiros mais próximos de Jugurta o abandonassem antes de também serem acusados de tramar contra seu líder.

A campanha de 109 a 108 a.C. terminou de modo inconclusivo. Jugurta havia perdido outra grande cidade, Sicca, mas havia mantido os romanos fora de Zama e retomara a cidade de Vaga por meio de traição. Com seu comando renovado

por mais um ano, Metelo recuperou Vaga e empurrou Jugurta para Thala, em um local atualmente desconhecido. Ali Jugurta resistiu, mas foi derrotado e obrigado a fugir, deixando muitos de seus suprimentos e boa parte de seu tesouro para trás. Thala foi um golpe amargo, pois Jugurta julgara que seu isolamento e aridez iriam torná-la inacessível aos romanos.

Mas se a sorte favorece os bravos, ela pareceu então oferecer alguma recompensa a Jugurta por sua resistência corajosa. Metelo foi retirado do comando pelas tramas de Mário, seu subordinado, e Bocchus – rei da Mauritânia – começou a se interessar pelos assuntos de seu vizinho. Bocchus era um aliado antigo de Jugurta e havia se casado com a filha deste. Ele percebeu uma vantagem para si mesmo na situação e se sentiu mais inclinado a se aliar com o sogro do que com os romanos, que lhe pareciam vizinhos perigosos.

Mário havia percebido a inutilidade de perseguir Jugurta por todo o seu reino. Em vez disso, ele metodicamente reduziu o número de fortes e cidades leais a Jugurta, privando o rei de uma base em seu próprio domínio. Desesperado, Jugurta prometeu um terço de seu reino a Bocchus em troca do apoio deste.

A Numídia e a Mauritânia uniram forças e atacaram Mário enquanto ele se retirava para o acampamento de inverno. Apesar de estar em menor número e de ter sido tomado de surpresa, o exército romano mostrou-se magnificamente disciplinado e muito bem conduzido pro seu general. As legiões encenaram uma retirada com luta em direção a algumas colinas próximas, depois reagiram e repeliram os numídios. Mais uma vez, Jugurta fez um julgamento equivocado e supôs que Mário fosse um subordinado conspirador em vez de um comandante altamente qualificado. (É interessante saber que Jugurta talvez tivesse conhecido Mário pessoalmente, pois este também havia servido com Cipião Emiliano, na Espanha.)

Os romanos retomaram sua marcha e, dois dias depois, Jugurta atacou novamente. No auge da batalha, tentou usar seu conhecimento de latim, passando pelas linhas romanas e exibindo uma espada ensanguentada com a qual, ele garantiu aos legionários atônitos, havia morto Mário pessoalmente. Isso era uma mentira, mas plausível, pois ambos os comandantes lideravam na frente de batalha e, com as duas linhas envolvidas em combate, era impossível para a maioria dos soldados da infantaria romana saber como seu comandante estava se saindo. Em uma ocasião, diz-se que Jugurta...

[...] a fim de manter seus homens no campo e esperando chegar à vitória que parecia perto, terminou no meio da cavalaria romana, separado de seus companheiros dos dois lados. Ele mesmo teve de abrir seu caminho em meio a uma tempestade de golpes.

Salústio *Jugurta* 101

Uma carga da cavalaria romana para o flanco finalmente quebrou o exército de

Jugurta e o inutilizou como força de luta (como costumavam fazer depois de um problema, os numídeos dispersaram-se de imediato). Isso deixou Jugurta totalmente dependente de Bocchus, que havia se retirado de campo ao primeiro sinal de dificuldade e, portanto, tinha forças praticamente intactas.

Mas o rei mouro, tendo visto os romanos em ação, estava repensando sua aliança. Ele sondou Roma discretamente sobre a possibilidade de um acordo de paz. O senado respondeu que Bocchus teria de merecer o perdão e enviou Lúcio Cornélio Sula, um dos agentes de Mário, para continuar as negociações. Essas notícias logo chegaram a Jugurta, que havia plantado cuidadosamente espiões no acampamento de seu aliado. Em certa ocasião, ele suspeitou de Volux, filho de Bocchus, e seguiu Bocchus para ver o que Volux estava fazendo. Volux e sua cavalaria encontraram Sula e, ao retornar, passaram pelo acampamento numídeo. Jugurta evidentemente não tinha um espião na comitiva de Volux, pois não sabia que Sula estava escondido entre os seguidores de Volux.

Assim que Sula chegou à corte de Bocchus, Jugurta ficou sabendo de imediato. Ele sugeriu prontamente que o romano lhe fosse entregue como refém, enquanto Sula dizia a Bocchus que a paz com Roma dependia de ele entregar Jugurta. Isso deixou o rei com o interessante problema de escolher a quem trair: seu sogro ou o enviado romano com o poderio de Roma às suas costas. Depois de oscilar de um lado para o outro, Bocchus finalmente convidou suas duas vítimas em potencial para uma conferência. Ambos foram sem demora, pois Bocchus jogara um contra o outro e prometera a cada um deles que lhe entregaria o outro.

A conferência começou com os dois lados esperando que Bocchus desse o sinal que faria com que seus soldados saíssem da emboscada. O sinal foi dado e os companheiros de Jugurta foram liquidados. O rei numídeo foi preso e entregue, com toda cerimônia, ao triunfante (e muito aliviado) Sula.

A captura de Jugurta e a rendição de Bocchus colocaram um ponto final na Guerra da Numídia. Como recompensa por escolher o lado certo, Bocchus recebeu a parte da Numídia que havia pedido a Jugurta e a promessa de que o reino seria entregue a outro dos numerosos descendentes de Massinissa. Os filhos de Jugurta foram poupados e exilados para a cidade italiana de Venúcia.

Em 104 a.C. Jugurta voltou a Roma. Os romanos não estavam mais interessados nas batalhas políticas de cinco anos antes, quando o depoimento de Jugurta havia sido tão disputado. Roma estava sob ameaça de extinção pelas hordas cimbrias, como o senado temera, e o rei cativo recebeu outra missão: ser exibido acorrentado pelas ruas de Roma como um sinal do triunfo de Mário a fim de aumentar o moral romano. Plutarco relata:

Enquanto estava sendo conduzido em triunfo, ele enlouqueceu. Na prisão, sua túnica fora rasgada de seu corpo e o desejo por seu brinco de ouro foi tão

ganancioso que o lóbulo de sua orelha foi rasgado. Então, ele foi jogado, nu, no poço. Ele olhou ao redor, em total confusão e disse com um sorriso: “Por Hércules, este banho romano é frio!”

Plutarco *Vida de Mário* 12

O “poço” era a masmorra mais temida em Roma – o Tuliano. (Essa masmorra havia anteriormente sido uma cisterna de água, ou *tullus*, e hoje é uma capela, pois supostamente aprisionou São Pedro mais de um século depois.) A única entrada era por um alçapão no teto. Depois de ser jogado ali, não havia nenhum modo de um prisioneiro fugir, exceto uma intervenção divina. Ali, naquela cela, enquanto Mário desfrutava o banquete da vitória, Jugurta foi deixado no silêncio e na escuridão até que os carrascos chegaram para matá-lo por estrangulamento. Ou, segundo outra lenda, Jugurta foi deixado para uma morte lenta por inanição. Isso teria, ao menos, lhe dado tempo para se preparar para o encontro final com o considerável número de espíritos vingativos que esperavam que ele se juntasse a eles.

PARTE II

MITRÍDATES

ESPÁRTACO

VERCINGETORIX

ORODES II

CLEÓPATRA

Tramas, traição e guerra civil – a morte lenta da República Romana

Por volta de 100 a.C., a complacência do senado romano estava começando a oscilar. Vinte anos antes, o poder do senado parecia indestrutível. O programa interno de reforma dos irmãos Graco fora rejeitado com um mínimo de concessões enquanto no exterior Roma não enfrentava nenhuma ameaça militar séria. Seus exércitos dominavam do Mar Negro ao Atlântico. Guerras mesquinhas continuavam contra os espanhóis e algumas tribos alpinas agitadas, mas a aristocracia guerreira de Roma considerava-as como oportunidades de glória em vez de problemas a superar.

Então, veio uma série de contratempos. Uma guerra relativamente pouco importante na África transformou-se em uma campanha estendida. Embora o enérgico e competente Metelo Numídio ajudasse a vencer essa guerra, a incompetência militar e a corrupção desavergonhada de seus “melhores” prejudicou gravemente a fé das pessoas comuns no sistema.

Elas se voltaram para o demagogo Caio Mário. Para o público romano, a principal qualificação de Mário para um cargo elevado era sua amarga desaprovação de tudo o que a classe governante romana representava. Mário assumiu o comando na África e logo acabou com a guerra. Para conseguir os recrutas extras de que necessitava, Mário tornou os *capite censi* – aqueles que eram pobres demais para ter o próprio equipamento militar – elegíveis para o serviço militar, usando dinheiro do estado para pagar por suas armas e armaduras.

Enquanto Mário ainda era cônsul, a migração de uma grande tribo alemã, os cimbrós, ameaçava as fronteiras ao norte de Roma. Por causa da estupidez arrogante de seu comandante, o exército enviado para impedi-los foi arrasado totalmente, quase até o último homem. Roma foi salva pela sorte, pois os cimbrós decidiram saquear a Espanha antes de se voltar para a Itália. Quando eles voltaram, Mário estava esperando com um exército cuidadosamente treinado e destruiu os invasores no norte da Itália. No entanto, Roma tinha problemas que não podiam ser resolvidos pelo poderio militar.

A aristocracia de Roma estava pagando pela teimosia da geração anterior. Os conservadores (os *optimates*, ou “melhores homens”, como chamavam a si mesmos) haviam derrotado os reformadores sociais com violência brutal em vez

de pelo debate racional. Agora a reação estava se manifestando, e a eleição de Mário foi apenas um sintoma da insatisfação entre o eleitorado. Eles elegeram demagogos radicais para o tribunato, um cargo que tinha um apelo distinto para os reformadores. Os tribunos desfrutavam uma posição especial em Roma. Podiam proteger seus concidadãos, vetando leis opressivas e até mesmo prender o próprio cônsul. Acima de tudo, os tribunos podiam propor projetos de lei e usar sua considerável autoridade para transformá-los em leis.

Isso foi feito pelo infame Saturnino e novamente nos anos 90 a. C. pelo generoso Lívio Druso. Druso havia identificado uma importante falha na sociedade romana: a cidadania. Roma agora distribuía esparsamente o privilégio da cidadania, e aqueles que desfrutavam de suas consideráveis vantagens relutavam em compartilhar seus benefícios. Isso enraivecia os povos submetidos da Itália. Muitos deles haviam servido ao lado das legiões nas guerras de Roma e eram parte integral da máquina de guerra romana. Quando Druso foi assassinado, a frustração do povo italiano explodiu em uma rebelião que ameaçou a própria existência de Roma.

Essa rebelião foi chamada de Guerra Social a partir da palavra latina *socii* ou “aliados”. Nessa guerra, o exército de Roma, em grande medida, lutou contra si mesmo. Em vez dos bárbaros ou das hordas asiáticas, os romanos confrontaram um exército disciplinado e altamente motivado que lutava no mesmo nível, de manobra a manobra. Roma só “venceu” essa guerra ao dar a cidadania para todos os rebeldes que depusessem suas armas. Isso significou que o exército romano passou a incluir soldados que tinham lutado contra Roma alguns anos antes. Muitos eram das tribos das montanhas, com pouca experiência de democracia e ainda menor lealdade para o senado. Eles marchavam sob a bandeira do SPQR (*Senatus Populusque Romanus* – “o senado e o povo de Roma”), mas na verdade eram leais principalmente a si mesmos e a seu general, em especial porque as mudanças instituídas por Mário significavam que os *capite censi* dependiam de seu general para obter terras nas quais se instalariam depois de prestar serviço com as legiões.

A atmosfera política venenosa de Roma não ajudava. O estado estava polarizado entre conservadores obstinados e demagogos radicais que se revezavam no ataque contra qualquer um que tentasse assumir uma postura política intermediária. Era apenas uma questão de tempo até que um dos perdedores dessa amarga batalha política buscasse apoio no exército.

O homem que fez isso foi Lúcio Sula. Roma caiu diante de seus próprios soldados, primeiro liderados por Sula, depois por seus adversários e, então, mais uma vez por Sula. Cada queda foi seguida por um massacre sangrento das famílias mais influentes de Roma. Marco Crasso, do aristocrático clã Licínio, foi obrigado a fugir para a Espanha. Júlio César, parente de Mário pelo casamento, foi retirado de seu esconderijo e salvo da execução no último minuto.

A guerra não se confinou à Itália. O domínio de Roma na Ásia Menor resultou na maior transferência de capital na história antiga quando os dominadores romanos extraíram cada grama de ouro dos infelizes provincianos para pagar por sua luta destrutiva.

O rei de Ponto, **Mitrídates** (Capítulo 5), era um monarca enérgico e ambicioso. Roma havia devorado lentamente os pequenos reinos que surgiram depois da queda do Império Selêucida, e Mitrídates estava determinado a impedir que Ponto se transformasse em outra vítima de Roma. Quase imediatamente depois que subiu ao trono, Mitrídates começou a expandir e fortalecer seu reino. Era difícil fazer isso sem antagonizar Roma, especialmente com os generais romanos ambiciosos pela glória e despojos que vinham com a conquista. De modo inevitável, Mitrídates provocou Roma várias vezes e a guerra irrompeu. Enquanto os romanos estavam distraídos pela guerra civil entre Mário e Sula, Mitrídates capturou as cidades gregas da Ásia Menor. Sua ordem para que os romanos e italianos nessas cidades fossem executados foi obedecida com entusiasmo. No entanto, mesmo com seus líderes envolvidos em uma guerra civil, os exércitos de Roma continuavam a ser temíveis. Em certo ponto, Mitrídates só escapou de ser feito prisioneiro porque o exército e a frota romana estavam em lados diferentes de um conflito civil e não se ajudavam mutuamente nem mesmo para capturar um de seus maiores inimigos.

Os romanos invadiram Ponto diversas vezes, mas uma das maiores forças de Mitrídates era a determinação de seu povo de não ser integrado ao Império Romano. Cada cidade e castelo resistiram aos romanos e o interior do país era hostil. Quando Mitrídates foi expulso de Ponto, seus súditos continuaram a lutar e o receberam entusiasmados quando retornou. Como na Espanha, do outro lado do Império, a reputação de Roma como um governo corrupto dificultou ainda mais o trabalho de seus exércitos.

Mesmo enquanto a guerra contra Mitrídates continuava, a Itália era abalada nos anos 70 a.C. pela revolta de **Espártaco**, o gladiador (Capítulo 6). O fato de que um obscuro bandido da Trácia pudesse aterrorizar a Itália de tal modo refletia o mal-estar que tomava conta do estado. Espártaco era um escravo sob uma sentença de morte, na camada inferior da hierarquia social romana. Em teoria, ele deveria ter sido um homem do qual todos se afastavam com desdém e desprezo. No entanto, as pessoas comuns da Itália estavam tão marginalizadas que, em vez de resistir a Espártaco, elas aderiam aos milhares a ele. As gerações posteriores dos romanos consideraram a revolta de Espártaco como um episódio profundamente humilhante em sua história. Que tivessem de falar sobre uma turba de escravos fugidos e gladiadores como se fossem inimigos valorosos de Roma já bastava para ser constrangedor. Que tivessem sido derrotados por essa turba em uma batalha depois da outra era uma vergonha que os romanos sentiam profundamente. O modo como Espártaco conseguiu suas vitórias deixou os

historiadores perplexos. Não existe nenhuma dúvida de que ele era um líder e um general de primeira classe, e foi apenas quando os romanos relutantemente reconheceram esse fato que a maré se voltou contra Espártaco.

Os romanos deram o comando da campanha contra Espártaco a Marco Crasso, um plutocrata e general muito experiente. Ele era um político astuto, e seu agudo tino para os negócios tornou-o por algum tempo o homem mais rico de Roma.

Embora tivesse vencido Espártaco, Crasso foi suplantado em prestígio popular por Pompeu, que conseguiu uma enorme riqueza nas campanhas na Ásia Menor. O papel do dinheiro e sua influência na política romana deu tal poder a Pompeu que ele, às vezes, ofuscava as instituições do estado de um modo que se parecia ao dos últimos imperadores de Roma. No entanto, Pompeu tinha rivais pelo poder. O senado, liderado pelo jovem e idealista Cato, perseguia-o sempre que possível. E, nas ruas, o povo romano era liderado pelo impetuoso Clódio, um Claudiano da nata da aristocracia que defendeu a causa popular até ser morto em uma revolta.

Outro jovem aristocrata parecia pronto para assumir o lugar de Clódio: o ambicioso e inescrupuloso Júlio César. Acreditava-se que César estivera envolvido na trama do aristocrata decadente Catilina para assumir o poder em um golpe. A conspiração de Catilina foi frustrada pelo cônsul e orador Marco Cícero, e César conseguiu escapar à punição em parte por ser protegido pelo poderoso Marco Crasso.

Crasso e César uniram forças com Pompeu. Sua parceria, mais tarde chamada de Primeiro Triunvirato, dominou a cena política romana e permitiu que César obtivesse o governo no sul da Gália. César não tinha ordens do senado para expandir as fronteiras de Roma para o norte; de fato, a maior parte do senado lhe era tão hostil que não queriam ter lhe dado nenhum comando no estrangeiro. César, por outro lado, desejava uma guerra exatamente pela mesma razão que o senado não queria que ele a travasse: a vitória lhe traria riquezas e glória que poderiam ser convertidas em maior poder político.

Assim, as Guerras da Gália, que foram travadas por César e que levaram à morte e expropriação de milhões de pessoas, não foram lutadas nem por vantagem estratégicas nem para defender o estado romano. Elas aconteceram para que um aristocrata ambicioso e cruel pudesse melhorar sua posição nas lutas políticas de Roma.

Um jovem nobre gaulês, **Vercingetorix** (Capítulo 7), liderou a resistência às legiões de César. A liderança inspirada de Vercingetorix e o medo de Roma conseguiram o feito sem precedentes de unir as tribos rivais da Gália contra o invasor. Mas essa rebelião heroica estava fadada ao fracasso. Vercingetorix era suplantado em quase todas as esferas da guerra e mesmo sua vantagem numérica era consideravelmente menor do que o relatado por César. Entretanto,

Vercingetorix forçou César a apostar sua carreira e sua própria vida no resultado de um único cerco e, por algum tempo, César não tinha certeza de que venceria. Finalmente, porém, a Gália foi conquistada e incluída no crescente império de Roma, tornando-se tão completamente romanizada que hoje até mesmo a língua nativa da região é diretamente originária do latim e as leis se baseiam no código romano.

Durante o século II a.C., o império dos selêucidas, baseado nas conquistas de Alexandre, o Grande, havia desabado lentamente sob a pressão dos inimigos. Esses inimigos incluíam os romanos, que esmagaram o rei selêucida Antíoco III na batalha da Magnesia, em 190 a.C. No lugar do Império Selêucida surgiram numerosos pequenos reinos no oeste da Ásia Menor, mas no leste os povos do planalto iraniano uniram-se sob os reis arsácidas no Império Parto. Roma entrou em contato com os partos no início do século I, e o Rio Eufrates passou a marcar os limites respectivos das duas potências.

Esse acordo foi rompido por uma clara agressão romana em 53 a.C., quando Crasso tentou imitar os feitos de César na Gália, conquistando os partos. Porém, Crasso havia subestimado em muito seu inimigo. Suas legiões estavam mal-equipadas tanto para as condições em que tiveram de lutar quanto para o estilo de luta adotado pelos partos. Além disso, os romanos interpretaram o servilismo lisonjeiro do povo parto diante de seus governantes como um sinal de decadência abjeta e foram desagradavelmente surpresos pela determinação e bravura de seus inimigos quando confrontados em batalha.

O rei parto **Orodes II** (Capítulo 8) era um general e diplomata habilidoso. Ele isolou Crasso de seus aliados, e seus soldados esmagaram a invasão romana em Carras, onde Crasso perdeu a vida.

Roma não conseguiu vingar essa derrota porque César, seguindo os passos de Sula, havia voltado seu exército contra a República. Pompeu liderou a causa republicana, que foi derrotada diante do exército de veteranos de César em Farsalos, na Grécia, em 48 a.C.

Pompeu fugiu para o Egito. Escolheu o Egito porque esse era o último poder do Mediterrâneo que permanecia fora do controle romano. O Egito também era uma parte que havia florescido a partir da dissolução do antigo império de Alexandre, o Grande, e havia sido governado pela família de Ptolomeu, um dos antigos generais de Alexandre, desde sua morte. Embora governassem o Egito há séculos, os Ptolomeu ainda eram macedônios puros, pois haviam se casado entre si, incestuosamente, por gerações.

Na época da chegada de Pompeu, o casamento de Ptolomeu XIII com sua irmã **Cleópatra** (Capítulo 9) estava sob alguma tensão. Na verdade, a tensão era tanta que Cleópatra fora obrigada a sair do palácio e, em certo momento, acreditou que sua vida estava ameaçada. O acréscimo de Pompeu a este difícil cenário político era uma complicação que os cortesãos de Ptolomeu achavam

melhor remover o quanto antes. Isso foi feito assassinando-se Pompeu quando ele tentou desembarcar em Alexandria.

César chegou logo depois, em perseguição a Pompeu, mas ficou para ajudar Cleópatra em sua luta contra o irmão. De fato, Cleópatra aliou-se tão intimamente a seu protetor romano que deu à luz o filho de César, porém César teve de retornar a Roma como senhor da cidade e de seu império. Ele planejava estender o império com a conquista da Pértia quando foi assassinado pelos outros senadores nos Idos de março de 44 a. C.

Cleópatra apoiou o braço direito de César, Marco Antônio, na guerra civil que se seguiu. Novamente, se envolveu romanticamente com seu protetor. Embora autores teatrais e romancistas tenham falado muito sobre os encantos de Cleópatra, seu reino também tinha recursos valiosos a oferecer à causa de Marco Antônio. Marco Antônio estava envolvido com Otaviano, o herdeiro de César, que tinha o controle do Império Romano no ocidente. As relações entre os dois homens tornaram-se cada vez mais tensas e, por fim, chegaram à hostilidade aberta. Marco Antônio não conseguiu superar a habilidade política de Otaviano, nem a habilidade militar de seus generais, e ele e Cleópatra foram derrotados na batalha de Ácio, em 31 a.C. O vitorioso Otaviano assumiu o nome de Augusto César e deu início à era imperial de Roma. Seus sucessores imediatos levaram o Império Romano a sua maior extensão.

CAPÍTULO 5

MITRÍDATES: UM INIMIGO PARA TODAS AS ESTAÇÕES

Ele lutou contra os maiores generais de sua época... estava sempre de bom humor e era indomável nos infortúnios. Mesmo quando derrotado, tentava de todo modo possível causar dano aos romanos. *Apiano Mithridatica 16 (112)*

Embora outros adversários tivessem desafiado o crescente império de Roma por anos, ou mesmo décadas, Mitridates lutou contra soldados cujos pais eram crianças quando ele começou sua longa guerra. Por quase meio século, Mitridates manteve Roma à distância por meio de habilidade militar, astúcia política e pura sorte.

Um homem de seu tempo, Mitridates transitava facilmente entre as culturas grega e asiática de seu reino. Ele era fluente em mais de 12 idiomas, um mestre da intriga política e conhecedor de venenos. Ele era o rei de Ponto, um dos maiores do conjunto de reinos que surgiram na Ásia Menor depois da queda do Império Selêucida. Como o sexto rei a usar esse nome, ele às vezes é chamado de Mitridates VI Eupator, ou Mitridates, o Grande. Mitridates significa “dado por Mitras”, um deus-sol que, ironicamente, mais tarde veio a ser cultuado no exército romano do século II d.C.

Embora Mitridates afirmasse descender de Dário, rei da Pérsia e até mesmo de Alexandre, o Grande, sua família provavelmente veio de uma dinastia persa da cidade de Cius, no norte da Ásia Menor. Mitridates Crestes (ou “o fundador”) fugiu dos problemas políticos locais de Cius para Ponto, que era na época um lugar político atrasado sob o controle frouxo e enfraquecido do Império Selêucida. Lá, ele estabeleceu rapidamente um reino e uma dinastia. Depois de sua morte, em 266 a.C., seu filho, Ariobarzanes, conquistou o importante porto de Amasra (antiga Amastris), no Mar Negro, para o reino em rápida expansão.

Strabo, um dos primeiros geógrafos, era de Ponto e sua descrição mostra uma terra de contrastes. Os navegantes gregos haviam fundado as cidades costeiras e mantinham um comércio vigoroso com o mundo mediterrâneo, enquanto as cadeias de montanhas que se dirigiam para o interior a partir da costa continham vales férteis, povoados e também montanhas com tribos selvagens que ainda desafiavam o Império Romano trezentos anos depois. As cadeias de montanhas cruzavam as linhas de comunicação de leste para oeste e,

em consequência disso, Ponto era formado por cidades-estados semiautônomas, confederações de aldeias e baronias feudais. O reino tinha um sacerdócio forte, especialmente voltado para a divindade nacional e protetor real, o deus iraniano do fogo Ahuramazda em seu aspecto levemente helenizado como Zeus Stratios.



10 Grécia e Ásia Menor na época de Mitrídates. As cultas cidades gregas da Ásia Menor ressentiam-se do domínio romano e dos impostos extorsivos e muitas viam Mitrídates como um libertador. No auge de seu poder parecia que Mitrídates poderia lutar até mesmo com a Grécia, depois dos romanos.

O clima úmido e moderado de Ponto produzia azeitonas, madeira e grãos em abundância. A isso se acrescentavam riquezas minerais de cobre, prata e ferro – de fato, a antiga tradição acreditava que foi nessa região que se descobriu como fabricar aço. Recursos naturais abundantes e um povo predominantemente rural que precisava pouco do governo central tornaram Ponto capaz de suportar uma grande invasão sem grandes perturbações, e os resistentes homens das montanhas eram guerreiros excelentes.

Ponto era um reino altamente desejável, e a concorrência pela coroa era tradicionalmente intensa. Aproximadamente em 120 a.C., Mitrídates Euergetes, pai de Mitrídates, o Grande, foi assassinado por seus conselheiros mais íntimos. Como filho mais velho, embora tivesse apenas 11 anos, Mitrídates subiu ao trono como Mitrídates VI. Na verdade, o poder passou para as mãos de sua mãe, que governou em uma aliança instável com alguns dos conselheiros que haviam

assassinado seu marido.

Mitridates estava em uma posição precária. A facção da nobreza que favorecia seu irmão mais novo conspirava para seu reinado curto, e o favorecimento de sua mãe era incerto. Nessa época, segundo a lenda, Mitridates começou a tomar doses homeopáticas de veneno, pretendendo desenvolver resistência ao maior número possível deles. Fingindo uma paixão pela caça, se afastou do centro real de Amaseia e passou sua adolescência em algumas das partes mais selvagens e remotas do país.

Retornando ao seio da família como um jovem, Mitridates imediatamente tomou providências para o assassinato da mãe e do irmão mais novo, seguindo-se um expurgo da nobreza. Ele também pode ter pensado em se vingar de Roma por, durante seu exílio autoimposto, ter anexado o território da Frígia, que estivera sob a dependência de Ponto.

A seguir, o jovem rei decidiu ampliar o reino por meio de conquistas. Ponto há muito havia dominado os estados vizinhos da Capadócia e da Paflagônia, mas estes recentemente haviam se aliado a Roma. Portanto, Mitridates foi para o norte e o oeste. Comandados por dois generais competentes, Diofanto e Neoptolomeu, seus exércitos conquistaram os citas e estenderam seu reino até o redor do Mar Negro em direção às fronteiras da Macedônia. Entre os que foram conquistados estavam os sarmacianos, uma tribo cujos cavaleiros protegidos por armaduras foram uma adição valiosa ao exército de Ponto.

Para os bárbaros, que valorizavam a coragem física, Mitridates era um rei formidável. Era excepcionalmente alto e forte o bastante para controlar um carro de combate com 16 cavalos. Até idade avançada, desfrutou boa saúde, apesar de ter sido ferido várias vezes: uma vez por um centurião romano que se encontrou ao lado do rei enquanto Mitridates perseguia os romanos em fuga e outra vez com um ferimento embaixo do olho que foi tratado pela tribo cita agari. Como os agaris usavam serpentes venenosas para realizar suas curas, o tratamento foi provavelmente tão perigoso quanto o ferimento original.

Mitridates então voltou sua atenção para o sul, obrigando o pequeno e vulnerável estado de Armênia Menor a se tornar praticamente uma satrapia (um Estado satélite), obtendo com isso controle sobre o importante porto de Trapezus. Mitridates também se aproximou da própria Armênia, casando sua filha Cleópatra com o rei armênio, Tigranes. A seguir, ele declarou soberania sobre a Paflagônia, dizendo que essa havia sido a intenção do rei recentemente falecido, mas retrocedeu quando Roma interveio e, em vez disso, voltou-se para o vizinho reino da Capadócia. Ele podia já ter passado por lá, pois a tradição diz que ele viajou anônimo pela região nos últimos anos do século II para ver a situação por si mesmo (e executou sua esposa que havia tentado envenená-lo quando ele retornou).

Como na maioria dos reinos da Ásia Menor, as questões dinásticas na

Capadócia eram agitadas e confusas. O nome da casa reinante teve origem com Ariarate, que havia formado seu reino a partir do Império Selêucida, e seus sucessores eram leais a Roma. A viúva de Ariarate V havia governado desde 130 a.C., matando todos os seus cinco filhos para permanecer no poder. Quando a nobreza forçou a sucessão de Ariarate VI, ele foi assassinado por um homem chamado Górdio, que rapidamente caiu sob o controle de Mitrídates. Com o assassinato de Górdio, sua viúva Laódice, irmã de Mitrídates, reinou em nome de seu filho Ariarates VII, ainda criança. Isso não agradou nem aos capadócios nem a Nicomedes, rei da Bitínia, país vizinho da Capadócia. Mitrídates e seu exército foram forçados a intervir várias vezes para manter a hegemonia de Ponto.

Nicomedes pediu auxílio de Roma e, sob a proteção dos romanos, os capadócios removeram os fantoches de Mitrídates e instalaram como monarca um nobre chamado Ariobarzanes. Sem querer se arriscar a um confronto direto com Roma, Mitrídates tentou a sutileza e convidou seu genro, Tigranes, a invadir a Capadócia. O exército armênio aceitou o convite e conquistou a região; Ariobarzanes fugiu e um fantoche de Ponto foi instalado no trono. Roma respondeu enviando o ambicioso Lúcio Sula, um político em ascensão, como negociador. O romano providenciou habilidosamente a restauração de Ariobarzanes, anulando os planos de Mitrídates. Estava ficando claro para os romanos e para Mitrídates que um conflito seria inevitável no futuro.

Esse conflito ocorreu um ano depois, quando Nicomedes de Bitínia morreu. Com o apoio do exército de Ponto, Mitrídates colocou um embusteiro chamado Sócrates no trono da Bitínia. Então, demonstrando sua persistência impressionante, Mitrídates invadiu a Capadócia e derrubou Ariobarzanes. Não por coincidência, a Itália estava sendo devastada na época pela perigosa e perturbadora revolta dos aliados italianos contra Roma.

Entretanto, quando Roma protestou, Mitrídates, subserviente, depôs seus fantoches na Capadócia e na Bitínia. Essa atitude desagradou muito ao avarento M. Aquílio, chefe da comissão enviada para restaurar os reis. Aquílio queria uma guerra com Ponto e a pilhagem resultante e, assim, incentivou os bitínios a provocar Mitrídates com uma série de invasões para saques. Mitrídates protestou amargamente ao senado romano, mas diante da falta de ação romana, atacou os saqueadores bitínios, começando assim a primeira Guerra Mitridática (89 a 85 a.C.).

Aquílio e seus aliados aproveitaram a oportunidade para invadir Ponto, mas Mitrídates estava preparado para eles. Com seu general Arquelau, derrotou os romanos e os bitínios em batalha e os fez retroceder em desordem para sua província da Ásia. Oprimido pelos administradores romanos corruptos e pelos ambiciosos cobradores de impostos, o povo de Ásia levantou-se animadamente em revolta e entregou a província ao domínio de Ponto. Aquílio foi capturado e exibido pela região amarrado a um burro. Depois, Mitrídates deu a Aquílio o ouro

que ele tanto queria, mas em forma fundida, derramado em sua garganta.

Embora as cidades gregas saudassem Mitridates como salvador, o rei pântico sabia bem que a lealdade de seus novos súditos era instável. Para vincular a si os novos aliados, ele enviou ordens secretas para que todos os romanos e italianos em seu poder fossem massacrados. Em um único dia (que ficou conhecido como “Vésperas Asiáticas”), cerca de 80.000 romanos e italianos foram mortos. Apiano faz uma descrição horripilante:

No templo de Ártemis, em Éfeso, os fugitivos que buscaram salvação na estátua da deusa foram dali arrancados e mortos. Em Pérgamo, usaram arqueiros para alvejá-los enquanto ainda se agarravam às estátuas. Os adramitinos seguiram os que correram para o mar e os mataram, afogando seus filhos depois ... os canuii... mataram primeiro as crianças, sob os olhos das mães e, depois, as mães, e os maridos depois delas. Pelo modo como agiram ficou claro que o povo da província não era impelido apenas pelo medo de Mitridates, mas também pelo ódio aos romanos.

Apiano *Mithridatica* 4 (23)

Mitridates tinha uma frota de mais de 300 barcos, pelo que se dizia, e esta dominou completamente a pequena presença romana no Egeu. Ele logo conquistou todas as ilhas, com exceção de Rodes, que manteve sua lealdade a Roma durante um intenso cerco. A maior parte das forças de Ponto foi para a Grécia sob o comando de Arquelau e ali pareciam prontas para repetir as vitórias da Ásia Menor. O governador romano da Macedônia foi distraído por uma invasão bárbara e, em 88 a.C., Ariston, o tirano de Atenas, abriu as portas ao exército de Ponto. Eubeia caiu logo depois, e o exército de Mitridates avançou sobre a Beócia. O povo de Téspias resistiu e, enquanto lutavam para vencer esse confronto, os pânticos souberam que um exército romano de cinco legiões havia chegado, comandado pelo mesmo Sula que reinstalara Ariobarzanes cinco anos antes.

Os romanos avançaram sobre Atenas. Arquelau liderou uma defesa heroica e, quando sua causa estava perdida, retirou seu exército por mar e juntou forças na Tessália com um outro exército de Ponto que havia vindo do norte sob o comando de Archathias, filho de Mitridates. Em 86 a.C., o novo exército de Ponto enfrentou os romanos em Queroneia. A falange pântica, composta na maior parte por escravos libertados das cidades gregas, lutou heroicamente, e a cavalaria romana ficou totalmente desconcertada com a carga de carros armados com foices das linhas pânticas. No entanto, no final, a habilidade de Sula como general e a disciplina das legiões romanas fizeram com que o exército de Mitridates perdesse a confiança e, depois, cedesse. A fuga transformou-se em um massacre e destruiu todas as esperanças de uma presença pântica permanente na Grécia.

Mitridates já havia demonstrado ser habilidoso no comando e implacável na vitória. Agora, ele se mostrou resoluto na derrota. Reuniu prontamente um novo exército para enfrentar uma força romana que havia chegado à Ásia sob o comando de Fimbria, um general usurpador que havia assassinado o comandante indicado por Roma. Fimbria derrotou o novo exército comandado por outro filho de Mitridates e cercou Pérgamo, obrigando o rei de Ponto a fugir por mar. Lúculo, almirante de Sula, estava com sua frota na posição ideal para capturá-lo, mas Fimbria pertencia a um grupo em Roma que se opunha a Sula; assim, em vez de partilhar o crédito pela derrota de Mitridates, Lúculo ficou parado enquanto ele fugia. Já abençoado com resistência e habilidade, Mitridates somava ali a qualidade final necessária a um adversário de Roma: boa sorte.

Essa boa sorte se tornou ainda mais pronunciada, já que os problemas de Sula em Roma aumentavam. A concorrência para comandar a campanha contra Mitridates havia sido tão intensa entre a elite romana faminta por glórias que Sula só havia resolvido a questão liderando antes um exército contra a própria Roma. A raiva que isso criou transformou-se em um golpe contra Sula, e agora Sula tinha de retornar a Roma, onde havia sido declarado como fora da lei e inimigo público.

Mitridates também tinha problemas em seu reino, tanto com ex-súditos romanos que queriam retornar a seus antigos aliados quanto com suas conquistas recentes ao redor do Mar Negro. Ele mandou diplomatas em 85 a.C. para lembrar Sula de que Ponto havia sido aliado de Roma. Mitridates sugeriu que essa aliança fosse renovada com Sula para derrotar os inimigos deste em Roma. Em resposta, Sula comentou: “É uma pena que tenha sido necessária a morte de 160.000 de seus homens para que você se lembrasse de nossa amizade”. Ele então convidou Mitridates a se retirar de todos os territórios conquistados, desfazer sua frota e pagar uma indenização de 2.000 talentos. Arquelaus, o principal negociador de Mitridates, enviou os detalhes por mensageiro a seu mestre, permanecendo como hóspede de seu inimigo em vez de levar tais termos ao rei.

Porém Mitridates era realista e sabia que até mesmo esse tratado iria escandalizar aqueles que se lembravam de suas 80.000 vítimas romanas e italianas. Em uma paz fechada em Dárdanos em agosto daquele ano, Sula conseguiu seus termos e Mitridates recebeu o título improvável de Amigo e Aliado do povo romano. Dárdanos foi uma trégua, pura e simples, para que cada lado pudesse lidar com suas preocupações prementes antes de retomar as questões não resolvidas.

Sem a pressão de Roma, Mitridates restaurou a ordem nas províncias agitadas. Seu filho Mitridates Filopater foi enviado como regente para as tribos do Mar Negro, mas seu desempenho insatisfatório fez com que fosse trazido de volta e executado. Em 83 a. C., Mitridates estava se preparando para partir com um

grande exército quando ficou evidente que os romanos estavam desejosos de luta. Murena, o comandante romano, ficou ofendido com a lenta retirada de Mitridates da Capadócia e, repudiando totalmente a paz, decidiu expulsar o rei pela força.

Mitridates e seu general, Górdio, montaram uma defesa corajosa, e Murena foi obrigado a retroceder. Quando Mitridates se preparava para segui-lo, uma ordem firme de Sula interrompeu a luta e forçou uma paz ressentida. Mitridates assumiu o domínio de uma parte da Capadócia como recompensa pelos problemas enfrentados, e Ariobarzanes retomou seu reinado interrompido do resto do país.

Uma nova expedição foi lançada contra os rebeldes no norte, e Mitridates enviou outro filho, Mácares, para assumir o comando na região. Uma incursão mal avaliada para ampliar a fronteira norte do reino fracassou e resultou em pesadas perdas. Enquanto seu exército recompunha as forças, Mitridates voltou-se para a diplomacia. Outra ordem peremptória de Sula obrigou-o relutantemente a se retirar de toda a Capadócia, e o senado ainda se recusou a ratificar a paz de Dárdanos.

Um possível aliado contra o senado romano era Sertório, um general romano que lutava contra o regime de Sula na Espanha. Mitridates buscou uma aliança com o rebelde, mas mesmo tendo desacordos com o senado, Sertório era um romano e recusou-se raivosamente a trair seu país. O máximo que Mitridates conseguiu foi uma oferta de reconhecer seu direito à Capadócia, se o rei ajudasse Sertório contra os partidários de Sula em Roma. Mitridates teve mais sorte em encontrar aliados na Cilícia, uma região montanhosa no sul, cujo povo era formado por habilidosos navegantes e piratas.

Com a notícia da morte de Sula em 78 a.C., Tigranes da Armênia invadiu novamente a Capadócia, levando quase 250.000 cidadãos capadócios para acrescentar a sua nova capital. Então, em algum momento de 75 a.C., o rei da Bitínia morreu, e Roma aproveitou a oportunidade para anexar todo o reino. Mitridates não ficaria de braços cruzados enquanto seus archi-inimigos dominavam o Mar Negro, então ele rapidamente invadiu a Bitínia e, enquanto estava em ação, lançou um novo ataque contra a Capadócia, de onde Tigranes havia se retirado.

Roma consumiu vários meses em feroz intriga política antes que o comando contra Mitridates fosse dado a Lúculo, o mesmo general que deixara Mitridates escapar por entre seus dedos quase uma década antes. Outro golpe de sorte para Mitridates foi Lúculo ter herdado soldados do falecido Fímbrí, indivíduos com uma tradição de indisciplina e que, justificadamente, achavam que já haviam passado tempo demais lutando.

Os fimbríanos agiram exatamente como Mitridates esperava, movendo-se de modo tão relutante e tardio que Mitridates ficou livre para se voltar contra o

colega de Lúculo, que foi derrotado depois de ser obrigado a oferecer combate. Para piorar a situação, a frota de Ponto seguiu esse sucesso e capturou 60 navios romanos. Animado por suas vitórias, Mitridates apressou-se a tomar o porto de Cízico. Ele foi seguido por Lúculo que, finalmente, havia colocado seu exército em ação. O romano visava prender Mitridates entre a cidade e seu exército, enquanto Mitridates apostava em capturar Cízico e fugir pelo porto. Ele poderia ter vencido se a notícia de que Lúculo estava a caminho não tivesse inspirado as pessoas da cidade de Cízico a uma defesa desesperada.

Embora pressionado pelos romanos, Mitridates demonstrou seu poder de resistência prosseguindo amargamente com o cerco, mesmo quando a doença arrasou seu exército e a escassez de provisões obrigou os homens a praticar o canibalismo. Após uma última tentativa desesperada de invadir a cidade, Mitridates, finalmente, abandonou o cerco sob a proteção de uma nevasca. Lúculo seguiu-o e matou milhares de soldados pônticos que tentavam atravessar os rios cheios. Outros mais caíram nas mãos dos moradores de Cízico, que saíram da cidade em bandos atrás de seus sitiadores. Mitridates fugiu de navio com o que restou de seu exército, embora sua frota sofresse perdas com a intensa tempestade. O próprio Mitridates foi salvo de um naufrágio por piratas amigáveis da Cilícia.

Então, em 73 a.C., com o exército em farrapos e aliados incertos, Mitridates lançou-se à defesa de seu reino. Pediu ajuda a Tigranes e provavelmente também à Pártia. Um enviado foi destacado para trazer os citas de novo para seu lado e convocou o filho que estava no norte. A maior parte da cavalaria havia sobrevivido ao confronto em Cízico e agora foi enviada para assediar os romanos que se aproximavam. As cidades na linha de avanço romana estavam fortemente armadas e receberam a ordem de resistir tanto quanto fosse possível. Em resumo, Mitridates enfrentou o desafio da invasão com habilidade e resolução do tipo que os romanos tanto admiravam em si mesmos.

A Armênia vacilou e o enviado para negociar com os citas prontamente desertou com o ouro, mas na primavera de 72 a.C. Ponto estava tão preparado quanto possível para o ataque romano. Astuto demais para resistir diretamente ao avanço romano, Mitridates concentrou-se em cortar as linhas de suprimento de Lúculo. Ele teve algum sucesso até que sua cavalaria imprudentemente atacou um comboio romano em um vale estreito demais para permitir manobras adequadas. Os sobreviventes destroçados da derrota que se seguiu criaram pânico quando surgiram no acampamento de Mitridates, especialmente por trazerem a notícia de que Lúculo os seguia de perto.

Mitridates tentou se retirar, mas isso só acelerou o colapso de seu exército. Ele próprio correu perigo de ser capturado até que – por sorte ou planejamento – um dos burros que carregavam o tesouro real derrubou sua carga. Coletar e dividir essas riquezas atrasou os cobiçosos fimbrianos mais efetivamente do que

qualquer falange, mas isso não foi o bastante para evitar que as forças de Ponto fossem derrotadas. Prevendo a queda iminente de Pharnaceia, a cidade que abrigava seu harém, Mitridates ordenou que as mulheres fossem mortas para evitar que caíssem em mãos romanas. Ele mesmo fugiu para a Armênia.

Durante os cinco anos que se seguiram, até o final de 68 a.C., Mitridates foi praticamente um prisioneiro nas mãos de seu genro Tigranes. Ele não tomou parte ativa na resistência ao avanço romano pela Armênia, embora talvez lhe servisse de consolo a defesa determinada que suas cidades-fortalezas ofereceram ao invasor romano, sendo que algumas se mantiveram firmes por quase dois anos depois de seu exílio. Mas a sorte não havia abandonado Mitridates. Como os macedônios de Alexandre, o exército de Lúculo não sentia entusiasmo pela conquista do Oriente. Depois de anos de campanhas incessantes, os fimbrianos simplesmente se recusaram a continuar lutando. De um só golpe, Lúculo perdeu todo o seu exército.

Hesitantemente, com um punhado de seus próprios soldados e um contingente armênio de empréstimo, Mitridates decidiu retomar seu reino. O talento romano para fazer governos ruins no Oriente levou seus cidadãos a lhe darem uma recepção arrebatadora, e os mercenários trácios, que haviam passado para o lado dos romanos, então retornaram a seu patrão anterior. Mitridates tornou sua posição ainda mais segura ao assumir a posse da fortaleza que armazenava os suprimentos romanos para o inverno e derrotar prontamente a força romana que tentou impedi-lo de fazer isso. Com Ariobarzanes (mais uma vez) fugindo de Tigranes na Capadócia, e com Ponto seguro novamente, Mitridates estava de volta ao início. Nas palavras de Cícero: “Ele realizou mais depois de sua derrota do que havia ousado esperar antes dela”.

As repercussões foram sentidas em Roma. Lúculo foi substituído em 66 a.C. pelo inescrupuloso, mas brilhante Pompeu, que mais tarde foi adversário de Júlio César. Em Roma, Cícero havia advogado pela indicação de Pompeu, sublinhando que as ações passadas de Mitridates continuavam sem punição.

Ele, que escolheu os cidadãos para o massacre, ainda não pagou nada que se assemelhasse a uma penalidade adequada. Ele está no trono há mais de 22 anos; sem se ocultar em Ponto nem na Capadócia, mas lançando-se a partir de seus próprios domínios para os de nossos súditos, exibindo-se para que toda a Ásia veja.

Cícero Em Defesa da Lei de Manilia 3.7

Pompeu recebeu poderes quase imperiais e um mandado para resolver as questões no Oriente. Ele começou com sua energia costumeira, fazendo um acordo com a Pártia que obrigou a Armênia a deixar o lado de Ponto. Pompeu também disse a Mitridates que consideraria a possibilidade de negociações se Mitridates lhe entregasse os italianos e romanos que desertaram e passaram para

o lado dele. Um motivo pelo qual Pompeu queria esses desertores era que, devido à agitação política em Roma, eles eram em número suficiente para formar o núcleo do exército de Mitrídates.

Usando a mesma estratégia de defesa que já havia usado antes, Mitrídates retornou ao interior de Ponto, onde havia dispersado seu tesouro entre vários castelos e a partir de onde perseguia os romanos com sua cavalaria. Como antes, essa estratégia foi vitoriosa até que os romanos prenderam a cavalaria em uma armadilha e a destruíram. Mitrídates foi acuada na fortaleza de Dasteira, mas enganou os romanos, fazendo-os baixar a guarda e fugiu com seu exército. Porém, como havia ocorrido na fuga de Cízico, os romanos alcançaram e destruíram o exército, embora o rei tenha conseguido abrir caminho até estar a salvo.

Dessa vez não houve auxílio da Armênia, cujo rei – pressionado pelos partos – foi finalmente obrigado a se submeter por completo a Pompeu. Ao saber dessas notícias, Mitrídates jurou que não faria isso “enquanto eu ainda for Mitrídates”. Assim, a guerra continuou em 64 a.C. Em termos práticos, Pompeu vencera, mas não podia haver paz enquanto Mitrídates vivesse. Como Cícero afirmou ao povo romano: “É difícil colocar em palavras o quanto os povos da Ásia nos odeiam pela incompetência e avareza daqueles que enviamos para governá-los”. Enquanto esses povos olhassem para Mitrídates como um libertador, ele teria uma chance.

Pompeu sabia que Mitrídates havia se retirado na direção do Mar Negro. Envolvido em outros projetos, Pompeu bloqueou as saídas a partir do mar e confiou que as ações diplomáticas junto às tribos do norte as levassem a entregar Mitrídates. O rei tinha então quase 68 anos e muitas vezes ficava acamado devido a úlceras no estômago. No entanto, chegando à área como pouco mais do que um fugitivo, Mitrídates assumiu o comando por meio da pura força de sua personalidade. Apiano comentou, quase com admiração:

Embora ele tivesse perdido tantos de seus filhos, seus castelos, de fato todo o seu reino, e embora ele mesmo não estivesse em forma para lutar, seus planos não tinham nenhum traço da humildade que se poderia esperar de alguém em suas condições não havia nada vil nem desprezível em relação a ele, nem mesmo no infortúnio.

Apiano *Mithridatica* 15 (109)

Tudo o que esse refugiado velho e doente planejava fazer era invadir e conquistar a Itália. Ciente de que seu tempo estava acabando, pressionou seu povo duramente. Suprimentos foram desapropriados, impostos extorsivos foram aplicados e soldados foram convocados a contragosto. No final de tudo, Mitrídates tinha uma frota e um exército de cerca de 36.000 homens com quem ele planejava marchar ao longo do Danúbio, atravessar os Alpes de Carnic e

entrar na Itália.

Esse plano pairava em algum ponto entre a coragem e a insanidade e foi demais para as tropas. Eles suspeitavam, com razão, que Mitrídates pretendia meramente morrer em sua armadura, em um último ataque quixotesco a seu inimigo. Então, o velho rei, sempre rápido na descoberta de traições, descobriu uma conspiração na qual o principal conspirador era seu próprio filho, Farnaces. Pela primeira vez, o homem, que havia executado tantos de seus parentes, hesitou. Farnaces não lhe deu uma segunda chance. Em 63, ele liderou o exército em um motim e acuou Mitrídates em sua cidadela em Panticapaeum (hoje região da Ucrânia).

Mitrídates percebeu que o jogo finalmente estava terminado. Tentou se matar tomando veneno, o que suas duas filhas não permitiriam a menos que elas também pudessem se matar com o mesmo veneno. As filhas morreram rapidamente. Mitrídates, depois de anos tomando poções, continuou impassível, apesar de uma caminhada rápida ao longo da fortaleza para acelerar a ação do veneno em seu organismo. Finalmente, ele se voltou para seu guarda-costas céltico. Apiano faz um relato romanceado de suas últimas palavras:

“Mate-me e me salve de ser exibido em um triunfo romano. Por muito tempo fui mestre de um grande reino e, agora, nem mesmo posso me envenenar... Eu deveria saber que o veneno mais mortal em todas as casas reais é a infidelidade dos soldados, filhos e amigos”.

Apiano *Mithridatica* 16 (111)

O traidor Farnaces fez o que Mitrídates esperava e entregou seu corpo aos romanos. Sabendo que a posição do conquistador é igual à posição dos derrotados, Pompeu saudou Mitrídates como o maior dos reis de sua época. Seu corpo foi enterrado com honras.

CAPÍTULO 6

ESPÁRTACO: O HOMEM QUE SE TRANSFORMOU EM MITO

Rápido, rapaz... traga-me vinho que tenha conhecido a Guerra Marsiana, se o saqueador Espártaco tiver deixado uma única jarra.

O poeta Horácio, pedindo vinho antigo – Carmina 3.14

A história de Espártaco é realmente incrível. Espártaco venceu Roma, o mais poderoso império da antiguidade, em seu território natal, a Itália. Ninguém havia conseguido esse feito desde Aníbal, e Roma havia ficado mais poderosa nesse interim. Aníbal tinha os recursos de Cartago e da Espanha e uma multidão de aliados gauleses, enquanto Espártaco começou com menos que nada. Ele literalmente não era dono nem da camisa que vestia. Era um escravo, um prisioneiro condenado a morrer. Mesmo depois de ter reunido um bando de pastores e escravos fugidos, essa turba e suas armas improvisadas deveriam ter sido massacradas pelos soldados adequadamente treinados e armados. Em vez disso, ele começou a vencer uma batalha depois da outra.



11 Espártaco percorreu toda a extensão da península italiana durante os dois anos de suas incursões de saques. Seu exército teve a chance de fugir depois de lutar e chegar aos Alpes, mas em vez disso decidiu permanecer na Itália.

A história começa em 73 a.C., em Cápua, na região centro-sul da Itália. Ali, na escola de um homem chamado Lêntulo Batiato (ou, talvez, Lêntulo Vatia), um grande grupo de gladiadores estava sendo treinado para a arena. Até o século I a.C., os gladiadores não eram uma parte importante da diversão romana, embora fossem conhecidos desde 264 a.C., quando um homem chamado Júnio Pera apresentou pela primeira vez uma luta de gladiadores. Pera tomou a ideia dos etruscos, um povo antigo que habitava a parte da Itália logo ao norte de Roma.

Originalmente, os combates entre gladiadores tinham uma função quase religiosa. Eram um modo de honrar o falecido em um funeral. A ideia de que os

gladiadores deviam lutar e morrer para divertir o público estava apenas começando a se firmar durante os anos 70 a.C. Embora ainda fossem ostensivamente um rito funerário, os combates entre gladiadores agora eram realizados em público e muitas vezes na arena, enquanto antes haviam ocorrido em casas particulares ou mesmo (às vezes) no fórum romano. As armas especializadas usadas pelos gladiadores da era imperial ainda eram raras. Quase todos os gladiadores lutavam com a arma da qual seu nome se originou: a espada (*gladius* em latim).

Esses combates eram raros e nem sempre significavam a morte, pois os gladiadores eram muito caros. Eles tinham de estar em boa forma física e participar entusiasticamente de um evento muito perigoso. Não é de surpreender que esse entusiasmo tivesse muitas vezes de ser forçado e, assim, o trabalho de gladiador era designado àqueles que menos podiam resistir à coerção: os escravos. Escravos saudáveis do sexo masculino eram vendidos a um preço mais alto, e era uma extravagância arriscar a vida de um deles na arena, onde seu valor cairia a zero se ele fosse morto. Porém, quanto mais habilidoso fosse o gladiador, menor a chance de que ele morresse e por mais tempo ele manteria seu valor.

Isso nos leva à escola de Léntulo Batiato, onde os gladiadores eram treinados na arte brutal de sobreviver ao custo da vida do adversário. Segundo Plutarco, que escreveu cerca de um século depois, as condições na escola de Batiato eram especialmente duras, e os gladiadores eram mantidos em confinamento. Em defesa de Batiato, devemos lembrar que ele treinava homens especialmente perigosos. Entre eles havia um trácio conhecido como Espártaco. “Spartakos” era um lugar na Trácia e, como não era incomum que um escravo romano recebesse o nome indicativo de seu lugar de origem, Espártaco bem pode ter recebido esse nome de Batiato. Espártaco iniciou sua carreira como pastor, mas na antiga Trácia, esse não era um trabalho de idílio rural. As longas horas de tédio se alternavam com confrontos contra lobos, ursos e bandidos. Evidentemente, Espártaco desenvolveu o gosto pela luta, pois abandonou seus rebanhos para se tornar soldado.

Aqui as lendas divergem. Alguns, inclusive o historiador Apiano, dizem que Espártaco lutou contra os romanos e foi capturado. Como prisioneiro, incapaz de pagar o próprio resgate, foi vendido como gladiador. Outra lenda sugere que Espártaco realmente lutou no exército romano como um soldado auxiliar (os auxiliares eram não romanos com armas mais leves que lutavam ao lado das legiões). Se estiver correto, isso explica como Espártaco obteve o conhecimento detalhado do modo romano de guerrear que ele empregou de maneira tão devastadora contra os próprios romanos.

Deixando o exército (segundo o historiador Florus, ele desertou), Espártaco tornou-se um bandido, atacando os viajantes nas solitárias estradas da Trácia.

Depois de uma de suas incursões, foi capturado e condenado à morte. Seus captores decidiram que a justiça deveria ser combinada com a diversão, pois Espártaco tinha todos os requisitos para um gladiador. Ele era um lutador feroz, treinado no uso de armas e, aos olhos da lei, já era um homem morto.

Espártaco foi vendido em Roma como gladiador. Segundo um relato, foi acompanhado em suas viagens pela esposa, que previa um destino diferente para ele.

Há uma história, de quando ele tinha acabado de chegar a Roma para ser vendido, sobre uma serpente que se aninhou sobre seu rosto enquanto ele dormia. A esposa dele, que depois também fugiu e se juntou a ele, era uma camponesa, um tipo de profetisa daquelas que eram possuídas pelo frenesi báquico. Ela declarou que isso era um sinal de que ele conseguiria um poder imenso e formidável, mas que tudo terminaria mal.

Plutarco *Vida de Crasso* 8

Assim, Espártaco e um grupo de homens igualmente desesperados terminaram na escola de Lêntulo Batiato, que os estava preparando para lutar em um espetáculo para o povo de Cápua. Espártaco tinha outros planos e começou a preparar outros gladiadores – cerca de 200 no total – para arriscar-se pela liberdade. De algum modo, a trama foi descoberta. Os líderes, Espártaco e dois companheiros – Crixo e Enomau – tiveram de realizar seu levante com menos da metade dos gladiadores da escola. Ainda desarmados, saíram às ruas e saquearam um dos muitos restaurantes que eram uma característica da vida nas cidades romanas. Seu objetivo – provavelmente planejado anteriormente – era apossar-se de espetos, facas e cutelos da cozinha.

Essas armas improvisadas nas mãos de lutadores treinados foram mais do que suficientes para persuadir os guardas nos portões da cidade a não se oporem ao desejo dos gladiadores de deixar a cidade. Na estrada de Cápua, os fugitivos descobriram uma carroça de armas e armaduras de gladiadores; talvez até mesmo os mesmos equipamentos com os quais deveriam morrer no espetáculo em Cápua. Equipandose com esse material, os gladiadores subiram o Monte Vesúvio e montaram acampamento na cratera.

As notícias de sua fuga espalharam-se rapidamente e logo o pequeno acampamento começou a receber um fluxo constante de escravos fugidos que preferiam viver como fugitivos em vez de como cativos entre os romanos. A maioria desses novos recrutas não eram *vernae*, como eram chamados os que nasciam no cativeiro, mas soldados capturados nas inúmeras guerras de Roma e mandados a trabalhar nos campos, tratados pouco melhor do que os animais das fazendas.

Quase todos, incluindo os próprios gladiadores, eram trácios e gauleses. Segundo a tradição de seus povos, eles elegeram líderes. Escolheram os líderes

da revolta dos gladiadores: Crixo e Enomau, que eram gauleses, e Espártaco, o trácio, que assumiu o comando geral. Esse arranjo, pelo qual a maioria dos líderes era gaulesa, mas o líder geral era trácio, refletia tanto as tensões que já se desenvolviam entre os fugitivos quanto à capacidade diplomática de Espártaco para lidar com elas.

Com o Monte Vesúvio como sua base, o bando de Espártaco dedicou-se ao banditismo, e parece duvidoso que tenham feito isso com relutância ou inexperiência. De fato, eles logo se tornaram um aborrecimento tão significativo que os romanos enviaram 3.000 homens comandados pelo aristocrata Ápio Cláudio Pulcro para livrar o Vesúvio de sua infestação. Os romanos logo encontraram os bandidos na montanha e começaram a fechar o cerco sobre eles.

Encurralado nas proximidades da cratera, Espártaco mostrou ser um tático tão habilidoso quanto qualquer outro de sua era. Os romanos haviam deixado uma das encostas desprotegida, pois era muito íngreme e considerada inacessível. Usando trepadeiras selvagens, Espártaco e seus fugitivos fizeram cordas e desceram a encosta com elas. Um homem permaneceu para trás para jogar suas armas morro abaixo e remover os vestígios de sua fuga e, depois, escapou pelo cerco romano sem ser notado.

Acreditando que seus inimigos estavam presos na montanha, os romanos estavam calmamente montando acampamento quando Espártaco e seus homens os atacaram, vindos da retaguarda, matando muitos e colocando os demais em fuga. Essa vitória permitiu que Espártaco equipasse seus homens com itens militares romanos e também trouxe uma nova onda de fugitivos que se uniu a ele.

Esse sucesso foi uma faca de dois gumes. Ao mostrar que podia sobreviver e prosperar, ele atraiu mais seguidores. Quanto mais seguidores ele atraía, mais selvagens suas incursões predatórias tinham de ser para sustentar seus homens, e mais vigorosa se tornava a resposta romana. Isso foi uma espiral que refletiu a verdade básica de que Espártaco foi um sintoma de uma doença mais ampla na política e na sociedade romanas.

Quer Espártaco tivesse fracassado ou obtido vitórias como um bandido, teria sido rapidamente esquecido pela história. O que o transformou em um fenômeno foi o imenso número de pessoas que acorreram para se juntar a ele. Certamente, nem todos eram gladiadores. Havia menos de 10.000 gladiadores em toda a Itália, mas no final de 73 a.C., Espártaco tinha 40.000 homens sob seu comando.

Os agentes recrutadores de Espártaco eram o egoísmo e a brutalidade da elite romana. O sul da Itália nunca havia se recuperado da devastação da guerra de Aníbal, embora ela tivesse terminado 125 anos antes. A guerra havia destruído as pequenas propriedades familiares que forneciam recrutas para as legiões e agora, com as guerras de Roma durando cada vez mais, os pequenos fazendeiros

que ainda permaneciam no exército lutavam por anos ou mesmo décadas, enquanto suas fazendas ficavam abandonadas. Isso favorecia a elite romana, que comprava a terra a preços muito baratos ou intimidava os pequenos fazendeiros a entregar suas terras.

As pequenas propriedades eram combinadas em fazendas imensas, chamadas de *latifúndia*, e cultivadas por escravos. A escolha do trabalho escravo era deliberada, pois os escravos não precisavam ser tratados nem mesmo com o mínimo de decência e não podiam ser recrutados para o exército. Por consequência, Espártaco atacava terras povoadas principalmente por escravos que não tinham nada a perder ou pelos habitantes rurais pobres que já haviam perdido tudo e eram muito amargurados. Quando Espártaco começou a atacar as cidades, os mais pobres o acolheram e uniram-se, entusiasmados, ao saque de seus opressores ricos. Espártaco sempre dividia o produto do saque de modo justo e isso ajudou em muito o recrutamento.

Espártaco abriu caminho a saque pelo interior do sul de Roma, destruindo *villas* rurais e recrutando seus escravos. As cidades de Cora, Nucera e Nola foram saqueadas. As tentativas dos pretores Varínio e Glaber para reunir alguma resistência foram impedidas pela complacência em Roma. Revoltas de escravos já haviam acontecido antes, especialmente duas grandes revoltas na Sicília (135 a 132 a.C. e 104 a 100 a.C.) e foram equivalentes a pequenas guerras. Cada revolta havia durado o tempo necessário para que as legiões chegassem e as esmagassem. Escravos pouco armados e inexperientes do ponto de vista militar não eram páreo para os legionários, mas os pretores não tinham legionários.

[O pretor] tinha de aceitar qualquer pessoa que pudesse arrebanhar rapidamente no caminho. Foi assim porque os romanos ainda nem consideravam a questão como uma guerra, mas como algo mais semelhante a um ataque pirata.

Apiano *Guerras Cívicas* 1.14

Os romanos pagaram por sua despreocupação. Espártaco derrotou primeiro uma força romana e, depois, a outra. Ele alcançou Glaber em Salinas e, na fuga apressada em busca de segurança, o pretor abandonou seus atendentes oficiais, seu cavalo e as insígnias de sua posição. Daí por diante, o bandido e gladiador trácio passou a ostentar os atendentes e as vestimentas de um magistrado sênior romano.

Por infelicidade, praticamente não temos informações sobre o que acontecia no acampamento de Espártaco. Nossas informações vêm dos romanos que relataram fielmente o que Espártaco fez, embora seus motivos fossem tão misteriosos para eles como são para os historiadores modernos. Porém, parece que depois do primeiro ano de liberdade, Espártaco concluiu corretamente que não poderia permanecer na Itália. Quase todos os que o acompanhavam eram

cativos das tribos da Gália, Alemanha ou Trácia, e o caminho para casa atravessava a Itália e passava pelos Alpes. Mas Roma e seus exércitos impediam a passagem.

Espártaco passou por um exército usando um truque que, depois, foi adotado pelo protagonista do romance *Beau Geste*, de P. C. Wren.

Quando foi cercado pelos soldados do pró-cônsul, Espártaco mandou os homens colocarem estacas a intervalos regulares diante dos portões do acampamento. Ele amarrou cadáveres a essas estacas e prendeu armas aos cadáveres, de modo que à distância eles parecessem sentinelas. Também acendeu fogueiras ao redor do acampamento e, enquanto os inimigos eram distraídos por essa exibição vazia, Espártaco e seu exército desapareceram na noite.

Frontino *Estratagemas* 1.5.22

Como o ano já estava muito avançado para uma tentativa de travessia dos Alpes, Espártaco foi para o sul para passar o inverno, conseguindo praticamente controlar as regiões da Lucânia e Brútio. Espártaco passou o inverno preparando suas forças – agora de quase 70.000 homens – para um confronto com Roma. Ele não permitia a entrada de ouro e prata nas cidades que controlava, mas incentivava a importação de ferro e procurava ativamente ferreiros para fabricar armas e armaduras para seus novos recrutas. Espártaco havia chegado ao sul com um bando, mas pretendia retornar ao norte com um exército.

Então, os romanos começaram a levar Espártaco a sério. Em 72 a. C. eles enviaram dois exércitos consulares e um terceiro sob o comando de um pretor. Nações inteiras haviam sido conquistadas com menos do que isso. Sob essa ameaça, o exército escravo dividiu-se. Enomau havia morrido em uma luta anterior e então Crixo e os gauleses se separaram da força principal. Pode ter havido conflitos étnicos dentro do exército escravo ou uma cisão na liderança. Ou simplesmente, o exército pode ter ficado tão imenso que foi dividido por propósitos puramente administrativos. No Monte Gárgano, em Apúlia, a força de Crixo encontrou o exército do pretor Quinto Arrio. Como ficou demonstrado por várias vezes, os rebeldes sem Espártaco não eram páreo para os romanos. Crixo e muitos de seus homens foram mortos e seu exército foi disperso.

Enquanto isso, Espártaco levou os demais rebeldes para o norte. Chegou ao rio Pô sem nenhum confronto sério, mas seu grande exército era muito menos manobrável do que os bem treinados romanos e ele acabou em séria desvantagem. Ao norte, estava o exército do cônsul Lêntulo, e ao sul, o outro cônsul, Públicola, aproximava-se depressa. Preso entre os dois, Espártaco não teria defesa. Em vez disso, ele derrotou primeiro um exército e, depois, o outro. É difícil entender como ele conseguiu isso, e os romanos, humilhados pela derrota pelas mãos de escravos, guardaram em segredo o que realmente aconteceu.

Em memória de Crixo e dos mortos nas batalhas recentes, Espártaco fez seus prisioneiros romanos lutarem um contra o outro em um combate de gladiadores. “Como se ele desejasse apagar toda a desonra de seu passado ao se tornar, em vez de um gladiador, alguém que oferecia um espetáculo de gladiadores”, comenta Florus, sem precisar acrescentar que tal tratamento de seus soldados desonrou todo o estado romano. Apiano relata:

Depois da batalha, o exército romano retirou-se em confusão, enquanto Espártaco, depois de sacrificar 300 prisioneiros romanos em memória de Crixo, partiu para Roma com 120.000 soldados de infantaria, não sem antes queimar os equipamentos inúteis, matar os prisioneiros e sacrificar os animais de carga para se livrar de todos os estorvos; embora um grande número de desertores se aproximasse dele, recusou-se a aceitá-los.

Apiano *Guerras Civis* 1.14

Além da crueldade calculada para com os prisioneiros, duas coisas se destacam no relato de Apiano. A primeira é que Espártaco comandava então mais de 100.000 homens. Para colocar isso na perspectiva correta, o maior exército que Roma reuniu na Itália foi o que lutou em Canas, contando com oito legiões e auxiliares, cerca de 85.000 homens no total. Os exércitos romanos não eram maiores do que isso simplesmente porque manter um exército tão grande era um pesadelo logístico. Mesmo Espártaco, que vivia da pilhagem das terras pelas quais passava, sentia que não poderia sustentar um exército maior – e Crixo havia demonstrado que os insurgentes não poderiam criar outro exército sem encontrar outro Espártaco para liderá-lo.

Se Espártaco pensou em um ataque à própria Roma, ele estava fantasiando. Roma era defendida por fortes muralhas, e a guerra de sítio era uma questão complexa que exigia habilidades e equipamentos especializados. Mas, depois de suas vitórias mais recentes, o que era impossível para Espártaco? Seu movimento na direção de Roma era, na verdade, um engodo para atrair as tropas romanas para o sul, afastando-as de sua rota de fuga. A estratégia fracassou e Espártaco teve de lutar de novo, dessa vez em algum ponto do Piceno. Ele foi vitorioso, mas outro exército o esperava em Mutina.

Até então, Espártaco havia lutado contra milícias locais reunidas às pressas ou contra recrutas destreinados incorporados há pouco às legiões. O exército em Mutina era experiente e comandado com habilidade por C. Cassio, pró-cônsul da Gália. De qualquer modo, Espártaco os fez fugir, em uma daquelas vitórias que deixam os historiadores militares estupefatos e cheios de incompreensão.

Por essa época, a rota pelos Alpes estava aberta. Espártaco e seus homens estavam livres para partir – se não com a bênção de Roma, ao menos com um sincero “Já vão tarde!” Porém os seguidores de Espártaco estavam desfrutando um padrão de vida mais alto do que jamais haviam imaginado, e as austeras

florestas do norte perderam seu poder de atração. Enquanto grande parte da Itália continuasse sem ser pilhada, o santuário no norte podia esperar. Espártaco, quase um prisioneiro a contragosto de seu próprio povo, foi forçado a liderá-los de volta ao sul.

Espártaco podia, provavelmente, ter abandonado seu exército naquele ponto. Sua engenhosidade já havia lhe garantido a fuga de um acampamento de escravos fortemente guardado e a vitória sobre sucessivos exércitos. Porém, Espártaco, o guerreiro da liberdade, era uma vocação mais nobre do que suas carreiras anteriores como Espártaco, o desertor, e Espártaco, o bandido. Por lealdade ou falta de disposição para agir de outro modo, Espártaco optou conscientemente por continuar em uma vida de pilhagens e saques.

Em Roma, as pessoas não acreditavam que os cônsules pudessem derrotar Espártaco, que estava em seu terceiro ano de liberdade. Ninguém queria essa tarefa até que o aristocrático Marco Licínio Crasso se voluntariou. Crasso era um dos homens mais ricos de Roma, em parte por causa do dinheiro que ganhou com a morte de inocentes enquanto era amigo do ditador Sula. Mas era um general excelente e o povo de Roma voltou-se para ele com gratidão.

Crasso foi nomeado pretor e imediatamente começou a reunir um exército grande o bastante para corresponder ao número elevado de seus oponentes. (“É uma desgraça que tenhamos de chamá-los de inimigos”, escreveu Florus – o que mostra que Crasso foi extraordinariamente patriótico ao se oferecer. Havia pouca glória em derrotar escravos, mas a desonra em ser derrotado por eles era imensa.)

Crasso reuniu duas legiões a partir das quatro legiões consulares derrotadas e acrescentou outras seis por convocações e voluntários (certa vez, ele disse que nenhum homem era rico se não pudesse pagar uma legião de seu próprio bolso). Espártaco mandou a mensagem de que não estava intimidado por esse exército derrotando uma força comandada por Mumio, o emissário de Crasso. Crasso respondeu dizendo as coortes que haviam se rompido primeiro. A dizimação era uma punição antiga pela qual um homem a cada 10 era executado, e sua retomada com Crasso mostrou que ele falava sério.

Espártaco retirou-se para o sul. Em Turi, montou acampamento e imediatamente foi cercado por comerciantes e agentes dos italianos ricos que queriam comprar de volta os bens que Espártaco havia saqueado deles. Espártaco ainda queria fugir da Itália, ainda mais depois de Crasso atacar um bando isolado de cerca de 10.000 escravos e massacrá-los. Isso levou Espártaco a se mover para o Régio, na ponta da bota da Itália. Se seus homens não queriam as florestas da Alemanha, poderiam preferir o clima mais ameno da Sicília e a acolhida dos escravos de lá, que já se haviam rebelado duas vezes em tempos recentes.

O transporte através do estreito havia sido combinado com piratas cilícios

aliados ao rei Mitrídates, do Ponto (Capítulo 5), que não era amigo de Roma, como já foi mencionado. Mas os piratas pegaram o dinheiro de Espártaco e zarparam, abandonando-o em Régio, que Crasso estava isolando do resto da Itália. Não se sabe se o general plutocrata influenciou a decisão dos piratas, mas esse ponto marca o início do fim da aventura do gladiador.

Espártaco e seus homens tentaram atravessar o pequeno estreito usando barcos e balsas improvisados, mas as correntes eram fortes e traiçoeiras demais. A alternativa era romper a barreira de Crasso e retornar ao interior da Itália. Mas suas defesas não eram fáceis de atravessar; nas duas primeiras tentativas, Espártaco perdeu 12.000 homens. Ciente do frágil e oscilante moral de seus seguidores, Espártaco empregou o brutal senso de espetáculo que teria lhe sido muito útil se tivesse continuado a carreira na arena.

Em um espaço próximo das linhas romanas, ele crucificou um de seus prisioneiros romanos. Na crucificação de Cristo, cerca de um século depois, diz-se que o centurião Longino perfurou o lado do corpo de Cristo com uma lança. Esse teria sido um ato misericordioso para apressar uma morte que, de outro modo, levaria um tempo longo e agonizante para ocorrer. No decorrer dos dias que se passaram antes que a vítima de Espártaco morresse, ficou bem claro para os romanos e para os seguidores de Espártaco que os escravos não demonstrariam piedade nem esperavam recebê-la.

Talvez motivados por esse ato, os escravos fizeram sua próxima tentativa durante uma tempestade em uma noite de inverno. Eles atiraram feixes de galhos nas trincheiras romanas e subiram pelas muralhas em escadas improvisadas. Dias depois a notícia de que Espártaco escapara chegou a Roma. O senado não entrou em pânico, mas houve um novo senso de urgência e os exércitos que estavam na Espanha e na Grécia foram chamados de volta. De qualquer modo, os exércitos deviam voltar logo, mas Roma agora estava levando Espártaco muito a sério.

Nesse ponto, a força de Espártaco dividiu-se de novo, talvez refletindo uma diferença de opiniões entre aqueles que queriam continuar a saquear e os que queriam sair da Itália. Ou pode ter havido tensões étnicas entre os diferentes grupos que seguiam Espártaco. Quase todos os que se separaram eram gauleses e seus líderes eram os gauleses chamados Granico e Casto. Crasso caiu sobre eles perto da cidade sulista de Croton, em um lugar atualmente desconhecido chamado de “lago lucânio”. Ele matou 30.000 homens e poderia ter matado mais se Espártaco não tivesse vindo ao auxílio deles. Nesta batalha, os romanos retomaram as águias e insígnias de magistrado que Glaber havia perdido para os escravos.

Isso aumentou o moral romano, mas Espártaco arrasou-o novamente derrotando Quinto Tremélio Escrofa, que Crasso havia enviado para o norte com uma tropa forte para impedir que o exército de escravos fugisse naquela direção.

Espártaco passou rapidamente por essa brecha para chegar ao porto de Brundísio, de onde esperava pegar um barco de volta a sua Trácia nativa. Mas o exército de Lúculo, convocado da Grécia, havia acabado de chegar ao porto, e Espártaco foi obrigado a se dirigir de novo para o norte. Parecia que Espártaco iria levar seu exército novamente para os Alpes, pois não havia muita resistência nessa direção. Em vez disso, Crasso descobriu que não precisava se apressar a persegui-los: o exército escravo havia dado meia-volta e estava pronto para lutar.

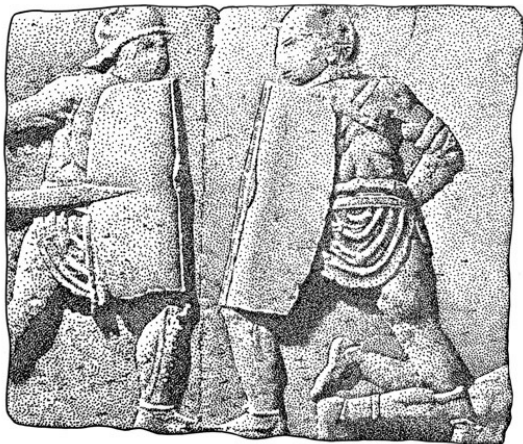
O romano ficou satisfeito. Seu maior medo não era ser derrotado por Espártaco, mas não receber o crédito por esmagar a revolta. Espártaco não estava tão an-sioso pela batalha como seu exército e, em busca de um acordo, enviou mensageiros a Crasso. Essas tentativas foram rejeitadas com desdém; Roma não negociava com escravos. No início da batalha, Espártaco pediu que trouxessem seu cavalo e, dramaticamente, matou-o diante de seu exército reunido. Se o dia corresse bem, disse ele, haveria muitos outros cavalos à disposição. Se corresse mal, ele não precisaria de um cavalo. Esse foi um grande gesto com uma grande mensagem nas entrelinhas. Espártaco não fugiria a cavalo. Ele triunfaria ou morreria com os soldados de infantaria.

A batalha foi amarga, como se poderia esperar com tantos homens completamente desesperados (na verdade, um quase contemporâneo estimou que o exército de Espártaco fosse ainda imenso, com 90.000 homens). No entanto, a disciplina das legiões começou a ter resultados. Em um esforço para virar a maré, Espártaco lançou-se sobre Crasso, lutando como um louco:

E assim, indo diretamente para o próprio Crasso, em meio às armas e ferimentos, ele não o atingiu, mas matou dois centuriões que o atacaram em conjunto. Ao final, quando todos os homens que tinha consigo haviam caído, ele permaneceu firme.

Plutarco *Vida de Crasso* 11

Esse último ataque selvagem recebeu a admiração relutante dos romanos. Até Florus, que geralmente considerava Espártaco e seus homens quase sub-humanos, admitiu que nessa última ocasião “eles morreram como homens, lutando até a morte como se poderia esperar daqueles comandados por um gladiador. O próprio Espártaco caiu como adequado a um general, lutando com bravura na linha de frente”.



12 Os primeiros gladiadores muitas vezes lutavam com a armadura e as armas dos povos que os romanos tinham conquistado, como neste relevo do século I d.C., de Santa Marinella. Isso permitia que os romanos vissem suas vitórias encenadas na arena e proporcionava um uso imediato para o material capturado.

A revolta dos escravos estava acabada. Cerca de 5.000 rebeldes que fugiam para o norte encontraram o exército de Pompeu que os exterminou até o último homem – “cortando a rebelião pela raiz”, na descrição grandiloquente de Pompeu. O verdadeiro conquistador de Espártaco, Crasso, foi tão impiedoso quanto os escravos haviam esperado. Ele os crucificou aos milhares – cerca de 6.000 espaçados a intervalos regulares ao longo da Via Ápia, de Roma até Cápu.

Porém, Espártaco havia desaparecido. Estranhamente, para um homem que morreu rodeado por inimigos, os romanos não conseguiram encontrar seu corpo quando a luta terminou. Os romanos queriam exibir o cadáver para desiludir aqueles que esperavam que Espártaco sobrevivesse e ressurgisse. Isso teria impedido que Espártaco se transformasse na lenda em que, sem dúvida, se tornou.

O homem que enfrentou um Império inspirou um balé, livros e filmes,

embora pudesse ficar surpreso com sua posição atual de ícone gay. Sua persistente recusa a se submeter à escravidão torna Espártaco admirável, mas as evidências não confirmam a visão dos que o consideram como um Che Guevara dos Apeninos. Ele não lutava contra a escravidão. Depois de sua vitória, Crasso encontrou cerca de 3.000 prisioneiros romanos escravizados em Régio. Nem Espártaco nem seus seguidores tinham qualquer programa, político ou de outro tipo, além dos desejos contraditórios de fugir da Itália e de continuar a saqueá-la.

Espártaco foi um general ousado e verdadeiramente admirado e um líder que inspirava seus homens. Era um lutador corajoso e feroz e tratava seus amigos de modo justo. As fontes históricas concordam nesse ponto. Mas elas não dizem, e nós não devemos supor, que Espártaco era um bom homem, nem que era particularmente nobre.

CAPÍTULO 7

VERCINGETORIX CONTRA CÉSAR: A DURA LUTA PELA GÁLIA

Deveria Mamurra [um protegido de César] tomar o que a Gália de homens de cabelos longos e a Bretanha mais distante tiveram um dia?... Será que aquele devasso e esgotado dos seus, Mentula, poderia devorar 20 ou 30 milhões em espécie?

Uma crítica dos motivos de César – trechos de Catulo 29

Vercingetorix era um gaulês. Ele nasceu na rica e antiga cultura celta que chegou a se estender da Itália central ao norte da Inglaterra. Apesar da propaganda romana dizer o contrário, os celtas da Gália não eram bárbaros. Quando Vercingetorix nasceu, por volta de 78 a.C., muitas tribos gaulesas estavam rapidamente se tornando urbanas, formando grandes confederações políticas e passando para uma economia monetária. Havia também sinais de uma nova maturidade política. As antigas realezas de muitas tribos estavam dando lugar a “senados” compostos por líderes tribais. Nas artes, a produção gaulesa era de alta qualidade e a metalurgia celta não ficava a dever a nenhuma outra. Esse período foi o florescimento final da cultura de La Tène, uma cultura de grandes promessas que estava para entrar em uma época de sérios perigos que se mostraram fatais.

A Gália estava atrasada em relação a seus vizinhos em duas áreas cruciais: desenvolvimento militar e político. Os gauleses haviam abandonado os carros de batalha ainda usados pelos bretões, mais primitivos, mas seus exércitos ainda se baseavam na cavalaria mal organizada que não tinha capacidade logística para permanecer muito tempo no campo de batalha. Até mesmo esse braço principal da guerra gaulesa estava em desvantagem diante dos germânicos. Tanto assim, comentou César, que os cavaleiros germânicos atacavam habitualmente quaisquer cavaleiros gauleses que avistassem. Os soldados gauleses de infantaria eram camponeses, pobres demais para possuir um cavalo e um arnês; tropas cruas que não eram páreo para os romanos, mestres da guerra de infantaria.

No entanto, o atraso militar era menos perigoso do que a incapacidade dos povos da Gália para se unirem mesmo contra a ameaça mais premente. Durante a maior parte do início do século I a.C., enquanto seus inimigos ganhavam resistência, as tribos gaulesas dissipavam sua força em ferozes guerras intertribais. Vercingetorix era um aristocrata de uma das principais tribos da

Gália central, os arvernos, que tinham uma briga antiga com outra tribo, os aeduis. Por sua vez, os aeduis dominavam muitas das tribos menos importantes da região.

Roma, de quem os aeduis eram aliados distantes, tinha um relacionamento longo e difícil com os gauleses. Todos os meninos romanos em idade escolar sabiam que, no século IV a.C., os gauleses os tinham derrotado e haviam saqueado a própria Roma – um feito nunca realizado antes e que não seria repetido durante séculos. Grande parte dos equipamentos dos legionários romanos evoluiu especificamente para a difícil tarefa de lutar contra os gauleses. Os elmos dos legionários republicanos eram mais angulares e pontudos do que as versões posteriores, para melhor defletir o movimento para baixo de uma espada larga sobre os ombros pesadamente protegidos de quem os usava. As legiões lutavam em formação fechada com espadas pontudas e curtas que lhes permitiam colocar cinco homens na linha de batalha para cada três gauleses. E a lança pesada romana de arremesso, a *pilum*, foi projetada para quebrar a força da selvagem carga gaulesa.

A evolução mais rápida das armas e táticas romanas obrigaram os gauleses a assumir uma posição defensiva. No século II a.C., os romanos haviam conquistado as colônias no norte da Itália, ocupando Milão logo antes de Aníbal chegar à área. Depois das Guerras Púnicas, Roma se expandiu além dos Alpes para conquistar sua primeira província fora da Itália: uma área da Gália chamada simplesmente de “a Província”, e que tem esse nome ainda hoje, como a moderna Provença. Mas a maior parte da Gália Comata (“Gália de cabelos longos”, como os romanos a chamavam) permaneceu livre e independente.

Durante a maior parte da infância de Vercingetorix, nos anos 80 a.C., Roma não foi uma ameaça ativa. As energias de Roma estavam voltadas para o leste do Mediterrâneo e para as lutas políticas da república cada vez mais disfuncional. Os arvernos, nessa época liderados por Celtillus, o pai de Vercingetorix, estavam mais interessados nas ambições dos aeduis e na expansão dos germânicos além do Reno.

Essa expansão, indiretamente, traria os romanos de volta ao cenário. A invasão romana na Gália provocou uma das maiores catástrofes no mundo antigo; um holocausto que permaneceu sem igual até que os conquistadores espanhóis chegaram às Américas no século XVI. O arquiteto da catástrofe gaulesa é também nossa principal fonte para ela: Caio Júlio César, o homem que, mais tarde, derrubou a democracia decadente de Roma e a substituiu por uma ditadura militar.

César nos deixou seu *De Bello Gallico* – uma história da guerra na Gália, provavelmente extraída de seus relatórios ao senado enquanto a guerra acontecia. Esse é um documento excepcional: uma guerra antiga, descrita por

seu perpetrador e extraída de material contemporâneo. Porém, a riqueza desse material não pode esconder que ele é também um trabalho consumado de propaganda. César narra uma história de batalhas e cercos emocionantes. Fala de atos heroicos dos “bárbaros” e dos romanos e de subterfúgios astutos (seus) e perfídia (dos gauleses). O que ele não menciona é que sua própria ganância e ambição o levaram a uma guerra completamente injustificada, que arrasou a civilização gaulesa e levou milhões à morte ou à escravidão.

A história começa quando os helvécios, pressionados pelo povo germânico ao norte e ao leste, abandonaram sua terra ancestral (que ficava na área onde se situa a moderna Suíça) e migraram para o oeste. Seu caminho levou-os através da Província (Provença), cujo governador era Júlio César. César recusou-se a permitir que os helvécios entrassem na Provença. Quando eles tomaram outra rota, César atacou-os ainda assim, derrotando-os em uma série de batalhas que levou os sobreviventes de volta aos Alpes.

Agora, estabelecido na Gália, César voltou-se para os germânicos que haviam migrado atravessando o Reno. Em um incidente chocante, César prendeu os embaixadores que haviam ido negociar com ele e depois atacou o acampamento germânico de onde eles haviam saído. Lançou a cavalaria contra as mulheres e crianças que fugiam e, depois, observou com satisfação sinistra que praticamente ninguém da tribo havia sobrevivido.

Essa campanha deu ao jovem Vercingetorix uma experiência valiosa com o modo romano de guerrear, já que ele provavelmente comandou alguma cavalaria aliada com os romanos contra os inimigos comuns. “Vercingetorix” é um nome composto com as sílabas de “vencedor de cem batalhas” e, provavelmente, foram as escaramuças dessas primeiras campanhas que deram nome ao jovem chefe. O conhecimento do verdadeiro nome de um gaulês dava aos outros um poder sobre ele e por isso os gauleses mantinham seus nomes em segredo, sendo conhecidos apenas pelos apelidos.

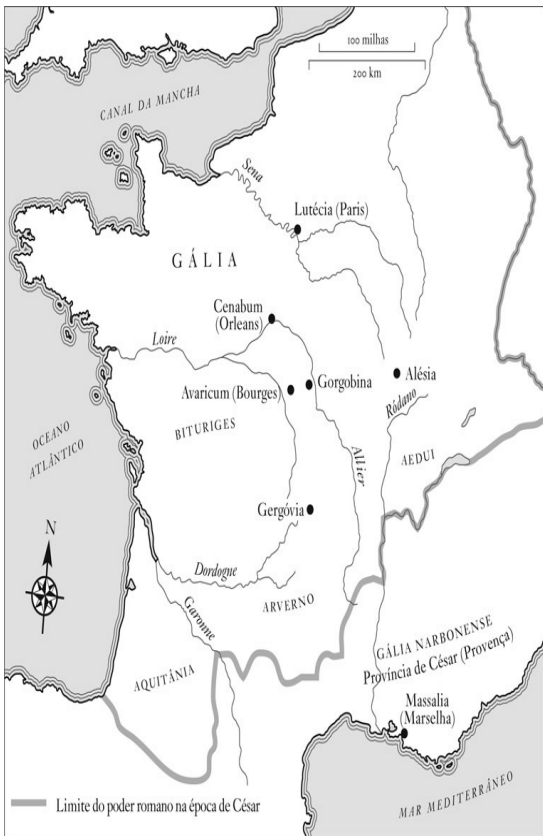
Logo os gauleses perceberam que seu protetor romano não tinha intenção de partir e que seus lacaios estavam tratando a Gália como uma província romana conquistada. As expedições de César contra a Bretanha em 55 e 54 a.C. causaram ressentimento considerável, tanto porque perturbaram o comércio através do canal quanto porque a Bretanha tinha uma forte influência na religião druídica da Gália. A tribo dos carnutos levantou-se em revolta contra César e recebeu a adesão dos eburones, sob o comando de seu líder Ambiorix, que veio a liderar toda a rebelião. César esmagou-os com energia, habilidade e selvageria. Os eburones foram escravizados ou mortos, e suas terras foram devastadas de modo que qualquer um que escapasse à vingança romana perecesse faminto.

Os arvernos de Vercingetorix não tomaram parte na revolta. Celtillus havia sido morto em uma intriga palaciana e a tribo era governada por oligarcas pacíficos liderados por Gobannitio, tio de Vercingetorix. Vercingetorix ficou

escandalizado com o tratamento dado aos eburones e com a pressuposição romana de que seus compatriotas eram um povo submetido. Sua agitação ardente pelo partido pró-guerra levou-o a ser expulso de sua Gergóvia nativa (perto da moderna Clermont-Ferrand), onde o conselho da cidade, se não era exatamente pró-romano, estava ao menos totalmente intimidado por Roma. Porém, Vercingetorix rapidamente empolgou o interior e assumiu o poder por meio de um golpe.

A causa de Vercingetorix foi facilitada pelo fato de ele ser alto e atraente. Na cultura gaulesa, a boa aparência demonstrava que um homem fora favorecido pelos deuses. Vercingetorix era muito inteligente e um orador carismático – qualidades essenciais em uma cultura oral na qual o carisma pessoal era muito importante. Também tinha um grande séquito pessoal, o que aumentava seu prestígio. Além do mais, a Gália estava pronta para a revolta. Os gauleses estavam amargos e vingativos, não intimidados pela demonstração de César contra os desafortunados eburones, mas assustados o bastante para finalmente se unirem. Como um incentivo adicional, César havia saído da Gália para lidar com uma emergência política em Roma, deixando o comando com seu subordinado, Labieno.

Vercingetorix atacou Cenabum (atual Orleans) no início de 52 a.C. Seus homens saquearam as provisões armazenadas ali e massacraram os comerciantes e funcionários romanos. A notícia da rebelião espalhou-se como um incêndio, levada por embaixadores que Vercingetorix enviou para os quatro cantos do país. Quase todas as tribos da Gália central aceitaram sua convocação à revolta, sendo a principal exceção os aeduis, que escolheram a neutralidade cautelosa. As tribos marinhas do noroeste juntaram-se à rebelião, inspiradas pela mensagem de Vercingetorix: “Se o povo da Gália for unido e pensar como uma só mente, poderão enfrentar todo o universo”.



13 Gália, com as principais cidades e tribos. A tentativa de Vercingetorix para unir a Gália contra os invasores romanos foi a primeira vez em que os gauleses sentiram-se parte de uma só nação. Até então, os conflitos intertribais haviam impedido o desenvolvimento do povo gaulês.

Logo a maior parte da Gália pegava em armas contra Roma. As tribos elegeram Vercingetorix como seu comandante supremo. Ele fez uma rápida avaliação do que cada tribo podia fornecer a seu exército e deu aos líderes uma lista do material e dos homens necessários, juntamente com uma data para a entrega. Segundo César, Vercingetorix não parou na persuasão verbal com os que vacilavam.

À máxima atenção aos detalhes, ele acrescentava o máximo rigor da autoridade. A severidade de suas punições persuadia os vacilantes. Pelos crimes maiores, os perpetradores eram condenados a todo tipo de tortura e, depois, queimados até a morte. Para ofensas menores, mandava os ofensores para casa com as orelhas cortadas ou um olho arrancado. A brutalidade dessas punições pretendia ser um exemplo para amedrontar os outros e impedi-los de desobedecer.

César De Bello Gallico 7.4

César havia se retirado para a Provença no final da temporada de luta de 53 a.C. para se manter em contato com as questões em Roma. Ele foi então surpreendido pelos rebeldes entre sua posição e suas tropas na Gália. Labieno, o comandante dessas tropas, foi forçado à inatividade porque estava na metade do inverno. Não podia se movimentar sem suprimentos, e a vigorosa atividade de guerrilha nos campos circundantes impedia que obtivesse provisões. Com Vercingetorix saqueando as terras das poucas tribos que ainda eram aliadas de Roma, era vital que César agisse depressa e ele o fez, liderando reforços que atravessaram as montanhas até as terras dos arvernos, apesar do fato de a neve nas passagens chegar a uma profundidade de 1,80 m.

A chegada dos romanos obrigou os arvernos a defender suas terras. César desejava uma pausa na campanha para dominar suas forças e esperar que o clima se tornasse mais favorável a seus coletores, mas Vercingetorix negou-lhe essa pausa ao sitiar Gorgobina, uma importante cidade dos boios, uma tribo aliada a César. César tinha de salvar essa cidade para manter sua integridade na Gália e ele se movimentou para defendê-la, compensando sua falta de cavalaria com mercenários germânicos. No caminho, ele fez um desvio para atacar Cenabum e tomou-a depois de um breve cerco. Para vingar o massacre dos romanos que havia acontecido ali, saqueou a cidade.

Vercingetorix decidiu não manter o cerco a Gorgobina e retirou-se para as

terras dos bituriges, uma tribo que, inicialmente, havia se aliado aos romanos, mas que depois se unira à revolta.

A brutalidade anterior de César havia convencido os gauleses de que seriam necessários sacrifícios dolorosos por sua liberdade. Vercingetorix parece ter estudado as táticas de escaramuça e atraso usadas pelos britânicos, que haviam obtido um sucesso razoável ao lidar com as expedições de César a sua ilha. Depois de algumas experiências dolorosas nas mãos da cavalaria alemã, Vercingetorix decidiu só oferecer batalha a partir de uma posição invulnerável. Isso deixou aos romanos a opção de declinar da luta ou atacar e serem derrotados, saindo como perdedores em qualquer dos casos. Para conter César onde não houvesse posição segura em que ele pudesse se manter, Vercingetorix adotou a tática britânica de recuar diante das legiões ao mesmo tempo em que devastava as terras para negar-lhes suprimentos. César explicou essa política de Vercingetorix da seguinte maneira:

Precisamos fazer o possível para impedir que os romanos obtenham suprimentos. Isso deve ser fácil porque temos a cavalaria para fazer isso e a estação nos favorece. O feno já foi cortado e está nos celeiros, e podemos garantir que, se grupos de coletores tentarem se apossar dele, nenhum deles volte com vida. Além do mais, para salvar nossas vidas, temos de sacrificar nossas posses pessoais – devemos destruir todas as fazendas ao longo da linha de marcha de César e dentro do alcance de seus coletores ... também devemos destruir todas as cidades, exceto as mais inexpugnáveis. De outro modo, elas servirão de refúgio a nossos desertores e darão sustento ao inimigo quando este as saquear. Essas medidas podem parecer brutalmente cruéis, mas a alternativa é ser conquistado; suas esposas e filhos serem levados como escravos, enquanto vocês são mortos.

César De Bello Gallico 7.14

Assim, conforme César penetrava em seu território, os bituriges destruíam suas próprias fazendas, aldeias e cidades, persuadidos que se não o fizessem, César o faria por eles. Porém, os bituriges não foram capazes de destruir sua capital, Avaricum (agora a moderna Bourges), uma das mais belas cidades na Gália. Em vez disso, os orgulhosos líderes da tribo imploraram de joelhos ao conselho de guerra que lhes permitisse defender sua capital. Avaricum ficava contra o rio, quase completamente rodeada por pântanos. Era de difícil acesso e tinha muralhas fortes.

Vercingetorix estava cético. Ele argumentou que os romanos eram muito capazes de tomar a cidade, que deveria ser uma ruína fumegante quando César chegasse ali, pois certamente iria se tornar uma depois. Mas os comandantes supremos gauleses não eram autocratas, e Vercingetorix foi obrigado a ceder ao desejo coletivo de que a cidade fosse defendida. Então, ele assumiu uma posição

inexpugnável nos pântanos a cerca de 25 km da cidade e se manteve em contato com mensagens enviadas a cada hora.

A estratégia gaulesa de negar suprimentos aos invasores teve êxito. Embora os coletores romanos agissem em horários diferentes a cada dia e usassem caminhos incomuns, eram encontrados e mortos pela vigilante cavalaria gaulesa. César teve de pedir provisões aos aeduis e aos boios. Os primeiros mostraram-se relutantes e os últimos pouco puderam ceder, sendo apenas uma pequena tribo que, naquele momento, havia acolhido relutantemente o exército de Vercingetorix. Os romanos tinham de vencer rapidamente ou enfrentar a fome. De um modo ou de outro, seria um cerco breve.

A descrição de César mostra mais uma vez que ele não estava lidando com selvagens.

Os gauleses são realmente engenhosos ao adaptar ideias e colocá-las em prática. Eles prenderam nossas escadas com uma corda longa e forte e, depois, usaram guinchos para puxá-las para dentro das muralhas. Eles fizeram com que nossos muros de proteção desabassem ao enfraquecê-los. Eles são especialistas nesse tipo de trabalho por causa das inúmeras minas de ferro em seu território. E toda a sua muralha era fortificada com torres.

César De Bello Gallico 7.22

Ele acrescentou que essas torres eram feitas de uma mistura engenhosa de madeira e alvenaria de tal modo que a madeira absorvia o choque dos golpes do ariete e a alvenaria tornava as muralhas resistentes ao fogo. No final, os romanos tomaram a cidade usando a mesma técnica que depois usaram em Masada, na Judeia: construíram uma enorme trincheira até a muralha e, quando os gauleses se abrigaram durante uma grande tempestade, correram com plataformas e a tomaram em um ataque surpresa. “Nossos soldados estavam exasperados com o trabalho do cerco”, relata César impassivelmente, “eles não pensaram em fazer prisioneiros e pedir resgate. Eles não pouparam nem mesmo velhos, mulheres ou crianças. Das 40.000 pessoas na cidade, cerca de 800 fugiram para o acampamento de Vercingetorix”.

A queda de Avaricum, na verdade, ajudou a causa gaulesa. Ela trouxe mais provas de que os conquistadores romanos não eram menos selvagens do que os germânicos e que eram consideravelmente mais bem organizados, demonstrando também que Vercingetorix estava certo. A estratégia dele teria salvado milhares de vidas e negado aos romanos os suprimentos que eles tomaram da própria cidade. A posição de Vercingetorix como líder ficou mais sólida.

Os romanos então se voltaram para os arvernos. Vercingetorix manteve-os afastados quebrando as pontes sobre o rio Allier na fronteira para suas terras. Ele marchou ao longo da margem oposta aos romanos, impedindo-os de consertar as

pontes. Um dia, o exército romano partiu, seguido de perto por Vercingetorix, como usual. O que os gauleses não viram foi que uma grande parte do exército, inclusive César, havia se ocultado em um bosque próximo. Assim que os gauleses estavam fora do caminho, eles lançaram uma ponte sobre o rio e marcharam sobre Gergóvia, capital dos Arvernos.

A cavalaria de Vercingetorix era mais rápida do que a infantaria de César, e o líder gaulês chegou a tempo de planejar a defesa da cidade. Gergóvia era solidamente defendida e tinha uma posição segura. Embora os romanos tivessem rapidamente tomado um posto avançado, eles não foram capazes de assumir os demais fortes remotos, o que significava que as seis legiões romanas não podiam formar um perímetro amplo o bastante para manter um bloqueio seguro.

A única esperança que os romanos tinham de conquistar a Gergóvia era por meio de um ataque surpresa. Aproveitando uma disputa tribal, atacaram rapidamente um forte ao sul e o capturaram. Então, atacaram a própria Gergóvia, e alguns soldados romanos chegaram mesmo a subir nas muralhas. Vercingetorix liderou um contra-ataque e varreu os romanos, no mesmo instante em que uma grande força gaulesa aparecia fora da cidade. Eram os aeduis, os aliados vacilantes de César, mas os romanos não sabiam disso na hora. A retirada romana transformou-se em uma fuga em pânico que só foi estancada quando César chegou com uma legião que havia mantido como reserva. Em vez de oferecer batalha, Vercingetorix retirou-se para a cidade.

Era a primeira derrota de César, que era zeloso quanto a sua reputação como general. Ele nunca perdoou Vercingetorix, especialmente porque a derrota romana levou os aeduis a se juntarem à revolta gaulesa. Os aeduis tomaram a base de suprimentos de César e entregaram seus cavalos de reserva, suprimentos e prisioneiros gauleses a Vercingetorix. Um César frustrado foi obrigado a se retirar cruzando o Loire até onde Labieno estabelecera uma base, o local que, mais tarde, se tornaria Paris. Sem sua base de suprimentos, César soube cobrir sua fraqueza na cavalaria recrutando mais mercenários germânicos.

Vercingetorix estava preocupado com política. Os aeduis haviam trazido um bom número de aliados e haviam incentivado outros, anteriormente neutros, a se unirem à causa. Em retribuição, dois jovens chefes dos aeduis, Eporedorix e Viridomar, achavam que deveriam ter o comando geral da revolta. Foi convocado um conselho de todos os chefes tribais gauleses e esse conselho confirmou a posição de Vercingetorix como líder supremo. Vercingetorix celebrou esse sucesso, esforçando-se por fomentar a rebelião na Provença, a única parte da Gália sob o controle romano formal. Ele foi prejudicado pela oposição resoluta dos alóbrogos, a tribo local. Devido a uma rebelião anterior, eles conheciam em primeira mão as consequências de se opor a Roma e não queriam repetir a experiência.

Vercingetorix continuou convencido de que, se suas tropas não podiam

derrotar os legionários de César, sua cavalaria podia ao menos impedir que eles comessem. Consequentemente, quando soube que os romanos estavam em movimento de novo, Vercingetorix concentrou-se no comboio de bagagens de César. Convocando seus comandantes da cavalaria, ele disse:

“Este é nosso momento de vitória. César está se dirigindo para a Provença. Isso nos deixa livres no momento, mas nossa paz e nossa segurança futuras ainda estão ameaçadas. O inimigo irá retornar, mais numeroso do que antes, e esta guerra não terá fim. Temos de atacar agora, enquanto estão carregados com as bagagens. Se eles lutarem para defender seus suprimentos, sua retirada será atrasada. Se eles abandonarem a bagagem, não terão do que viver e serão humilhados por mais uma derrota.”

César De Bello Gallico 7.66

Vercingetorix obrigou sua cavalaria a prometer que qualquer homem que não passasse duas vezes pela coluna romana teria negado o acesso a seu lar, sua esposa e sua família dali por diante. Então, levando a infantaria para distrair a frente romana, ele lançou a cavalaria sobre o comboio de suprimentos. Esse foi um dos momentos cruciais de toda a guerra. Se os romanos tivessem perdido sua bagagem, a campanha estaria terminada por aquele ano. Com sua credibilidade diminuída e seus inimigos em ascensão em Roma, é improvável que César conseguisse lançar um novo ataque.

O infortúnio de Vercingetorix foi ele estar em desvantagem em quase todos os aspectos da guerra. Apesar de César afirmar o contrário, é improvável que os gauleses em algum momento tivessem uma superioridade numérica convincente sobre os romanos. Sua infantaria era totalmente suplantada pelas legiões e ele enfrentava César, o maior general de Roma. E a cavalaria demonstrou repetidas vezes que não conseguia enfrentar os cavaleiros germânicos. Depois de dissipar a onda do primeiro ataque, os germânicos abriram seu caminho para terrenos mais altos e de lá fizeram um ataque que lançou os gauleses em fuga.

Vercingetorix foi forçado a retroceder. Talvez esperando repetir o sucesso anterior em Gergóvia, foi para a cidade fortaleza de Alésia. Ele sabia que seria seguido por César e se preparou para enfrentar um cerco. Como esse sítio era inesperado, os suprimentos eram cruciais. Vercingetorix dispersou a cavalaria – que era de pouco uso na guerra de cerco – e lhes disse para levantarem toda a Gália em seu apoio. Logo depois da partida da cavalaria, os romanos chegaram.

As semanas seguintes viram pouca luta e muita construção. Os romanos construíram uma circunvalação ao redor de Alesia para isolá-la. Então, começaram a trabalhar ainda mais freneticamente em uma muralha voltada para o exterior para conter o exército gaulês que logo os cercaria. Dentro de Alésia, os gauleses estavam preparando os ganchos, arpéis e escadas de cerco de que precisariam para atacar as linhas romanas assim que a ajuda exterior

chegasse. E, no tempo devido, essa ajuda chegou: uma multidão de gauleses que chegava a 250.000 homens (segundo César, que exagerava o número de seus inimigos multiplicando-os pelo menos por três).



14 Essa estátua famosa em Vachères, França, mostra um jovem nobre gaulês. Ele usa uma malha de metal, mas carrega no quadril um escudo distintamente celta e uma longa espada de folha larga. Seu longo manto de lã era, às vezes, a única vestimenta usada pelos soldados de infantaria celtas.

A guerra inteira então passou a depender do resultado desse extraordinário cerco duplo. César foi inteiramente rodeado pelos gauleses. Porém, esses gauleses não podiam atravessar o sítio romano para entrar em Alésia, Vercingetorix também não podia romper esse cerco para chegar até eles, e seus suprimentos estavam ficando escassos. Finalmente, ele foi forçado a entregar todos os não combatentes da cidade que havia ocupado. Essa massa de mulheres e crianças famintas foi até as linhas romanas, mas os romanos não permitiram que passassem. E os gauleses não as acolheram de volta, então esses inocentes foram deixados no meio das linhas para morrer de forma horrível por falta de comida, água e abrigo.

Infelizmente para os gauleses, mostrou-se impossível coordenar os ataques dos que estavam dentro das muralhas com os da força exterior, e não foi possível que os gauleses do exterior se coordenassem o suficiente para que todos atacassem de uma só vez. A tentativa mais intensa foi feita pelo primo de Vercingetorix, Vercassivellaunus. Ele atacou as linhas romanas a partir do exterior em seu ponto mais fraco, enquanto Vercingetorix atacava no mesmo momento e lugar, partindo do interior. Por quase uma hora, o destino dos gauleses manteve-se em equilíbrio precário, com os grupos de defensores romanos lutando quase de costas um para o outro contra os atacantes dos dois lados. No final, foi a bravura pessoal de César, que liderou uma carga no momento crucial, o que virou a maré.

Os gauleses foram repelidos e a cavalaria alemã abriu caminho para cercar os guerreiros de Vercassivellaunus, atacando-os enquanto retrocediam. Desmoralizados e com poucas provisões, os reforços gauleses começaram a se dispersar, deixando Vercingetorix isolado em Alésia, sem nenhuma esperança realista de resgate. Seus enviados aos romanos em busca de termos de acordo receberam a resposta intransigente de que nada menos do que a rendição total seria aceito. Então, o homem que havia exigido tanto sacrifício dos outros decidiu sacrificar-se. Vestido com sua melhor armadura, Vercingetorix partiu para o acampamento de César, esperando que, ao se render pessoalmente, ele pudesse afastar a ira de César de seus compatriotas.

O historiador Cássio Dio continua o relato.

Ele chegou sem ser anunciado, aparecendo subitamente em um tribunal em que César estava sentado, durante um julgamento. Alguns dos romanos foram surpreendidos por isso, não menos porque Vercingetorix era um

homem alto, e parecia ainda mais formidável em sua armadura. Quando o burburinho diminuiu, Vercingetorix foi até a frente sem dizer uma palavra e caiu de joelhos diante de César, pedindo misericórdia apenas com esse gesto. Muitos dos que estavam presentes foram tomados pela piedade ao comparar a condição dele com sua boa sorte anterior.

Cássio Dio *História* 40.41

César não estava em um estado de espírito misericordioso. Em respeito pela aliança anterior, ele permitiu que os aeduis retornassem a seus lares. Os outros guerreiros foram entregues como escravos aos legionários. Vercingetorix foi acorrentado e enviado a Roma para esperar o retorno do conquistador. Ele foi mantido como prisioneiro durante seis anos, muito provavelmente no mesmo Tuliano que havia abrigado Jugurta (Capítulo 4). Quando César finalmente ficou disponível para celebrar seu triunfo, Vercingetorix foi levado acorrentado diante de sua carruagem, como a prova viva da derrota da Gália. Então, como era tradicional para um líder inimigo que fora exibido em triunfo, Vercingetorix foi executado.

Foi um fim humilhante para o maior líder da Gália, como César pretendia que fosse. Porém, os gauleses nunca esqueceram o tempo em que estiveram unidos como uma nação. Vercingetorix já era uma figura cultuada na época do final do Império Romano, quando foram cunhadas moedas que traziam seu nome. Hoje, ele é amplamente reconhecido como o primeiro herói nacional da França, e sua rebeldia histórica diante da superpotência romana ainda tem uma poderosa influência sobre a consciência francesa.

CAPÍTULO 8

ORODES II DA PÁRTIA: COMO DERROTAR OS ROMANOS

Dardos da Pártia, fostes subjugados e agora vingador a sorte amável do trespassse me faz de Marco Crasso. Ponde à frente do exército o cadáver do filho do monarca. Teu Pacoro, Orodes, isto paga a Marco Crasso.

Ventídio em Antônio & Cleópatra Ato 3 Cena 1, de Shakespeare

Em meados do século I a.C., as legiões romanas pareciam invencíveis. A Espanha havia sido subjugada, embora com relutância; a África era uma província romana; a Grécia e a Macedônia haviam sido conquistadas; e Júlio César estava esmagando os gauleses. Os romanos pareciam destinados a ter o mundo inteiro sob seu domínio e sua atenção se voltou então para o antigo império de Alexandre, no Oriente.

Roma já dominava a maior parte da Ásia Menor e era intensamente odiada ali por sua corrupção e ganância. Porém, o império de Alexandre, o Grande, havia se estendido além da Ásia Menor até as fronteiras da Índia. Havia boatos de que nessas terras não cartografadas existiam reinos de riquezas fabulosas. Não era de lá que vinha a seda? E o incenso e as especiarias raras e exóticas, coisas pelas quais Roma pagava a peso de ouro duramente conquistado?

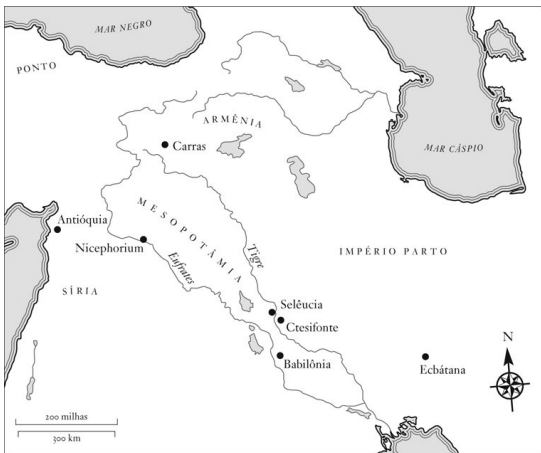
De fato, esses luxos vinham da China ou ainda de mais longe. Mas os povos situados entre Roma e a China esforçaram-se para ocultar esse fato a fim de evitar que os dois impérios comerciassem diretamente um com o outro em vez de fazê-lo por seu intermédio. Os partos eram um desses povos. Eles afirmavam serem os herdeiros diretos da civilização mesopotâmica que havia chegado a eles por meio dos persas derrotados por Alexandre. A lenda afirma que os primeiros partos migraram para o leste vindos das terras ao redor do Danúbio. Isso bem pode ser verdade, pois mesmo os persas do Irã moderno têm fortes aspectos arianos em seu idioma e cultura.

Os escritores romanos Strabo e Justino dizem que o ancestral do povo parto foi um cita chamado Arsaces. Arsaces mais tarde tornou-se o sobrenome dos reis partos. O nome “parto” vem de Parthava, a província a sudoeste do Mar Cáspio onde esse povo se instalou como súditos do Império Persa. Sua cavalaria muito bem armada combateu com o exército persa. Depois de uma vitória grega sobre a Pérsia, nos anos 490 a.C., o teatrólogo Ésquilo se gabou:

Onde estão os grandes líderes de seus cavalos cobertos por cotas,
Daixis e Arsaces, onde?
Ésquilo *Persae* 4

Conquistados por Alexandre, o Grande, os partos viveram sob o governo selêucida até os anos 240 a.C. O líder parto que os tirou do jugo governou como Arsaces I de 238 até sua morte, em 211. Mitridates I (171-138 a.C.) – sem parentesco com o rei de Ponto, no capítulo 5 – derrotou e capturou o rei selêucida, Demétrio, que permaneceu como prisioneiro na Pártia durante 10 anos.

Com a queda dos selêucidas, a Pártia se transformou em uma potência mundial. Isso se refletiu na nomeação dos reis: Arsaces primeiro se proclamou como Arsaces, o Rei e, depois, como Rei Arsaces Fileleno. Este último nome tinha o objetivo de tranquilizar o número cada vez maior de gregos no império, em especial depois da conquista, em 126 a.C., da Mesopotâmia e da antiga capital selêucida, Selêucia, no Tigre. Sob Mitridates II, a Pártia dominou grande parte do antigo Império Persa. O governante parto então assumiu o título persa de Rei dos Reis, com algumas dezenas de monarcas menos importantes sob seu domínio.



15 Império Parto. Algumas das terras mais ricas do império situavam-se na Mesopotâmia, entre os rios Eufrates e Tigre, mas o lar espiritual dos partos localizava-se nas montanhas e desertos austeros do leste, onde o poderio de Roma nunca se aventurou.

A parte do antigo Império Persa que não estava sob domínio parto era dominada por Roma. O primeiro contato formal entre as duas potências ocorreu em 96 a.C., quando Sula (o mesmo nobre romano que havia capturado Jugurta e combatido Mitridates de Ponto) encontrou o embaixador do rei parto. O embaixador parto foi executado por permitir que Sula presidisse o encontro, mas o acordo de que o rio Eufrates marcaria o limite das ambições de ambos os impérios foi mantido até o reinado de Orodes II.

O Império Parto era organizado do mesmo modo em que o Império Persa havia sido e era, como resultado, igualmente desorganizado. Sua diversidade étnica, cultural e religiosa impedia um governo único, e os governantes semiautônomos, reis vassalos e grandes famílias do império tinham suas próprias ideias de como as coisas deviam ser realizadas. As grandes famílias – dentre as quais Suren, Karin e Gev foram as principais – governavam grandes feudos onde seus editos eram lei. Isso levou a crueldades extravagantes e exigências de

obediência por parte dos reis partos que, sendo fracos, precisavam realizar exibições explícitas de poder de uma maneira desnecessária a monarcas mais seguros.

O rei possivelmente consultava dois conselhos: um grupo de aristocratas chamado de *synergon* e outro de homens sábios ou cultos, os *magi*. O império era economicamente dinâmico graças a uma grande e ativa classe de artesãos inspirados pelo fraco controle que o governo exercia sobre suas atividades. Devido à diversidade de seu império, os partos não tinham escolha exceto serem tolerantes religiosa e etnicamente, como se vê claramente no modo em que trataram os gregos.

Os reis partos empenharam-se em fazer com que seus súditos gregos gostassem deles. Eles tanto aparentaram admirar a cultura grega que até recentemente os estudiosos viam a cultura parto como um reflexo fraco da grega, ignorando a rica e florescente tradição da arte e da literatura iranianas fora das áreas helenizadas. Embora os gregos se revoltassem entusiasticamente todas as vezes em que os romanos invadiram a Pártia, seus senhores nunca tentaram transplantar nem dispersar esse povo problemático como o Império Romano, mais impaciente, acabou fazendo com os judeus.

Plínio, o Velho, escreveu em *duo imperia summa – Romanorum, Parthorumque* (“dois grandes impérios, romano e parto”), mas a principal diferença era esta: os romanos tinham uma República democrática, mas mesmo assim oprimiam impiedosamente os povos que submetiam, enquanto a monarquia absoluta dos partos era tolerante e ecumênica. Além disso, como bem exprime o historiador N. H. Sitwell, “enquanto os romanos pareciam sempre saber aonde estavam indo, mesmo que fosse para o desastre, os partos sempre pareciam desorganizados, mesmo quando venciam”.

Essa desorganização transformou-se em anarquia depois da morte de Mitrídates II, em 88 a.C., quando o império mergulhou em uma “era sombria” de revoltas e guerra civil. Quando o caos terminou, a dinastia arcáside ainda estava no poder, mas havia desenvolvido um gosto pelo parricídio combinado a uma fé totalmente injustificada na geração seguinte. Pelos cem anos seguintes, todos os monarcas ar-cásidas morreram pelas mãos de seus filhos.

Quem iniciou a tendência foi Frates III, que restaurou a ordem nos anos 60 a.C., por um breve período, antes de ser morto por seus filhos Mitrídates III e Orodes II (não se sabe quem foi o primeiro Orodes). Os dois filhos imediatamente afirmaram o próprio direito ao trono e apoiaram essas afirmações com moedas que tinham o *slogan*, sabidamente falso, de *philopater* (“aquele que ama o pai”). Orodes venceu a guerra civil que se seguiu, em parte porque Mitrídates mostrou-se brutalmente severo, um excesso para o gosto de seus súditos.

Em 56 a.C., Mitrídates fugiu para os romanos e pediu auxílio a Gabínio, o

governador da Síria. Gabinio, como fica claro nos relatos romanos contemporâneos, não era um homem de deixar que acordos internacionais impedissem o lucro pessoal. Prontamente avançou para o Eufrates, a fronteira com a Pártia, de onde o senado romano obrigou-o a retornar.

Mitridates havia avançado para a Babilônia, onde ficou sob cerco de Orodes, mas seus homens se renderam ao saber que Roma os havia abandonado. Orodes, que já era um parricida, não hesitou em acrescentar a morte do irmão à sua consciência. Na verdade, ele fez questão de estar presente na execução de seu irmão. Para celebrar a ocasião, emitiu moedas com sua própria efígie, acompanhado pelas deusas Tique (fortuna) e Nice (vitória).

A base de poder de Orodes ficava ao leste do planalto iraniano, onde havia vivido em semiexílio enquanto o pai ainda estava vivo. Seu principal respaldo era o Surenas, um título usado pelo chefe da Casa de Suren. O Surenas tinha o direito hereditário de coroar o Rei dos Reis com suas próprias mãos e de comandar as forças partas na guerra.

Os romanos não se impressionaram com um general que, nas palavras de Plutarco, tinha “aparência delicada e vestes efeminadas... seu rosto era maquiado e seu cabelo penteado segundo a moda persa”. Eles consideraram isso como sinal da decadência parta. Certamente, essa era a opinião de Marco Licínio Crasso, que substituiu Gabinio na Síria em 54 a.C. Crasso, o conquistador de Espártaco, foi descrito por Plutarco como um “soberbo general”. Sob o ditador Sula, ele havia derrotado os duros rebeldes samnitas nos portões de Roma. Agora, em um triunvirato que dominava o Império Romano com Júlio César e Pompeu, Crasso havia decidido transformar a Pártia em sua última conquista.

Ele não tinha disputas com a Pártia, e Roma não o havia designado para essa guerra. Porém, havia ouvido que os partos eram muito ricos e pensou que a captura de Orodes seria fácil, pois ele mal havia se estabelecido no trono.

Cássio Dio *História Romana* 40.11

Crasso tinha 60 anos nessa época, e Orodes insultou-o enviando embaixadores para perguntar se Crasso estava agindo em nome do estado romano. Se assim fosse, haveria guerra até a morte. Porém, ele entendia que Crasso era um velho, enlouquecido pela senilidade e ganância e, portanto, seria misericordioso.

Orodes supôs corretamente que a invasão da Pártia por Crasso seria impopular em Roma. Um tribuno até mesmo amaldiçoara Crasso e seu exército quando partiram para a guerra. Orodes também sabia que Crasso tinha soldados inferiores, pois os melhores estavam lutando com César na Gália e os veteranos estavam guardando a Espanha. Assim, quando Crasso disse ao embaixador parto que ele responderia a seus insultos na Selêucia, às margens do Tigre, o embaixador virou a palma das mãos para cima e disse a Crasso: “pelos crescerão aqui antes que você veja Selêucia”.

Recusando uma oferta de passagem pela Armênia enviada pelo rei armênio, Crasso atacou a Mesopotâmia diretamente. Ele obteve um sucesso inicial contra Silaces, o sátrapa regional, e a cidade de Nicephorium se entregou. Em resposta, Orodes enviou Surenas contra Crasso enquanto ia punir os armênios por suas simpatias pelos romanos. Nossas evidências vêm principalmente da perspectiva romana e, assim, temos um relato melhor da campanha contra Crasso do que da luta contra os armênios. Os relatos dizem que Surenas era um general extraordinário.

Sempre que fazia viagens particulares, carregava um comboio de 1.000 camelos com as bagagens, 200 carruagens para suas concubinas, 1.000 guarda-costas totalmente armados e outros com equipamentos mais leves e pelo menos 10.000 servos e atendentes a cavalo... no entanto, foi ele quem tomou a cidade de Selêucia [de Mitridates], quem foi o primeiro a escalar as proteções, quem lutou corpo a corpo com os defensores.

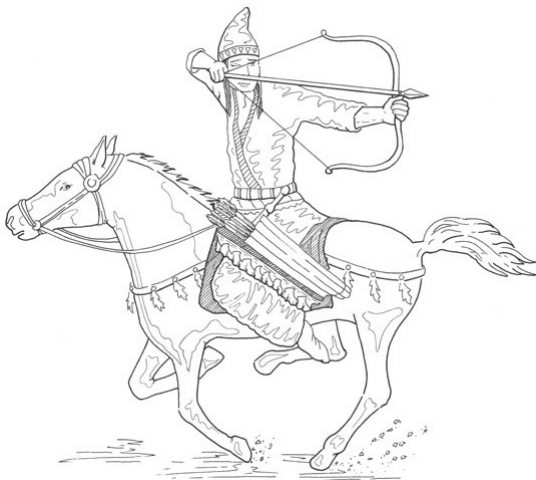
Plutarco *Vida de Crasso* 21

Os romanos interpretaram a submissão parta a seu monarca e à nobreza como um sinal de que essa era uma nação escrava. Eles ficaram desagradavelmente surpresos com a lealdade dos súditos do rei e com a bravura pessoal tanto de aristocratas quanto de soldados comuns. Os partos eram diferentes de qualquer exército contra o qual eles haviam lutado anteriormente.

Considerando o caráter parto, não é de se surpreender que os soldados não fossem pagos e que a logística fosse considerada uma arte negra. A maior parte do exército era composta por soldados dos feudos, os *hamspah*, muitas vezes suplementados por mercenários. Os soldados de infantaria não eram um componente importante do exército e a maioria deles era de arqueiros. A maioria dos cavaleiros também usava o arco como arma. Esses cavaleiros leves eram extremamente móveis, como tinham de ser, pois, do outro lado do império, passavam seu tempo em escaramuças com os ancestrais nômades de Átila, o Huno.

Porém, o exército parto havia aprimorado suas técnicas de luta com os selêucidas e não se impressionara com os pesados soldados de infantaria das legiões romanas. A cavalaria pesada era formada pelos catafratos, de *cataphracti*, uma palavra grega que significa “coberto”; os cavaleiros e seus cavalos usavam armaduras pesadas. Suas lanças eram longas e grossas de uma maneira incomum, e o peso combinado do cavaleiro e do cavalo podia espetar essa lança em dois oponentes de uma só vez. Como qualquer cavalaria, esses cavaleiros eram praticamente inúteis contra uma infantaria disciplinada em formação fechada, mas essa infantaria era um alvo fácil para os arqueiros no resto do exército. Além disso, os arqueiros usavam um arco composto – um misto de ferro, chifre e madeira que era mais leve, mas mais poderoso do que os

equivalentes romanos.



16 Um guerreiro parto a cavalo atirando uma “flecha parta” sobre a anca de seu cavalo enquanto recua. Os romanos ficaram atônitos com esse estilo de guerra. “Eles lutam até mesmo enquanto fogem e fogem enquanto lutam”, reclamou um cronista.

Os armênios foram rapidamente vencidos por Orodes. Depois de separar a Armênia de Roma, o rei retirou-se para sua nova capital real de Ctesiphon para esperar notícias de Surenas. Crasso havia dado a vantagem aos partos ao marchar para a Mesopotâmia. Nas planícies, os romanos tiveram de escolher entre ser atormentados pelos arqueiros, se permanecessem em formação fechada, ou ser atacados pelos catafratos se abrissem suas fileiras.

O momento decisivo ocorreu em 53 a.C., perto da cidade de Carras. Plutarco relata o que aconteceu.

Os partos não marchavam para a guerra com cornetas e trombetas para

encorajá-los. Eles usavam um tipo de timbale que batiam no tempo em diferentes partes do campo. Eles adicionavam um tipo de ruído oco e surdo, como de gado berrando [...] eles sabiam que, de todos os sentidos, a audição é o mais rapidamente confuso e desordenado.

[...]os partos começaram a atirar de todos os lados. Eles não escolhiam nenhum alvo específico, pois como os romanos estavam bastante próximos, seria muito difícil errar. Eles simplesmente usavam seus grandes arcos para atirar flechas que atingiam os romanos com grande força. Desde o início, os romanos estavam em uma posição ruim. Se eles mantivessem suas fileiras unidas, seriam feridos. Se tentassem atacar o inimigo, este não sofreria nenhum dano a mais e eles não sofreriam menos porque os partos podiam atirar mesmo enquanto fugiam. Essa era uma ideia astuta: ao lutar enquanto fugiam, evitavam a desonra de correr diante do inimigo.

Plutarco *Vida de Crasso* 23 & 24

Os romanos haviam acabado de serem apresentados às “flechas partas”, que têm sido uma metáfora até hoje para causar danos aos adversários mesmo enquanto se foge da luta. Os partos faziam isso virando na sela e atirando sobre as ancas de seus cavalos. Eles devastaram uma carga de cavalaria comandada por Públio, o filho de Crasso, matando a maioria de seus homens e ele próprio.

Considerando a ineficiência das cadeias de suprimento partas, os romanos podiam, com alguma razão, esperar que os partos ficassem sem flechas, mas Surenas se mostrou à altura da situação. Ele não apenas tinha cargas de flechas novas, trazidas por camelos, mas tomou o cuidado de garantir que os romanos vissem que seus homens estavam recebendo novos suprimentos. O moral das tropas de Crasso despencou. Com dificuldade, os romanos lutaram para chegar à cidade de Carras. Em um incidente que demonstra o estilo da cavalaria parto, quatro coortes romanas isoladas foram cercadas e massacradas. Os vinte sobreviventes romanos empunharam suas espadas e atacaram todo o exército parto. Por respeito diante de tal coragem suicida, os partos abriram suas fileiras e permitiram que esses homens se unissem à força romana principal.

Crasso foi obrigado a negociar, em parte por seus próprios soldados e em parte pela situação evidentemente sem esperança. Ele tinha pouca fé nas promessas partas, especialmente porque o próprio Orodes dissera que “os deuses permitem a punição daqueles que quebram tratados”, mas não tinha escolha. Quando as negociações começavam, ocorreu uma escaramuça e Crasso foi morto. É incerto quando isso aconteceu exatamente, pois, como Plutarco comenta, seco, os romanos próximos “não tinham tempo para anotar detalhes”. Mas uma coisa era clara como cristal: Surenas tinha uma vitória famosa para levar a seu rei.

Orodes já estava celebrando uma vitória diplomática. As conversas de paz

com a Armênia haviam progredido a tal ponto que o rei armênio casara sua irmã com Pacoro, o filho de Orodes. As núpcias misturaram festividades gregas e iranianas. Orodes conhecia bem a arte e a literatura gregas, mas o rei armênio escrevia tragédias, discursos e histórias em grego, grande parte com mérito considerável. Não foi coincidência que *As Bacantes* de Eurípides estivesse sendo apresentada quando o sátrapa Silaces presenteou os reis com a cabeça de Crasso – no momento perfeito para que esse troféu ensanguentado fosse incluído como um adereço na peça.

Um ponto interessante é o que aconteceu com o resto do exército romano. Alguns soldados voltaram para a Síria sob as ordens do segundo em comando de Crasso, Cássio Longino, o homem que mais tarde tramou o assassinato de Júlio César. Mas milhares permaneceram como prisioneiros, e seu destino era tão caro aos romanos como o dos americanos desaparecidos no Vietnã em tempos recentes era aos seus compatriotas. Uma pista do que aconteceu às legiões perdidas pode estar em alguns afrescos incrivelmente ao estilo romano no oeste da China e em um relato chinês contemporâneo a respeito de alguns soldados com armaduras estranhas em um forte. Será que os legionários romanos terminaram suas carreiras servindo ao rei parto no outro lado de seu império? É improvável, mas não impossível. Para Orodes, um grande corpo de soldados treinados era bom demais para ser desperdiçado. O leste do império estava agitado na época e, ao contrário das tropas partas, os soldados romanos certamente não tinham lealdades locais ali.

Depois da vitória em Carras, a questão da lealdade ocupou muito da atenção de Orodes. Um problema comum aos generais dos tiranos é que eles precisam vencer, mas não devem se destacar demais. Com sua vitória magnífica, Surenas havia se colocado ao nível do próprio Orodes, e isso era intolerável. Meses depois, o grande general estava morto, executado por ordem do rei – um ato de imensa ingratidão que criou indignação considerável na região leste, onde nasceu Surenas, e contribuiu para a agitação mencionada acima.

Tendo-se privado de seu maior general, Orodes teve de escolher um homem menos capacitado para liderar o contra-ataque parto na Síria. Seu próprio filho, Pacoro, foi o comandante oficial para a campanha, mas o comandante real era um general chamado Osaces. Essa expedição parto estava mais para uma invasão punitiva do que uma tentativa de conquista. Os homens do rei não fizeram nenhuma tentativa de manter as terras que foram varridas por sua cavalaria. Os partos também não tentaram a sorte nas cidades que encontraram, apenas passaram por elas saqueando os campos que as cercavam. Os partos tinham poucos equipamentos para cerco; quando, algumas décadas mais tarde, capturaram todo um comboio de sítio romano, não chegaram a utilizá-lo.

No final de 51 a.C., sua expedição passou pela cidade de Antioquia. Lá, encontraram o temível Cássio e seus soldados sobreviventes. Esses homens

devem ter ficado consideravelmente satisfeitos ao obrigar os partos a recuar em uma derrota sangrenta e ao matar Osaces, o comandante parto. Com esse revés, Orodes ordenou ao filho que retornasse. Ou ele não se sentia à vontade ao entregar um comando militar ao filho ou Pacoro era necessário no Oriente. Pacoro certamente não havia caído em desgraça. Pelo contrário, foi elevado ao posto de governante junto com Orodes. Uma moeda cunhada na cidade persa de Ecbátana nessa época refe-re-se ao “Rei dos Reis, Arsaces Fileleno [isto é, Orodes] e Arsaces Pacoro”.

Com os partos fora da Síria, os romanos interessaram-se menos por Orodes, especialmente porque Júlio César estava então em busca do poder supremo. César obteve a vitória em Farsalos em 48 a.C. Pompeu, derrotado, pensou em fugir para a Pártia, mas cometeu o engano fatal de preferir o Egito.

Orodes provavelmente teria acolhido Pompeu. Ele estava começando a reunir um corpo de exilados romanos e foi mais rápido do que o senado romano a perceber o perigo real de César. Em 46 e 45 a.C. prestou ajuda substancial à revolta de Q. Cecílio Basso contra César, uma ação que instigou em César seu projeto de invadir a Pártia. Depois do assassinato de César, em 44 a.C., Orodes emprestou a Brutus e a seu antigo inimigo Cássio vários esquadrões de cavalaria, alguns dos quais pereceram com a causa republicana em Philippi.

Mesmo com a morte de César, Roma não descansaria até recuperar os estandartes das legiões que haviam caído em Carras. A força propulsora por trás da invasão foi Marco Antônio, um dos herdeiros de César, trabalhando em colaboração com Cleópatra, a rainha do Egito. Orodes tinha um bom serviço de inteligência e, em 40 a.C., lançou um ataque preventivo contra a Síria. Pacoro liderou novamente o exército, mas desta vez ele não era apenas uma figura simbólica e sim um comandante capaz e enérgico. Sabemos alguns detalhes da campanha porque Pacoro interferiu na política da Judeia, e os resultados foram registrados pelos escritores judeus contemporâneos. Mais uma vez, o saque era um dos principais objetivos partos.

Quanto aos partos em Jerusalém, eles se entregaram às pilhagens e roubaram as casas daqueles que haviam fugido. No palácio do rei, eles não pouparam nada, exceto o dinheiro de Hicarno, que somava cerca de trezentos talentos [Hicarno era o sumo sacerdote]. Eles tomaram também o dinheiro de outros homens, mas não tanto quanto esperavam, pois Herodes há muito suspeitava da perfídia dos bárbaros e havia cuidado para que seus tesouros esplêndidos fossem colocados em segurança...

Josefo A Guerra dos Judeus 1.268.13

Hicarno, o sumo sacerdote de Israel, foi escolhido para o cargo por Pacoro, e o suborno que Pacoro recebeu por intervir incluía quinhentas mulheres judias que o acompanhariam até a Pártia.

Enquanto Pacoro atacava em direção ao norte, outro exército parto conseguia vitórias no sul. Orodes havia escolhido criativamente um líder para essa força e entregado o comando ao filho de Tito Labieno. Tito Labieno era um romano que em certa época comandara tropas para César na Gália (*ver* Capítulo 7), mas desde então tinha passado a apoiar a República. A derrota de sua causa o havia levado para a Partia, onde ele fora pedir a Orodes mais tropas para se juntarem às que já lutavam com Brutus e Cássio. O jovem Labieno e Pacoro colocaram grande parte da Ásia Menor sob controle parto, e a maré só mudou quando Labieno foi morto em batalha em 39 a.C.

O pior para a Pártia ainda estava por vir. O experiente e competente Ventídio assumiu o comando dos exércitos romanos na Síria. Em 38 a.C., ele derrotou os partos e matou Pacoro, o que fez com que, 500 anos depois, Shakespeare escrevesse a fala que abriu este capítulo. Ventídio tornou-se o único romano de sua geração a celebrar com um triunfo uma vitória sobre os partos.

A morte de seu filho favorito foi um duro golpe para Orodes. Ele retirou suas tropas da Síria e caiu em um estado de quase senilidade, ainda mais complicado pelo declínio de sua saúde. Ele precisava de alguém que substituisse Pacoro nas preparações para o futuro ataque romano. Suas visitas frequentes a seu grande harém o haviam deixado com outros 30 filhos para escolher. Uma evidência da queda em sua lucidez foi Orodes ter escolhido Frates, o mais velho, como seu herdeiro.

Frates não era um homem paciente. Tentou matar Orodes com acônito, usando doses baixas do veneno para evitar suspeitas. Ao contrário do esperado, isso provou ser um remédio excelente para o edema que afligia Orodes, e as doses ministradas pelo filho quase chegaram a obter uma cura completa. Quando esses efeitos tornaram-se aparentes, Frates trocou a sutileza pela técnica mais garantida do estrangulamento. Para abafar a discussão de sua conduta, Frates expurgou a corte dos partidários de Orodes e matou seus 29 irmãos.

Como rei, Frates IV (38-32 a.C.) manteve a tradição parto de derrotar uma invasão romana (sob o comando de Marco Antônio) e de ser morto por seu filho e sucessor. Dessa vez, o assassino foi auxiliado pela esposa do rei, que depois se casou com o enteado. A esposa havia sido escrava, um presente de Augusto quando os dois impérios finalmente celebraram a paz.

Eles eram realmente guerreiros formidáveis, embora sua reputação seja maior do que suas conquistas. Eles nunca conquistaram nenhum território romano e ainda perderam parte de suas terras. Porém, nunca foram realmente derrotados. Ainda hoje, eles podem se defender diante de nós.

Cássio Dio *História Romana* 40.14

CAPÍTULO 9

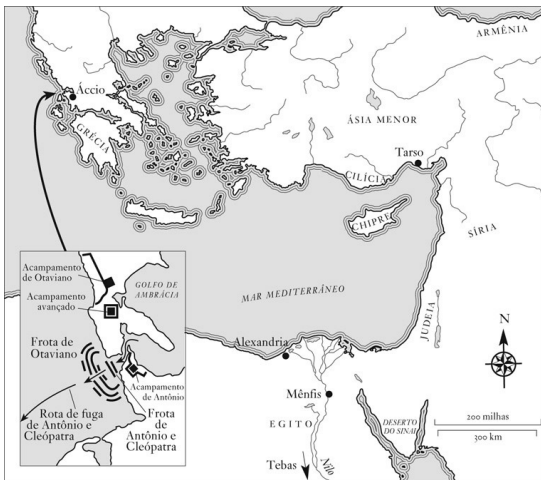
CLEÓPATRA DO EGITO: MANTENDO A POLÍTICA PESSOAL

O que foi feito daquela que ultimamente semeou a desgraça em nossas tropas, Uma mulher usada por seus próprios escravos? Ela clamou as muralhas de Roma e o senado Designados ao seu governo como uma taxa por seu “casamento” impuro.

Propércio 5.11.29-32

Rainhas chamadas Cleópatra eram muito comuns no mundo antigo. Por exemplo, Filipe II da Macedônia casou-se com uma Cleópatra, o que resultou em uma desavença quase fatal com seu filho Alexandre, o Grande. Houve seis Cleópatras do Egito antes da enigmática e fascinante rainha conhecida pelos egiptólogos como Cleópatra VII. Mas essa Cleópatra cativou tanto a imaginação moderna que ela agora é *a* Cleópatra, tanto um mito quanto uma personalidade real.

A Cleópatra do mito moderno era uma rainha egípcia de pele morena e beleza devastadora que passava seus dias em lânguida decadência com seus amantes romanos. A Cleópatra real era macedônia, possivelmente loira. Era trabalhadora, muito inteligente e impiedosa. Ela nem era especialmente bonita. Plutarco diz que “a beleza dela não era considerada tão admirável nem tal que se destacasse à primeira vista”.



17 O mundo de Cleópatra. Chipre e grande parte da Judeia já haviam sido parte do Império Egípcio, e Cleópatra estava determinada a retomar tanto da glória antiga de sua nação quanto possível. O destaque mostra a batalha de Áccio, a posição dos exércitos oponentes e o possível arranjo das forças navais.

No entanto, dois dos homens mais poderosos de sua época foram afetados pelos seus encantos a ponto de se prejudicarem politicamente. Ela teve filhos com cada um deles, ameaçando criar uma dinastia a altura de qualquer uma das grandes famílias de Roma.

E assim como seus amantes, César e Antônio, Cleópatra descendia de uma dinastia. Ela era uma ptolomaica, descendente de Alexandre, o Grande, que conquistou o Egito em 332 a.C. Apesar de macedônio, Ptolomeu I adotou imediatamente os costumes egípcios para se tornar aceitável a seus novos súditos. Ele também reviveu uma antiga tradição de casamento de irmão e irmã dentro da família real, uma prática que significava que Cleópatra descendia de seu ancestral ilustre muito mais diretamente do que a maioria das famílias reais.

A mãe de Cleópatra (sua tia paterna) era outra Cleópatra, Cleópatra Trifena.

O marido (e irmão) dessa Cleópatra era Ptolomeu XII, pai da Cleópatra mais jovem. Ptolomeu XII algumas vezes é chamado de Auletes, “o flautista”. Ptolomeu Auletes cultivava ativamente a amizade de Roma, em parte para proteger o reino e em parte para se proteger. Ao se apoiar em seus patronos romanos e tomar emprestadas com eles grandes somas de dinheiro, Ptolomeu tornou algumas pessoas muito poderosas diretamente interessadas em seu bem-estar pessoal. Isso era necessário porque a política egípcia era conduzida do mesmo modo que nas outras monarquias orientais, e o assassinato por parentes era uma causa de morte muito comum na família real.

Embora o Egito fosse um reino rico, o custo de manter os romanos satisfeitos quase levou o estado à falência. Porém, nem mesmo o massivo tesouro pago a Roma evitou que os romanos tomassem Chipre do Egito em 58 a.C. Essa terra que os romanos tomaram representou o último de uma série de reveses para o reino que já havia dominado grande parte do Oriente Médio. Esse era um declínio que Cleópatra estava determinada a reverter.

Pouco se sabe de sua infância. É certo que sua educação era, ao menos, igual à de seus irmãos. Ela era fluente em vários idiomas (embora, aparentemente, não em latim, o que é estranho devido à influência de Roma em seu reino e em sua vida). Conta-se que ela foi a primeira dos ptolomaicos a falar egípcio. Provavelmente, foi essa mente bem desenvolvida, e não um belo corpo, que cativou os amantes de Cleópatra. Plutarco fala de sua “inteligência ousada” e do “charme de sua companhia”. Não há dúvida de que ela era inteligente e sofisticada. Segundo o historiador Apiano, ela causou uma forte primeira impressão no jovem aristocrata romano Marco Antônio, que visitou a corte do pai dela quando Cleópatra tinha 15 anos e Antônio estava a caminho das guerras na Ásia Menor.

Talvez o pai de Cleópatra também respeitasse suas qualidades especiais, pois quando ele morreu, em 51 a.C., ela foi sua sucessora. Cleópatra fez uma tentativa corajosa de governar sozinha, embora fosse uma garota de apenas 17 anos. Porém, a pressão das autoridades palacianas obrigaram-na a casar-se com um irmão que estava no início da adolescência e que se tornou co-governante com o nome de Ptolomeu XIII. Cleópatra nunca foi especialmente popular com seus súditos. Ela pode, a princípio, ter tentado resolver isso assumindo uma linha populista e antirromana e tentando enfraquecer a posição de seu irmão. Existem relatos de que ela destratou alguns embaixadores romanos, e algumas moedas e documentos oficiais desse período mostram Cleópatra como monarca, sem fazer referência a seu irmão mais novo. Cleópatra assumiu a cobra de três cabeças como seu diadema e adotou a cornucópia como seu símbolo pessoal, esperando que seu reinado trouxesse abundância e fertilidade.

Essa rainha jovem e arrogante logo descobriu os limites de seu poder. As autoridades palacianas usaram a agitação popular provocada por uma seca e

pela fome para planejar um golpe. Seu irmão passou a governar o país como a figura pública de um conselho de regentes, enquanto Cleópatra foi obrigada a deixar o palácio para sua segurança pessoal. Ela e sua irmã mais nova, Arsínoe, podem até ter deixado o país por algum tempo para se refugiarem na Síria.

Em 48 a.C., o mundo mudou. A República romana foi derrotada na batalha de Farsalos, na Grécia. Um homem, Júlio César, tornou-se o mestre do mundo romano. O líder republicano derrotado, Pompeu, o Grande, fugiu para o Egito. O Egito e a Pártia eram os últimos poderes fora do controle de César e, depois do fracasso da expedição de Crasso à Pártia, o Egito parecia fornecer uma acolhida mais amigável. Além disso, Pompeu era o guardião oficial de Ptolomeu XIII, um arranjo que Ptolomeu Auletes havia elaborado para proteger seu filho, e que o senado romano vira como um meio de projetar sua influência sobre o Egito.

O conselho de regentes, porém, não queria tomar partido nessa guerra civil romana, que apenas poderia trazer aflições ao Egito. Foi decidido que Pompeu nunca deveria pôr os pés em solo egípcio. Enquanto Ptolomeu esperava no cais com um comitê de recepção, Pompeu foi assassinado na barca que o levava para a praia. Esse não foi o fim da questão, porque quatro dias depois o próprio César chegou ao local. Ptolomeu não sabia como César veria o assassinato de Pompeu. César havia sido inimigo de Pompeu, mas também fora seu sogro e aliado político próximo. Desse modo, Ptolomeu retirou-se de Alexandria para aguardar os acontecimentos, e César aportou em uma cidade tomada pela incerteza e pelos boatos.

Como um homem que não desperdiçava um vácuo de poder, César acomodou-se no palácio real e começou a dar ordens. Ele trazia consigo cerca de 3.000 legionários e várias centenas de cavaleiros, que se ocuparam em restaurar a ordem. Ptolomeu apressou-se a voltar à Alexandria, chegando ao palácio um pouco antes de Cleópatra. A jovem rainha havia percebido que a velha ordem estava mudando e queria tomar parte na nova. Com Ptolomeu de volta ao palácio, ela usou um subterfúgio para obter acesso a César.

Ela tomou um pequeno barco e levou consigo apenas um homem de confiança – um siciliano chamado Apolodoro. Ela chegou ao palácio quando a noite estava caindo, mas não conseguia achar um modo de entrar sem ser descoberta. Por fim, ela teve a ideia de se deitar em uma colcha. Apolodoro enrolou a colcha e jogou o fardo em suas costas. Desse modo, ele passou pelos portões do palácio e chegou aos aposentos de César.

Plutarco Vida de César 49

O romano ficou deliciado com a coragem de Cleópatra. Ele também tinha uma reputação de audácia, e a identificação entre eles foi imediata. Em um nível político, César estava ciente da antipatia dos regentes de Ptolomeu e precisava urgentemente de dinheiro para pagar seus soldados. Cleópatra queria reassumir o

poder e estava preparada para satisfazer as necessidades de César, além de outras necessidades de natureza mais pessoal. Como disse um escritor: “Cleópatra, tendo obtido acesso a César, estava preparada para dar a César acesso a Cleópatra”. No final da noite, os dois se tornavam amantes.

Isso ficou imediatamente óbvio para Ptolomeu quando viu Cleópatra com César no dia seguinte. Ele fugiu do palácio gritando que havia sido traído. Os homens de César arrastaram o jovem rei de volta ao palácio enquanto ele tentava incitar o povo de Alexandria a se rebelar em seu favor e, depois de uma “reconciliação”, Ptolomeu concordou mais uma vez em partilhar o trono com Cleópatra. Porém estava claro que o governante real do Egito era César, e isso era intolerável para os regentes que anteriormente governavam em nome de Ptolomeu.

Esses regentes reuniram um exército e não tiveram dificuldade em persuadir Ptolomeu a liderá-lo. Essa foi uma guerra difícil para César. Ele não tinha homens para uma campanha adequada e relutava em deixar Alexandria e Cleópatra. Seguiu-se uma luta confusa e, algumas vezes, desesperada, na qual uma das principais perdas foi a da Grande Biblioteca de Alexandria, uma das maravilhas do mundo antigo. A biblioteca foi queimada em um incêndio que se espalhou além das docas quando César queimou seus próprios navios. Isso não contribuiu para tornar Cleópatra, aliada dele, querida por seus súditos. Nessa mesma época, a irmã de Cleópatra, Arsínoe, decidiu passar para o lado egípcio e foi proclamada rainha.

Foi uma decisão fatídica. César acabou por vencer seus inimigos e Ptolomeu afogou-se enquanto batia em retirada diante dos romanos vitoriosos. Cleópatra foi proclamada rainha do Egito e casou-se novamente com um de seus irmãos mais novos que, então, se tornou Ptolomeu XIV. Arsínoe foi entregue a César para embelezar o triunfo sobre os egípcios que ele celebraria quando retornasse a Roma em 46 a.C. Antes, porém, Cleópatra levou seu amante para uma viagem pelo Nilo. A viagem misturou negócios e prazer, pois Cleópatra não era uma concubina; era a regente de um grande estado que, no momento, estava disfuncional. César muitas vezes foi deixado por sua própria conta a bordo do barco real enquanto Cleópatra ia a terra para colocar seu reino nos eixos.

Como governante, Cleópatra era identificada com o Nilo, o rio que era um fato dominante da vida no país. Em uma terra quase sem chuva ou outra fonte de água, a inundação das águas carregadas de sedimentos do Nilo fertilizava e irrigava os campos do Egito. Os faraós eram vistos como o conduto através do qual o equilíbrio das forças naturais era mantido pelos deuses e seu poder era, em teoria, absoluto.



18 Relevo de Cleópatra em Kom Ombo. Para seus súditos, Cleópatra tentava parecer uma rainha totalmente egípcia, como se vê aqui em suas insígnias tradicionais. Para os romanos, ela era uma monarca helênica, plenamente à vontade com a cultura grega e capaz de lidar com César e Antônio em seus próprios termos.

Porém, nenhum faraó governou por muito tempo sem o apoio da classe

sacerdotal egípcia – em especial, dos sacerdotes de Mênfis, que coroavam os governantes do Egito desde a época de Ptolomeu V. Alexandria era a capital do país. Situada no vértice do delta do Nilo, Alexandria era um porto rico e cosmopolita, com uma grande população grega e judia. No interior do Egito, o poder de Mênfis tinha de ser equilibrado com os direitos tradicionais do centro religioso de Tebas, a principal cidade do Alto Egito, na qual a população nunca aceitara plenamente seus governantes no norte. Cleópatra era uma monarca helênica em Alexandria, mas, para os povos do Alto Nilo, ela era a deusa consorte do faraó. Talvez seja dessa viagem que podemos datar uma inscrição que se refere à participação de Cleópatra em uma procissão liderada por um touro subindo o rio a partir de Tebas como parte de um rito religioso.

O Egito tinha um enxame de deuses, o principal dos quais era Amon-Rá, o deus que falava pelo oráculo de Siwa. A religião egípcia era antiga, mas estava constantemente se adaptando com novos deuses, como Sérapis assumindo seu lugar no panteão repleto, juntamente com Anúbis, o deus dos mortos, Apis, Hórus, Osíris e outros.

Além de ser um foco religioso para seu povo, os ptolomaicos governavam com mão firme a administração, que era centralizada em um grau incomum no mundo antigo. Às práticas antigas, os ptolomaicos acrescentaram as ideias macedônias de manutenção de registros, que se mostraram particularmente úteis para a tributação. O clima seco do Egito preservou muitos desses registros, escritos sobre os papiros que cresciam densamente ao longo do Nilo, que proporcionava tudo aos habitantes do país. Temos até mesmo um papiro da época de Cleópatra que trata de uma isenção de impostos. No papiro, abaixo da escrita do escriba real, outra mão escreveu em grego “Ginestho” – “que assim seja feito”. Essa é possivelmente a escrita da própria Cleópatra.

A justiça era administrada diretamente pelo faraó ou por seus juízes. Havia sistemas legais separados para egípcios e gregos e, embora os gregos fossem sem dúvida a elite do país, a distinção dos nativos parecia ser artificial. É provável que qualquer pessoa que atingisse certo nível na sociedade fosse considerada “grega”, independentemente de sua origem genética. A natureza feudal do país era enfatizada pelo exército, na maioria soldados armados com piques ao estilo da Macedônia, que era mantido por concessões de terra real.

César teria notado tudo isso e mais em sua viagem pelo país. Para sua satisfação, tudo estava dando certo. Ele tinha acesso às riquezas do Egito e a rainha do país dependia dele para sua sobrevivência pessoal e política. Para satisfação mútua de César e Cleópatra, ela engravidou. César deixou o país pouco antes de seu filho, Cesário (Ptolomeu César), nascer em 23 de junho de 47 a.C.

Enquanto estava separada de César, Cleópatra trabalhou duro para fortalecer seu país. Apesar das dívidas de seu pai e das predações de César, ela reconstruiu a economia e concentrou suas forças armadas na construção de uma frota que

rivalizasse com a de Roma. Pouco se sabe de suas atividades nessa época. Apesar da propaganda posterior de seus inimigos, não há razão para acreditar que Cleópatra fosse depravada ou devassa, e nem que ela tivesse qualquer outro amante nessa época, além de César. O trabalho rotineiro de administrar um país é de pouco interesse para nossas fontes e assim, enquanto César estava acabando com a última resistência republicana na Espanha e na África, Cleópatra desapareceu do quadro histórico.

Talvez a rainha também sentisse que estava recebendo muito pouca atenção. César havia retornado a Roma e celebrado um triunfo magnífico por suas diversas vitórias. Então, Cleópatra também foi para Roma, ostensivamente para negociar um tratado de aliança. Tem-se especulado que César a tivesse convocado, mas o mais provável é que sua chegada fosse um grande constrangimento para o ditador. Afinal de contas, Cleópatra não era a única ligação amorosa de César.

Além desse caso [com Servília em Roma] César teve muitos casos amorosos nas províncias [...] inclusive com várias rainhas. Essas incluíram Eunoé, esposa de Bogud, o Mouro [...] mas a mais famosa dessas rainhas é Cleópatra.

Suetônio *Vidas de César* 51-52

Cleópatra foi acompanhada por sua família. Ptolomeu, seu marido-irmão, provavelmente não podia ser deixado em casa sem supervisão e o pequeno Cesário estava com ela para lembrar César do quanto o casal tinha em comum. Felizmente para César, um estatuto antigo proibia que monarcas entrassem em Roma e assim Cleópatra foi acomodada em uma vila de César, perto da cidade, e de lá tentou conquistar o senado romano. César fez o que pôde para ajudar, colocando uma estátua dela, de ouro, no templo de Vênus Genetrix, mas os esnobes romanos não se abalaram com a propaganda da “Nova Ísis”, como Cleópatra gostava de se chamar. Uma carta do orador Cícero resume a reação da aristocracia romana:

Não gosto de Sua Majestade. Ammonius, que deu garantia das promessas dela, sabe que tenho direito a isso. Essas foram promessas relativas a questões literárias, convenientes à minha posição – eu não me importaria em expô-las em uma reunião pública [...] A arrogância da própria rainha, quando estava morando na propriedade do outro lado do Tiber, faz meu sangue ferver com a lembrança.

Cícero *Cartas a Ático* 15.15

Se Cleópatra não conseguiu impressionar os senadores de Roma, César teve ainda menos sucesso. Um grupo deles o assassinou nos idos de março de 44 a.C.

No caos que se seguiu, Cleópatra retornou furtivamente ao Egito. Ela estava ciente de que seu prestígio e sua posição estavam outra vez em perigo. Uma evidência de sua insegurança é o fato de ela ter assassinado seu marido-irmão e passado a governar como a consorte de seu filho Cesário, ainda uma criança.

Durante a guerra civil que se seguiu à morte de César, as habilidades diplomáticas de Cleópatra foram testadas ao extremo. Ela seria condenada pelo vencedor se não o tivesse apoiado, mas dar apoio ao lado errado seria desastroso. Em certo ponto, Cleópatra enviou sua frota, embora nunca ficasse muito claro para qual lado ela enviara os navios, pois a frota teve de retornar ao porto devido a uma tempestade incrivelmente oportuna. As quatro legiões que César havia deixado no Egito foram supostamente enviadas para auxiliar Dolabella, um dos generais de César, mas acabaram nas mãos de Cássio, o líder dos assassinos.

Cleópatra deve ter ficado aliviada quando a guerra terminou em 42 a.C. e os vitoriosos foram o herdeiro de César, Otaviano, e dois dos generais de César, Marco Antônio e Lépido. Esses homens dividiram o mundo romano entre eles. Como o mais forte do triunvirato, Antônio escolheu governar o Oriente, mais populoso e próspero, deixando Otaviano com o Ocidente, arrasado pelas guerras, e Lépido com a província da África, que consistia principalmente nas terras que haviam sido dominadas por Cartago e pelos reis numídeos. Como o Egito era considerado parte do Mediterrâneo leste, Cleópatra teria de lidar com Antônio. César fora abastemio, Antônio era um bebedor. César era erudito, Antônio era inculto. César considerava a comida como combustível, Antônio deleitava-se com excessos gastronômicos. Porém, César e Antônio tinham duas coisas em comum. Ambos possuíam o sangue mais azul em Roma e ambos gostavam de mulheres com personalidade extremamente forte.

O gosto de César pela realeza era notório. Antônio era casado com Fúlvia, uma mulher de quem Plutarco escreveu: “ela não governaria uma casa se pudesse governar um império”. Os historiadores romanos posteriores sentiram que Cleópatra tinha uma dívida de gratidão com Fúlvia por esta ter ensinado seu marido a receber ordens de uma mulher. Deixando Fúlvia em Roma (onde ela começou a incitar uma rebelião contra Otaviano), Antônio partiu para o Oriente. Sua intenção era executar o plano de César de invadir a Pértia e vingar a derrota de Crasso uma década antes (ver Capítulo 8). Os homens, dinheiro e materiais reunidos por César haviam sido consumidos por Cássio e Brutus em sua guerra contra o triunvirato, e o trabalho para a invasão teve de ser reiniciado.

Em 41 a.C., Antônio estabeleceu sua base em Tarso, na Ásia Menor, e começou a reunir suas forças. Cleópatra foi convocada, primeiro para responder a alegações de haver auxiliado o triunvirato e em segundo lugar para que, caso ela se justificasse, Cleópatra deveria contribuir para o esforço de guerra, como adequado a uma aliada de Roma na região. Cleópatra demorou em responder à convocação, em parte para provocar Antônio e em parte porque havia muito a

fazer no Egito. O país não havia sido bem administrado durante sua ausência, e houvera uma sucessão de colheitas ruins. Além disso, ela queria tempo para preparar sua chegada. Por fim, ela foi até Antônio,

[...] subindo o rio Cidno em uma barca folheada com ouro até a popa. As velas eram roxas e os remos eram prateados. Eles remavam ao som de flautas e harpas. Cleópatra estava recostada e vestida como Vênus sob um dossel de tecido dourado, abanada por belos meninos vestidos como cupidos que estavam em pé de ambos os lados dela. Suas servas ao leme ou trabalhando as cordas das velas estavam vestidas como ninfas do mar ou como as Graças. Perfumes exóticos chegavam às massas reunidas na margem do rio; alguns seguiam o progresso da barca rio acima, enquanto outros acorriam da cidade para ver por si mesmos. Antônio foi deixado sozinho, sentado solitário em seu tribunal em uma praça de mercado vazia.

Plutarco *Vida de Marco Antônio* 26

Cleópatra havia estudado relatos da personalidade de Antônio e decidiu, corretamente, que bom gosto e refinamento poderiam ser omitidos dessa exibição luxuosa. Ela concluiu convidando Antônio para jantar com ela naquela noite, em um banquete suntuoso. Antônio ficou encantado. Ali estava uma mulher de classe e distinção que podia acompanhá-lo em conversas rudes e argutas, uma parceira em seus prazeres íntimos e a soberana de um estado aliado. Cleópatra tinha tudo que Antônio poderia querer em uma mulher:

Platão disse que existiam quatro tipos de adulação – Cleópatra tinha mil. Quer Antônio estivesse em um estado de espírito sério ou frívolo, ela tinha algum novo encanto ou diversão sob medida para os desejos dele. Ela estava com ele o tempo todo, nunca o deixando longe de sua vista, dia ou noite. Ela jogava dados com ele, caçava com ele e ia assistir quando ele praticava no manejo da espada.

Plutarco *Vida de Marco Antônio* 29

Deixando seus subordinados para que continuassem os preparativos para a campanha na Pártia, Antônio foi para o Egito com Cleópatra. Havia considerável especulação em relação ao motivo de Antônio ter, aparentemente, abandonado as questões de Estado para divertir-se com a rainha egípcia. A paixão pode ter sido um dos motivos. Outro teria sido o desejo de se mudar para um porto muito próximo da Roma, onde Otaviano enfrentava problemas políticos crescentes. Porém, havia ainda outro motivo. Embora Antônio fosse bom nas lutas, a administração e a logística do planejamento militar entediavam-no imensamente. Os anos anteriores a 41 a.C. haviam sido violentos, frenéticos e perigosos. Assim, Antônio usou a calma anterior à campanha para fazer

uma pausa. Antônio tinha bons motivos para desejar a companhia de Cleópatra. Ele podia estar apaixonado, mas também amava Cleópatra pelo ouro, a frota e o milho que ela poderia fornecer. Acima de tudo, o caso de Antônio com a última herdeira de Alexandre, o Grande, dava-lhe um ponto de apoio no Oriente grego, onde Roma ainda era intensamente odiada.

Cleópatra usou o amor de Antônio pelo excesso, e as fontes antigas têm muitos relatos de suas extravagâncias. Dizia-se que ela e Antônio haviam formado um grupo de companheiros chamado “Inimitáveis Videntes”, cuja intenção era viver a vida plenamente. Cleópatra indicou que, considerando sua total devoção à causa de Antônio, não havia necessidade de ter uma rainha egípcia em reserva. Arsínoe, ex-prisioneira de César, era tanto uma redundância quanto uma ameaça. Antônio cedeu aos desejos de Cleópatra e mandou executar a irmã dela.

Como havia acontecido com César, Cleópatra outra vez engravidou de seu amante romano. E, como havia ocorrido com César, seu amante teve de deixá-la antes do nascimento da criança. Antônio recebera notícias de que Fúlvia havia finalmente provocado uma rebelião contra Otaviano. Ele partiu com uma frota para ajudar a esposa, se a reunião fosse vitoriosa, e para “mediar”, se ela fracassasse. Cleópatra não veria Antônio de novo por vários anos.

Cleópatra mandou notícias a Antônio, avisando-o que era pai de gêmeos. Ele respondeu com a notícia de que tinha enviuvado e casara-se novamente. A rebelião de Fúlvia havia fracassado e ela morrera em consequência das privações da campanha. Antônio fora obrigado a negociar com Otaviano, que estava fortalecido e, como parte do acordo, Antônio casou-se com a irmã de Otaviano. Essa não foi uma boa notícia para Cleópatra, especialmente se ela pretendia, como disse um escritor, “governar Roma por meio dos romanos”.

No Oriente, os interesses de Roma iam bem. Ventídio repelira o ataque parto à Síria, e os generais de Antônio, Sósio e Canídio tiveram campanhas bem-sucedidas na Armênia e nas montanhas do Cáucaso. Antônio apressou-se a ir para o Oriente e levou consigo a esposa, Otávia, grávida. Esse foi um grande revés para Cleópatra, consolada apenas um pouco pela notícia de que Otávia dera à luz uma menina. Cleópatra havia dado à luz um menino (mais tarde, chamado Alexandre Hélio) e uma menina (chamada Cleópatra Selene).

Notícias melhores se seguiram. Antônio deixou a esposa na Grécia, afirmando que as dificuldades da campanha seriam demais para ela e a nova criança. Ele desfez o efeito dessa gentileza, porém, convocando Cleópatra, ostensivamente em seu papel de monarca aliada, para coordenar a campanha militar. Cleópatra também tinha dificuldade para mostrar a seu povo que ela não era uma prostituta. As moedas desse período mostram-na não como uma bela rainha, mas como uma matriarca séria, totalmente sem apelo sexual. Porém, Antônio pensava diferente e o par continuou seu caso do ponto onde ele havia

sido interrompido. Outro filho, Ptolomeu Filadelfo, nasceu desse reencontro. Em retribuição por seu esforço, Cleópatra recebeu terras nas Síria, Cilícia (que fornecia madeira para a crescente frota egípcia) e Judeia; todos esses territórios já haviam sido parte do antigo domínio dos ptolomaicos.

Enquanto Antônio partia para a guerra, Cleópatra percorreu os novos territórios. Isso a colocou em contato com o rei judeu de quem algumas das terras haviam sido tomadas. Ele era Herodes, o Grande, o rei de Israel que ordenara o massacre dos inocentes em Belém quando o menino Jesus nasceu. Seu encontro com Cleópatra foi uma esplêndida representação em que cada um se esforçou muito para superar o outro com afetações de boa vontade. Herodes, na verdade, detestava Cleópatra devido às terras perdidas, que incluíam seus olivais pessoais em Jericó. Cleópatra considerava Herodes como um invasor em terras que eram dela por direito. Ela também invejava a amizade dele com Antônio e usou a viagem para criar intrigas dentro da família de Herodes, na qual os relacionamentos já eram difíceis. Como era de se esperar, o principal efeito da viagem foi converter Herodes em um partidário secreto de Otaviano.



19 Moeda de Cleópatra. Sentindo que a opinião pública ficaria firmemente contra sua aliança com os governantes romanos, Cleópatra, algumas vezes, foi representada como uma matriarca severa, com um mínimo de apelo sexual. Isso só mudou quando Antônio ficou plenamente a seu lado, e o par passou a se comportar como marido e mulher, sendo seus filhos reconhecidos como herdeiros de Antônio.



20 Moeda de Marco Antônio. Só na última geração da República de Roma foi que os romanos começaram a colocar imagens de pessoas vivas em suas moedas. O pescoço curto e grosso de Antônio, visível aqui, parece ter sido uma característica que distinguia a família.

A campanha parta de Antônio não foi bem, em parte porque a cavalaria armênia desertou logo no começo, deixando os romanos expostos aos arqueiros partos que combatiam a cavalo. Os romanos haviam aprendido bastante desde a derrota em Carras e Antônio conseguiu vencer diversas batalhas, realizando depois uma retirada com combate. Mas ele ainda perdeu quase 25.000 e obteve poucos resultados. O vingativo Antônio tentou, depois, recuperar algum crédito, saqueando a Armênia e capturando seu rei desleal.

No final de 36 a.C., ele chegou à Síria, onde Cleópatra foi encontrá-lo com pagamento e provisões para seu exército exausto. No ano seguinte, o casal

retornou ao Egito, onde Antônio celebrou um triunfo por sua vitória na Armênia. Isso desagradou a alguns em Roma – tradicionalmente, os triunfos eram comemorados lá. A campanha parta havia prejudicado a reputação de Antônio, e Otaviano argumentou que Antônio estava “enfeitiçado por aquela maldita egípcia” (Cássio Dio 1.26). Antônio escreveu um panfleto intitulado “Sobre as bebedeiras dele” para negar a propaganda de Otaviano que afirmava que o Oriente havia arruinado seu caráter. Em um ataque malicioso a Otaviano como herdeiro de César, Antônio proclamou Cesário como filho de César. Otaviano retrucou que Cleópatra estava tramando para se tornar rainha de Roma. Supostamente um de seus juramentos favoritos era “Com tanta certeza quanto eu irei fazer justiça no Capitólio Romano”.

Se isso não tivesse desagradado aos romanos, os arranjos de Antônio para seus filhos pareciam planejados para obter esse resultado. Em Alexandria, multidões assistiram a Antônio e Cleópatra, sentados em tronos de ouro, chamarem a si mesmos de encarnações do deus Dionísio e da deusa Ísis. Antônio proclamou Cleópatra “Rainha dos Reis” e ela, por sua vez, promoveu Cesário a “Rei dos Reis”. Cleópatra Selene iria se tornar rainha de Cirene, e Alexandre Hélio seria o rei da Armênia e herdeiro do Império Selêucida. Seu irmão mais novo recebeu as terras a oeste.

Houve indignação em Roma com o que ficou conhecido como as “Doações de Alexandria”. Otaviano exigiu de modo indignado que Antônio explicasse exatamente quais “terras a oeste” o jovem Ptolomeu Filadelfo havia recebido. O testamento de Antônio foi confiscado do Templo de Vesta, em Roma, revelando que Antônio desejava ser enterrado no Egito e havia feito a seus filhos com Cleópatra outras doações de terras que os romanos pensavam serem suas. Para completar o rompimento, em 32 a.C. Antônio divorciou-se de Otávia e proclamou Cleópatra como sua esposa. Um denário de prata com as efígies de Antônio e Cleópatra já estava circulando no Oriente, e Otaviano insuflava medos de que Antônio e Cleópatra estivessem se estabelecendo em Alexandria com a finalidade de substituir a República de Roma.

A guerra era inevitável. Otaviano declarou guerra contra Cleópatra, calculando corretamente que Antônio ficaria ao lado de sua esposa. Domício Ahenobarbo, o principal general de Antônio, ficou ofendido com o interesse pessoal de Cleópatra na guerra. Quando ela começou a definir estratégias, ele desertou para Otaviano. Cleópatra ficou furiosa, mas Antônio, bondosamente, enviou a Domício os servos e a bagagem dele. Alguns acreditavam que Cleópatra queria que a guerra fosse travada no mar para que sua marinha pudesse compartilhar a vitória. Antônio, porém, tinha um exército grande e bem organizado por Canídio e pretendia travar a guerra na Grécia. No entanto, as coisas não correram bem por lá. Embora fosse um soldado indiferente, Otaviano sabia como escolher subordinados competentes, enquanto o lado de Antônio

sofia com as brigas e a divisão do comando. Por fim, Otaviano conseguiu cortar o suprimento de água do exército de Antônio enquanto ele estava acampado perto de um promontório chamado Áccio.

Cleópatra trouxe seus navios para evacuar os soldados. Seus navios se reuniram aos de Antônio e dos aliados, enquanto Otaviano e seu almirante, Agripa, preparavam-se também para a ação naval. Em 2 de setembro de 31 a.C., foi travada a batalha de Áccio. Segundo os historiadores antigos, Áccio foi uma batalha naval direta na qual as forças do Oriente e do Ocidente se enfrentaram para decidir o futuro do Império Romano. A luta estava equilibrada quando, subitamente, a coragem de Cleópatra desapareceu e a frota dela abriu as velas e rumou para o mar aberto. Dividido entre ficar com seus homens ou seguir sua rainha, Antônio optou por seguir a mulher e abandonou seu exército e sua frota. A frota lutou lealmente até cerca das quatro da tarde, mas desmoralizados pela perda de seu comandante, os homens acabaram por se render. O exército na praia, ainda sem água, combateu até que Canídio os abandonou.

Os historiadores modernos têm questionado essa narrativa. Os navios de guerra antigos não lutavam com as velas armadas. Eles costumavam ir à praia durante a noite e serem carregados com suprimentos essenciais e soldados no dia da batalha. As velas não seriam carregadas a menos que se pretendesse usá-las. Como os navios de Cleópatra estavam realmente carregando velas, isso sugere que a decisão de fugir não foi tomada espontaneamente por ela. Parece, ao contrário, que um plano elaborado não funcionou como esperado no caos da batalha, deixando Antônio isolado de sua força principal e com pouca escolha exceto seguir Cleópatra.

A fuga para o Egito foi um desastre. Antônio e Cleópatra não tinham nem exército nem frota. Tudo o que podiam fazer era esperar pela chegada inevitável de Otaviano, um homem que não era famoso por sua compaixão. Suas ofertas desesperadas de renunciar a suas posições e viver como cidadãos comuns foram rejeitadas. Otaviano foi atrasado pela necessidade de colocar seu novo Império nos eixos, mas finalmente chegou ao Egito. As forças que Antônio conseguira reunir sucumbiram à primeira visão do inimigo. Antônio recebeu a notícia de que Cleópatra havia se suicidado e fez o mesmo, jogando-se sobre sua espada.

A informação estava errada. Cleópatra ainda vivia e um de seus últimos atos antes de se tornar prisioneira de Otaviano foi dar a seu amante um funeral grandioso. Ela sabia que Otaviano pouparia sua vida, pelo menos por algum tempo. Sua irmã, Arsínoe, havia sido exibida em Roma diante da carruagem triunfal de César, e Otaviano pretendia que Cleópatra tivesse essa mesma experiência.

Depois de coroar a urna funerária de Antônio com flores, ela se banhou e

pediu que uma refeição suntuosa fosse preparada. Quando um camponês chegou com uma pequena cesta, ele foi parado pelos guardas à porta. O homem moveu para o lado as folhas que cobriam o alto da cesta e convidaram os guardas a experimentar um dos grandes, belos e maduros figos que estavam na cesta. Os guardas recusaram e permitiram que ele entrasse... Cleópatra retirou alguns dos figos e viu a víbora que havia providenciado para que ele trouxesse. “Então, aqui está”, disse ela e estendeu o braço para ser mordida.

Plutarco *Vida de Marco Antônio* 85, 86

Plutarco acrescenta que não é possível ter certeza do que aconteceu no quarto. No final, Cleópatra trancou-se com suas servas. Otaviano, suspeitando de que havia algo oculto, chegou e ordenou que as portas fossem arrombadas. Era tarde demais.

Cleópatra estava morta, deitada em uma cama revestida de tecido de ouro e composta com todos os seus ornamentos reais. Iras, uma das servas, estava morrendo a seus pés, e Charmion, quase caindo, fazia um último esforço para arrumar o diadema de sua senhora. Alguém lhe perguntou irritado: “Você acha que fez a coisa certa para sua senhora, Charmion?” Ela respondeu: “Era exatamente a coisa certa a fazer, pois ela era a descendente de muitos reis” e, ao dizer isso, também caiu morta.

Plutarco *Vida de Marco Antônio* 85

Cleópatra havia tentado tirar seu filho Cesário do país em segurança, mas no meio do caminho, ele foi traído por seu tutor. Otaviano pensou que “era possível ter Césares demais” e mandou matar o menino. Porém, ele foi mais misericordioso com os demais filhos de Cleópatra. Sua irmã, a viúva de Antônio, acolheu as crianças em sua casa e as criou com sua filha.

Com a morte de Cleópatra, o Egito caiu em mãos romanas. As estátuas dela foram deixadas em pé, enquanto as de Antônio foram derrubadas. Sua vida e sua morte capturaram a imaginação do mundo romano. Embora seu relacionamento com Antônio possa ter sido uma ligação política com sexo no meio, ele logo se transformou em lenda. No decorrer dos séculos, Cleópatra foi celebrada em livros, peças, óperas e, mais recentemente, no cinema. Dizem que, ao perceber que o fim estava próximo, Cleópatra tentou encontrar um veneno adequado. No folclore egípcio, acreditava-se que a mordida de uma víbora conferisse imortalidade. No caso de Cleópatra, isso parece ter dado certo.

PARTE III

ARMÍNIO

BOUDICA

JOSEFO

DECÉBALO

Pax Romana

Com a vitória de Augusto em Áccio, o governo de Roma entrou em uma nova fase. As eleições democráticas para as magistraturas supremas de Roma continuaram, mas os resultados eram praticamente irrelevantes. Augusto havia ganhado tanto poder e prestígio que era capaz de influenciar o governo de Roma de quase qualquer modo que desejasse. Entretanto, o primeiro imperador de Roma tinha consciência do destino de seu pai adotivo, Júlio César, que fora assassinado depois de perder o apoio do senado. Em consequência, ele agia cuidadosamente em suas relações com esse corpo augusto. Em certo ponto, Augusto ofereceu-se a renunciar a todos os seus poderes e se tornar um cidadão comum. Os senadores, bem cientes do perigo de aceitar essa oferta, caso ela não fosse sincera, imploraram a Augusto que mudasse de ideia. Mesmo sem a autoridade constitucional, Augusto tinha uma *auctoritas* irrestrita, o poder que vem do respeito e do prestígio, e isso não poderia lhe ser roubado por nenhuma declaração constitucional. Tal domínio existira apenas brevemente em outros períodos da história romana, e os senadores que o alcançaram eram chamados de *principes* – os primeiros entre os iguais do senado. Augusto formalizou essa posição e disso se originou a palavra para o período inicial do governo imperial: o “principado”.

Embora fosse um político consumado, Augusto era menos habilidoso como general e preferia comandar seus exércitos à distância. Augusto adotou o nome pelo qual os soldados saudavam um general vencedor (*imperator*, de onde se originou “imperador”) e tinha inveja daqueles que alcançavam a glória militar na tradição da República. Quando o general Crasso conseguiu uma vitória estupenda na Macedônia, Augusto bloqueou algumas das honras a que Crasso teria direito e o afastou da vida pública. Outro general obteve sucesso militar excessivo no Egito e tão intenso foi o desprazer de Augusto que o desafortunado comandante foi obrigado a cometer suicídio. A mensagem para os generais de Roma era clara. Tenham sucesso, e o crédito será do imperador. Fracassem, e a culpa será toda sua.

O primeiro a fracassar foi Varo, parente de Augusto por casamento e governador da parte da Germânia que os romanos haviam colocado sob seu controle. Varo acreditava que sua província era pacífica e fracassou totalmente

em notar o ressentimento em ebulição dos germânicos por terem perdido a liberdade. A tentativa romana para conquistar a Germânia tinha dois motivos: em primeiro lugar, mesmo os mapas primitivos dos cartógrafos antigos mostravam que a fronteira romana seria consideravelmente encurtada se corresse ao longo do rio Elba em vez de ao longo do Reno. Em segundo lugar, enquanto os povos da Germânia permanecessem fora do Império, eles ameaçariam não só as recém-conquistadas províncias da Gália, mas também a própria Itália.

As fases iniciais da conquista correram bem o suficiente para instilar nos romanos uma falsa sensação de segurança. Varo acreditava que tinha o apoio de um jovem nobre germânico chamado **Armínio** (Capítulo 10) que já havia servido no exército romano. Na verdade, a experiência de Armínio como um soldado de Roma provavelmente foi o catalisador que o transformou em um partidário fervoroso da liberdade germânica. Armínio manteve a confiança de Varo enquanto tramava uma conspiração que iria levar a um dos maiores fiascos da história militar romana.

Os romanos fizeram várias campanhas para vingar a traição de Armínio, mas aos poucos ficou aparente que a conquista da Germânia teria de ser adiada indefinidamente. Parte do motivo era econômico. A maioria das guerras de conquista romanas eram pagas com o saque que proporcionavam e os impostos pagos pelos povos conquistados. As florestas germânicas e seus guerreiros ferozes ofereciam uma resistência obstinada por pouco retorno financeiro. Entre os primeiros a ver isso estava Tibério Cláudio, o sombrio, mas eficiente administrador escolhido por Augusto como seu sucessor. Tibério havia lutado na Germânia e, quando percebeu que seu parente Germânico estava gastando dinheiro e homens por resultados pífios, ele o chamou de volta a Roma.

Com a ascensão de Tibério ao poder, uma falha no sistema de Augusto ficou imediatamente aparente. O sistema exigia um gênio político da estatura de Augusto para ser controlado adequadamente. Os senadores começaram a entender que a perda de seu poder hereditário era permanente e se ressentiram amargamente disso. Tibério retirou-se para a ilha de Capri, perto de Nápoles, e de lá aterrorizou o senado romano com uma série de julgamentos por traição que acabou com os inimigos em potencial e com os possíveis rivais.

Um sobrevivente desse expurgo foi um jovem chamado Caio, o filho do grande general Germânico. Caio havia crescido no acampamento do pai, e os soldados o apelidaram carinhosamente de “botinhas” ou “Calígula”. Calígula perdeu boa parte de sua família nos expurgos de Tibério e deve ter se sentido em perigo mortal quando foi convocado a ir a Capri por Tibério. Porém, Calígula conseguiu se insinuar nas graças do imperador envelhecido e acabou por se transformar em seu herdeiro.

Calígula não tinha nem a experiência política de Augusto nem a reputação militar de Tibério. Ele adivinhou corretamente a hostilidade do senado e tentou

impor respeito por meio do medo. Como a maioria dos historiadores desse período era de senadores, não é de surpreender que eles retratassem Calígula como um monstro para a posteridade. Certamente, Calígula era um sádico com um senso de humor distorcido que provocou a morte de muitos inocentes. Porém, algumas das afirmações mais loucas são duvidosas ou erradas. Entre elas incluem-se a loucura total, o incesto com as irmãs, o assassinato de Tibério e a nomeação de seu cavalo como cônsul de Roma.

O que é notável, tanto no caso de Calígula quanto no dos “tiranos” posteriores, é que o peso de sua tirania caiu diretamente sobre o senado. As pessoas comuns divertiam-se com os jogos, as fofocas e as extravagâncias imperiais, enquanto as províncias continuavam a pagar seus tributos em retribuição por um governo razoavelmente competente. Quando Calígula foi assassinado, as pessoas comuns o lamentaram genuinamente. O senado favorecia o retorno à República, mas a opinião pública exigiu um imperador e Cláudio, um parente idoso de Calígula, foi pressionado a aceitar o cargo.

Surpreendentemente, Cláudio foi um imperador muito bom. Ele manteve relações cordiais com o senado e até obteve considerável prestígio militar com a invasão da distante e fabulosa ilha da Britânia. Como os germânicos antes deles, os bretões pouco se impressionaram com os benefícios da romanização, levantando-se em uma revolta durante o reinado de Nero, o sucessor de Cláudio. Os únicos relatos da rebelião foram feitos pelos historiadores romanos, mas eles expuseram o caso dos rebeldes com muita clareza. Em parte, os problemas eram causados pela arrogância e mau governo romanos. Em muitas áreas de fronteira, os romanos reinavam por meio dos reis que dependiam deles. Quando o rei dos icenos na Ânglia Oriental morreu, os romanos decidiram governar de modo mais direto e fizeram isso do modo mais brutal e sem tato possível.

A revolta foi liderada pela rainha dos icenos, **Boudica** (Capítulo 11), sacerdotisa e rainha guerreira. Que uma mulher rancorosa fosse capaz de atrair quase toda a população nativa do sudeste da Britânia para sua causa nos diz muito sobre como os romanos eram odiados. Como acontecera com Espártaco um século antes, o que deveria ter sido uma pequena dificuldade para as autoridades locais tornou-se o foco de um ardente ressentimento popular diante do governo romano. Os bretões destruíram as cidades de Londres, Colchester e Saint Albans e, por quase um ano, parecia que Boudica expulsaria os romanos da Britânia. Como Espártaco, a revolta de Boudica contra a tirania transformou-a em uma figura icônica na era moderna. Em parte como resultado da agitação provocada pela rebelião que ela comandara, por séculos depois disso a Britânia foi uma das províncias mais fortemente guardadas do Império Romano.

Mal a rebelião fora abafada na Britânia quando irrompeu outra na Judeia. Os hebreus nunca haviam sido súditos satisfeitos de Roma, e o que os romanos viam como sua religião idiossincrática tornava-os particularmente difíceis de governar.

A Judeia fazia fronteira com a província da Síria, de importância estratégica. Com os partos hostis do outro lado, os romanos estavam determinados a manter a Judeia em paz. Os sinais de rebelião foram duramente suprimidos pelas autoridades; essa rudeza criou mais ressentimento que, por sua vez, incentivou mais brutalidade por parte do governo. Os impostos altos e o banditismo no interior prejudicaram a agricultura e o enfraquecimento da economia provocou ainda mais agitação.

A revolta que finalmente irrompeu em 66 a.C. foi menos surpreendente do que o fanatismo dos rebeldes que a iniciaram. Os zelotes praticavam uma mistura violenta de extremismo político e religioso, embora mesmo eles empalidecessem diante dos excessos dos sicários, um grupo cujas práticas eram basicamente terroristas. Os judeus moderados, como **Josefo** (capítulo 12), comandante da província da Galileia, finalmente decidiram que até os romanos eram preferíveis e aproveitaram a primeira oportunidade para se render ao exército de reconquista romano. A guerra finalmente foi vencida por dois cercos famosos. O primeiro foi o da própria Jerusalém, onde os rebeldes lutaram contra os romanos e contra as facções rivais com igual vigor. Finalmente, Jerusalém foi tomada e os romanos invadiram e queimaram o templo onde os últimos zelotes ofereciam resistência.

O segundo cerco foi o da supostamente inexpugnável fortaleza de Massada, para onde os sicários haviam se retirado. O general comandante do exército de reconquista romano chamava-se Vespasiano. Em 69 a.C., Vespasiano ficou sabendo que Nero havia sido derrubado e que a sucessão imperial estava em turbulência. Incentivado por seus soldados, decidiu reivindicar a púrpura imperial para si e deixar o exército na Judeia sob o comando de seu filho.

Vespasiano foi o primeiro imperador a assumir o poder com o apoio de um exército nas províncias. O historiador Tácito chama a isso “um segredo do Império” – os imperadores poderem ser criados em outro lugar que não Roma. Agora, o segredo estava exposto e o feito de Vespasiano seria tentado outras vezes por aqueles que desejavam ser imperadores durante o resto da história romana. Em outro afastamento da tradição, Vespasiano não fazia parte da família júlio-claudiana que havia governado Roma desde a fundação do Império. Na verdade, suas origens não eram especialmente aristocráticas. Essas duas brechas em relação à tradição significavam que qualquer senador poderia sonhar em se estabelecer como imperador ou colocar seus filhos no trono imperial. Isso ajudou um pouco a reconciliar o senado com o imperador, mesmo que ampliasse a paranoia imperial.

Depois do breve reinado do sucessor de Vespasiano, Tito, o trono passou para Domiciano, o filho mais novo de Vespasiano. Domiciano foi, de muitas maneiras, um bom imperador. Sob seu governo, as províncias foram bem governadas e seu entendimento de economia estava, de muitas formas, adiante de seu tempo.

Quando os invasores dácios perturbaram a província da Mésia nos anos 80 a.C., Domiciano pode ter calculado que seria mais barato comprar o rei dácio, **Decébalo** (Capítulo 13), do que lutar contra ele, especialmente porque Roma já estava sendo pressionada na fronteira do Reno. Mas Decébalo não era um mero saqueador. A Dácia foi perturbada muitas vezes por guerras civis e invasões estrangeiras, mas mesmo assim era um estado poderoso com uma cultura guerreira. Decébalo e seus predecessores imediatos tinham, em grande medida, unido o país sob sua liderança, e o poder dácio estava se estendendo para o Mar Negro e testando as defesas romanas ao longo da fronteira do Danúbio.

O acordo de Domiciano com Decébalo nunca faria mais do que adiar o confronto e foi profundamente impopular com o senado, que também detestava Domiciano por diversas outras razões. Uma característica notável da história imperial é que os imperadores que se distanciaram do senado não conseguiram atingir uma idade avançada, e Domiciano não foi exceção. Embora tivesse expurgado o senado de modo tão sangrento quanto ousara, ele ainda se sentia inseguro. Reclamava que ninguém acreditaria que sua vida estava em perigo até que ele fosse realmente assassinado, e esse assassinato ocorreu em 96 a.C.

Embora Domiciano não tivesse ficado feliz com esse fato, sua morte trouxe uma era de ouro para Roma. O idoso Nerva, que sucedeu a Domiciano, governou por dois breves anos e, depois, foi sucedido pelo jovem e vigoroso Trajano.

Trajano começou seu reinado acertando as contas com Decébalo. Isso ocorreu em parte porque um confronto era inevitável e em parte porque o novo imperador queria começar seu reinado com glória militar. Os dácios lutaram duramente tanto em batalhas convencionas quanto em guerrilhas, mas a campanha bem organizada de Trajano foi invencível. O reino de Decébalo transformou-se em uma província romana. Temos um relato fragmentado da guerra feito por um historiador tempos depois, mas o melhor registro é visual. Ela está registrada em uma espiral de imagens na coluna que Trajano erigiu em Roma, onde ainda pode ser vista hoje em dia.

Trajano continuou com uma campanha contra os partos e expandiu a fronteira romana além do Eufrates. Isso foi combinado com um governo sólido em Roma e com um orçamento imperial equilibrado. As artes prosperaram, e o historiador Tácito e o escritor Plínio, o Jovem, tinham apenas elogios para o novo governante.

Sob o governo de Trajano, o Império de Roma atingiu sua maior extensão. Adriano, o sucessor de Trajano, restringiu-se um pouco e sob seu reinado o Império adotou uma postura mais defensiva. Roma desfrutaria de uma paz quase ininterrupta por quase um século, mas a crise que se seguiria quase viria a destruir o Império.

CAPÍTULO 10

ARMÍNIO: O HOMEM QUE MANTEVE ROMA À DISTÂNCIA

Não pode haver dúvidas de que Armínio libertou a Germânia. Outros reis e generais haviam desafiado Roma, mas quando o estado ainda era jovem. Armínio o fez quando Roma estava no auge de sua força. As batalhas não foram decisivas, mas ele não foi vencido na guerra.

Tácito Anais 2.88

Segundo Júlio César, os germânicos eram um desafio muito mais difícil do que os gauleses, muito mais civilizados. Como os gauleses, os germânicos eram lutadores ferozes e, como os gauleses, algumas tribos tinham o hábito de colecionar as cabeças daqueles que tinham matado. Porém, os gauleses eram um povo agrícola, habilidoso na metalurgia e nas construções. César nos diz que os germânicos desprezavam a agricultura e comiam principalmente carne, leite e queijo. Ao contrário dos gauleses, que estavam familiarizados com o modo de vida da civilização romana, César disse que “os germânicos viviam no mesmo estado de privação e pobreza que antes, com poucas mudanças em sua dieta ou vestimentas”.

Os povos germânicos pensam que sua maior glória é a área de terra que podem manter desabitadas nas fronteiras de cada tribo. Para eles, o que demonstra a qualidade de um povo é o fato de conseguir afastar os vizinhos de suas casas e dissuadir pelo terror qualquer pessoa de se estabelecer perto deles. Eles também pensam que isso lhes dá alguma segurança contra ataques de surpresa.

César “Costumes dos germânicos” *De Bello Gallico* 1.2

A arqueologia confirmou, em certa medida, essa descrição, mas demonstra um quadro com mais nuances. Os celtas do leste parecem ter sido quase nada diferentes – quer física ou culturalmente – dos germânicos do oeste. As duas culturas parecem se misturar uma com a outra ao longo do rio Reno. Uma das evidências mais bem preservadas desse período é o corpo de um germânico encontrado em uma turfeira em 1950. Infelizmente, parece que ele foi morto em um ritual, então suas roupas e sua alimentação podem não ter sido iguais aos dos

germânicos comuns de sua época. Porém, sua morte confirma a opinião dos escritores antigos de que a justiça e a religião germânicas eram sangrentas e que os deuses germânicos gostavam de sacrifícios humanos.

Os povos de fala inglesa conhecem esses deuses germânicos muito melhor do que supõem porque esses deuses deram nome aos dias da semana em inglês. César nos diz que os germânicos não praticavam o druidismo, mas adoravam as coisas que podiam ver ou experimentar diretamente. Isso se refletia na natureza dos deuses germânicos. Em inglês temos *Saturday* (sábado) de Saturno; *Sunday* (domingo) e *Monday* (segunda-feira), do sol (*sun*) e da lua (*moon*), respectivamente; *Tuesday* (terça-feira) vem de Tiw, deus da guerra; *Wednesday* (quarta-feira) vem de Woden, ou Odin; *Thursday* (quinta-feira) vem de Thor; e *Friday* (sexta-feira) vem de Friga, a deusa da fertilidade.

O soldado germânico comum do século I d.C. não era bem equipado. Ele carregava um escudo rudimentar e era considerado bem vestido se lutasse vestindo calças. (E, na verdade, para os que não possuíam uma armadura, lutar nu era uma opção melhor. Na era anterior aos antibióticos, muitos soldados morriam de infecções contraídas quando os tecidos sujos entravam em contato com os ferimentos.) As espadas só eram carregadas pela elite, e os cavaleiros eram ainda mais raros. O guerreiro comum lutava a pé e usava uma *framea*, uma longa lança que algumas vezes tinha simplesmente uma ponta afiada de madeira.



21 Um guerreiro germânico pronto para a batalha. Embora esteja vestido nesta ilustração, a nudez usualmente era preferível, pois as roupas sujas podiam infectar um ferimento quando as fibras entrassem em contato com ele. Este guerreiro usa o cabelo preso em um rabo alto, um estilo usado por diversas tribos.

O historiador romano Tácito colocou esta descrição da bravura militar germânica na boca do general Germânico:

O germânico não tem nem peitoral nem elmo. Seu escudo é simplesmente feito com galhos trançados ou é uma tábua fina, pintada, e sem reforço nem de couro nem de aço. A primeira linha pode ter lanças, mas os demais têm armas mais rudes. Embora seu corpo seja assustadoramente grande, e apesar de serem formidáveis no primeiro assalto, eles não conseguem resistir quando são feridos. Se houver um desastre, esquecem os comandos divinos ou humanos e fogem do campo sem dar a menor atenção a seus líderes e não se sentem desonrados por terem agido assim.

Tácito *Anais* 2.14

Existem variações tribais quanto ao armamento, como o machado atirado pelos francos e a “*scramasax*” (uma espada curta semelhante a uma adaga) dos saxões, mas o caráter lutador dos germânicos e o terreno nativo acidentado contribuíram mais para sua eficácia militar do que suas armas.

As florestas tiveram (e ainda têm) um papel poderoso na psique germânica. “O país ou está repleto de florestas ou é empesteado pelos pântanos”, comentou Tácito. Os pântanos só eram considerados adequados para afogamento dos criminosos, mas as florestas forneciam frutas e caça aos germânicos, além de pastos para o gado e segurança frente a ataques. Bosques (ou até florestas inteiras) eram sagrados e dedicados a vários deuses, e as áreas menos santificadas forneciam combustível e materiais de construção.

No século I d.C. havia cerca de doze tribos germânicas principais e muitas menos importantes. Na fronteira romana, os marcomanos dominavam o leste e os catos, queruscos e caucos dominavam as áreas a oeste. Outra tribo ocidental, os batavos, fornecia soldados mercenários aos romanos e viria a realizar uma revolta incômoda em 69 d.C. Porém, em 12 a.C., os batavos eram aliados de Augusto quando ele e suas legiões atravessaram o Reno para invadir a Germânia. Sob o comando de Druso, eles avançaram até o rio Weser em 11 a.C. e, em 9 a.C., os romanos estavam abrigados na capital da tribo dos úbios (que depois se tornou Colônia). Druso então avançou pelo território dos queruscos e chegou ao Elba. Em 4 d.C., o futuro imperador Tibério avançou ainda mais na Germânia e obrigou Marobóduo, líder dos marcomanos, a firmar uma aliança com Roma, embora logo depois disso a campanha de Tibério na Germânia tenha sido

interrompida por uma revolta na Panônia.

No início do século I d.C., parecia que a parte conquistada da Germânia estava a caminho da romanização final. Os historiadores romanos se congratulavam a respeito do modo em que os italianos disciplinados e organizados estavam impondo a ordem sobre os germânicos ineficientes e passionais.

Os germânicos combinam uma grande ferocidade com uma falsidade tão imensa que aqueles que não os conhecem teriam dificuldade para acreditar. Eles são mentirosos natos, constantemente envolvidos em brigas fraudulentas e expressaram gratidão por a justiça romana decidir essas disputas. Parecia [na época de Varo] que esse novo e estranho conceito de resolver disputas com a lei em vez de fazê-lo com armas estava começando a acalmar sua natureza bárbara.

Veleio *Patérculo* 2.108

A arqueologia mostra que os mercadores romanos haviam penetrado muito além das fronteiras e estabelecido postos comerciais do tamanho de cidades pequenas. Era moda que os jovens nobres germânicos servissem no exército romano, e esses homens levaram os hábitos romanos para casa ao serem dispensados.

Entre esses soldados estavam os filhos de Sigimer, um importante chefe dos queruscos. Sabemos apenas a versão romanizada dos nomes desses jovens. Um deles se chamava Flavus, que significa “loiro”. O outro era chamado de Armínio pelos romanos. Nacionalistas germânicos posteriores germanizaram seu nome para Hermann, mas isso provavelmente está errado. É possível que o nome de Armínio fosse derivado do deus Irmun (como ocorre com o nome da estrada romana Ermine), mas segundo a convenção germânica, o nome real de Armínio deveria basear-se na raiz Sigi do patronímico paterno. Temos esta descrição de Armínio:

Um jovem nobre, de mãos fortes e mente ágil e muito mais inteligente do que um bárbaro mediano. [...] o ardor de seu rosto e dos olhos mostrava seu espírito ardente. Ele havia lutado ao nosso lado em campanhas anteriores e conquistado o direito de se tornar um cidadão romano; na verdade, ele foi até elevado às fileiras dos equestres.

Veleio *Patérculo* 2.108

Armínio não se impressionou com a passagem de Druso pelas terras de seu povo nativo, os queruscos, e sentia-se profundamente insatisfeito com a civilização romana. Em seu *Germania*, Tácito nos dá uma descrição idealizada dos povos germânicos. Embora deplorando sua violência e embriaguez, Tácito ainda assim os retrata como selvagens nobres, simples e castos, com virtudes pouco

sofisticadas e relações familiares íntimas e de apoio mútuo. Muito disso pode ter sido verdadeiro, em especial para as percepções patrióticas de um jovem nobre germânico que concordava intensamente com a visão de Tácito quanto ao vício e à decadência sofisticada de Roma. Para um querusco, o tratamento que Roma dispensava a seu povo seria insuportável. Um líder bárbaro já havia se rebelado porque “Vocês, romanos, provocaram isso. Não enviaram cães e pastores para guardar seus rebanhos; vocês indicaram lobos vorazes”. (Cássio Dio 56.16.)

O que nos leva a Quintílio Varo, o novo governador da Germânia. Um historiador antigo resumiu desta forma seu governo anterior na Síria: “Ele chegou a uma província rica como um homem pobre e deixou uma província pobre como um homem rico”. Varo devia sua carreira ao favor do imperador Augusto, com cuja sobrinha-neta havia se casado. Enquanto estava na Síria, ele lidou com firmeza com alguns rebeldes judeus, mas não era de fato um militar. A romanização pacífica da Germânia não exigia um general e, se houvesse alguma luta a ser travada, Varo poderia convocar três legiões (a XVII, a XVIII e a XIX), além de inúmeros auxiliares e da cavalaria.

Ele também tinha aliados germânicos em quem pensava poder confiar, entre eles o jovem Armínio. Varo não sabia que praticamente desde o momento em que retornara à Germânia, Armínio estava conspirando ardentemente contra Roma. A natureza da sociedade germânica funcionava contra os planos de Armínio, pois os germânicos eram um povo essencialmente democrático que tendia a eleger seus líderes locais entre as lideranças de seu clã local. Além disso, os germânicos achavam que as decisões importantes de fato deveriam envolver encontros em larga escala com discursos e possivelmente o consumo de grande quantidade de comida e de álcool. Como resultado dessas características culturais, Armínio não tinha nem a hierarquia social piramidal nem o talento inerente para conspirar nas sombras que tornavam a vida dos conspiradores romanos tão mais fácil.

Em vez disso, cada tribo e subtribo tinha de ser persuadida a deixar de lados os feudos e rivalidades locais e a agir de uma maneira moderadamente sincronizada. O primeiro passo na conspiração foi fazer com que diversas comunidades pedissem guarnições romanas a Varo: aqui para proteção contra assaltantes, ali para escoltar os comboios de suprimentos e em outro lugar para proteção contra a agitação civil. Os historiadores posteriores responsabilizaram o governo opressivo de Varo como um dos principais fatores da revolta dos germânicos, mas na verdade Varo parece ter tido a melhor das intenções. Ele prontamente dispersou suas tropas em destacamentos pequenos e vulneráveis como solicitado pelos germânicos e passou grande parte de seu tempo lidando com processos legais e com a administração.

No outono de 9 d.C., relatos de problemas sérios a alguma distância finalmente tiraram Varo do conforto de seu acampamento e fizeram com que

ele e suas legiões se movimentassem. Arminio ofereceu entusiasticamente o apoio dos queruscos. Segestes, outro líder tribal, veio a Varo implorando não só que recusasse a oferta de Arminio, mas que o prendesse como traidor. Segestes disse que Arminio estava preparando uma armadilha que arrasaria Varo e suas legiões. Segestes havia recusado a mão de sua filha Tusbelda a Arminio e o jovem nobre, sem se abalar, reuniu um grupo de seguidores e raptou sua noiva, que o seguiu de boa vontade. Devido a essa rixa familiar, Varo achou que Segestes não estava sendo objetivo e seu conselho foi ignorado. As legiões encontraram problemas quase de imediato.

Eles entraram em uma floresta quase impenetrável... havia montanhas acidentadas e grupos altos e densos de árvores. Mesmo sem serem atacados, os romanos estavam enfrentando dificuldades, cortando árvores e construindo estradas e até mesmo pontes, quando necessário. Tinham muitas carroças. Era como se estivessem viajando em um tempo de paz, pois mais do que algumas mulheres, crianças e servos os acompanhavam.

Cássio Dio 56.20—21

Pode ser (os relatos são conflitantes) que Varo pretendesse que essa marcha terminasse no acampamento romano de inverno e, portanto, estivesse transferindo todo seu acampamento e lidando com os distúrbios locais no caminho. Arminio informou Varo que precisava organizar suas próprias forças, o que era verdade, e deixou os romanos. Sem que Varo soubesse, as forças de Arminio incluíam não só sua própria confederação tribal, os queruscos, mas também muitos dos caúcos cujas terras eram próximas. Marobóduo e os marcomanos permaneceram cautelosamente neutros.

O que aconteceu a seguir é, em alguma medida, uma conjectura. Nas profundezas da floresta de Teutoburgo, os germânicos caíram sobre os romanos e os destruíram. Esse foi um dos momentos decisivos da história germânica, embora até a década passada até mesmo o local da batalha fosse um mistério. Um grande monumento erigido pelos germânicos do século XIX à vitória de Arminio foi construído a cerca de 48 km do local real.

Pesquisas realizadas pelo major Tony Clunn, um arqueólogo amador britânico, levaram à descoberta de um grande número de artefatos de ferro, muitos deles romanos, em Kalkriese, na base das colinas de Wiehengebirge, ao norte de Osnabrück. Arqueólogos profissionais coordenados pelo professor Wolfgang Schlüter logo confirmaram o que o major Clunn suspeitara: esse era o local do *Varusschlacht* – os campos da chacina das legiões de Varo. As evidências nos dizem que houve uma batalha contínua por vários dias conforme os romanos esforçavam-se para sair das florestas. Quando os romanos voltaram ao local da batalha, vários anos depois, encontraram os restos de uma “fortificação caída”, diz Tácito. Os arqueólogos modernos encontraram essa fortificação, mas

ficaram intrigados com o fato de ela ser mais uma cerca do que uma muralha e porque a maioria dos romanos parece ter morrido fora dela.

Investigações posteriores deixaram claro que a cerca era do tipo que os germânicos instalavam em seus pastos para impedir que o gado se dispersasse. Neste caso, porém, as criaturas pastoreadas eram seres humanos. Armínio prendeu os confusos e mal liderados romanos entre a floresta e um pântano próximo, não lhes dando tempo para se reagrupar ou se organizar até que todo o exército de cerca de 30.000 homens estivesse totalmente destruído. A maioria dos legionários foi massacrada no local, embora alguns infelizes oficiais superiores fossem levados aos bosques sagrados para serem impiedosamente sacrificados. Um deus, Donar, recebeu agradecimentos especiais por uma série de tempestades que tinha atrasado e desmoralizado os desavisados romanos. Quase todos foram deixados aonde caíram, e seus ossos embranqueceram nas clareiras da floresta durante os seis anos seguintes.

O próprio Varo morreu lutando ou caiu sobre sua espada. Tácito nos diz que essa era uma tradição da família, pois o pai e o avô de Varo haviam feito o mesmo (o pai de Varo ficou do lado errado nas guerras civis de Roma; não se sabe o motivo de o avô ter cometido suicídio). Armínio fez seus homens procurarem entre os cadáveres até encontrarem o corpo de Varo. Armínio enviou a cabeça de Varo a Marobóduo, chefe dos marcomanos, esperando que isso mudasse a mentalidade teimosa do outro chefe. Porém, Marobóduo não se interessou por esse troféu sombrio e enviou-o a Roma para ter um enterro decente.

A notícia do desastre atingiu Roma de modo tão devastador quanto um dos raios de Donar. Sem as legiões de Varo, apenas os Alpes se erguiam entre as hordas germânicas e a cidade indefesa. Algumas gerações antes, milhares de cimbrós germânicos haviam invadido o norte da Itália e só foram derrotados pelos atos heroicos dos generais Mário e Lutácio Catulo. Agora, o imperador Augusto ordenou um alistamento de emergência e ordenou apressadamente que a legião V Alaudae, de elite, fosse para o norte para cobrir o espaço. Segundo seu biógrafo, Suetônio, Augusto foi profundamente afetado pelo desastre. Meses depois, ele ainda batia a cabeça contra a parede gritando: “Quintílio Varo, devolva as minhas legiões!” As legiões I Germânica e XVI foram depois movimentadas para concluir o reparo das linhas romanas, mas as XVII, XVIII e XIX legiões – que Armínio havia destruído – nunca foram reconstituídas e seus malfadados títulos nunca foram usados novamente.

Com a fronteira segura, os romanos começaram a pensar em vingança. Por já ter servido sob as águias romanas, Armínio conhecia a capacidade de recuperação dos romanos na derrota, e a amarga tenacidade com que eles perseguiram os inimigos. Os meses depois da batalha na floresta de Teutoburgo viram uma diplomacia frenética enquanto Armínio tentava unir as tribos contra

Roma, e os romanos prometiam, de modo bastante crível, que aqueles que não os ajudassem contra Armínio iriam compartilhar o destino deste. Assim que a temporada de batalha iniciou-se em 10 d.C., Tibério, o herdeiro designado de Augusto, liderou o contra-ataque romano.

Sua vitória recente não havia dado ilusões a Armínio sobre a capacidade de seus homens em comparação com os legionários de Tibério, e ele se recusou em definitivo a confrontar os romanos no campo. Em vez disso, penetrou ainda mais profundamente nas florestas. Essa tática de fato confundiu Tibério, pois a política militar romana era avançar diretamente sobre aquilo a que seus inimigos davam valor e, depois, derrotar o exército que fosse defendê-lo. Mas a Germânia não tinha cidades a serem capturadas e pouquíssimas colheitas para serem saqueadas. Nos anos que se seguiram, os romanos fizeram diversas demonstrações de força, mas nenhum esforço de conquista sério. Suas incursões em terras germânicas eram infrutíferas, mas pretendiam mostrar que, apesar da saúde em declínio do imperador e dos problemas em outros pontos das fronteiras, Armínio não fora esquecido. O ajuste de contas havia sido apenas adiado.

Em 14 d.C., Tibério tornou-se imperador. Ele já havia ampliado as tropas na fronteira germânica para seis legiões, e um de seus primeiros atos como imperador foi enviá-las para além do Reno. Elas eram comandadas pelo filho de Druso, que havia sido o primeiro a invadir a Germânia. Esse jovem já havia assumido o nome de Germânico, tanto pelas explorações de seu pai quanto como uma afirmação de sua intenção.

O fracasso relativo dos romanos antes de 14 d.C. levava mais tribos a se aliarem a Armínio. Ele teve a adesão até mesmo dos queruscos liderados por seu tio Inguiomer, que anteriormente havia sido hostil. Outro membro da família, Segestes, tinha permanecido leal a Roma, com grande custo para sua popularidade pessoal junto a sua tribo. Esses homens, incitados por Armínio, finalmente prenderam Segestes em um forte na mata e o sitiaram. Segestes enviou seu filho, Segimundo, para pedir ajuda aos romanos. O filho fez isso com grande relutância, pois já havia sido um sacerdote na religião romana antes de abandonar sua vocação para se juntar a Armínio, embora pareça ter posteriormente voltado ao lado do pai.

Germânico estava bastante ciente da importância de incentivar a deserção e, assim, recebeu o jovem em Roma e apressou-se a socorrer Segestes. Sua chegada repentina levou à captura de diversos jovens nobres germânicos e também de Tumneldia, a esposa de Armínio. Tumneldia esperava um filho de Armínio e não gostou muito de ser reunida a seu pai, Segestes.

Ela mostrava mais o espírito do marido do que o do pai. Não derramou lágrimas nem suplicou. Ela apertou firmemente as mãos no peito e fixou o olhar no filho que ainda trazia no ventre [...] a esposa de Armínio deu à luz

um menino que foi criado em Ravena.

Tácito *Anais* 1.58

Armínio não se conteve de tanta fúria. Tácito o faz exclamar:

“Que pai nobre! Que general poderoso! Que exército heroico que precisa de toda a sua força para raptar uma única mulher grávida. Eu cuidei pessoalmente da queda de três legiões e seus comandantes. Travei minha guerra contra homens armados, sem usar de traição contra gestantes. Procurem em nossos bosques sagrados e encontrarão os estandartes romanos que dediquei a nossos deuses germânicos. Que Segestes e seu filho sacerdote vivam entre os conquistados – eles apoiaram os símbolos do domínio romano entre o Reno e o Elba e, por esse motivo, nunca serão perdoados. [...] Nós vencemos Augusto e seu herdeiro Tibério. Por que deveríamos nos esconder diante de um adolescente sem experiência e de seu exército amotinado? Se preferem sua terra natal, seus ancestrais e seu modo de vida ao das colônias e da tirania romanas, então sigam-me para a glória e a liberdade; caso contrário, juntem-se a Segestes na humilhação e escravidão”.

Tácito *Anais* 1.59

Germânico enviou então uma coluna para saquear os brúcteros, uma tribo aliada a Armínio, e abriu caminho até ao local do desastre de Varo na floresta de Teutoburgo.

No campo, os ossos dos soldados estavam espalhados no local em que cada um havia morrido, resistindo ou tentando fugir. Havia pedaços de armas e ossos de cavalos entre eles, e cabeças humanas haviam sido pregadas aos troncos das árvores circundantes. Nesses bosques ficavam os altares bárbaros onde os tribunos e centuriões foram sacrificados.

Tácito *Anais* 1.61

Germânico deu um enterro decente aos caídos (arqueólogos encontraram o local onde os ossos desgastados pelos elementos foram enterrados solenemente). Então, seu exército voltou-se com fúria redobrada em perseguição a Armínio. Como sempre, Armínio retrocedeu mais profundamente na floresta conforme os romanos avançavam, voltando uma vez para atacar uma coluna de cavalaria que avançara com muita displicência. Quando os romanos estavam embrenhados profundamente na floresta, ele atacou. Como sempre, ele optou por deixar que o terreno lutasse por ele. Os romanos foram pegos em um terreno pantanoso que os impedia de usar a cavalaria e que os fazia avançar com dificuldade pela lama macia com suas armaduras pesadas. Finalmente, os romanos conseguiram fazer uma fortificação e acampar atrás dela. Armínio estava preparado para aceitar

esse sucesso modesto e, talvez, emboscar os romanos quando estes se retirassem. Seu tio Inguiomer tinha outras ideias. Ele esperava infligir um último golpe tão devastador nos romanos que os afastasse da Germânia para sempre. Os homens da tribo foram persuadidos a atacar o acampamento romano cruzando terreno aberto – com resultados previsíveis. Deliciados por se baterem contra os inimigos em terreno aberto em que suas armas e disciplina superiores poderiam ter efeito, os romanos desmantelaram o ataque germânico e perseguiram os sobreviventes dentro da floresta.



22 Legionários do início do Império. Observe a mão de Marte carregada pelo “signifer”* que veste a pele de urso e o penacho em cruz do centurião. Em vez de cortar com as espadas curtas, os romanos as usavam como armas de esfaqueamento, uma tática que lhes permitiam lutar quase que ombro a ombro.

Essa breve vitória deu aos romanos uma pausa na qual fizeram uma retirada digna até o Reno. Eles não retornaram nos dois anos seguintes, mas em 16 d.C.

Armínio recebeu notícias de que os romanos haviam aparecido em plena força nas margens do rio Weser. Armínio apressou-se até o rio e perguntou aos romanos do outro lado se seu irmão Flavus estava entre eles. Apesar de Armínio ter rompido com Roma, seu irmão continuou a ser um oficial leal e aparentemente confiável nas legiões. Flavus foi até a margem do rio, e seguiu-se uma conversa extraordinária. Armínio perguntou como Flavus havia perdido um olho e ficou sabendo que fora em uma das primeiras excursões de Tibério à Germânia. Armínio perguntou qual compensação Flavus havia recebido por seu ferimento e soube que ele recebera diversas condecorações e um aumento de salário. Flavus então insistiu com seu irmão para que este pedisse clemência aos romanos, indicando-lhe que sua esposa e filho viviam incólumes na Itália. Em resposta, Armínio insistiu que Flavus retornasse “à terra natal, sua liberdade ancestral, os deuses de sua terra; que ouvisse as preces de sua mãe para que seu filho não desertasse nem traísse a família, a tribo e seu povo”.

A conversa transformou-se em uma discussão acalorada, e Flavus teve de ser fisicamente impedido de pegar seu cavalo e espada e cruzar o rio para lutar com o irmão, que ficou do outro lado gritando maldições e praguejando contra Flavus enquanto este era levado para longe.

Armínio reuniu suas forças e enviou emissários para ver se todos os seus oponentes eram tão resolutos quanto Flavus. Cavaleiros foram até a entrada do acampamento romano e ofereceram aos desertores esposas, terras e o pagamento de 100 sestércios por dia pela duração da guerra. A oferta foi feita em latim fluente para que os romanos soubessem que alguns de seus antigos camaradas já estavam servindo a Armínio.

Em Idistaviso, perto da moderna Minden, os dois lados entraram em batalha. Armínio havia escolhido bem seu terreno, com uma leve encosta que favorecia seus soldados e bosques na retaguarda. Os germânicos lutaram com sua habitual fúria impetuosa, mas esse era o tipo de guerra em que os romanos eram melhores. Os germânicos foram impedidos para trás até que o próprio Armínio ficou em apuros e quase foi capturado.

Os queruscos estavam sendo expulsos das colinas. Armínio era bem visível entre eles, combatendo e, embora ferido, sustentando a luta com as mãos e a voz. Ele se lançou aos arqueiros, mas foi impelido de volta... Porém conseguiu passar, por meio de um violento esforço físico em combinação com o peso de seu cavalo. Alguns dizem que os caúcos entre os auxiliares romanos o reconheceram mesmo que ele tivesse esfregado sangue no rosto para evitar isso. Esses homens abriram suas fileiras para deixá-lo passar.

Tácito *Anais* 2.18

Apesar da derrota, os germânicos estavam determinados a continuar sua resistência. Mais uma vez, eles firmaram posição, agora escolhendo um lugar

entre um pântano traiçoeiro perto de um rio (provavelmente o Aller) e alguns bosques. Parece que eles também construíram uma cerca do mesmo tipo que foi usada para emboscar Varo. Germânico pretendia lutar contra os germânicos em qualquer lugar em que eles estivessem preparados para assumir posição, e mais uma luta terrível colocou os romanos com o rio à sua retaguarda lutando contra os germânicos, que tinham o pântano às costas. No final, a grande massa de guerreiros germânicos mostrou ser uma desvantagem. Seus oponentes, menos numerosos, eram muito melhores nas lutas próximas e tinham armas e táticas para isso. Outra desvantagem foi Armínio ter desempenhado apenas um papel pequeno nessa batalha, provavelmente por ainda estar incapacitado pelo ferimento recente. Seu tio, Inguiomer, assumiu o comando e teve um bom começo, mas por fim, diz Tácito, “a sorte, mais do que a coragem, abandonou-o”. Os germânicos cederam e, sem ter para onde fugir, sofreram pesadas baixas antes que a noite viesse em seu auxílio.

Essa vitória fez com que a tribo dos angrivarianos passasse para o lado romano e é provável que outros estivessem indecisos. Mas o próprio Germânico exagerou e acabou fracassando. Ele tinha decidido passar adiante dos germânicos, cortando caminho ao redor deles por mar. Mais de mil transportes carregados com soldados zarparam da embocadura do Reno e dirigiram-se para o norte subindo a costa. A campanha contra os queruscos foi considerada um “sucesso”, mas não foi conclusiva o bastante para que Germânico estabelecesse uma base permanente. Ele embarcou seus homens novamente e dirigiu-se para lutar mais próximo da Gália. A ideia de movimentar o exército por mar foi corajosa, pois os romanos não eram naturalmente uma nação de navegadores e já haviam sofrido por sua falta de habilidade marítima na jornada de ida, quando uma tempestade destruíra alguns navios. Eles demonstraram mais uma vez serem marinheiros inexperientes e foram totalmente incapazes de lidar com uma forte tempestade de verão que veio do Mar do Norte. A tribo local, os marsos, relatou que suas praias ficaram repletas de destroços e cadáveres do desastre, que matou uma importante parte do exército romano.

Sem se amedrontar, Germânico preparou-se para invadir novamente, embora dessa vez pretendesse fazê-lo por terra. Porém, o imperador Tibério já estava satisfeito. Os fantasmas de Varo e de suas legiões perdidas haviam sido apaziguados pelas vitórias romanas. Não havia motivo para empregar mais exércitos valiosos e ouro na conquista temporária de florestas e pântanos. Se os rebeldes germânicos opunham-se tão intensamente à civilização romana, eles não a mereciam. Germânico recebeu ordens de voltar a Roma. Lá, ele celebrou um triunfo por suas vitórias, desfilando diante do jovem filho de Armínio, nascido no cativeiro e que nunca tinha visto o pai. Porém, em 17 d.C., a conquista romana da Alemanha efetivamente deixou de ser um objetivo e, em 19 d.C., Germânico estava morto, possivelmente envenenado. Armínio havia vencido.

Arminio celebrou esse fato voltando-se contra Marobóduo e derrotando-o em batalha. Como Tácito comentou em seu *Germania*, um modo seguro de derrotar os germânicos era aceitar seus vícios. Assim que a ameaça da ocupação romana deixou de existir, as lutas tribais recomeçaram, e Arminio encontrou-se em meio a uma luta de poder contra seu tio. Ele venceu, recrutando os poderosos langobardos e os semnones para sua causa, mas sua posição não era, de modo algum, segura. Tácito comenta:

Descobri nos textos de alguns senadores que, na época, foi recebida uma carta do chefe Adgandéstrio. Ele se comprometia a matar Arminio se os romanos lhe enviassem um veneno adequado a esse propósito. A resposta que lhe foi enviada dizia que “Roma vinga-se de seus inimigos em campo aberto, pela força militar, e não nas sombras, pela traição”.

Tácito *Anais* 2.88

Essa atitude relaxada foi quase que imediatamente justificada. Em 19 d.C., quando tinha apenas 37 anos, Arminio foi morto por seus próprios parentes que afirmaram – com que grau de verdade, nunca se saberá – que ele estava tentando se estabelecer como o chefe supremo de toda a Germânia. Roma ainda teria outra pequena satisfação de seu revés germânico. Em 47 d.C., os queruscos estavam tão reduzidos pelas lutas internas e pela guerra infinita com os catos que pediram que o imperador romano, Cláudio, lhes enviasse um rei. Cláudio enviou-lhes o neto de Sigimer, sobrinho de Arminio. O novo rei dos queruscos era Itálico, filho de Flavus, oficial romano e irmão de Arminio.

* Porta-estandarte das legiões romanas. (N.E.)

CAPÍTULO 11

A TERRÍVEL VINGANÇA DE BOUDICA

Ela era uma mulher alta e sua aparência era assustadora. Seus olhos eram ardentes e sua voz era áspera. Seu cabelo loiro chegava até os quadris, em uma grande massa. Como vestimentas, usava sempre um grosso colar torcido dourado ao redor do pescoço e uma túnica multicolorida. Um grosso manto, preso com um broche, era colocado sobre tudo isso. Ao falar, ela segurava uma lança para aumentar o efeito aterrorizante sobre todos que a viam.

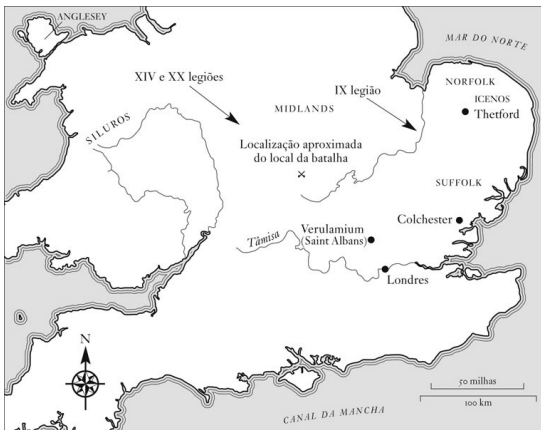
Cássio Dio História Romana 62.2

Para governar os povos submetidos, Roma dependia da projeção de poder e do apoio da aristocracia local. Um exército romano só podia lutar em um lugar por vez, mas se posicionado corretamente, podia intimidar vários lugares diferentes e obter submissão. Do mesmo modo, se a elite local tivesse mais a ganhar do que a perder ao se alinhar com Roma, então o coração e a mente de seu povo a seguiria. Roma perdeu a Germânia depois de perder o apoio da nobreza germânica. Eles não aprenderam nada com essa experiência e, com estupidez e ambição criminosas, chegaram a um triz de perder também a Britânia.

Mesmo antes da revolta de Boudica, os romanos e os bretões estavam completamente decepcionados uns com os outros. O imperador Cláudio havia lançado a invasão da Britânia em 43 d.C. Ele esperava glórias militares que alimentassem sua reputação e que as supostas riquezas da ilha enchessem os cofres imperiais esvaziados por seu pródigo predecessor Caio (mais conhecido pela posteridade como Calígula). Por sua parte, alguns bretões – por exemplo, os trinovantes – procuraram Roma em busca de alívio da opressão de outras tribos. Alguns reis pouco importantes, observando o que ocorria do outro lado do canal, haviam visto que a ocupação romana da Gália levava paz, riqueza e até posições políticas elevadas aos nobres que foram rápidos o bastante para se ajustar às novas condições.

Quase vinte anos depois, os invasores romanos ainda estavam lutando. Eles haviam descoberto que a suposta riqueza da Britânia era, em grande medida, uma ilusão, e que o ouro, peles e pérolas que a ilha produzia podiam ser encontrados em outros lugares, com menos problemas. A liderança do indomável

Carataco inspirou a resistência desde os pântanos da Ânglia Oriental até as montanhas do País de Gales, e até as áreas há tempos conquistadas tinham uma tendência a se inflamar em nova revolta. O governador Ostório Escápula havia morrido ainda no cargo, desgastado pelas lutas contínuas e frequentemente infrutíferas. Seu sucessor, Suetônio Paulino, importava-se menos com os bretões do que com estabelecer uma elevada reputação militar. Ele havia obtido êxito na luta contra os siluros do País de Gales e, depois, voltou sua atenção para o culto druídico da ilha de Anglesey. Os druidas eram o centro da vida religiosa na Britânia e incentivavam ativamente a resistência a Roma. A tentativa de Paulino de destruir completamente o culto afastou ainda mais os bretões, que já consideravam os romanos como opressores intolerantes e arrogantes.



23 Britânia. A horda de Boudica varreu de Thetford a Londres, passando por Colchester antes de ser atraída por Paulino para uma batalha decisiva em algum lugar das Midlands. Ainda hoje, os arqueólogos podem encontrar traços da devastação que os bretões deixaram em sua esteira.

A tensão ficou especialmente alta na terra dos trinovantes, que abrigavam a contragosto o centro provincial de Colchester. O próprio imperador Cláudio havia ido a Colchester para marcar o auge de sua campanha de conquista, e ela era a

única cidade da Britânia a ter a posição de colônia. Os veteranos romanos aposenta-dos que haviam se estabelecido ali sentiam merecer o direito de se apossar das terras, bens e mulheres dos homens das tribos locais.

Um templo esplêndido fora erigido ao culto imperial (às custas dos locais, naturalmente). Era costume indicar dignitários locais para o sacerdócio no culto como um modo de aproximá-los de Roma. Em Colchester, o costume havia sido pervertido de tal modo que se exigia dos infelizes sacerdotes que usassem suas fortunas pessoais para realizar suas obrigações, para o benefício dos comerciantes e prestamistas romanos.

O historiador Dio disse que Boudica afirmava que os bretões sentiam-se “desprezados e esmagados por homens que não sabiam fazer nada além de garantir seus ganhos”. Os romanos tinham tão pouca consideração pela ilha pantanosa e seus recalcitrantes moradores que o imperador Nero pensou seriamente em abandonar totalmente a Britânia.

Em algum momento do ano 60 d.C., os acontecimentos levaram a uma crise. Paulino lançou seu ataque contra Anglesey, e a cena foi esplendidamente descrita por Tácito:

A fim de lidar com uma costa difícil e traiçoeira, ele mandou construir diversos barcos de fundo chato. Estes transportaram a infantaria, enquanto a cavalaria cruzou em parte a vau nos lugares mais rasos e em parte nadando com os cavalos e, deste modo, conseguiram uma cabeça de ponte em uma praia da ilha. Na praia oposta, colocaram-se os bretões, reunidos em fileiras cerradas e prontos para a luta. Mulheres foram vistas correndo pelas fileiras em desordem selvagem, usando vestimentas funerais, com os cabelos soltos ao vento enquanto carregavam tochas em chamas. Toda a sua aparência era de que as Fúrias estavam em ira frenética. Os druidas foram até as fileiras, com as mãos levantadas, invocando os deuses e proferindo maldições horríveis. A aparência inusitada do combate que se aproximava fez com que os romanos fossem tomados por assombro e terror. Eles se postaram em espanto aturrido como se estivessem paralisados, sem se mover, e foram alvos fáceis para o inimigo.

Tácito *Anais* 2.88

Por mais estranha e desencorajadora que a cena possa ter sido, os guerreiros da ilha não eram páreo para os disciplinados legionários assim que estes se controlaram. A superstição se transformou em horror conforme as tropas encontravam “bosques dedicados a ritos inumanos ... altares cobertos com o sangue dos prisioneiros mortos por um povo que considerava seu dever consultar seus deuses por meio de vísceras humanas”. Quando os romanos partiram, haviam feito o possível para expurgar Anglesey de toda vida, humana, animal e – no caso dos bosques sagrados – vegetal.

O pior estava por vir. Do outro lado da Britânia, o rei dos icenos havia morrido. Tácito deu a esse rei o nome de Prasutagus, mas exceto sua única menção, esse nome não foi confirmado. Por muito tempo se pensou que moedas com seu nome haviam sido encontradas na Ânglia Oriental, mas pesquisas modernas refutaram isso. O que é certo é que esse rei foi um daqueles que tentaram a sorte com os romanos. Ele foi nomeado rei dos icenos em 47, depois que uma tentativa romana para desarmar a tribo provocara uma revolta malograda. (A política romana da época era governar partes difíceis e isoladas de suas fronteiras por meio de reis dependentes de Roma; esses governantes são conhecidos como “reis-clientes”.) Os icenos haviam se beneficiado muito com a lealdade de Prasutagus. Em 1981, o sítio de um prédio muito bem indicado em Thetford foi escavado. Essa era possivelmente a residência real de Prasutagus. Seu reino ocupava grande parte das modernas Suffolk e Norfolk e estava bem situado para comerciar com a Gália romana.

Até onde podemos determinar a partir da arqueologia e de nossas fontes, Prasutagus deixou um reino pacífico, próspero e razoavelmente satisfeito. Ele o deixou em parte para suas filhas e em parte para o imperador romano, acreditando que isso garantiria o futuro do reino.

Dias depois de aberto o testamento, os icenos foram visitados por emissários do procurador imperial Cato Deciano. Do mesmo modo como a tarefa de Suetônio Paulino era supervisionar as questões militares e legais da Britânia romana, a tarefa de Deciano era cuidar das questões financeiras do imperador.

Parece que Deciano também tinha ordens de exigir o pagamento de uma dívida substancial de Prasutagus para com Sêneca, um filósofo romano que também era um dos conselheiros prediletos de Nero. Não se sabe bem o que aconteceu a seguir. Uma interpretação é que os romanos, propositadamente lendo de modo equivocado as intenções de Prasutagus, trataram as terras dos icenos como se tivessem passado a ser propriedade romana, ou então acreditaram que os termos do testamento lhes davam liberdade considerável para escolher o que receberiam. Outra possibilidade é que, quando a viúva de Prasutagus não conseguiu levantar o dinheiro para pagar a dívida contraída com Sêneca, o restante do reino foi tomado como garantia. Uma terceira possibilidade é que os romanos simplesmente se empolgaram.

Foi como se Roma tivesse recebido o país inteiro de presente. Todos os chefes perderam suas propriedades ancestrais, e os parentes do rei foram escravizados... enquanto os centuriões saqueavam o reino, seus escravos pilhavam a casa real como se esses fossem despojos de guerra.

Tácito *Anais* 14-31

A rainha de Prasutagus protestou com veemência e, para seu pesar, foi levada para fora e açoitada publicamente como uma devedora inadimplente. Então,

violando a decência, a lei e o bom senso básico, os mesmos romanos estupraram as duas jovens filhas de Prasutagus, herdeiras do reino. (Esse ato foi mais do que mera luxúria, pois provavelmente acabou com a possibilidade de casamento para elas e, assim, destruiu a linhagem real.) Se Deciano passasse meses planejando como transformar um povo basicamente satisfeito em um bando de demônios violentos e vingativos, ele não poderia ter se saído melhor.

Os icenos, indignados, voltaram-se para sua rainha. É possível que os romanos, patriarcais, não conseguissem perceber quanta autoridade a viúva de Prasutagus ainda tinha. A leitura moderna das fontes sugere que essa mulher era também uma das principais sacerdotisas do reino. Seu nome, Boudica, pode ser relacionado à deusa celta Boudiga, e talvez tenha sido até o título de sua posição. As preces e os ritos que ela realizou para a deusa Andraste sugerem certa familiaridade com rituais. Como sabemos o nome da rainha pelos escritos de Tácito, talvez tenha acontecido de ele relatar equivocadamente a descrição da posição da rainha como seu nome. O que é certo é que seu nome não era Boadicea como se pensou por algum tempo; isso se deve a um erro em um texto medieval.

Cássio Dio põe um longo discurso na boca de Boudica que, embora tenha ficcional, nos dá alguma ideia de como os bretões percebiam o governo romano.

“Existe algum tratamento vergonhoso ou doloroso que não tenhamos padecido desde que os romanos chegaram à Britânia? Não é verdade que eles se apossaram de quase tudo o que possuímos e ainda nos obrigaram a pagar impostos sobre o que restou? Não temos de pagar impostos por nossos corpos e de colocar esses mesmos corpos a serviço dos romanos para arar e cultivar seus campos? Teria sido melhor se tivessem nos escravizado de uma vez e, ao menos, colocassem um fim ao resgate que temos de pagar por nós a cada ano. Ou ainda melhor, eles deviam ter nos matado de uma vez e colocado um fim a tudo isso”.

Cássio Dio *História Romana* 62.3

Assim que souberam que os icenos haviam pegado em armas, os vizinhos trinovantes aliaram-se aos rebeldes e as duas tribos caíram com um único propósito sobre Colchester. A cidade foi varrida por boatos e rumores conflitantes, mas com o exército no País de Gales, as autoridades locais mal puderam reunir 200 homens com armas leves para defendê-la. Os esforços para preparar fortificações foram impedidos pelos homens das tribos que viviam em Colchester e que sabotaram as obras de todas as maneiras possíveis. Consequentemente, quando Boudica lançou seu ataque sobre a cidade, os romanos ainda não haviam preparado nem mesmo um fosso ou uma muralha defensiva. Alguns dos veteranos retiraram-se para o Templo de César e de lá viram suas esposas e seus filhos serem massacrados. Eles resistiram por dois dias antes de seu reduto ser

tomado. A arqueologia mostra que Colchester foi literalmente arrasada até as fundações. Depois de queimar tudo o que fosse combustível, os bretões derrubaram sistematicamente todas as estruturas de tijolos ou argila, expondo as fundações ao nível do solo.

Dali, o exército voltou-se para o sul, para Londres, o centro do comércio romano na Britânia. No caminho, eles encontraram a primeira oposição romana. O general Vespasiano (que viria a se tornar imperador depois de Nero) também lutou na Britânia e deixou lá um jovem parente, Petílio Cerial. Petílio ficaria famoso por manobras militares estouvadas, das quais esta foi a primeira. Alguns destacamentos da IX Legião estavam no sul da Britânia com tarefas especiais (esses destacamentos eram chamados *vexillationes*). Petílio os reuniu e marchou confiante ao encontro de Boudica. Ele ficou atônito ao ver que o apoio para a rainha rebelde havia aumentado muito durante o caminho (inclusive porque os rebeldes executavam arbitrariamente aqueles que relutavam a se unir a eles), e seu pequeno exército era suplantado na proporção de 100 para um. A força rudimentar de Petílio foi arrasada e apenas ele e um pequeno grupo de cavalaria sobreviveram ao massacre que se seguiu.

Enquanto isso, Suetônio Paulino havia ocorrido a Londres, o que não foi fácil devido à hostilidade da população dos locais por onde passou apressadamente. Ele descobriu que o procurador culpado, Deciano, havia chegado a suas próprias conclusões sobre as chances do exército romano e já havia zarpado para a Gália. Com relutância, Paulino foi obrigado a reconhecer que Londres era indefensável e retirou seu exército, plenamente consciente de que muitos dos habitantes da cidade não conseguiriam escapar à vingança bretã que se abateria sobre eles.

Boudica não estava interessada em fazer prisioneiros, nem em pedir resgate por eles, nem em qualquer comércio de guerra. Os inimigos foram colocados para o abate, com cadafalsos, fogo e crucificações, como homens que tomavam a vingança que lhes era possível antes que a desforra caísse sobre eles.

Tácito *Anais* 14.24

Cássio Dio foi ainda mais explícito em seu relato:

Os que foram aprisionados pelos bretões foram submetidos a todas as formas de afronta conhecidas. A pior e mais bestial das atrocidades cometidas pelos captores era a seguinte: eles penduravam despidas as mulheres mais nobres e importantes e cortavam seus seios e os costuravam em suas bocas para que as vítimas parecessem estar comendo-os; depois disso, eles empalavam as mulheres com espetos afiados enfiados no comprimento de todo o corpo. Tudo isso foi acompanhado por sacrifícios, banquetes e comportamento libertino, não só em todos os lugares sagrados, mas particularmente no bosque

de Andraste. Esse era o nome que davam a Vitória e a honravam com reverência excepcional.

Cássio Dio *História Romana* 62.7

A partir dessas descrições, fica evidente que nem bretões nem romanos consideravam essa como uma guerra comum. O ódio puro e visceral que os bretões demonstravam a seus conquistadores é uma evidência do fracasso do governo romano na província, um fracasso tacitamente reconhecido até mesmo pelos historiadores romanos. Como Colchester, Londres foi queimada até o chão. O fogo atingiu temperaturas tão altas que formou uma camada de argila queimada sobre as casas, e esse estrato ainda permanece até hoje, a cerca de quatro metros abaixo das ruas da moderna Londres.

Não se deve deduzir disso tudo que Boudica não fosse mais do que a cabeça de um bando sem lei. Ela controlava seus soldados com habilidade e capacidade de comando surpreendentes, e se assegurava que suas conquistas fossem saqueadas antes de serem arrasadas. A prata assim obtida foi transformada em moedas para financiar sua revolta. Ela também se saiu muito bem em manter sua imensa força intacta e em impedir que surgissem grupos menores de saqueadores.

Depois, ela se voltou para Verulamium (a moderna Saint Albans), que teve o mesmo destino das conquistas anteriores. Cerca de 70.000 romanos e simpatizantes de Roma haviam sido mortos, alguns deles de modo horrível. A vingança podia já ter sido satisfeita, mas a revolta havia assumido seu próprio impulso. Ao pegar em armas, os bretões tinham deixado de semear seus campos com as lavouras do ano seguinte; portanto, eles tinham de conseguir provisões capturando depósitos romanos ou morreriam de fome. Roma também não iria perdoar. Ou as legiões seriam expulsas da Britânia de uma vez por todas ou, inevitavelmente, os bretões ficariam sob o jugo dos romanos vingativos.

Paulino tinha a XIV Legião, os veteranos da XX que haviam pegado em armas novamente e todos os homens que ele conseguira reunir como auxiliares. Sua força somava menos de 11.000 homens. Ele precisava desesperadamente do reforço da II Legião, comandada por Poênio Póstumo. Mas Póstumo estava acampado no oeste e se recusou obstinadamente a se mover. Póstumo pode ter sentido que estava prestando melhor serviço onde estava, contendo as tribos perigosas do oeste ou, talvez, a região circundante fosse hostil demais para que ele a atravessasse. (O fato de Póstumo, o encarregado do acampamento, estar no comando nos diz que algo muito ruim havia acontecido ao comandante da legião.) Paulino precisava de todos os homens disponíveis para enfrentar Boudica e não aceitaria desculpas. Póstumo não seria perdoado por desobedecer a ordens.

Os bretões contra quem Paulino estava lutando não eram muito diferentes dos guerreiros celtas da Gália que se opuseram a César. Eles tinham armas leves, em

sua maioria, lanças. Espadas e armaduras eram para os ricos. Ao contrário dos gauleses, os bretões lutavam principalmente a pé, embora a aristocracia formasse uma força de elite de cavalaria. Eles também foram um dos últimos exércitos da antiguidade a usar carros leves, embora estes fossem usados para movimentar pequenos grupos de homens com rapidez pelo campo de batalha e não como veículos de luta. Dio relata que os carros atacavam os romanos, mas eles teriam sido pouco úteis com essa finalidade. Apesar da lenda popular, os carros não tinham rodas equipadas com foices, pois este seria um grande risco para seu próprio lado.

Os bretões criavam mastins imensos que eram soberbos cães de caça. Diversas fontes apócrifas relatam que eles eram também treinados para lutar nas batalhas junto aos donos. Como esses animais eram quase do tamanho de um São Bernardo moderno, deviam ser oponentes desconcertantes. Outro hábito surpreendente dos bretões é que eles se pintavam de azul com pastel dos tintureiros (isatis) antes de entrar em batalha. Além de assustar os inimigos, os bretões se beneficiavam com as qualidades antissépticas dessa planta, que ajudavam a evitar que os ferimentos infeccionassem.

A força principal do exército bretão estava em seus números. Os romanos, que sempre tendiam a exagerar o número de seus inimigos, estimaram a força de Boudica em 230.000 homens. Mesmo que a rainha bretã tivesse apenas metade disso, eles ainda seriam muito mais numerosos do que os romanos. Não sabemos quase nada da organização do exército de Boudica. A sociedade britânica estava passando por violentas mudanças sociais. O sistema antigo era de tribos separadas e governadas por reis (ou rainhas; Tácito nos diz que “os bretões não discriminam em relação ao sexo de seus governantes”). Esses governantes tinham a ajuda e o conselho de um grupo de nobres que, como seus seguidores, moravam em aldeias nas quais grande parte da terra era propriedade comum, usada como pastagem para os rebanhos dos aldeões.

Os bretões compartilhavam as crenças religiosas dos gauleses; na verdade, a Britânia era quase como um centro religioso para os gauleses, e o potencial para revolta que isso dava à Britânia foi uma das razões de os romanos terem invadido a ilha. Foi esse também o motivo pelo qual os romanos, geralmente tolerantes, estavam determinados a exterminar o culto druída.

Paulino pode ter tirado vantagem da posição religiosa de Boudica para levar os bretões para o campo de batalha que preferia. Nós só sabemos que ficava em algum ponto das Midlands. Acredita-se que Paulino tenha devastado os santuários religiosos na área, sabendo que isso atrairia Boudica. Os romanos foram posicionados em um desfiladeiro com encostas íngremes que protegiam seus flancos e uma encosta suave à sua frente. Na retaguarda, havia uma densa floresta. Paulino escolhera com cuidado. Sua posição significava que os bretões não podiam cercar seus homens, mas também significava que os romanos não

podiam fugir a menos que os bretões fossem derrotados. Era hora de matar ou morrer.

Os bretões entraram no campo de batalha em grupos desorganizados, cada um reunido ao redor de chefes ou nobres locais segundo seu prestígio, a multidão aumentando com regularidade até formar uma imensa massa na base da encosta em que os romanos esperavam. O exército bretão trouxera consigo uma horda de mulheres e crianças que alinhou suas carroças na retaguarda do exército. As mulheres então escolheram posições confortáveis e se acomodaram para incentivar seus homens à vitória. O exército bretão estava em movimento constante, com trombetas sendo tocadas e insultos sendo proferidos aos gritos para os romanos. Os guerreiros usavam mantos coloridos e estavam, na maioria, com o peito desnudo.

Boudica estava entre eles e suas duas filhas a acompanhavam no carro. Os romanos a observaram ir de tribo a tribo, incentivando-os a fazer esse esforço final, enquanto (diz Tácito) ela também assegurava a seus soldados que era muito apropriado que guerreiros bretões lutassem sob a liderança de uma mulher. Tácito nos traz um discurso inspirador, supostamente proferido por Boudica, com o tema geral de “deem-me a liberdade ou deem-me a morte”. Esse discurso incluía a observação de que os bretões eram tão numerosos que Boudica duvidava que os romanos fossem capazes de suportar sequer o clamor e os gritos de guerra de uma multidão tão grande. Uma legião já havia sido derrotada (uma referência aos homens de Petílio) e outra estava com medo de se mover. De seu ponto de vista, Boudica não estava lutando por suas terras nem pelo orgulho de sua antiga linhagem. Ela estava ali para vingar o estupro de suas filhas e as marcas da chibata em seu próprio corpo. E como cada bretão, ela estava ali para defender sua liberdade.

Olhem ao redor e vejam quantos vocês são. Lembrem-se de nosso espírito orgulhoso e guerreiro e pensem em todos os motivos de vingança pelos quais empunhamos a espada. É neste local que temos de vencer ou morrer de modo glorioso. Não existe escolha. Sou uma mulher e estou segura do que devo fazer. Vocês, homens, devem escolher se querem viver em desgraça e morrer como escravos.”

Tácito *Anais* 14.36

Desempenhando seu papel como sacerdotisa, Boudica rezou à deusa Andraste pela vitória e então soltou uma lebre que estava presa em seu manto e observou seu caminho enquanto ela corria entre as linhas da batalha que se aproximava. Isso tinha o propósito de um augúrio, pois a lebre tinha intensas conotações religiosas para os bretões (coelhos, por outro lado, eram desconhecidos, pois só foram introduzidos na Britânia pelos normandos, 1.000 anos depois).

Dio e Tácito relatam discursos diferentes de Paulino, mas ambos têm temas

comuns que Paulino, sem dúvida, enfatizou. Primeiro, os adversários eram apenas bretões. Segundo, a vitória era sempre mais doce quando era conseguida apesar da desvantagem. Dio inclui uma detalhada descrição das torturas que esperavam os romanos que fossem capturados, e Tácito termina o discurso de Paulino com a indicação de que, se vitoriosos, os soldados tinham licença para fazer o que quisessem nas terras reconquistadas.

Depois, os exércitos se aproximaram um do outro, os bárbaros com muitos gritos misturados a ameaçadoras canções de batalha, mas os romanos em silêncio e em ordem até chegarem à distância de um arremesso de lança do inimigo. Então, enquanto seus inimigos ainda avançavam caminhando, veio o sinal para que os romanos atacassem. Eles correram para a frente e atingiram o inimigo com toda força, de modo que romperam facilmente a linha adversária. Os números imensos do inimigo significavam que, dali por diante, eles estavam rodeados por todos os lados e a luta aconteceu em todos os lugares ao mesmo tempo. A luta assumiu muitas formas. A infantaria leve lutou corpo a corpo, a infantaria pesada lutou contra oponentes igualmente armados, enquanto a cavalaria bateu-se contra a cavalaria. Outro confronto colocou os arqueiros romanos contra os carros bárbaros. Os bárbaros lançaram seus carros contra os romanos, arremessando-os na desordem, mas foram forçados pelas flechas a retroceder, pois os condutores lutavam sem armadura. Aqui um cavaleiro atingia soldados a pé; ali uma tropa de soldados a pé derrubava um cavaleiro. Alguns romanos avançavam contra os carros em formação fechada, e outros eram dispersados pelos carros; às vezes os bretões se aproximavam dos arqueiros e os venciam, enquanto outros fugiam das flechas à distância.

Cássio Dio *História Romana* 62.12

A partir deste relato e do de Tácito, podemos ter uma ideia geral da batalha. Parece que os romanos lançaram primeiro suas lanças pesadas (*pila*) e, depois, atingiram os bretões desorganizados antes que estes pudessem preparar o próprio ataque. As coortes atingiram os bretões em formação de cunha e penetraram em seu exército. Embora rodeado pela massa dos bretões, o exército romano manteve seu impulso, auxiliado pela cavalaria, que atacou para quebrar o inimigo no ponto em que a resistência era mais obstinada. Nenhum exército celta sabia retroceder e logo os bretões enfrentavam outro problema. Os desertores na retaguarda e os guerreiros que retrocediam foram esmagados contra os carros que haviam trazido suas esposas e famílias ao campo de batalha. Para os bretões, que precisavam de um espaço frontal de um pouco mais de um metro para usar suas longas lanças ou movimentar sua espada de folha larga com eficiência, isso foi um desastre. Os romanos lutavam em formação fechada e perfuravam em vez de brandir suas espadas curtas. Para eles, um campo de batalha

congestionado era uma oportunidade, não um problema. Os guerreiros bretões quase indefesos foram massacrados, e suas esposas e filhos tiveram o mesmo destino. Antes do final do dia, 80.000 bretões haviam morrido, contra apenas 400 legionários. A rebelião estava efetivamente acabada.

Boudica sobreviveu à batalha, mas seu tempo estava esgotado. Os massacres em Colchester, Londres e Saint Albans haviam selado seu destino, e ela não iria se render mesmo que lhe fosse oferecida misericórdia. Em vez disso, ela retornou a seu lar e lá se envenenou. O destino de suas filhas é desconhecido, mas é provável que ambas tenham morrido com ela. Dio nos conta que os bretões lhe deram um funeral magnífico, como condizia a uma rainha guerreira. A lenda posterior de que seus ossos agora estão sob uma das plataformas da estação ferroviária de King's Cross é altamente improvável.

Muitos icenos que sobreviveram à batalha não o fizeram por muito tempo. A arqueologia mostra que os romanos devastaram sistematicamente as terras e até mesmo desviaram cursos de água dos campos. Essa foi uma tática duvidosa a empregar na chuvosa Ânglia Oriental, mas muitos icenos morreram mesmo assim por não terem semeado naquele ano. Os homens capturados pelos romanos foram mortos ou arbitrariamente escravizados. Parecia que Paulino não pretendia dominar os bretões pelo terror, mas que resolvera exterminá-los por completo. Essa política colocou-o em conflito com Júlio Classicano, o procurador que substituíra Cato Deciano. Classicano tinha a tarefa de obrigar a Britânia a pagar por sua entrada no Império, e isso era difícil em um país com campos devastados e uma população fugitiva envolvida em uma guerra de guerrilha. Para desprezo dos bretões, um escravo liberto e favorito de Nero foi enviado de Roma para arbitrar o impasse entre o governador e o procurador; “os bretões [ficaram] maravilhados por ver um general e seu exército vitorioso dobrando-se diante de um escravo”. No entanto, eles aplaudiram a decisão final. Paulino foi substituído, e as autoridades romanas assumiram com sabedoria uma política de paz e reconstrução, que incluía a reconstrução de suas relações com as elites bretãs de que precisavam para sustentar seu governo.

Nos séculos de prosperidade que se seguiram, a história de Boudica foi praticamente esquecida. No século XIX, foi lembrado que o nome Boudica significava “vitória”, e que a rainha dos icenos compartilhava o nome de Vitória com a rainha que governava um império mais vasto do que o de Roma. Os repugnantes hábitos de massacre e tortura em larga escala da rainha guerreira foram esquecidos, e ela se transformou em heroína nacional. Uma estátua em que ela é representada triunfante em seu carro (veja ilustração 24) agora olha para o Tâmesis, em Londres, a cidade que ela queimou até os alicerces.

CAPÍTULO 12

JOSEFO: O INIMIGO RELUTANTE DE ROMA

Vespasiano foi para a Galileia. Essa ida dele [...] e como ele lutou a primeira batalha contra mim perto da cidade de Taricheae, e como dali ele foi para [cercou-me em] Jotapata, e como eu fui levado vivo, e preso, e como fui depois libertado [...] relatei de modo preciso.

Josefo Autobiografia 74

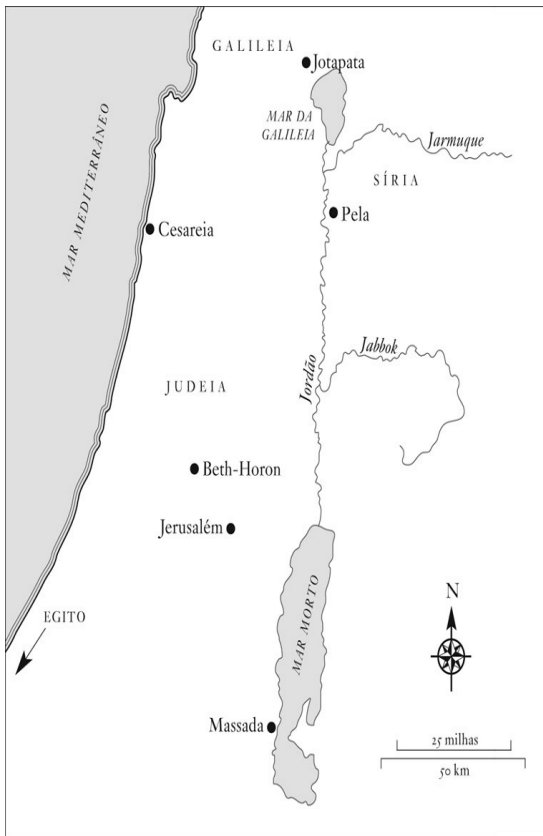
Muitas vezes, tudo o que sabemos dos inimigos de Roma é o que os próprios romanos optaram por nos contar. Algumas vezes, temos a sorte de conhecer os eventos descritos pelos que os testemunharam em primeira mão, como César fez com suas campanhas gaulesas, mas isso também é história romana. A história de Josefo é singularmente diferente. Ele nos conta, com suas próprias palavras e a partir de experiência pessoal, como foi confrontar o exército de Roma.

Se isso não bastasse, depois Josefo passa a descrever, em detalhes consideráveis, um grande cerco do ponto de vista de um companheiro próximo do general romano que conduzia as operações. E ele ainda está escrevendo a partir de sua experiência pessoal. Em resumo, Josefo teve uma vida extraordinária, e temos a sorte de seus escritos terem sobrevivido para nos contar tudo sobre isso.

Josefo era judeu e membro orgulhoso e praticante dessa fé. Ao mesmo tempo, admirava Roma e se sentia profundamente constrangido pelos hábitos rebeldes de seus compatriotas. Em parte, os escritos de Josefo tentavam provar tanto aos judeus quanto aos romanos que ele era um membro honrado das duas culturas; isso não era um feito fácil considerando-se que judeus e romanos se desprezavam mutuamente, e isso obrigou Josefo a realizar um autoexame frequente em seu trabalho.

Por exemplo, ele afirma que os judeus que inspiraram a revolta de 66 d.C. eram fanáticos. Se eles não tivessem desviado seu povo, afirma Josefo, ele teria continuado a ser súdito leal de Roma. Porém, a verdade é que os judeus se ressentiam amargamente do governo romano, que havia começado em 6 d.C., e estavam constantemente a um passo da rebelião. Certamente, isso tinha acontecido antes. A pequena, mas orgulhosa nação judaica situava-se em um ponto de passagem no Oriente Médio e havia passado séculos rebelando-se

contra conquistadores que varreram suas terras a partir (por exemplo) da Babilônia, Assíria, Egito e Macedônia. Durante os períodos de independência, os judeus muitas vezes se rebelaram contra seus próprios governantes. Até mesmo Davi, o grande rei judeu que uniu os reinos rivais de Israel e Judá, chegou muito perto de perder seu trono para seus súditos rebeldes.



24 Judeia na época da revolta judaica. O povo judeu dessa época só era maioria na área que cercava Jerusalém; existia uma proporção particularmente alta de gentios na Galileia. As fortificações de Massada haviam recentemente sido reforçadas por Herodes, o Grande.

Os últimos reis de Israel, Herodes, o Grande (73-4 a.C.) e seus desventurados filhos, também não foram populares com seus súditos. Herodes chegou ao poder nos anos confusos em que os romanos se apoderaram pela primeira vez da soberania da Palestina. Com diplomacia astuta, Herodes sobreviveu às tempestades políticas que acompanharam a transição de Roma da República ao Império e deixou uma marca indelével em seu país com um grande programa de construção em Jerusalém (onde ele começou a reconstrução do templo), em Jericó e outros lugares em que construiu estádios e teatros, e na fortaleza de Massada, reforçada até se tornar quase invulnerável.

Apesar disso e de algumas reformas esclarecidas de terras, Herodes era um governante duro que nunca foi realmente aceito pelo povo judeu. Depois de sua morte, em 4 a.C., seu filho Arquelaus foi deposto como governador da Judeia depois de 10 anos turbulentos. Outro filho, Filipe, herdou a Galileia e a Pereia. Filipe teve mais sucesso e governou por 33 anos. Na época de sua morte, e no primeiro ano do reinado do imperador Calígula, nasceu Josefo ben Matthias, descendente de uma antiga família de sacerdotes e filho de uma mãe que descendia dos reis macabeus de Israel.

Sabemos que Josefo foi uma criança inteligente, pois ele não se acanhou em afirmá-lo.

Eu fiz grandes progressos para aprimorar minha aprendizagem e, evidentemente, era soberbo tanto em memorizar e em entender meu trabalho. Portanto, quando era criança, com cerca de 14 anos, era muito admirado por meu amor ao estudo, e por esse motivo os altos sacerdotes e chefes da cidade frequentemente vinham juntos falar comigo a fim de consultar minha opinião sobre o entendimento preciso dos pontos da lei.

Josefo Autobiografia 2

Josefo estudou com mestres de cada uma das principais seitas judaicas – saduceus, fariseus e essênios – antes de finalmente decidir tornar-se um fariseu. Isso era quase a mesma coisa, assegurou ele a seus leitores romanos, que se tornar um estoico (o estoicismo era uma filosofia respeitada e popular em Roma naquela época).

No ano 64 d.C., com o imperador Nero governando Roma, Josefo viajou para essa cidade como líder de uma delegação que buscava a liberação de alguns sacerdotes judeus que haviam se desentendido com as autoridades romanas. Os

romanos estavam bem cientes da sensibilidade dos judeus e também do fato de precisarem de uma Palestina estável na sua fronteira oriental, além da qual ficava a potência rival da Pértia. Mas isso não os obrigava a gostar dos judeus nem de sua religião, e este pode ter sido o motivo que levou à prisão dos sacerdotes em primeiro lugar. O historiador e senador quase contemporâneo, Tácito, resume a atitude de alguns romanos.

Essa adoração, aqui apresentada, é mantida por sua antiguidade; todos os outros costumes, que são ao mesmo tempo perversos e repugnantes, devem sua força a sua própria maldade [...] entre eles são rigidamente honestos e até mesmo prontos a demonstrar paixão, embora considerem o resto da humanidade com todo o ódio dos inimigos. [...] Aqueles que têm contato com a religião deles absorvem essa lição que lhes é inicialmente instilada, de desprezar todos os deuses, de repudiar a seu país, e a desdenhar pais, filhos e irmãos. [...] Os judeus têm concepções puramente mentais da Divindade, como uma em essência. Eles chamam de profanos aqueles que fazem representações de Deus em forma humana e com materiais perecíveis. Eles acreditam que este Ser seja supremo e eterno, jamais passível de representação nem de deterioração. Portanto, eles não permitem imagens em suas cidades e, muito menos, em seus templos. Eles não lisonjeiam seus reis com estátuas, nem honram seus imperadores desse modo... a religião judaica é insípida e mesquinha.

Tácito *Histórias* 5

Tácito escrevia após a guerra judaica de 66 d.C., mas houve atrito com os judeus antes disso. Em 41 d.C. o predecessor tolerante e liberal de Nero, Cláudio, foi obrigado a emitir um édito reconhecendo que o povo judeu era diferente dos outros súditos romanos.

Tibério Cláudio César Augusto Germânico, *pontifex maximus*, proclama:... “Portanto é certo que os judeus, que se encontram em todo o mundo sob nosso domínio, devam manter seus costumes ancestrais sem obstáculos. Eu agora também ordeno que eles usem isto – minha gentileza – de modo razoável e não desprezem os ritos religiosos das outras nações, mas que observem suas próprias leis.”

A suspeita e o desagrado de Roma eram mútuos. Embora o jovem Josefo ficasse maravilhado com a majestade de Roma e lisonjeado com o interesse de Popeia, esposa de Nero (que era essencial para garantir a liberação dos sacerdotes aprisionados), o povo judeu como um todo ficou bem menos impressionado. Os escritos apocalípticos eram um gênero popular na época e, no mais famoso deles, o escritor hebreu das Revelações facilmente supera as calúnias de Tácito.

Eu vou lhes mostrar o julgamento da grande prostituta que se senta sobre muitas águas: com quem os reis da terra cometeram fornicação, e os habitantes da terra têm sido embriagados com o vinho de sua fornicação [...] Eu vi uma mulher sentada sobre uma besta de cor escarlate, cheia de palavras de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava trajada em púrpura e escarlate, e ornamentada com ouro, pedras preciosas e pérolas, trazendo uma taça de ouro em sua mão repleta de abominações e da sujeira de sua fornicação: e em sua testa havia uma frase escrita: “Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e abominações da terra”.

Para o caso de seus leitores terem dificuldades com a analogia, o escritor continuou:

E aqui está a mente que teve sabedoria. As sete cabeças são as sete colinas em que a mulher se senta. E a mulher é aquela grande cidade que reina sobre os reis da terra.

Revelações 17, passim

Quando Josefo retornou à Palestina, esta era uma terra em ebulição com tramas e uma rebelião incipiente. Os pobres do campo haviam passado por uma temporada de fome, e muitos dos que eram incapazes de trabalhar nas terras haviam recorrido à bandidagem, acrescentando outro nível de desconforto à vida de um país já tenso pelas exigências dos tributos romanos. As relações entre a elite judaica e as autoridades romanas nunca haviam se recuperado da procuradoria malsucedida de Pôncio Pilates (26-35 d.C.) nem da tentativa do imperador Calígula de instalar sua estátua no Templo, em Jerusalém; e uma série de sucessivos procuradores ineficientes não foi capaz de restaurar a confiança.

Nessas circunstâncias, a filosofia dos zelotes atraiu muitos. Ela combinava religião com nacionalismo violento e existia há décadas (é possível que dois dos discípulos de Jesus – Judas Iscariotes e Pedro – fossem zelotes). Quase todas as suas atividades haviam se limitado a ataques aos postos avançados romanos e tentativas de perturbar a coleta de impostos, mas uma nova geração de líderes, inclusive o carismático Eleazar bin Jair, favorecia uma resistência cada vez mais aberta. Os sicários eram ainda mais extremos e violentos do que os zelotes; eles não eram apenas contra os romanos, mas se opunham igualmente a qualquer judeu que suspeitassem estar colaborando com os romanos. Este último grupo era mais vulnerável e assim constituiu a maioria das vítimas dos sicários. O nome desse grupo vem da faca curta e curva, a *sica*, preferida pelos assassinos. Muitas vezes, as vítimas eram mortas em meio a uma multidão, e o assassino, com a faca enfiada sob a túnica, escapava em meio à confusão. Entre as vítimas dos sicários estava Jonatas, o sumo sacerdote, cujo assassinato aumentou o clima de medo e tensão.

De um modo que lembra o dos modernos grupos terroristas, os sicários raptavam judeus importantes para extorquir a libertação de membros que tivessem sido capturados. Essa conduta provocou um expurgo feroz pelo procurador Albino e, como muitas vezes é o caso em tais expurgos, os inocentes sofreram com os culpados. Mas para o povo judeu, a gota d'água aconteceu com a substituição de Albino por seu sucessor, Gessio Floro, em 64 d.C. É difícil reconstruir exatamente o que aconteceu, pois temos apenas o relato de Josefo e ele não era uma testemunha imparcial. Ele desprezava e temia os zelotes e se tornou claramente poético em sua repugnância aos sicários. Também não admirava Floro e disse que os primeiros anos de seu governo foram marcados por um governo ruim e pela corrupção ostensiva. Por fim (diz Josefo), Floro decidiu que o único modo de ocultar seus crimes era escondê-los em um conflito mais geral e, então, passou a deliberadamente provocar os judeus para que se rebelassem.

Pois ele previa que, se a paz continuasse, os judeus seriam seus acusadores diante de César; mas, se ele pudesse provocá-los até o ponto de deflagrar uma revolta, ele des-viaria a atenção das acusações dos crimes menores imputados a ele para um sofrimento muito maior. Portanto, ele aumentou a cada dia as calamidades a fim de induzi-los a uma rebelião.

Josefo Guerra dos Judeus 14.3

Quando os judeus protestaram por serem maltratados, Floro mandou prender os que protestavam. Quando as multidões se reuniram em uma demonstração pacífica, elas foram atacadas. Acusando os judeus de perpetrarem a violência da qual eram vítimas, Floro ordenou que os líderes da comunidade judaica se apresentassem a ele nos portões da cidade para uma explicação. Quando eles se reuniram,

Os soldados os rodearam e os atingiram com bastões. Quando fugiram, foram perseguidos por cavaleiros. Muitos deles foram mortos pelos golpes romanos, mas um número ainda maior morreu na violência do esmagamento, pois havia uma imensa multidão nos portões, e todos tentavam escapar antes dos outros e, em resultado, ninguém conseguiu fugir com rapidez. Houve praticamente um massacre dos que caíam, pois eles eram sufocados e despedaçados pela multidão que os pisoteava; tanto que quase nenhum deles pode ser identificado com certeza pelos parentes que vieram para enterrá-los. Os soldados caíam sobre todos que pudessem agarrar e os espancavam sem piedade.

Josefo Guerra dos Judeus 15.5

Foi a última gota. Dentre todos os outros povos do Império, os judeus eram os

únicos que tinham o direito de fazer sacrifícios a seu deus pelo imperador de Roma, enquanto os outros povos faziam sacrifícios diretamente ao imperador. Porém, então eles se recusaram a fazer até mesmo isso. A recusa assinalou efetivamente o início de uma revolta geral. Isto, de acordo com o relato de Josefo.

Devemos tratar esse relato com muita cautela. Com Josefo posicionado firmemente em cima do muro entre os adversários judeus e romanos, não podemos esperar que ele responsabilizasse um ou outro povo pela guerra. Em vez disso, ele alega que um administrador romano ambicioso (algo muito comum nas revoltas contra os romanos) e uma mistura de fanáticos e charlatões religiosos arrastaram uma maioria bem-intencionada para a guerra.

De fato, um ciclo de xenofobia judaica e reação exagerada romana que estava se intensificando há vários anos finalmente estourou. A fagulha pode ter sido um incidente que Josefo menciona de passagem. O próprio Nero decidira um julgamento em favor de um gentio que possuía um edifício usado como sinagoga. O gentio e seus amigos comemoraram com uma exibição inédita de triunfo, e o procurador usou força considerável para suprimir os distúrbios subsequentes. Tácito confirma que o sentimento religioso foi um fator poderoso:

Quase todas as pessoas estavam bastante convencidas de que os antigos escritos de seus sacerdotes previam que, nessa época, um grande poder surgiria no Oriente, e que os governantes da Judeia atingiriam a soberania universal. De fato, essas estranhas profecias indicavam Tito e Vespasiano, mas o povo, cego pela ambição, havia decidido que esse grande destino estava reservado para si mesmo, e nenhuma catástrofe os convenceria do contrário.

Tácito *Histórias* 13

O que parece certo é que a rebelião de 66 d.C. não foi um golpe bem planejado, mas sim uma sequência de eventos sem planejamento que apressou todos os envolvidos indecisos para a guerra. Consequentemente, os arranjos entre os judeus recém-liberados tinham uma natureza definitivamente *ad hoc*. Embora diversas facções brigassem pelo controle de Jerusalém em geral, e do templo em especial, os líderes das principais famílias judaicas foram enviados para controlar as áreas remotas da Palestina.

Assim aconteceu que Josefo ben Matthias, mais tarde conhecido como Flávio Josefo, encontrou-se na posição de comandante militar da Galileia e pensando no futuro com considerável apreensão.

Nessa época, os judeus não eram o único povo na Palestina; de fato, eles só predominavam em uma área relativamente pequena, cujo centro era Jerusalém. A Galileia era mais misturada demograficamente do que a maioria das áreas e, na verdade, o nome vem de uma frase em hebraico que significa “círculo de

estrangeiros”. Josefo tinha a difícil tarefa de lidar com essa população mista cujos sentimentos iam de radicalmente contra os romanos a vigorosamente partidários da paz.

Aceitamos a veracidade da afirmação de Josefo de que ele teve êxito em lidar com essas diferentes facções pelo simples motivo de ele ainda estar no cargo quando os romanos chegaram em 67 d.C. Nessa época, Roma estava levando muito a sério a guerra judaica. Eles já haviam pagado uma vez o preço de subestimar o fanatismo que impeliu os rebeldes judeus com armas leves contra as legiões. O general romano Céstio Galo fora derrotado em Beth-Horon e a XII Legião foi arrasada, perdendo sua valiosa águia para os rebeldes.



25 A infantaria leve judaica nas muralhas de Jerusalém. O que faltava aos rebeldes em equipamentos sobrava em determinação fanática. Estilingues eram uma das armas preferidas dos pastores, e os estilingues militares muitas vezes usavam balas de chumbo que podiam atingir velocidades letais.

Apesar da vitória em Beth-Horon, o exército judeu não era páreo para os romanos no campo de batalha, e a chegada das legiões à Galileia fez com que o

principal rival de Josefo, João de Giscala, rapidamente se dirigisse a Jerusalém.

A Galileia tornou-se um cenário de fogo e sangue, de ponta a ponta; a região não foi poupada de nenhuma miséria nem calamidade; o único refúgio para os habitantes perseguidos estava nas cidades fortificadas por Josefo.

Josefo Guerra dos Judeus 3.4.163

Josefo tirou vantagem de suas próprias precauções e retirou-se para a fortaleza da colina de Jotapata, que já havia repellido um ataque romano. Lá, ele foi cercado por três legiões comandadas pelo futuro imperador Vespasiano. Este trecho extraído do próprio relato de Josefo sobre o cerco dá uma ideia da luta difícil e dos estratagemas e contra estratagemas que ocorreram durante os quarenta dias que se seguiram.

Vespasiano então posicionou suas máquinas de guerra para que lançassem pedras e dardos sobre toda a cidade. Havia 160 dessas máquinas e sua tarefa principal era afastar os defensores das plataformas de defesa. Algumas dessas máquinas eram projetadas para arremessar longas lanças e faziam isso com muito ruído. Outras eram projetadas para lançar pedras que pesavam um talento, objetos em chamas ou uma grande massa de flechas. Esse bombardeio era tão eficaz que os judeus não só se afastavam das plataformas, mas também evitavam os locais dentro das muralhas que estavam dentro do alcance das máquinas. Ao mesmo tempo em que as máquinas funcionavam, uma multidão de arqueiros árabes exercia seu ofício, juntamente com homens munidos de estilingues e de dardos. No entanto, os judeus não estavam passivos sob esse ataque. Quando era impossível lançar mísseis sobre os romanos, eles saíam da cidade como bandos de ladrões e, em grupos, retiravam as barreiras que protegiam os que trabalhavam nas trincheiras de sítio e os matavam enquanto estavam expostos; e quando esses trabalhadores eram dominados, eles destruíam a barragem e queimavam suas partes de madeira, inclusive as próprias barreiras.

Josefo Guerra dos Judeus 3.7.9

Apesar do vigor da defesa, Josefo percebeu que a fortaleza estava condenada. Ele já estava fazendo planos de abandonar o lugar quando foi entregue aos romanos por um desertor. Os romanos invadiram a cidade e massacraram seus habitantes. Josefo e quarenta companheiros escaparam e se refugiaram em um abrigo subterrâneo. Essa segurança se mostrou efêmera, pois uma das mulheres que estavam com eles se aventurou fora do abrigo e foi capturada.

Assim que fossem descobertos pelos romanos, os que estavam no abrigo enfrentariam a rendição ou a morte. Josefo era favorável à rendição, mas seus companheiros estavam preparados para morrer e determinados a levar Josefo

com eles. Em suas próprias palavras, Josefo relata o que aconteceu a seguir.

“E agora”, disse Josefo, “como estamos todos certos da morte, vamos deixar que a sorte decida nosso destino comum. Vamos tirar a sorte e a primeira pessoa a ser sorteada será morta pela segunda e assim por diante. Desse modo, o destino escolherá a sequência de nossas mortes e seremos poupados do suicídio.” [...] Essa proposta foi considerada razoável; assim, depois de persuadir todos a tirar a sorte, Josefo também sorteou seu número. Cada homem então matou o outro na sequência determinada, todos supondo que o general morreria com eles e pensando que a morte compartilhada com Josefo era mais doce que a vida. No entanto, no final, quis a sorte que sobrassem Josefo e outro homem! Quem pode dizer se isso aconteceu por sorte ou pela bondade de Deus?

Josefo Guerra dos Judeus 3.8.7

Os leitores podem especular sobre a forma em que esse milagre pode ter acontecido. Especialmente porque Josefo, então, convenceu o outro sobrevivente de que era igualmente indesejável morrer pela loteria ou matar um compatriota. Os dois renderam-se aos romanos. Os soldados romanos eram favoráveis a adicionar Josefo à já impressionante contagem de mortos de Jotapata, mas Vespasiano ordenou que ele fosse poupado. Josefo atribuiu isso a uma profecia milagrosa em que ele afirmou que Vespasiano e seus filhos iriam se tornar mestres do mundo. Mais realisticamente, é provável que Vespasiano soubesse das simpatias pró-romanas de Josefo e tenha pensado que ao poupar um prisioneiro aristocrata ele pudesse inspirar outros a desertar.

O mesmo problema estava ocupando os zelotes que haviam tomado o controle de grande parte de Jerusalém. Eles haviam realizado um expurgo de seus inimigos, inclusive o supremo sacerdote, e ordenado que os parentes dos “traidores” deixassem os corpos insepultos sob pena de morte. Então, praticamente todas as pessoas encontradas no exterior das muralhas de Jerusalém eram suspeitas de unir-se aos romanos e eram sumariamente executadas.

Mantendo Josefo em uma posição entre prisioneiro e hóspede, Vespasiano decidiu tomar Jerusalém enquanto ela estava em confusão. Ele assumiu rapidamente o controle do território circundante, inclusive Pela, uma cidade gentia cujos habitantes foram massacrados pelos judeus no início da revolta. Porém, em Cesareia, em 68 d.C., ele ficou sabendo da morte de Nero. A dinastia júlio-claudiana estava agora extinta, e o trono imperial esperava por alguém determinado a tomá-lo.

Na Judeia, Vespasiano consultou o oráculo do Deus de Carmel e ouviu a promessa de que ele nunca se desapontaria em qualquer coisa que quisesse

ou planejasse, por mais alto que suas ambições o levassem. Além disso, um importante judeu, prisioneiro de Vespasiano, chamado Josefo, insistiu que logo seria libertado pelo mesmo homem que o havia aprisionado e que ele seria então imperador.

Suetônio *Os Doze Césares, Vespasiano 5*

Em 69, Vespasiano deixou seu filho Tito com a incumbência de concluir a guerra judaica enquanto partia para Alexandria e, mais tarde, para Roma onde, vencendo a guerra civil, ele assumiu as rédeas do Império.

Na Judeia, deve ter parecido ao confuso Josefo que os judeus de Jerusalém estavam tentando fazer o trabalho dos romanos. Os vitoriosos da batalha de Beth-Horon haviam se desentendido com os zelotes de Jerusalém, que já estavam divididos entre si. Mesmo antes de os romanos chegarem a Jerusalém, a cidade estava dividida por uma guerra civil entre três facções que havia destruído boa parte do templo e quase toda a provisão de grãos reservada para o cerco que se aproximava. Apenas a chegada dos romanos obrigou as facções em luta a se unirem. Os romanos, apesar de sua disciplina formidável, ficaram chocados com a selvageria das investidas judaicas que conseguiram por diversas vezes afastá-los dos portões da cidade. “Os ataques eram feitos com um ímpeto que se assemelhava à carga de animais selvagens”, relatou Josefo, que então observava os acontecimentos a partir do lado judaico.

Incrivelmente, no intervalo de seus ataques unidos aos romanos, as facções zelotes retomaram a luta interna de modo que, em qualquer dia, um defensor zelote de Jerusalém podia escolher entre três conjuntos separados de inimigos com quem lutar. Apesar dessa falta de unidade, as fortes muralhas de Jerusalém, em combinação com a vantagem natural de sua posição e a ferocidade de seus defensores, foram suficientes para manter os romanos afastados. Josefo foi chamado algumas vezes para conversar com aqueles que se ofereciam para negociar, mas Tito logo descobriu que essas “negociações” tinham o objetivo de atrasar os romanos enquanto as posições eram fortificadas ou os defensores se movimentavam.

Porém os romanos eram mestres na guerra de cerco e, tendo impensadamente destruído seus próprios suprimentos de comida, os defensores estavam em uma posição difícil. Os romanos forçaram as muralhas e dirigiram seu ataque ao próprio templo. Ali, a resistência era mais fanática, e os defensores estavam sendo obrigados a retroceder muito lentamente até que um dos atacantes decidiu apressar o processo com o uso do fogo. Logo todo o templo estava em chamas.

César [isto é, Tito] chamou os soldados que estavam lutando e indicou com sua mão direita que eles deveriam tentar apagar o fogo. Porém, embora gritasse a plenos pulmões, ele praticamente não foi ouvido em meio ao

grande ruído. Seus sinais de mãos também não foram seguidos, pois alguns soldados estavam ocupados com a questão mais premente da luta e outros preferiam ser comandados por suas próprias paixões. Conforme as legiões vieram correndo, cada homem estava sob o jugo de sua própria fúria; todos eles lotaram o grande templo, alguns pisoteando os outros. Muitos caíram entre as ruínas dos anexos, onde ainda havia massas de cinzas em brasa, e tiveram a mesma morte miserável daqueles a quem tinham acabado de derrotar. ... Os rebeldes já estavam exaustos demais para reagir e, assim, eram abatidos e derrubados por todos os lados. Muitas pessoas comuns, fracas e desarmadas, tiveram a garganta cortada onde quer que fossem pegas. Corpos sem vida formavam uma alta pilha no altar, seu sangue escorria pelos degraus e, de vez em quando, outro corpo da pilha caía sobre os degraus.

Josefo A Guerra dos Judeus 6.3.6

Quando os romanos irromperam no refúgio sagrado, o Santo dos Santos, e ainda assim não houve nenhuma intervenção divina a favor dos defensores, a rebelião perdeu seu ímpeto. Jerusalém foi saqueada e arrasada. Josefo fez o que podia por seus amigos, persuadindo Tito a poupar suas vidas e a libertá-los sem resgate. Em uma ocasião, ele encontrou três de seus amigos já crucificados e, a seu pedido, Tito mandou retirá-los das cruzes. Dois sobreviveram.

Os sicários não esperavam compaixão nem a desejavam. Eles se retiraram para a supostamente inexpugnável fortaleza de Massada para uma última resistência. Os romanos os seguiram. Com o resto da revolta terminado, não havia como os defensores de Massada não morrerem pela fome provocada por um cerco prolongado. Porém, Tito queria deixar claro que uma vez que Roma tivesse sido suficientemente provocada, não havia lugar remoto o bastante nem fortaleza tão segura que a vingança romana não pudesse atingir. Os romanos construíram uma rampa de cerco na encosta da montanha em que Massada estava localizada (essa rampa pode ainda ser vista nos dias de hoje). Um dia antes de os romanos invadirem a fortaleza, seus defensores cometeram suicídio até o último homem, inclusive mulheres e crianças, obtendo uma vitória moral que eclipsou aquilo que os romanos desejavam demonstrar.



26 Uma moeda lançada para comemorar o final da guerra judaica. A inscrição na moeda diz *Judaea capta* ("Judeia capturada"). A Judeia é simbolizada pelo prisioneiro sob a palmeira, enquanto as letras S.C. na parte inferior da moeda significam que a emissão foi autorizada pelo senado.

Josefo acompanhou Tito a Roma, principalmente porque agora tinha um formidável número de inimigos em sua terra natal. Ele testemunhou o triunfo com que Tito celebrou sua vitória e assumiu o nome de Flávio, em tributo a seus protetores romanos (que eram da casa flaviana). Então acomodou-se na vida culta de um nobre romano. Suas obras literárias visavam reconciliar os romanos e os judeus. *Antiquidades* lembrava aos romanos que a cultura hebraica era consideravelmente mais antiga do que a deles, e seu *Contra Apionem* era uma defesa sólida do judaísmo contra o ataque de um escritor helênico. Sua *Guerra dos Judeus*, que foi extensamente citada aqui, provavelmente baseou-se em notas

de campanha de Vespasiano e Tito além de em suas próprias lembranças e, como já mencionado, isso também foi persuasão escrita como história.

Josefo casou-se três vezes e teve dois filhos, Justus e Simonedes. A data de sua morte é desconhecida, mas provavelmente ocorreu nos primeiros anos do século II d.C. O que parece certo é que ele tenha morrido pacificamente em sua cama – uma rara conquista para o protagonista de uma guerra contra Roma.

CAPÍTULO 13

DECÉBALO DA DÁCIA: O CORAÇÃO VALENTE DOS CÁRPATOS

Esse homem era um mestre na teoria e na prática da guerra; ele era um especialista tanto na hora de atacar quanto na escolha do momento certo para retroceder; ele era habilidoso em emboscadas e em batalhas intensas e sabia muito bem não só como agir depois de uma vitória, mas também como lidar com uma derrota.

Cássio Dio 67.6 Epitome

Por mais de um século antes de Decébalos chegar ao poder na Dácia, os romanos estavam incomodamente cientes da ameaça latente nas terras selvagens do outro lado do Danúbio. A antiga Dácia ficava no ponto em que os povos alemães e celtas, mais fixados em seu território, encontraram as tribos nômades de cavaleiros a oeste do Mar Negro – povos como os roxolanos e os sarmacianos. Os povos da Dácia eram numerosos e tinham uma cultura guerreira. Roma também era uma sociedade militarista e, assim, seus senadores eram bem capacitados para avaliar o perigo que a Dácia trazia para as províncias da Mésia e Dalmácia.

O povo da Dácia há muito era conhecido das civilizações do Mediterrâneo. Os gregos os chamavam de *getae* e haviam lutado e comerciado com eles desde o século VII a.C. Embora os dácios às vezes sejam considerados como um povo do norte da Trácia, sua cultura tinha elementos tomados de empréstimo aos celtas e aos gregos e também possuía aspectos próprios. A interação constante dos diferentes povos contribuiu muito para a vitalidade da cultura dácia, mas também significou que a guerra era frequente a ponto de ser endêmica. Quanto não estava sob o ataque dos vizinhos, a Dácia muitas vezes era devastada pela guerra civil.



27 O nordeste do Mediterrâneo. Neste mapa podemos ver que a Dácia era uma ameaça para as províncias de Roma além do Danúbio, e que só a Panônia e os Alpes estavam entre o reino de Decébal e a própria Itália.

No entanto, os dácios certamente não mereciam o título de bárbaros que os romanos usavam com tanta frequência para descrever os povos não conquistados que viviam além de seu Império. Os dácios tinham um domínio sofisticado da arquitetura e da metalurgia, e seus comerciantes eram astutos o bastante para lidar em termos de igualdade com os gregos. Porém, o Império Romano estava atingindo seus limites no final do século I d.C., em parte porque os romanos descobriram que os povos do norte da Europa eram difíceis de conquistar, difíceis de controlar depois de conquistados e raramente valiam o esforço financeiro. Em vez de admitir suas limitações, os romanos se convenceram de que não valia a pena conquistar bárbaros que viviam em pântanos e florestas inúteis.

Essa atitude pode ser vista nas representações das esculturas contemporâneas, especialmente na coluna de Trajano. Ela mostra que os despojos se empilhavam depois de cada batalha, incluindo armaduras e armas bastante sofisticadas – no entanto, nas batalhas, os bárbaros eram retratados com armamentos consideravelmente mais primitivos. Do mesmo modo, os romanos descrevem Decébal como um líder corajoso e habilidoso na guerra, mas quase não falam sobre sua capacidade administrativa e diplomática. Se, como sugerem evidências recentes, Decébal tentou coordenar suas iniciativas militares com as da Pártia, a maior rival de Roma no Oriente, então sua amplitude de visão e compreensão

das grandes políticas de poder excede em muito as de um líder de um grupo de guerreiros tribais.

Os dácios lutavam constantemente com uma tribo chamada bastarna que havia migrado da região báltica por volta de 200 a.C. Suas guerras também incluíam os dardanos e outras tribos do sul, e isso levou a diversos choques com os romanos à medida que estes estenderam sua influência além do Mar Adriático no final do século II a.C. Mesmo então, a Dácia era bem civilizada, mas pouco se sabe do estado nessa época além de que seu governo central era comandado por um rei, possivelmente chamado Oroles.

Feridos por seu contato com Roma, os dácios se retiraram, provavelmente voltando às lutas internas. O país voltou a aparecer no registro histórico nos anos 70 a.C. com um líder formidável chamado Burebista. Existem indicações de que esse rei reorganizou o exército e, durante o curso de seu longo reinado, ampliou as fronteiras dácias para sua maior extensão conhecida. Ele subjugou os bastarnas e os boios (outra tribo alemã) e as colônias gregas ao redor do Mar Negro, chegando por fim até Odessus (Varna). Ao norte, o reino se estendia até os Montes Cárpatos e, ao leste, até o rio Dniestre, que é atualmente a fronteira entre a Moldávia e a Ucrânia. Existem relatos conflitantes em relação à fronteira ocidental, e é provável que isso mudasse consideravelmente segundo a sorte do país.

O movimento para o oriente levou a Dácia a um novo conflito com os romanos. No início dos anos 60 a.C., um exército comandado por Antonio Híbrida foi derrotado pelos dácios perto da Histria (outra colônia grega no Mar Negro). Esse confronto evidentemente levou Burebista a se interessar pelas questões romanas. Ele apoiou Pompeu com tanto entusiasmo na guerra civil contra César em 48 a.C. que César cogitou invadir a Dácia depois de assumir o poder em Roma.

Os planos de César foram interrompidos por seu assassinato em 44 a.C. Burebista não conseguiu explorar o caos em que Roma foi lançada, pois também foi assassinado logo depois. O reino de Burebista foi dividido em três ou quatro partes. Um fragmento, liderado por um chefe chamado Cotiso, estabeleceu bons termos com Augusto. O poeta Horácio fala de o exército de Cotiso ter sido derrotado (*Odes* 3.8) e disso podemos inferir que a obediência dos dácios a Roma existia apenas na aparência. A “derrota” certamente não foi completa, pois outra tradição sugere que Augusto pensou em vincular o líder dácio a sua família por meio do casamento.

Marco Crasso, da grande família Licínia de Roma, liderou uma campanha contra os dácios em 29 a.C., mas certamente eles não foram subjugados. Durante a maior parte do século I d.C, eles animaram as longas noites de inverno fazendo ataques à Mésia sempre que o Danúbio congelado lhes dava essa oportunidade.

Durante o reinado dos imperadores flavianos, a fronteira do Danúbio tornou-se cada vez mais perigosa. Não só os dácios, mas também seus vizinhos, os roxolanos, lançaram ataques cada vez maiores e mais ferozes. Vespasiano fortificou as fronteiras e enviou mais soldados para a região, mas isso só trouxe um alívio temporário. A tempestade irrompeu em 85 d.C., durante o reinado de Domiciano, filho de Vespasiano. Os dácios atravessaram o Danúbio e começaram a saquear vigorosamente a Mécia, destruindo fazendas, fortes e toda a resistência que os romanos conseguiram reunir. O governador provincial Ópio Sabino foi morto, e o enorme número de soldados inimigos obrigou as legiões romanas a se retirar para seus acampamentos e aguardar a chegada de reforços.

Quando os reforços vieram, foram liderados pelo próprio Domiciano, embora o imperador deixasse o combate real para o veterano Cornélio Fusco, que havia servido bem aos flavianos na guerra civil de 69. Fusco conseguiu expulsar os dácios da Mécia com rapidez, mas como os dácios queriam despojos e não conquista, provavelmente já estavam mesmo prontos para ir embora. Domiciano decidiu que esses bárbaros arrogantes precisavam de uma lição e ordenou a Fusco que fosse para a Dácia em uma expedição punitiva.

Não se sabe ao certo quem estava liderando os dácios nesse ponto. Eles tinham um rei chamado Douras, mas sua influência foi ofuscada pelo talentoso e guerreiro general Decébalo. Esse Decébalo, o assunto deste capítulo, foi uma dentre várias pessoas da história da Dácia com o mesmo título, que era provavelmente um apelido, não um nome próprio. Esse título pode ser traduzido aproximadamente como “coração valente” e sugere que Decébalo gostava de liderar na frente de batalha. É bem possível que ele tenha liderado o ataque à Mécia e o prestígio assim obtido obrigou Douras a abdicar em seu favor. O historiador Cássio Dio parece razoavelmente seguro de que Decébalo estava no comando em 86 d.C, e sem a menor sombra de medo pela ameaça a seu país.

Domiciano preparou uma expedição contra esse povo [os dácios], mas não foi um participante ativo. Preferiu permanecer nas cidades da Mécia, satisfazendo seu gosto por decadência. Ele era não só fisicamente preguiçoso, com o espírito de um covarde, mas também um sedutor promíscuo de mulheres e meninos. Enviava outros para travar a guerra em seu lugar e, de modo geral, eles fizeram um trabalho ruim.

Decébalo, o rei dos dácios, enviou embaixadores a Domiciano, oferecendo a paz; mas em vez disso, Domiciano enviou Fusco contra ele com uma grande força. Quando ficou sabendo disso, Decébalo enviou mais embaixadores. Dessa vez, sua oferta de paz foi um insulto premeditado. Seus termos de paz eram que todos os romanos pagassem-lhe um tributo anual de dois óbolos. O fracasso no pagamento provocaria a guerra e despejaria uma torrente de infortúnios sobre os romanos.

A atitude desdenhosa de Decébalo foi inspirada pelo fato de ele dominar seu próprio terreno de colinas íngremes, matas fechadas e rios com corredeiras. Além disso, em algum ponto entre o reinado de Burebista e de Decébalo, os dácios haviam reconstruído um reduto nos Montes Orastie. Essa era uma série complexa de fortalezas, torres de vigia e muralhas espalhadas em cerca de 500 quilômetros quadrados. A moderna pesquisa arqueológica nessas estruturas confirma que os dácios eram excelentes arquitetos e engenheiros, e que seus fortes devem ter parecido seguros contra o pior que os romanos pudessem fazer.

Não se sabe exatamente o que aconteceu a Fusco, pois os romanos sempre foram reticentes em relação a suas derrotas. Sabemos que os dácios o mataram em batalha e que a V Legião foi espancada, tendo talvez até perdido sua águia. O resto da expedição esforçou-se por voltar à Mésia, abandonando seu propósito punitivo. O golpe ao prestígio romano inspirou uma revolta na província vizinha da Panônia. Tácito descreve o acontecimento apenas em termos muito gerais, mas não deixa dúvidas de sua gravidade.

As notícias chegavam com todos os detalhes: a perda de todos esses exércitos na Mésia e na Dácia, na Germânia e na Panônia. A estupidez negligente ou a covardia de nossos líderes, nossas coortes sobrepujadas e seus comandantes capturados. Agora não era uma questão de manter as fronteiras, mas da conservação do próprio Império, e as bases das legiões...

Tácito Agricola 41

Roma reagiu rapidamente. As calúnias de Dio e Tácito sobre a estratégia de Domiciano foram inspiradas pela antipatia mútua entre Domiciano e o senado (Dio e Tácito eram senadores). Na verdade, Domiciano havia preparado sua campanha dácia em profundidade. A IV Legião, a “Flávia Afortunada”, estava provavelmente já a caminho e em 88 cruzou para a Dácia em um ponto chamado de Portões de Ferro. Em Tapae, na planície de Caransebes, eles vingaram a morte de Fusco com uma grande vitória. Diz-se que Vezinas, o segundo em comando de Decébalo, escapou apenas porque se fingiu de morto no campo de batalha.

Para sorte de Decébalo, já era tarde na temporada de campanhas, e os romanos não estavam dispostos a enfrentar o inverno em um território hostil. Eles foram impedidos de retornar na primavera seguinte por Saturnino, um governador provincial cuja revolta marcou o começo do fim do reinado de Domiciano.

Com revoltas contra Roma irrompendo do outro lado da fronteira do Danúbio e Decébalo castigado pela derrota, os dois lados estavam prontos para uma trégua. Decébalo ofereceu-se para prestar homenagem a Roma e, em troca,

recebeu de Domiciano não só um subsídio anual, mas também trabalhadores e engenheiros para melhorar as já boas defesas do reino. Apesar desse aquecimento nas relações internacionais, o rei dácio não estava preparado para se colocar pessoalmente em mãos romanas. Em seu lugar, ele enviou um príncipe chamado Diegis para a cerimônia oficial de paz. Esse príncipe prestou homenagem e recebeu um diadema dos romanos como se fosse Decébalos.

A opinião pública de Roma inflamou-se com o conceito de pagar tributo a estrangeiros, e o espírito inquieto de Decébalos não ficaria satisfeito por muito tempo. Era inevitável que houvesse outra guerra. Domiciano foi assassinado em 96, e seu sucessor foi o idoso Nerva. Nerva reinou por dois anos e sua maior realização foi a escolha de seu sucessor, Trajano – talvez o maior de todos os imperadores romanos.

Depois de passar algum tempo em Roma, Trajano lutou contra os dácios, pois levou em conta seus atos passados e ficou pesaroso com a quantia que estavam recebendo anualmente e também observou que seu poder e seu orgulho estavam aumentando. Decébalos, sabendo do avanço de Trajano, ficou assustado, pois bem sabia que, anteriormente, ele não havia conquistado os romanos, mas apenas Domiciano. Porém, agora ele teria de lutar contra os romanos e contra Trajano, o imperador.

Cássio Dio *História de Roma* 68.6

Trajano estava ciente, como Domiciano certamente também estivera, de que o acordo com a Dácia era algo temporário até que uma solução mais permanente fosse encontrada. A natureza dessa solução ficou clara para Decébalos quando Trajano chegou a sua fronteira com 10 legiões e iniciou a construção de uma ponte sobre o Danúbio, atravessando até o território da Dácia.

As fontes sobre a guerra que se seguiu à invasão de Trajano são muito insatisfatórias. Por uma coincidência cruel, os escritos de Apiano, Arriano e Amiano Marcelino, historiadores cujo trabalho sobreviveu substancialmente, têm capítulos perdidos nesse ponto. Dio é nossa principal fonte; e isso só com um resumo feito no século XII. Dio é, como sempre, quase inútil em relação à geografia e seu resumo dá aos leitores apenas uma descrição apressada da própria guerra. Poucos documentos na história militar antiga fazem tanta falta quanto o próprio comentário de Trajano sobre a guerra, mas dele, apenas uma sentença sobreviveu. Felizmente, para comemorar sua conquista na Dácia, Trajano fez erigir uma coluna que ainda existe em Roma. Uma espiral que sobe pela coluna conta a história da guerra em imagens, embora, neste caso, os historiadores certamente tivessem preferido mil palavras.

Os guerreiros dácios na coluna têm cabelos e barbas longos. Exceto pelos líderes, eles não usam armaduras pesadas e confiam em escudos ovais para defesa. Eles estão mais bem vestidos do que os guerreiros alemães, com calças e

túnicas, e até mesmo mantos com franjas em algumas ocasiões. O soldado de infantaria da Dácia podia escolher suas armas. Uma das prediletas era a *falx*, um tipo de foice de guerra. Na coluna, os soldados dácios brandiam-nas com uma só mão, mas outras representações mostram a *falx* como uma arma muito mais pesada e assustadora que exigia o uso das duas mãos. Espadas e lanças convencionais também eram usadas, assim como machados de batalha e bastões de madeira. Como se poderia esperar de um povo em contato com os arqueiros montados ao redor do Mar Negro, os dácios eram arqueiros hábeis.

Em relação à cavalaria, os dácios dependiam pesadamente de seus aliados, os sarmacianos. Os cavaleiros sarmacianos vestiam malhas de metal ajustadas que cobriam cavaleiros e cavalos. Esses catafratos, já mencionados, eram oponentes formidáveis e tais cavaleiros foram posteriormente incluídos no exército romano.

Decébalo não procurou um confronto imediato. Ele retrocedeu diante dos homens de Trajano e procurou um bom ponto para uma emboscada, talvez como havia feito com Fusco. Porém, Trajano reforçara seu exército com muitos auxiliares, e esses soldados mais leves conseguiam se movimentar mais livremente em terreno difícil e nas encostas montanhosas, o que tornou mais difícil que as emboscadas passassem despercebidas.

Quando os romanos chegaram a Tapae, o local da derrota dácia em 88, Decébalo assumiu a iniciativa e atacou. A batalha estava tendendo contra ele, embora o resultado não fosse conclusivo. As pesadas baixas dos dois lados fizeram com que os líderes parassem para pensar. Decébalo retornou a sua campanha de assédio, enquanto os romanos se retiraram para o acampamento de inverno.

O inverno não passaria pacificamente. Decébalo reuniu seus aliados e lançou-se com eles cruzando o Danúbio, na Mésia inferior. Seu ataque foi, na verdade, uma grande pilhagem, com o objetivo de desmoralizar os romanos e incentivar os que o apoiavam. Isso não afetou a situação militar e, na primavera, Trajano movimentou-se outra vez. Agora realmente preocupado, Decébalo buscou a paz. Ele já havia enviado uma comitiva para sondar Trajano, mas a abordagem não tinha uma intenção séria. Desta vez, Decébalo demonstrou que estava sendo sincero ao enviar aristocratas importantes para negociar. Pouco se sabe do sistema social dácio, mas parece ter havido uma classe superior, que os romanos chamavam de *pileati* por causa de seus gorros distintos, enquanto as pessoas comuns eram chamadas *comati* por causa do cabelo comprido.

Trajano respondeu enviando dois emissários, Licínio Sura e Cláudio Liviano. Decébalo não estava preparado para negociar pessoalmente, e a guerra continuou. A ação metódica de Trajano não deu a Decébalo oportunidade de ataque e, apesar de esforços desesperados, suas fortalezas foram tomadas uma a uma. Em certo ponto desse processo, os romanos recuperaram os estandartes

que Fusco havia perdido em sua campanha desastrosa em 86. Finalmente, estava aberto o caminho para Sarmizegetusa, a capital dácia. Decébalo parece ter feito uma última tentativa para desafiar os romanos no campo de batalha, mas quando isso fracassou ele foi obrigado a aceitar os termos que lhe foram oferecidos.

Como o general romano havia capturado sua irmã e também outra de suas fortalezas, Decébalo estava em uma situação em que estava preparado para concordar com qualquer exigência que os romanos fizessem; não que ele pretendesse respeitar o acordo, mas para ganhar tempo para se recuperar das últimas derrotas. Assim, ele prometeu relutantemente entregar suas armas, suas máquinas de guerra e engenheiros, repatriar os desertores, demolir seus fortes e retirar-se dos territórios capturados. Ele prometeu ainda que os amigos e os inimigos de Roma também seriam seus, e que ele não abrigaria desertores romanos nem recrutaria soldados no Império. Esse último item foi incluído porque ele havia recrutado uma grande força de elite formada por súditos romanos. Tudo isso aconteceu depois de ele ir até Trajano, ajoelhar-se em obediência e descartar suas armas. Ele também enviou representantes ao senado para que pudessem ouvir o assunto e ratificar a paz que havia sido firmada.

Cássio Dio *História Romana* 68.9

Quando Trajano partiu para Roma (onde ele celebrou um triunfo e assumiu o nome “Dácico”), Decébalo prontamente começou a reconstruir suas fortalezas, recrutando vigorosamente soldados para seu exército e adquirindo as mesmas armas sofisticadas que prometera repudiar.

As notícias de que Decébalo estava violando os termos de paz logo chegaram a Roma, pois Trajano havia deixado uma guarnição em Sarmizegetusa para monitorar as atividades do rei. Como a retomada da guerra era inevitável, Decébalo apressou seu início apoderando-se de uma parte do território dos iaziges, um povo aliado a Roma. Em 106, Trajano estava de volta ao início – nas margens do Danúbio, preparando-se para invadir a Dácia. Dessa vez, porém, ele tinha a vantagem de uma excelente ponte, com mais de um quilômetro de comprimento, construída por Apolodoro de Damasco.

Trajano quase não chegou ao Danúbio. Espiões enviados por Decébalo estiveram perto de assassiná-lo enquanto ele se movimentava com seu exército pela Mésia, algo que o imperador provavelmente nunca perdoaria. Além do mais, Decébalo havia convidado um dos comandantes de Trajano, Longino, para uma negociação e, depois, traiçoeiramente, prendeu-o como refém. Longino foi uma escolha ruim como trunfo de negociação. Ele persuadiu um homem liberto a conseguir veneno e então enviou esse homem para a segurança junto a Trajano, com o pretexto de rogar a Trajano pela segurança de Longino. O furioso Decébalo enviou outro de seus prisioneiros, um centurião romano, com

uma oferta de enviar a Trajano o corpo de Longino e dez prisioneiros vivos se Trajano lhe entregasse o liberto que ajudara Longino a morrer. Trajano não só não devolveu o liberto, como ordenou ao centurião enviado por Decébalo que quebrasse sua palavra e não retornasse. Decébalo não era mais considerado um adversário honrado e não poderia esperar nem acordos nem piedade se fosse derrotado.

As guarnições de Trajano estavam sob considerável pressão diante do ataque preventivo de Decébalo. Muitas das que estavam na Dácia haviam sido derrotadas e alguns fortes ao sul do Danúbio ainda estavam sob cerco. A maior parte do ano foi passada resolvendo a situação e o ano acabou antes de Trajano estar pronto para partir rumo ao interior da Dácia mais uma vez. A metódica determinação demonstrada pelos romanos teve seus efeitos sobre os aliados de Decébalo. Um a um eles se afastaram ou fizeram seus próprios acordos com os romanos. Essa opção não estava disponível para Decébalo, e seus súditos lutaram por ele com a força do fanatismo.

A oposição dácia era fortalecida por sua religião guerreira. Eles acreditavam que a morte era meramente outro estado no qual a consciência sobrevivia. Seus deuses acolhiam os que morriam em batalha, mas rejeitavam os covardes. Isso incluía qualquer um que se rendesse, então não era incomum que guerreiros dácios cometessem suicídio para não serem capturados. Seu deus principal era uma divindade ctônica (um deus da terra) e se chamava Zamolxis. A arqueologia no sítio de Sarmizegetusa mostra que esse deus, juntamente com seu sacerdote supremo, tinha um papel importante na sociedade dácia. Havia outros deuses, inclusive um deus da guerra que aceitava sacrifícios humanos. Talvez o membro mais acessível desse temível panteão fosse Bendis, uma deusa que representava a fertilidade e a cura, aparentemente combinando aspectos do culto grego de Ártemis com a crença indo-europeia na *mater magna* (a grande mãe).

Até os bastarnas, ex-inimigos dos dácios, resistiram até o último homem. O historiador Apiano diz que os bastarnas foram “a nação mais corajosa dentre todas”. Receberam atenção especial na coluna de Trajano, onde eram facilmente distinguidos pelos topetes que adornavam suas cabeças que, de resto, eram raspadas.

Decébalo sabia que não adiantaria entrar em um confronto direto, tudo ou nada, com o enorme e bem treinado exército de Trajano. Seus soldados travaram uma dura campanha ao estilo atacar e correr, entremeada com resistências obstinadas em qualquer ponto defensável. Parece que os romanos estavam avançando sobre Sarmizegetusa vindos do leste em duas colunas (uma tática preferida por Trajano e que seria usada também na Pártia). Eles chegaram à capital em meados do verão e imediatamente iniciaram um cerco. Decébalo parece ter previsto o resultado inevitável e abandonado a cidade, indo para as distantes montanhas da Transilvânia.

Trajano tomou Sarmizegetusa e provou que estava em estado de espírito pouco propício a misericórdia ao arrasar a cidade até os alicerces. O que havia sido uma guerra agora era uma caçada humana na qual Decébalo era a presa. A arqueologia revelou os fortes que abrigaram Decébalo naquela época. Eles ficavam em afloramentos rochosos íngremes e eram construídos em parte com madeira e em parte com pedras. Sua localização raramente tornava um fosso possível ou necessário. As defesas eram reforçadas com torres, e outras torres situavam-se fora das muralhas para proteção adicional. Por mais formidáveis que fossem esses fortes (e a coluna de Trajano registra a dificuldade experimentada pelos atacantes romanos), eles raramente haviam sido projetados para oferecer resistência contínua. Poucos tinham um suprimento constante de água, e esse problema era agravado ainda mais pelo fato de a população local, que se abrigava no forte, levar também seus animais de criação.

Era evidente que os romanos não desistiriam até aprisionar Decébalo e era também evidente que esse dia não poderia ser adiado por muito tempo. Uma tradição diz que, quando os romanos se aproximaram, Decébalo convidou os chefes que restavam para um banquete. Depois de terem consumido todas as provisões, Decébalo cortou a própria garganta.

Segundo a lápide de Tibério Cláudio Máximo, um soldado auxiliar de cavalaria, foi nesse momento que ele entrou no local e fez um esforço desesperado para prender o rei dácio com vida. Parece incrível que em uma guerra tão mal documentada tenhamos a preservação dessa evidência, mas a imagem na lápide é tão parecida com outra na coluna de Trajano que, sem dúvida, elas se referem ao mesmo evento.

A morte de Decébalo acabou com a resistência organizada. Sem nada a perder, os chefes locais travaram uma aguda campanha de guerrilha, mas a guerra efetivamente estava terminada. Entre os que suprimiram os últimos focos de rebelião estava um competente subordinado, parente de Trajano: Adriano, o futuro imperador. Trajano retornou a Roma, levando consigo a cabeça de Decébalo e milhares de prisioneiros dácios destinados a terminar sua vida na arena romana. Na Dácia, o assentamento de Trajano exemplificou o ditado de Tácito de que Roma “cria um deserto e o chama de paz”. Os povos nativos ou foram extirpados ou expulsos de suas terras, e foram levados colonos de todo o Império para tomar seu lugar. Uma consequência disso é que, dentre todos os idiomas modernos, o romeno está entre os mais próximos do latim, e o nome moderno do país reflete a extensão em que os colonos de Trajano se acomodaram no local.



28 Uma moeda lançada para comemorar a derrota de Decébalo. O guerreiro dácio usa o gorro distinto de seu povo, e sua foice de luta (*falx*) está diante dele. A inscrição na moeda refere-se a Trajano como o “melhor dos imperadores”.

Decébalo não teria se sentido muito reconfortado ao saber disso, mas seu país foi um dos últimos a serem absorvidos por Roma. Sob o governo de Trajano, o Império Romano chegou ao auge. Depois da longa paz sob os governantes antoninos que se seguiram a Trajano, os inimigos de Roma tomaram a ofensiva, atacando terras romanas mais do que defendendo as suas. Com suas invasões ao território romano e suas exigências de resgate e tributos, Decébalo demonstrou muitos dos traços dos últimos oponentes de Roma. Nesse aspecto, ele foi um homem à frente de seu tempo.

PARTE IV

SHAPUR I

ZENÓBIA

ALARICO

ÁTILA

O fim do Império

“Nossa história agora passa de um reino de ouro para um de ferro e ferrugem, como aconteceu com os romanos daquela época”. Assim o historiador Cássio Dio começa lugubrememente a história de Roma depois da ascensão de Cômodo ao trono imperial em 180 d.C. Não há dúvida de que Cômodo foi um imperador muito ruim, na tradição de Nero e Calígula, mas o declínio do Império Romano havia se estabelecido muito antes e já era aparente durante o reinado do pai de Cômodo, o imperador filósofo Marco Aurélio.

Durante o reinado de Marco Aurélio, o Império Romano foi perturbado pelas invasões constantes das tribos germânicas e devastado internamente por pragas sucessivas. Alguns historiadores postularam que a população do Império entrou então em um declínio inexorável. A principal evidência disso é que Roma começou a enviar aos campos de batalha exércitos cada vez menores e acabou por depender cada vez mais da cavalaria e dos soldados auxiliares. Existem, porém, outras explicações para isso, inclusive o fato de que os cidadãos romanos relutavam cada vez mais em servir nas legiões, e as extensas fronteiras de Roma exigiam um exército de cavalaria que se movesse rapidamente para impedir qualquer incursão.

Em 192 d.C., Cômodo teve o destino tradicional dos maus imperadores: a faca de um assassino. Sua morte trouxe o fantasma da guerra civil que, como a tirania, os romanos esperavam ter banido para sempre. No século seguinte, Roma esteve à mercê de qualquer general ambicioso com um exército competente, e as legiões romanas lutaram umas contra as outras, quando eram desesperadamente necessárias para defender as fronteiras. As tribos germânicas no norte haviam forçado Marco Aurélio a passar muito de seu reinado defendendo a fronteira do Reno. Essa pressão aumentou nos reinados dos sucessores de Aurélio, até que o sistema militar de Roma cedeu sob a tensão.

O custo financeiro de manter os exércitos de Roma em campanha contra essas incursões enfraqueceu a economia romana. Nos dias de glória da República Romana e do início do Império, as campanhas eram pagas com os despojos da conquista. Já as guerras defensivas tinham de ser pagas com impostos, e o aperto das finanças romanas reduziu à pobreza grande parte da classe média. A crise financeira também provocou uma inflação descontrolada

que só foi interrompida em 309, quando o imperador cristão Constantino estabilizou a moeda com o ouro retirado dos templos pagãos.

O século entre a morte de Cômodo e a ascensão de Constantino viu a ascensão e a queda de 27 imperadores e candidatos à púrpura, dos quais apenas dois não tiveram mortes violentas. Algumas vezes, a situação militar e política deteriorou-se a ponto de haver diversos imperadores governando partes diferentes do Império, cada um deles preocupado demais com as incursões bárbaras e a necessidade de eliminar seus rivais para se preocupar com o governo civil.

O caos dentro do Império não passou despercebido aos rivais de Roma no Oriente. O Império Parto havia se enfraquecido paulatinamente até que os problemas de Roma lhe deram uma chance de fortalecer suas fronteiras ocidentais. Porém, outro problema interno logo surgiu, quando a vigorosa dinastia sassânida ascendeu da posição de governadores provinciais para desafiar os governantes da Pártia pelo império. Os sassânidas viam-se como os sucessores do Império Aquemênida de Dário e de Xerxes, do século V a.C., e visavam reclamar as terras da Ásia Menor que seus “ancestrais” haviam perdido para Alexandre, o Grande e que tinham, depois, passado para mãos romanas. Como possuíam um governo centralizado bem-administrado e um exército eficiente, os sassânidas pareceram, por certo tempo, prestes a alcançar seu objetivo, especialmente quando a situação do Império Romano não demonstrou sinais de melhora.

O grande rei persa **Shapur I** (Capítulo 14) lançou uma série de ataques à Ásia Menor que foram uma ação intermediária entre invasões e ataques maciços. Ele teve sucesso considerável e até capturou e saqueou Antioquia, na Síria – na época, uma das maiores cidades do Império Romano. No entanto, Shapur havia subestimado a capacidade de recuperação de Roma e a flexibilidade de suas instituições políticas. O imperador romano Galiano praticamente cedeu o controle da região a Odenato, líder do reino árabe de Palmira. Palmira era uma cidade semi-independente que se situava na fabulosa rota das caravanas do Oriente. Sob a direção de seu competente líder e com apoio gradativo de Roma, Palmira foi facilmente páreo para as ambições de Shapur. Shapur foi expulso da Ásia Menor romana e, embora nem ele nem seus sucessores desistissem de suas pretensões, a melhor chance de realizá-las havia passado.

Apesar de encontrar obstáculos no Ocidente, Shapur não só consolidou as realizações de seu pai, mas também as ampliou. Durante seu reinado, o pensamento religioso e a inovação arquitetônica assumiram novas direções, que deram forma ao Oriente Médio de hoje.

Palmira, a potência que bloqueou as ambições ocidentais de Shapur, passou de uma força a outra. Seu líder, Odenato, foi assassinado, mas o poder passou a sua viúva, Zenóbia. **Zenóbia** (Capítulo 15) era tão capaz como governante quanto

seu marido havia sido, mas suas ambições eram muito maiores. Ela via Palmira como sucessora do império dos selêucidas e visualizava seus filhos governando um império que se estendia do Mar Negro ao Egito. A visão que Zenóbia tinha do futuro não deixava lugar para Roma na região, e seus soldados tentaram usurpar a autoridade romana, ao mesmo tempo que Zenóbia tentava manter a insincera aparência de ser uma aliada de Roma.

Porém, Roma estava lentamente se recuperando da violenta crise. Uma série de governantes fortes surgiu das províncias dos Bálcãs para unir o Império e a tênue estabilidade política retornou. O imperador Aureliano (270-275) conseguiu lutar contra usurpadores e também contra os invasores godos e consolidar ao menos a parte central do Império sob seu governo. Com essa parte do Império reunida sob sua liderança, ele voltou sua atenção para o Oriente e, mais especificamente, para Palmira.

Zenóbia não desistiu sem lutar. Sua luta contra Aureliano tornou-se lendária no Oriente Médio, e ela ainda é lembrada hoje como uma das grandes rainhas guerreiras da Antiguidade. Palmira sobreviveu à experiência da reconquista romana, mas nunca foi mais do que uma sombra de sua antiga grandeza.

O próprio Aureliano, como tantos imperadores do século III, morreu assassinado. O líder que o substituiu foi Diocleciano (284-305). O nome de Diocleciano passou à posteridade como o mais terrível de todos os perseguidores da nascente igreja cristã. Ainda assim, ele também foi o homem que deu ao Império uma maior estabilidade e determinou o padrão para os demais séculos de governo imperial. O Império de Diocleciano não foi um que Júlio César teria reconhecido ou do qual teria gostado.

Diocleciano deu ao imperador todas as pompas de um monarca oriental e exigia uma abordagem adequadamente servil à sua própria pessoa coroada. Roma estava praticamente abandonada como capital imperial. Ficava longe demais das fronteiras em que os exércitos imperiais poderiam ser necessários com urgência e a qualquer momento. Depois de ter estabelecido sua nova ordem mundial, Diocleciano também se tornou o único imperador romano a renunciar ao cargo e a morrer pacificamente alguns anos depois. Diocleciano havia visualizado o Império dividido entre diferentes governantes, cada qual com sua própria área de competência. Embora seu sistema não tivesse durado, esse foi o início da tendência que acabou por dividir o Império Romano nas metades Oriental e Ocidental.

Essa tendência foi acelerada por Constantino, que foi imperador de 307 a 337. Além da estabilização monetária, já mencionada, Constantino estabeleceu o cristianismo como a religião do Império Romano e construiu Constantinopla, a magnífica cidade que viria a governar o Império Oriental por mais mil anos e que é atualmente – com o nome de Istambul – a maior cidade da Turquia.

Constantino e Diocleciano tinham estabilizado um barco que afundava. A

economia de Roma tornou-se cada vez mais endurecida conforme o fardo dos impostos caía ainda mais pesadamente no número decrescente dos que eram capazes de pagá-los. A população estava dividida entre os aristocráticos *honestiores* e os mais humildes *humiliores*. Muitos destes últimos eram pouco mais do que servos, incapazes de mudar de profissão ou de residência sem a permissão de seus “melhores”.

A situação militar continuava a piorar. Os persas, ao leste, mantiveram sua pressão incansável, e as tribos germânicas, ao nordeste, estavam sendo forçadas a ir para o oeste pelos hunos que migravam da Ásia para as suas terras.

Um momento crucial para a queda de Roma aconteceu na batalha de Adrianópolis em 398 d.C. Em uma tentativa para aliviar a pressão sobre as fronteiras romanas, o imperador Valente havia permitido que uma grande parte da tribo visigoda se assentasse dentro do Império, nas terras despovoadas próximas ao Danúbio. Não ocorreu aos agentes de Valente que os povos livres precisavam de tratamento diferente do prestado aos povos súditos do Império. A arrogância, corrupção e incompetência dos nomeados para lidar com a imigração visigoda prontamente levou a tribo a se rebelar. Valente recusou as ofertas dos rebeldes para negociar, confiante de que seu exército poderia obter uma vitória fácil.

Ele pagou pelo erro com a vida, mas as consequências da derrota romana continuaram muito depois de sua morte. Em Adrianópolis, o último exército de campo romano foi destruído. Daí em diante, o exército romano seria um suplemento muitas vezes alvo de zombaria diante do principal braço militar de Roma – bárbaros lutando segundo seus próprios padrões e comandados por seus próprios oficiais. Esses soldados eram chamados de *foederati* e tinham uma posição intermediária entre aliados e súditos. Eram sustentados pelos sofridos contribuintes romanos.

Não demorou até que **Alarico** (Capítulo 16), o líder godo, percebesse que não havia nada entre ele e o tesouro de seus senhores. O que seu povo recebia como salário, eles eram capazes de obter como saque. Tudo que impedia o domínio completo dos godos sobre o Império Romano era o grande general Estilício e os restos dos antigamente poderosos exércitos de Roma. Estilício foi, por algum tempo, uma influência que conteve o rei godo, mas Alarico mostrou ser um mestre ao usar a rivalidade entre as partes oriental e ocidental em que o Império Romano estava então dividido. Alarico atacou primeiro o Império Oriental e, quando Estilício foi afastado da cena na Itália, voltou seus exércitos contra a própria cidade de Roma.

Na época em que os cavaleiros de **Átila, o Huno** (Capítulo 17) apareceram nas fronteiras de Roma, nos anos 430 d.C., o Império Romano Ocidental estava praticamente indefeso. Os visigodos eram, na realidade, os governantes da Gália, e a África estava rapidamente se afastando do controle romano. A Itália era

assolada pela fome e pelas pragas, e o imperador era pouco mais do que um testa de ferro. Para os povos sitiados do Ocidente, as hordas hunas pareciam incontroláveis. Átila rapidamente tornou-se a pessoa mais importante na Europa, e os impérios oriental e ocidental buscaram ansiosamente certificar-se quanto a suas intenções. Depois de extorquir terras e tesouros dos dois impérios, Átila lançou uma grande invasão ao Ocidente. Sua decisão talvez tenha sido influenciada pelo fato de que o império oriental já estava mostrando sinais de recuperação sob o competente imperador Marciano, enquanto a situação no Ocidente continuava caótica como sempre. No final, os invasores que haviam iniciado sua jornada no nordeste da China foram finalmente contidos nas planícies da França. Os hunos se retiraram para a Europa central e, depois da morte de Átila, nunca mais ameaçaram Roma.

O Império Romano no Oriente recuperou-se dos problemas e continuou como o Império Bizantino até 1453. No Ocidente, porém, não houve recuperação. Ali, o Império Romano estava condenado.

CAPÍTULO 14

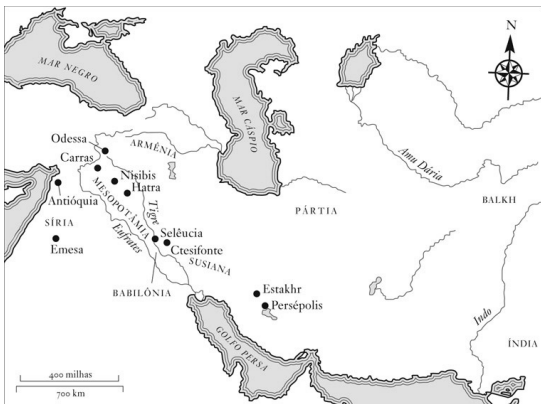
SHAPUR I: O REI DOS REIS

O adorador de Ahura Mazda, o deus Saporess, rei dos reis dos iranianos e não iranianos, de descendência divina; filho de Mazdayasnian, o deus Artaxares, rei dos reis dos arianos, neto do deus-rei Papak.

Shapur se apresenta em uma inscrição gravada na pedra em Naqs-e Rostam perto de Persépolis.

Em 220 d.C., o Império Parto, vizinho de Roma e seu rival na Ásia, tinha quase 400 anos. Durante a maior parte desse período, estivera envolvido em disputas com Roma. Depois de um século de revezes no qual a cidade de Ctesifonte, capital da Pártia, foi capturada e destruída duas vezes, parecia que o rei parto Artabanus V finalmente tinha o controle da situação. Ele havia expulsado os romanos para o outro lado do Eufrates e restabelecido aquele rio como a fronteira entre as duas potências. Além disso, obtivera a grande soma de 200 milhões de sestércios do imperador romano Macrino como parte do acordo de paz que encerrou a guerra. Com Roma enfraquecida por guerras civis constantes e aparentemente em declínio irrecuperável, o rei parto pôde ser perdoado por acreditar que o pior para seu império havia passado.

O rei Artabanus então voltou sua atenção para um vassalo insubordinado chamado Ardashir, pai do futuro Shapur I. Papak, o avô de Shapur, havia se apossado da cidade e do distrito de Estakhr. A grande importância de Estakhr era abranger as ruínas de Persépolis, capital do Império Persa que fora destruída por Alexandre, o Grande, em 330 a.C. Ardashir continuou as conquistas de seu pai e, com uma mistura de habilidade militar e capacidade diplomática, tornou-se senhor de vários dos pequenos estados autônomos dentro da Pártia.



29 O império que os persas sassânidas conquistaram dos partos estendia-se do rio Eufrates ao Himalaia, uma área também ocupada pelos selêucidas e pelos persas governados por Ciro, o Grande.

Como correspondia a um Rei dos Reis, Artabanus delegou o combate a seu subordinado rebelde a um sub-rei. Ardashir derrotou-o prontamente e assumiu a posse de seu reino antes de se voltar contra o próprio Artabanus. O rei parto foi derrotado em três batalhas sucessivas e morto na terceira em Susiana, em 224 d.C. O Império Parto foi efetivamente destruído, embora alguns remanescentes tenham se mantido por, ao menos, mais uma década. Em 226, Ardashir foi coroado em Ctesifonte e um novo império surgiu. Esse novo império dos persas sassânidas foi nomeado a partir do nome do avô de Ardashir, Sassan, o fundador da linhagem real e alto sacerdote da deusa Ahahita (em cujo templo em Estakhr foi colocada a cabeça decepada de Artabanus).

Os reis da Armênia, naquela época bem representados por Khosrau I, eram da linhagem parto e se opuseram duramente à nova dinastia. Khosrau reuniu uma ampla aliança que reunia os romanos no ocidente e o Império dos Kushana no oriente. Em 227, Ardashir decidiu romper esse cerco diplomático, lançando uma campanha de conquista ao Oriente. Conhecemos os detalhes dessa guerra por meio da Crônica de Tabari, um historiador árabe dos séculos IX e X. Ele nos diz que Ardashir conquistou a distante Hircânia, Bakh (Afeganistão) e, muito

provavelmente, boa parte do moderno Turcomenistão. Isso obrigou o imperador kushana a pedir a paz, deixando Ardashir livre para voltar sua atenção para o oeste, onde os romanos haviam aproveitado a oportunidade para ocupar uma área que corresponde ao norte do Iraque moderno.

O contra-ataque de Ardashir à Mesopotâmia, em 230, pode ter sido liderado por seu filho, Shapur, que era um guerreiro competente e de quem o idoso Rei dos Reis dependia cada vez mais. Shapur não teve uma tarefa fácil. Roma, no século III d.C., podia estar enfraquecida pelas invasões bárbaras externas e pelas guerras civis internas, mas o império outrora poderoso ainda não estava acabado. O jovem imperador Alexandre Severo lançou uma campanha contra Shapur em 232.

O fantástico e impreciso *História Augusta** está repleto de elogios às realizações de Alexandre:

Ele expulsou esse grande rei [Shapur], colocou-o em fuga, ele que havia levado setecentos elefantes a essa guerra, oitocentos carros munidos de foices e muitos milhares de cavaleiros. Depois disso, Alexandre retornou prontamente a Antióquia e deu a seus soldados os despojos saqueados dos persas, permitindo que oficiais, generais e até mesmo soldados comuns mantivessem todos os despojos que haviam obtido no interior do país. Pela primeira vez, os romanos tinham escravos sassânidas, mas devido ao fato dos reis dos persas pensarem que era uma desonra que qualquer um de seus súditos fosse escravizado por outra raça, eles pagaram resgates que Alexandre aceitou e, depois, recompensou os donos dos escravos ou depositou o dinheiro no tesouro público.

Alexandre Severo, *História Augusta* 55

A realidade é que a campanha, na melhor das hipóteses, foi um sucesso indiferente, embora houvesse algumas lutas sangrentas. Alexandre foi impedido de continuar essa campanha por uma invasão germânica no ocidente. Enquanto lutava no Reno, Alexandre foi morto por seus soldados, que preferiam o general Maximus. Depois de alguns poucos e ocupados anos, Maximus foi sucedido como imperador romano por Gordiano II, Gordiano III, Pupieno e Balbino. Ardashir aproveitou-se da distração romana com a sucessão imperial para tomar as importantes cidades de Nisibis e Carras. Ele também tomou Hatra, a cidade que representou o ponto mais alto da expansão romana, a cerca de 80 quilômetros ao sul de Mossul no Iraque moderno.

Ardashir então começou a escrever seu nome como Artaxerxes, como os governantes do Império Aquemênida. Ao agir assim, ele afirmou explicitamente que os sassânidas eram os sucessores legítimos do Império Persa que havia governado grande parte da Ásia até ser conquistado por Alexandre, o Grande. Isso significava que a Pérsia afirmava a soberania sobre todas as terras a leste do

Mediterrâneo, o que praticamente garantia guerra perpétua contra os romanos, que viam o mesmo território como uma parte integrante de seu império oriental. Essa reivindicação a territórios não conquistados foi feita, em grande medida, em prol de Shapur, pois Ardashir estava envelhecendo. Em 239 ou 240, ele nomeou Shapur como seu regente, e Shapur (embora ainda não coroado) assumiu as rédeas do governo. As moedas desse período mostram pai e filho juntos, com o simbolismo das moedas indicando claramente que o poder executivo cabia ao filho.

A coroação de Shapur seguiu-se devidamente à morte de seu pai, em 241, e o novo Rei dos Reis rapidamente decidiu encontrar novos reinos a serem conquistados. Ele se voltou primeiro para o Império dos Kushanas, onde seu massacre destruiu a dinastia de Kanishka e levou a influência sassânida até o rio Amu Dária.

Depois, ele se voltou rapidamente contra os romanos, penetrando em profundidade na Mesopotâmia. Lá, ele combateu contra o imperador romano da época, Gordiano III (238-244). Com apenas 17 anos, Gordiano não era páreo para um guerreiro experiente como Shapur, mas tinha consciência suficiente de suas limitações para buscar o conselho de Gaius Timesitheus, prefeito pretoriano e sogro de Gordiano. Os sassânidas encontraram os romanos a oeste do rio Eufrates, em algum lugar perto da cidade romana de Reshiana, e Shapur foi facilmente derrotado. Felizmente para a causa sassânida, Timesitheus morreu de doença logo depois, deixando Gordiano sozinho para guerrear.

O próprio Shapur conta a história:

Quando primeiro nos estabelecemos no império, Gordiano César reuniu em todo o Império Romano uma força dos domínios godo e germânico e marchou para a Babilônia [Assíria] contra nós. Na fronteira da Babilônia, em Misiche, ocorreu uma grande batalha “frontal”. Gordiano César foi morto e a força romana foi destruída. Os romanos aclamaram Filipe César. Então, Filipe César veio a nós pedindo termos de paz e para resgatar suas vidas de nós 500.000 denários e tornou-se nosso contribuinte.

Shapur *Feitos do Deus-Imperador Shapur*, inscrito em Naqs-i Rostam

Shapur mudou seu nome para Misikhe “Peroz-Shapur” (“Shapur é vitorioso”). Não é de surpreender que os romanos tenham uma versão diferente dos acontecimentos e apresentem a derrota em Misiche (a menos de 80 quilômetros a oeste de Bagdá) como um mero revés que o sucessor de Timesitheus, Filipe, o Árabe, usou para provocar o descontentamento entre os soldados. Não se sabe ao certo como Gordiano morreu. Doença, conspiração de Filipe e soldados amotinados foram as explicações oferecidas como alternativas à afirmação de Shapur. Porém, Filipe precisava chegar a Roma rapidamente para consolidar sua posição. Ele estava ansioso para encerrar a guerra com Shapur quase a qualquer

custo, e a afirmação de Shapur em relação a um grande pagamento para que isso acontecesse parece bastante digna de crédito.

Shapur também tinha de se fortalecer em casa e talvez tivesse consciência de que, se a sorte não estivesse ao seu lado, as coisas poderiam ter terminado muito mal para ele. Certamente tratou Roma com certa prudência daí em diante, e a região permaneceu em paz por quase uma década. O imperador Décio sucedeu a Filipe e reinou até 251. Nesse ano, Décio morreu em batalha contra os godos, que infligiram uma grande derrota ao exército romano. Provavelmente foi isso que persuadiu Shapur de que os romanos estavam fracos demais para resistir a outra tentativa sassânida de reivindicar seus domínios “ancestrais”.

De modo incomum, dessa vez Shapur decidiu deixar de lado a rota usual de invasão e, em vez disso, subiu o Eufrates até a província romana da Síria. Em um local chamado Barbalissos, a guarnição romana da província foi destruída em uma batalha feroz. Shapur afirmou que 60.000 romanos foram massacrados. Isso provavelmente é um exagero, mas o fato é que Shapur assumiu o controle da Síria e de sua capital, Antíóquia – que era, na época, a terceira cidade mais importante do mundo romano. Os acontecimentos foram mais confusos em outra cidade síria, Emesa, onde o rei-sacerdote local, Urânio Antonino, tomou o poder das mãos dos sassânidas e se proclamou imperador do mundo romano.

A invasão de Shapur e outra incursão dos godos trouxeram ainda mais perturbações para a linhagem imperial romana e os imperadores Treboniano Galo e Emílio Emiliano subiram e caíram em rápida sucessão. Quando os romanos finalmente chegaram para recuperar a província perdida, eram comandados por Públio Licínio Valeriano, geralmente conhecido em português como Valeriano.

Como era de costume quando conseguiam se organizar suficientemente para lançar uma campanha séria contra os persas, os romanos se saíram muito bem. A incursão persa pode ter sido um grande ataque mais do que uma campanha de conquista, pois Shapur recuou diante das forças de Valeriano. Em 253, a imperial casa da moeda em Antíóquia novamente produzia moedas romanas; o próprio Valeriano escreveu uma carta de Antíóquia em 255 e, segundo o historiador Zósimo, também ajudou a restaurar a cidade. Durante esse intervalo, Valeriano proclamou-se *restitutor orbis* – “aquele que restaura o mundo”.

No entanto, um imperador romano do século III raramente tinha tempo para relaxar. Uma invasão cita fez com que Valeriano se apressasse para o norte a fim de defender a província da Capadócia. Percebendo outra oportunidade, Shapur invadiu enquanto Valeriano estava ocupado, desta vez usando a abordagem mais convencional de fazer pilhagens no caminho pela Mesopotâmia.

Valeriano recebeu notícias da situação na Bitínia, mas sua esfera de comando era tal que ele não podia confiar a nenhum de seus generais a defesa daquela

provincia. Assim, ele enviou Félix para Bizâncio e foi pessoalmente de Antióquia até a Capadócia e, depois de arrasar todas as cidades atravessadas por suas tropas, retornou a Antióquia. Porém [...] nesse momento, Shapur lançou uma invasão ao Oriente e apossou-se do controle da maior parte da região.

Zósimo Livro I

Felizmente para Valeriano, seu filho, Galiano, estava lutando com sucesso nas províncias ocidentais do Império e, assim, o pai pôde voltar mais uma vez sua atenção para o rei sassânida. As fontes são pouco confiáveis e vagas, mas parece que Valeriano conseguiu alguma vitória no exterior de Odessa em 260. Como em outras ocasiões, Shapur foi salvo pela sorte. A praga irrompeu no exército romano e, com suas forças enfraquecidas, Valeriano foi obrigado a se retirar para a cidade, onde Shapur rapidamente colocou-o sob cerco.

Lembrando-se de como Filipe conseguira sair de uma situação similar, em algum momento de abril ou maio, Valeriano ofereceu um acordo. Shapur mal podia acreditar em sua sorte quando Valeriano ofereceu-se para negociar pessoalmente, junto com todos os seus comandantes. O senso de honra persa era forte, ou mais forte do que o romano, mas não se aplicava a inimigos declarados. Os negociadores romanos foram feitos prisioneiros assim que a oportunidade se apresentou. É claro que Shapur conta uma versão um tanto diferente.

Durante nossa terceira invasão, quando estávamos lutando contra Carras e Odessa, e estávamos sitiando Carras e Odessa, Valeriano César veio contra nós [...] e além de Carras e Odessa houve uma grande batalha entre Valeriano César e nós, e então Valeriano César foi feito prisioneiro por nós [...] e queimamos, devastamos e fizemos cativos.

Shapur *Feitos do Deus-Imperador Shapur*, inscrito em Naqs-i Rostam

Embora o destino de Valeriano não seja conhecido com certeza, um tema recorrente é que Shapur manteve o imperador cativo como um assistente de montaria pessoal: todas as vezes em que Shapur saía a cavalo, ele montava no seu cavalo colocando o pé no pescoço de seu antigo inimigo humilhado. Na inscrição em Naqs-i Rostam – da qual alguns trechos foram citados acima – há também uma imagem de Shapur recebendo homenagem do imperador derrotado.

Shapur colocou seus prisioneiros romanos para trabalhar na Pérsia, e um projeto de irrigação no rio Karun, perto de Shuster, ainda é chamado de *Band-I Kaiser* – “o sinal de César”. O próprio Valeriano pode ter vivido por mais dois anos. Depois da morte, sua pele foi preenchida com palha para fazer com que parecesse vivo e seu corpo foi exibido em um templo persa. Por séculos depois disso, os diplomatas persas faziam questão de exibir seu troféu a enviados

romanos. “A desonra para o nome de Roma por todo o tempo futuro”, como Zósimo disse, com repugnância.

Shapur agora parecia perto de realizar o sonho de estender seu império até a costa do Mediterrâneo. Odenato, governante de Palmira e comandante da última força militar pró-romana relevante, enviou uma mensagem a Shapur sugerindo uma aliança. Porém, o orgulho levou a melhor sobre Shapur. Ele respondeu com orgulho que Odenato poderia ter a sorte de permanecer como um vassalo, desde que se apresentasse pessoalmente diante de Shapur e trouxesse presentes para apagar sua insolência.

Isso foi um erro. Na melhor das hipóteses, os persas tinham um registro de vitórias e derrotas contra os romanos em campo de batalha, e Odenato não tinha nenhum dos problemas de comando e controle que afligiam tantos dos imperadores romanos. Seu exército, pequeno porém motivado, caiu sobre os persas quando estes retornavam carregados de despojos e os dispersou. Odenato então usou sua autoridade como magistrado romano e o prestígio de sua vitória para reunir as forças romanas do Oriente que se encontravam espalhadas. Repentinamente, Shapur se viu na defensiva contra um exército bem comandado e sedento por vingança. Não se conhecem os detalhes exatos das campanhas de Odenato, mas depois de cinco anos de guerra vitoriosa, ele havia expulsado Shapur de todas as suas conquistas no Oriente romano e ameaçou até mesmo Ctesifonte.

Por trás das linhas de batalha de Odenato, a vida normal parece ter retornado às províncias romanas, embora Zenóbia, a esposa de Odenato (veja no próximo capítulo) mais tarde tentasse preencher o vácuo de poder na região e estabelecer a soberania de Palmira.

O próprio Shapur parece ter decidido que as tentativas de expandir seu império para o oeste eram dispendiosas demais. Embora tivesse obtido prestígio por ter capturado Valeriano e acumulado muitos despojos em suas campanhas, ele havia sido derrotado tantas vezes quando fora vitorioso e não expandira suas fronteiras em um grau significativo. Também havia descoberto que um exército romano bem comandado ainda era uma das melhores forças de luta do mundo. Durante os anos restantes de seu reinado, permaneceu em um impasse cuidadoso contra Roma: não em paz, mas também não iniciou nenhuma hostilidade. Como os romanos tinham suas mãos mais do que ocupadas em outros locais, isso foi o suficiente para garantir que a fronteira oriental de Roma permanecesse em uma paz inquieta por algum tempo.

Além de Roma, Shapur tinha muito com que se ocupar. Seu império tinha outras fronteiras que precisavam ser defendidas contra nômades selvagens e contra as potências organizadas da antiga Índia. Havia também o distante Império Chinês. Em seu “Declínio e Queda do Império Romano”, Edward Gibbon conta a história de um refugiado que apareceu no Império Sassânida e

que bem pode ter sido Xiandi, o último imperador da dinastia Han da China. Ao receber uma carta áspera do novo regime da China, exigindo que esse homem fosse extraditado, Shapur respondeu diplomaticamente que enviara o homem para “a extremidade da terra, onde o sol se põe. Eu o enviei para a morte certa”. Shapur, na verdade, havia mandado o refugiado para a Armênia, onde ele passou o resto da vida com algum conforto.

A principal diferença entre a Pérsia e o Império da Pártia, ao qual o primeiro sucedeu, era que os sassânidas estavam mais centralizados e mais organizados. O poder nas províncias foi devolvido aos governadores locais (muitas vezes, membros da família real) em vez de ser dado a aristocratas locais de lealdade duvidosa. No reino de Shapur, tanto aristocratas quanto o monarca estavam consideravelmente livres das conspirações, traições, execuções e assassinatos que eram ocorrências comuns em Roma.

Shapur seguiu seus predecessores partos ao se tornar o mais distante e assustador possível. Estava cercado o tempo todo por protocolo e cerimônias elaboradas e usava uma coroa e um cetro imponentes que supostamente havia sido dado à linhagem de reis pelo principal deus persa, o próprio Ahura Mazda. “Os orgulhosos monarcas deste povo [os persas] permitiam-se ser chamados de irmãos do sol e da lua”, observou o historiador Amiano Marcelino.

Marcelino, algumas vezes chamado de “o último historiador de Roma”, nos dá um bom relato sobre os persas, embora não seja de surpreender que ele se preocupe principalmente com suas habilidades militares. Quando não usavam armaduras, os aristocratas persas usavam

[...] roupas cintilantes de muitas cores brilhantes, e tantas camadas de roupas que, embora as túnicas fossem deixadas abertas na frente e nas laterais, a pessoa permanece coberta da cabeça aos pés. Eles gostam de braceletes de ouro, colares e pérolas.

Amiano Marcelino 23.6.84

Na aparência, os persas eram

Magros, bem morenos, com feições pesadas e olhos severos como os das cabras [...] eles têm barbas esplêndidas e cabelos longos e espessos [...] são um povo sensual, que raramente se satisfaz mesmo com uma multidão de concubinas, embora não se permitam desfrutar garotos [...] eles também se absterem de banquetes abertamente suntuosos e evitam as bebidas pesadas como se fossem veneno. Os horários das refeições não são fixos. Eles comem quando têm vontade e terminam depois de uma refeição moderada [...] seria possível considerar sua meticulosidade como algo feminino se não fossem lutadores tão bons, embora mais astutos do que bravos e, portanto, devem ser temidos mesmo à distância. Eles são vaidosos e rudes em suas

maneiras, independentemente de suas circunstâncias e, em geral, são arrogantes e cruéis. Esfolar homens vivos, em especial escravos e camponeses, não é, de forma alguma, uma ação desconhecida.

Amiano Marcelino 23.6 passim

Embora constantemente se referisse às glórias do passado aquemênida na Pérsia, Shapur também era um inovador. Ele introduziu novos instrumentos financeiros aprendidos em suas conquistas nas fronteiras da Índia. Isso estimulou ainda mais o comércio, que já estava bem com as rotas de caravanas que prosperavam entre Roma e a China sem que nenhuma das partes soubesse bem qual era o papel do outro graças à habilidade dos persas como intermediários. Nem Shapur nem os romanos permitiram que seus confrontos militares interferissem nesse comércio que parece ter passado por Palmira mesmo enquanto Odenato e Shapur eram inimigos ferrenhos.

Tanto Shapur quanto seu pai foram grandes construtores. Shapur lançou a construção de pelo menos duas novas cidades e seu interesse em irrigação e infraestrutura já foi mencionado. O palácio de Ardashir também continha uma inovação ar-quitetônica: o *iwān*. Esse domo em forma de cebola cobria a entrada do palácio, e esse tipo de estrutura desde então se tornou uma característica clássica da arquitetura do Oriente Médio.

Outra inovação de Shapur e de seu pai foi a fusão da igreja e do Estado em uma única organização centralizada. O antigo zoroastrismo tornou-se então a religião do Estado e as diferentes seitas foram unidas pela regulamentação do Zend Avesta, os textos sagrados do zoroastrismo. O rei se tornou o representante do deus Ahura Mazda na terra e recebeu *status* semidivino. Um fogo sagrado era aceso no templo quando o rei subia ao trono e continuava queimando durante toda a sua vida. Os *magi* (sacerdotes) assumiram posições de influência e seu interesse na astrologia contribuiu em muito para a compreensão astronômica antiga. A partir de sua compreensão e do uso do sobrenatural é que vieram as palavras modernas “magia” e “mágico”.

Uma característica distinta da religião persa é que eles não permitiam enterro nem cremação dos mortos, pois o enterro iria poluir o sagrado elemento da terra e a cremação poluiria o ar e o fogo. Consequentemente, os corpos eram deixados para os pássaros, para acabarem enterrados nas entranhas dos abutres. Por mais estranho que isso possa parecer para as culturas ocidentais, essa prática continua 2.000 anos depois, na Índia moderna.

Shapur promoveu a fé zoroastriana, até porque seu tema da luta entre bem e mal combinava com uma nação guerreira, mas não era nenhum fanático. Sua tolerância chegou até a um interesse no profeta Mani, cujos ensinamentos combinavam elementos do zoroastrismo, cristianismo e budismo. Para Mani, a luta entre bem e mal do zoroastrismo transmutava-se na luta entre espírito e

matéria. Enquanto Buda descreveu o caminho pelo qual um bom homem deveria viver sua vida, e Jesus ilustrou o ideal, o uso que o maniqueísmo fazia dos elementos de algumas das principais religiões do mundo deu-lhe seguidores da Gália à China. Essa religião também é um legado da época de Shapur, pois ela sobrevive ainda hoje, apesar dos esforços entusiasmados dos papas, mulás e dirigentes de grupos religiosos para aniquilá-la.

Os nobres persas da época de Shapur eram pessoas cultas de quem se esperava um conhecimento da literatura e das artes. Muitos jogavam xadrez, polo ou uma forma inicial de tênis. A principal ocupação da aristocracia, porém, era a guerra. O exército era comandado por um membro da família real, embora não pelo rei. O estandarte nacional de batalha era uma grande bandeira chamada *Kaviani*, bordada com pedras preciosas e fios de ouro e prata. Sua presença indicava a presença do próprio Rei dos Reis. Outros soldados iam para a guerra com um estandarte mais fácil de carregar que exibia o globo e as asas de Ahura Mazda.

Como ocorria com os partos, o braço mais forte do exército de Shapur era sua cavalaria com armadura. Não se sabe ao certo em qual momento 10.000 desses cavaleiros formaram uma unidade de elite chamada de “Os Imortais”, mas isso também pode datar do reino de Shapur. Amiano Marcelino nos dá uma boa descrição desses cavaleiros:

Os persas se alinharam contra nós, as fileiras cerradas de cavaleiros vestidos com malhas e formados de modo tão próximo que os corpos cobertos com placas de armadura ajustadas brilhavam conforme eles se moviam, ofuscando os que os observavam, enquanto todo o aglomerado de cavalos era protegido pela cobertura de couro.

Amiano Marcelino 24.6.8

Os cavalos também eram protegidos por armaduras, embora parte dessa cobertura fosse apenas couro. A óbvia desvantagem do uso dessa armadura em um clima em que a temperatura podia chegar aos 50° Celsius significava que esses soldados tinham de ser preparados com cuidado, especialmente porque a infantaria tendia a ser recrutada entre os camponeses. Esses eram reduzidos ao nível dos servos no Império Sassânida e sua capacidade de luta era tão pobre quanto seu moral, que geralmente era mínimo. Porém, eles eram úteis como ajudantes de campo, e nenhum general sassânida achava que seu exército estava completo sem eles.

Além disso, como no caso dos partos, a cavalaria pesada era apoiada por uma multidão de arqueiros montados, tanto persas nativos quanto homens das tribos da estepe e da área do Mar Negro. Toda a força era muito móvel e diferente o bastante da maioria dos inimigos de Roma para tornar as batalhas contra eles uma arte especializada.

Um acréscimo mais esotérico ao qual os romanos tiveram de se adaptar foram os elefantes de guerra com os quais os sassânidas persistiram muito depois de eles terem deixado de ser utilizados como arma nos outros estados do oeste da Ásia. Os elefantes não eram usados para romper a infantaria, ao estilo de Cartago, mas carregavam liteiras que funcionavam como plataformas para pequenos grupos de arqueiros. Provavelmente, os dois principais objetivos dos elefantes sassânidas na guerra eram surpreender o inimigo e agitar seus cavalos. A cavalaria romana não estava habituada aos elefantes e não gostava de vê-los nem de sentir seu cheiro.

De modo geral, o exército de Shapur conquistou o respeito sincero de seus inimigos, incluindo os romanos, cujo julgamento em questões militares já estava bem afiado.

Por meio do treinamento e da disciplina, por meio de exercícios e prática constantes, eles podem, como bem sabemos, inspirar medo no exército mais poderoso. Eles dependem principalmente da bravura de sua cavalaria na qual todos os nobres são treinados de modo estrito [...] se não tivessem tido de enfrentar constantes revoltas [no século IV] e guerras de fronteira, eles teriam conquistado muitos outros povos.

Amiano Marcelino 23.6.85

Shapur governou até 272 e, o que era muito incomum para um monarca oriental, parece ter morrido de causas naturais. Depois de sua morte, foi sucedido pelo filho Hormazd, cujo reinado durou menos de um ano. Nos séculos que se seguiram, os sassânidas enfrentaram diversos desafios, dentre eles o Império Romano que ressurgia, mas o terreno sólido sobre o qual Ardashir e Shapur haviam fundado seu império foi uma vantagem para a dinastia. Shapur foi um administrador competente e de visão no futuro tanto quanto foi um guerreiro imperialista. Sob seu governo, o Império Sassânida atingiu sua maior extensão. Embora as guerras de Shapur com Roma fossem inconclusivas, de todos os inimigos de Roma, Shapur foi o único que podia afirmar ter literalmente “enchido” um imperador romano.

* Coleção de biografias de imperadores romanos, escrita, provavelmente, no final do século IV. (N.E.)

CAPÍTULO 15

ZENÓBIA: A RAINHA RENEGADA DO ORIENTE

Enquanto Galiano se comportava maravilhosamente, até mesmo mulheres governavam de modo excelente [...] Ela [Zenóbia] assumiu o poder imperial em nome de seu filho [...] governando por mais tempo do que poderia ser suportado por uma mulher. “*Os Trinta Tiranos*”, *Historia Augusta* 30.1

Na segunda metade do século III d.C., não faltavam inimigos a Roma. A Gália havia se separado para formar outro império no Ocidente. Vindas do norte, as hordas godas invadiam incansavelmente, atravessando as defesas das fronteiras e saqueando o interior das terras romanas. A necessidade desesperada de dinheiro e de soldados em Roma criou agitação em toda a Europa, e os usurpadores aproveitaram essa agitação para reivindicar, e muitas vezes obter, a púrpura imperial.

Os persas estavam arrogantes e confiantes depois de derrotarem Valeriano e tinham sonhos ambiciosos de assumir o controle de todo o Oriente romano. O poder que os impedia não era Roma, mas uma pequena cidade do deserto à qual os romanos chamavam de Palmira e que ascendeu brevemente para dominar toda a região.

Os habitantes de Palmira, uma mistura de povos sírios e arameus com alguns empreendedores gregos, chamavam sua cidade de Tad'mor. Era uma cidade antiga, construída ao redor de um complexo de oásis, com uma história de colonização que datava de 7.000 a.C. (Damasco, no sudoeste, tem quase a mesma idade e é hoje a cidade mais antiga habitada de forma contínua no mundo.) Originalmente dominada pelo Império Selêucida, Palmira tornou-se semiautônoma no final do século I a.C. e teve o primeiro contato com a civilização romana quando Marco Antônio tentou saqueá-la, sem êxito, em 41 a.C.

Na época do imperador Tibério, Palmira estava sob a soberania romana – não por meio de conquista, mas por ter aceitado o domínio romano. Os romanos colocaram soldados na cidade e estabeleceram um sistema tributário, mas quanto ao resto, Palmira foi deixada em liberdade para prosperar sob a paz romana.



30 O Oriente Médio no final da era romana. Zenóbia não via motivo por que Palmira não devesse dominar todas as terras a oeste do Eufrates nesse mapa, inclusive o Egito. Ela legitimizou isso afirmando ser a herdeira do Império Selêucida, que abrangera grande parte dessa mesma área.

E isso aconteceu. Palmira era, acima de tudo, uma cidade de comércio, como se vê por duas de suas divindades, Arsu e Azizu. Esses deuses, montados respectivamente em um camelo e um cavalo, protegiam as caravanas que traziam riquezas para a cidade, do leste e do oeste. Era em Palmira que os impérios rivais de Roma e da Pártia faziam negócios. Palmira comerciava com as cidades costeiras da Síria romana e importava especiarias e sedas da Arábia, China e outras partes do Extremo Oriente. Na outra direção, a cidade enviava um fluxo constante de ouro romano, ficando com uma porcentagem justa.

Como mercadores, os moradores de Palmira traziam frutas da Índia e Arábia a partir da Pérsia. Essas frutas eram vendidas em território romano.

Apiano *Guerras Cívicas* 5.1.9

Palmira foi construída com uma mistura distinta dos estilos grego e parto, combinando uma praça pública grega e uma arquitetura romana com baixos relevos persas; um dos maiores templos da região era dedicado ao deus semita Baal. O imperador Adriano visitou a cidade em 129 d.C. e encontrou uma florescente cultura híbrida em busca de comércio e lucro.

A crise do século III fez com que muitos habitantes de Palmira repensassem sua fidelidade a Roma. Os impostos romanos eram um fardo crescente, e a paz e a segurança oferecidas em troca estavam se tornando cada vez mais tênues. Com a derrota de Valeriano pelos persas sassânidas, e com o Império Romano fragmentado sob imperadores diversos e muitas vezes rivais, os habitantes de Palmira buscaram outros protetores.

A mistura de Oriente e Ocidente que caracterizava Palmira era personificada em seu líder nessa época, um homem chamado Sétimo (um bom nome romano) Odenato (um nome árabe que significava “orelha pequena”). Odenato parece não ter sido um monarca hereditário, mas sim o chefe de uma das casas comerciais que assumiu o poder devido à turbulência dos tempos. Com o apoio do povo de Palmira, Odenato decidiu oferecer uma aliança a Shapur, o rei persa (ver capítulo anterior). Em resposta, o persa rejeitou Odenato bruscamente por sua impertinência. Apenas a vassalagem absoluta de Odenato teria satisfeito o monarca arrogante e, assim, Palmira retornou a sua aliança com Roma.

Nessa época, Roma era governada por Licínio Galiano, filho de Valeriano, o imperador derrotado. Galiano estava lutando para manter a parte central do domínio romano e estava preparado para ceder o controle das áreas periféricas, desde que os usurpadores agissem em nome de Roma.

Assim, Odenato foi nomeado *dux Romanorum* – um líder militar romano – e, como tal, declarou guerra aos persas. Palmira tinha dois formidáveis braços de guerra: arqueiros e catafratos, que eram uma característica distinta dos exércitos orientais. Os soldados usavam outra palavra para descrever a armadura que usavam no calor extremo do deserto: *clibanus*, a palavra latina para “fornalha”.

Odenato era um bom general e tinha soldados bem pagos e motivados. Ele retomou prontamente os fortes estratégicos de Carras e Nisibis e, por um breve período, até sitiou o rei persa em sua capital. Depois dessas vitórias, Odenato começou a chamar a si mesmo de “Rei dos Reis”, provavelmente para insultar o rei persa que costumava usar esse título. Enquanto isso, Galiano, muito satisfeito, nomeou Odenato *vir cotisularis* e deu-lhe o título sonoro, mas sem significado, de *corrector totius orientis* (“supervisor de todo o Oriente”).

Uma súbita incursão dos godos na Capadócia, em 267, fez com que o *corrector totius orientis* se apressasse para o norte para enfrentar a nova ameaça. Logo depois, chegaram a Palmira notícias da morte de Odenato. O líder de Palmira não tinha morrido em batalha, mas sim assassinado. Os assassinos também mataram Sétimo Herodes, filho de Odenato, e o perpetrador havia sido um sobrinho, chamado Meonio. Supostamente, estava vingando um insulto que o rei lhe fizera, mas o assassinato do filho de Odenato demonstra que Meonio ambicionava a sucessão real.

Essas ambições pouco duraram. Em Palmira, Zenóbia, a esposa de Odenato, reivindicou o trono para seu filho Vabalato (embora alguns relatos digam que

Vabalato foi precedido brevemente por um irmão chamado Herodiano). Atuando como regente, Zenóbia logo capturou Meonio e o ofereceu em sacrifício pela memória do marido.

Tem sido questionado com frequência se Meonio não seria um testa de ferro de uma das potências rivais na região. Os persas podem ter se oferecido para considerar o novo rei com gentileza se o formidável Odenato fosse retirado de cena. Ou talvez, o governador romano da Síria, Cocceius Rufinus, julgasse (corretamente) que o poder de Palmira havia aumentado ao ponto em que poderia ser uma ameaça a Roma.

Porém, as suspeitas recaíram principalmente sobre a própria Zenóbia. O herdeiro de Odenato que também foi assassinado, Sétimo Herodes, era filho de outro casamento e, até sua morte, os filhos de Zenóbia tinham pouca probabilidade de suceder ao trono. Agora, por meio de seu filho, Zenóbia controlava um império que se estendia dos Montes Tauro, ao norte, até o Golfo Árabe, ao sul, e incluía a Cilícia, Mesopotâmia, Arábia e partes da Síria.

Zenóbia fascinou os historiadores quase desde o momento em que chegou ao poder. As rainhas orientais eram raras, mas não ausentes. Os contemporâneos de Zenóbia se lembravam de Semíramis, lendária rainha da Assíria, e de Artemísia, a rainha de Halicarnasso, no século V a.C. Zenóbia cultivou deliberadamente sua imagem exótica, assumindo o título de “Rainha do Oriente”. Ela seguiu o modelo de outra rainha famosa, Cleópatra, de quem dizia ser uma descendente distante. (Algo pouco provável, mas não impossível; Cleópatra fora uma rainha helênica, e Palmira havia sido parte de um reino sucessor dos helênicos, embora da Selúcia e não do Egito.)

Zenóbia algumas vezes se apresentou aos soldados totalmente vestida com armadura de batalha e dirigiu-se a eles com uma voz alta e (segundo alguns relatos pouco elogiosos) nada feminina. Mas essa mesma rainha reuniu em sua corte uma escola dos principais filósofos neoplatônicos e tornou um deles, Longino, seu principal conselheiro.

Zenóbia parece ter passado os primeiros 18 meses no poder consolidando calmamente seu domínio sobre os territórios de Palmira. Ela observou a morte de Galiano em 268, assassinado enquanto lutava contra o usurpador Auréolo em Milão, Itália. O sucessor de Galiano, Cláudio Gótico, estava totalmente envolvido com a invasão goda que o falecido marido de Zenóbia tentara combater. Com os romanos preocupados com outros locais, ela decidiu que era a hora certa para a expansão. No início de 270, suas tropas entraram em ação. Seus primeiros combates foram tentativas de ocupar Bostra, no sul, destruindo o templo de Júpiter Hammon nesse processo.

Logo depois, Palmira assumiu o controle de Antióquia, que Zenóbia descreveu com alguma insolência como a “cidade ancestral” de Vabalato. Como Antióquia tivera fundação helênica, isso se relaciona com a reivindicação de

ancestralidade macedônia de Zenóbia. Continuando esse processo, ela helenizou o nome de seu pai para Antíoco, o nome usado pelos reis selêucidas da Síria. Os habitantes de Palmira também tentaram estender seu controle para o Mar Negro, um movimento que causou atrito e confusão entre as autoridades romanas, que não sabiam como lidar com sua aliada assertiva.



31 Moeda de Zenóbia. Esta moeda foi cunhada durante o período em que Zenóbia estava desafiando Roma abertamente, pois o “AuG” depois de seu nome a proclamava como uma “Augusta”, ou mãe do imperador – o título que ela deu a seu filho.

Cláudio Gótico infligiu uma grande derrota aos godos e estabilizou a fronteira nordeste de Roma. Não se sabe o que pretendia fazer a seguir, pois ele morreu logo depois devido à peste. Quintilo, seu sucessor, mal havia subido ao trono quando foi deposto por Aureliano, um dos generais de Gótico. Zenóbia aproveitou

o caos para se tornar rainha do Egito, não pela suposta ancestralidade, mas pela conquista. Isso marcou seu rompimento decisivo com Roma. Galiano havia incentivado Palmira, e Gótico a tolerara, porque a cidade havia agido ostensivamente conforme os interesses romanos. Porém, ao fomentar a agitação e enviar tropas ao Egito, Zenóbia demonstrou que havia julgado de modo errado o novo imperador de Roma.

Zenóbia tentou fingir que continuava a ser uma súdita leal ao Império. As moedas cunhadas nas áreas sob seu controle tinham a efígie do imperador e a de Vabalato no verso. Vabalato usa a coroa de louros de um romano e não o diadema de um potentado oriental. Mas os protestos de lealdade não tinham como justificar a incursão do exército de Palmira em uma província imperial; essa era uma afronta que Roma não podia tolerar.

O Egito nessa época era um cadinho fervilhando. Uma grande facção, liderada por Timagenes, passou com entusiasmo para o lado de Palmira. A história da luta pelo Egito é confusa. Nossa melhor fonte é a *Nova História* do historiador Zósimo, com alguma ajuda da *História Augusta*, embora a última seja com frequência uma mistura de boatos e especulações. Existe também uma tradição árabe, preservada na Crônica de Tabari (839-933), que descreve os feitos de Zebba, presumivelmente Zenóbia, mas ela é fantasiosa demais para ter utilidade real. Alguns papiros, de veracidade duvidosa, também dão relatos diversificados – e conflitantes – dos eventos.

Parece que o governador do Egito, chamado Próbo, respondeu vigorosamente à incursão de Palmira. Ele havia lutado contra os piratas godos, mas depois retornou ao Egito e conseguiu expulsar os palmirianos por completo. Segundo a *História Augusta*, Próbo seguiu os rebeldes até Gaza, onde o conhecimento que estes tinham do local fez com que ele sofresse uma emboscada e morresse. Contudo, outras fontes alegam que esse Próbo era o futuro imperador de mesmo nome, então a questão é duvidosa.

Não resta dúvida, porém, quanto à reação do imperador Aureliano. Ele era um dos fortes governantes vindos dos Balcãs que estabilizaram o estado romano e que foram chamados de “imperadores ilírios”. Como demonstra seu apelido *Manu ad ferrum* (“mão de ferro”), Aureliano não era um homem paciente nem diplomático. Depois de estabilizar a fronteira do Danúbio, decidiu lidar com firmeza com a pretensão de poder de Palmira no Oriente.

Depois de consolidar as defesas de Roma (inclusive construindo as muralhas de Aureliano, que ainda existem), Aureliano foi para o leste em 272. Enquanto percorria os Balcãs, ele reuniu um exército a seu redor. Não podia haver dúvida de que Palmira era considerada como inimiga de Roma. As moedas de Palmira refletiam esse fato, pois não mais exibiam a efígie de Aureliano em suas emissões contemporâneas, mas em vez disso chamavam Vabalato de imperador e Zenóbia de Augusta, mãe do imperador.

Não está claro onde o exército de Aureliano encontrou pela primeira vez o exército de Palmira. Zósimo sugere três batalhas, embora a segunda possa ter sido uma continuação da primeira. Por essa leitura, os dois lados se encontraram perto de Immae, uma aldeia na planície, não distante de Antíóquia. Zenóbia havia reunido um grande exército e o colocara sob o comando de seu melhor general, um homem chamado Zabdas. Para a vitória, Palmira contava com sua cavalaria pesada, que parecia mais do que capaz de enfrentar os cavaleiros dalmácios de armaduras leves que Aureliano enviara contra eles. Mas Aureliano sabia que a tática de atacar e correr desgastaria rapidamente os soldados de Palmira, já sufocados em suas armaduras sob o sol do deserto. Com os catafratos inimigos desmoralizados e exaustos, Aureliano atacou com toda a força de seu exército, fazendo com que os soldados de Palmira retrocedessem para Antíóquia.

Em Antíóquia, Zabdas ganhou tempo para uma retirada ordenada ao exibir pelas ruas um prisioneiro que ele afirmou ser Aureliano. Zabdas também deixou uma retaguarda na periferia montanhosa de Dafne para atrasar o verdadeiro Aureliano quando ele chegasse. Em resposta, Aureliano marchou para Dafne com seus legionários na famosa formação *testudo* – soldados no centro da unidade cobrindo a cabeça de seus companheiros de modo que o exército que avançava parecia uma imensa tartaruga, invulnerável aos ataques do alto. Dafne foi capturada e a retaguarda foi morta, mas Aureliano esperava que as outras cidades passassem para seu lado e, assim, não saqueou Antíóquia e até dedicou alguns templos na cidade.

Com o exemplo de Antíóquia diante delas, Apameia, Larissa e Aretusa renderam-se rapidamente. Porém, fora de Emesa, Aureliano encontrou resistência determinada em Palmira. Dessa vez, a cavalaria palmiriana fez frente aos cavaleiros romanos e os derrotou completamente. No entanto, antes que a cavalaria vitoriosa pudesse se afastar, Aureliano atacou com um corpo especial de guerreiros palestinos. Esses soldados estavam armados com grandes bastões com ponta de ferro que rompiam a malha flexível dos catafratos, destruindo sua suntuosa proteção. Os catafratos foram derrotados e mais uma vez o exército de Palmira foi obrigado a se retirar. Essa derrota foi um golpe especialmente amargo para Zenóbia, pois em Emesa ela perdeu seu tesouro para Aureliano e, com isso, a chance de sustentar uma campanha cada vez mais cara.

Não havia outra escolha a não ser se retirar para Palmira, e Zenóbia teve de pedir ajuda para os piores inimigos de seu marido, os persas. Shapur não se recusou de imediato, e a esperança da intervenção persa sustentou-a na luta durante a retirada através do deserto. A *História Augusta* sugere que o próprio Aureliano correu perigo diante dos arqueiros e das escaramuças com a cavalaria ligeira. O mesmo texto sugere que as escaramuças ocorreram com “bandidos sírios”, embora seja difícil imaginar bandidos com coragem suficiente para atacar um exército romano em plena batalha. De qualquer modo, Aureliano e

seu exército estavam totalmente esgotados pela guerra no deserto no momento em que chegaram às muralhas de Palmira.

Talvez por esse motivo, Aureliano fez a Zenóbia uma proposta que deve ter considerado extremamente magnânima. Vopisco, o homem que supostamente escreveu a história dessa campanha em *Historia Augusta*, nos dá esta versão da abertura de negociações feita por Aureliano:

“De Aureliano, Imperador de Roma e Restaurador do Oriente, para Zenóbia e os que lutam nesta guerra ao lado dela. Você não obedeceu às ordens que lhe dei quando lhe escrevi. Entretanto, se você se render, prometo que irá viver. Zenóbia, você e sua família poderão viver no palácio que pedirei que nosso honrado senado lhe conceda. Em retribuição, você deve entregar suas joias, prata, ouro, vestes de seda, seus cavalos e camelos para o tesouro de Roma. Os direitos do povo de Palmira serão respeitados”.

Vopisco “A Vida de Aureliano”, *História Augusta* 16

Se Aureliano esperava que Zenóbia aceitasse ansiosamente sua oferta, ele se desapontou. Não recebeu sequer a cortesia de uma resposta elegante. Em vez disso, Zenóbia retrucou corajosamente:

“Zenóbia, Rainha do Oriente, para Aureliano Augusto. Ninguém a não ser você poderia pensar em pedir algo assim em uma carta, quando o que se requer é coragem varonil. Render-me? Como se você não soubesse que a Rainha Cleópatra escolheu a morte em vez de viver de qualquer outro modo, exceto como rainha. Os persas não nos abandonaram e estão vindo em nosso socorro. Os sarracenos e os armênios estão conosco. Se até mesmo os bandidos da Síria derrotaram seu exército, Aureliano, o que acontecerá quando os reforços que vêm de todos os lados até nós tiverem chegado? Então, você mudará o tom que está usando para me ordenar a rendição como se já tivesse obtido um triunfo completo”.

Vopisco “Vida de Aureliano”, *História Augusta* 27

E assim ficou a situação por algum tempo. Os romanos não estavam prontos para realizar um ataque, e os palmiranos não tinham a força para uma investida. Houve algumas escaramuças entre arqueiros, mas essencialmente os dois lados esperavam que as provisões ou a força de vontade do outro lado acabassem.

Aureliano havia atribuído a si mesmo o título de “restaurador do Oriente”. Se ele não tomasse Palmira, sua credibilidade seria gravemente afetada. Ele estava bem ciente de que, como usurpador, apenas o sucesso poderia lhe dar a legitimidade para derrubar outros usurpadores. Desse modo, não seria exagero dizer que o cerco era uma questão de vida ou morte para ele.

Para os palmiranos, a questão era o que os romanos fariam se sua paciência

fosse testada. Em uma era anterior à do cavalheirismo, uma cidade recebia misericórdia por se render prontamente em vez de resistir. Aureliano havia prometido compaixão, mas quanto mais esperasse para exercê-la, mais tensa ela seria. Sob essas circunstâncias, não é de surpreender que Zenóbia tenha sido obrigada a fazer o movimento seguinte. Desesperada pela ajuda persa, ela saiu às escondidas da cidade e foi às pressas até as terras persas além do Eufrates.

Era seu último trunfo e ele fracassou. Ela e um grupo de companheiros a camelo estavam quase chegando ao rio quando foram interceptados pela cavalaria romana. Zenóbia foi capturada e, quando a notícia chegou a Palmira, a cidade abriu seus portões aos romanos. Mantendo sua palavra, Aureliano poupou a cidade dos saques e da perda de vidas. Apesar de se apossar do tesouro da cidade, ele recebeu muitos presentes dos palmiranos ricos que ficaram deliciados por a rebelião ter terminado com um custo tão baixo.

Zenóbia e seus seguidores mais próximos foram levados a Emesa para serem julgados. Os soldados de Aureliano, com a clara lembrança da difícil luta através do deserto, agitaram-se violentamente pedindo a execução dela. Zenóbia havia deixado de lado a ideia de morrer como Cleópatra e suplicou a Aureliano por sua vida.

“Eu o reconheço [Aureliano] como um verdadeiro imperador porque conquistou vitórias. Galiano, Auréolo e os outros, eu não os considero imperadores. [A deusa] vitória era uma mulher como eu, e eu pretendia ser parceira dela no poder real se houvesse terra bastante em que fazer isso”.

“Os Trinta Tiranos”, *História Augusta* 30

De modo indigno, Zenóbia tentou colocar a responsabilidade de sua conduta sobre seus conselheiros, especialmente sobre o filósofo Longino, que suportou as acusações com uma dignidade que envergonhou sua rainha.

Aureliano executou aqueles que considerou mais implicados na revolta palmirana, mas poupou a vida de Zenóbia. Ele estava menos preocupado com a dignidade da prisioneira: Zenóbia foi exibida como cativa em cada uma das cidades que ele atravessou em seu retorno ao Ocidente. Segundo um relato, ela foi levada pelas ruas de Antíóquia acorrentada a um dromedário e, depois, exibida por três dias sobre uma plataforma de madeira construída especialmente para esse propósito. Isso não foi apenas uma vingança por parte de Aureliano. Zenóbia havia conquistado um poderoso culto a sua personalidade, e a melhor maneira de quebrar isso era mostrar a carismática Rainha do Deserto como uma humilde e fraca prisioneira romana.

Não sabemos o que aconteceu a Vabalato, o jovem rei em cujo nome Zenóbia afirmava reinar. É possível que ele tenha sido morto no momento em que Palmira se rendeu ou, como afirma outro relato, que tenha morrido quando o navio que o levava para Roma afundou na Ilíria. Além disso, na primavera ou no

verão de 272, a casa da moeda de Alexandria recomeçou a produzir moedas imperiais romanas e, assim, o Egito havia evidentemente retornado ao Império.

Em 273, Aureliano voltou sua atenção para o Ocidente e para Tétrico I – um senador rebelde que estava liderando a revolta separatista do “Império da Gália”. Os partidários de Zenóbia em Palmira aproveitaram a oportunidade para se rebelar mais uma vez, derrubando a facção pró-romana na cidade. Segundo Vopisco, eles também assassinaram os soldados que Aureliano deixara ali.

Como governante, eles provavelmente escolheram o pai de Zenóbia, Antíoco, embora outros relatos se refiram apenas a “Aquileu, um parente”. Aureliano não tinha intenção de permitir que essa situação em Palmira permanecesse às suas costas e retornou prontamente. Palmira não tinha conseguido atrair todo o Oriente para a causa de Zenóbia, e assim Aureliano não enfrentou muita resistência no caminho. Palmira também não resistiu por muito tempo. Aureliano não era um homem de desperdiçar compaixão com os ingratos e ordenou que Palmira fosse totalmente saqueada e que suas muralhas fossem derrubadas.

Embora tenha destruído Palmira para sempre como uma potência oriental, Aureliano não chegou a varrê-la do mapa e Palmira continuou a existir como um modesto centro comercial. Sob o imperador Diocleciano, que subiu ao poder em 284, as muralhas foram reconstruídas. Imperadores posteriores também reconstruíram a cidade que permaneceu como parte do Império Romano até ser tomada pelos árabes em 634.

A rebelião de Zenóbia foi um fracasso. Na verdade, com frequência se debate em que medida essa foi mesmo uma rebelião. Quando Odenato assumiu o poder, a questão parecia ser se Palmira ou a Pérsia reinariam sobre o Oriente, tamanha parecia ser a fraqueza de Roma. Galiano incentivou Odenato a assumir toda a responsabilidade de que pudesse dar conta e recompensou seus êxitos com honras. Cláudio Gótico, embora não tão efusivo quanto seu antecessor, ao menos tolerou as pretensões de Palmira em relação a ser uma grande potência, embora não se saiba se continuaria a agir assim se tivesse sobrevivido.

O fato é que os romanos viam Palmira como um poder temporário. Os palmiranos eram bárbaros que poderiam ter soberania provisória até que Roma estivesse forte o bastante para reclamá-la. Isso não significa desconsiderar a provocação de Zenóbia, pois, com suas atividades no Egito, ela claramente ultrapassou a linha e passou de uma aliada presunçosa a uma rebelde. Porém, suspeita-se que Aureliano já decidira retomar o Oriente para Roma independentemente do modo em que Zenóbia se comportasse diante dele.

Aureliano, conquistador do Oriente e do Ocidente, morreu em 275 enquanto voltava ao Oriente para lutar contra os persas. Aureliano era um homem duro e, quando seu secretário, Eros, foi pego em uma transgressão, este agiu de modo frenético para escapar à punição. Ele fez uma lista dos homens próximos a Aureliano e disse a cada um deles que Aureliano acreditava que estavam

envolvidos em uma conspiração contra ele. Esses homens também conheciam seu comandante e pensaram que sua única esperança estava em assassiná-lo e se entregar à compaixão dos soldados. Quando descobriram que haviam sido enganados, eles assassinaram Eros, mas o homem que havia reunido o Império estava morto, assassinado em parte por causa de sua própria reputação.

E Zenóbia? Embora seu destino não seja totalmente conhecido, os relatos mais críveis dizem que ela foi exibida em Roma no triunfo de Aureliano depois de ele derrotar o Império da Gália, juntamente com Tétrico, o ex-imperador dos gauleses. Em um relato, ela foi aprisionada com correntes de ouro tão pesadas que precisava de ajudantes para ficar em pé.

Segundo a tradição romana, os líderes que marchavam pelas ruas atrás do carro de um vencedor eram jogados nas masmorras da prisão romana perto do fórum e ali eram estrangulados enquanto seu conquistador estava no banquete da vitória. Não foi esse o destino de Tétrico. Talvez em reconhecimento pela deserção oportuna de seu exército, o ex-imperador foi recolocado nas fileiras da aristocracia romana e até recebeu um posto administrativo na Lucânia.

Zenóbia também foi poupada e instalada em uma propriedade rural próxima à famosa vila de Adriano. Depois, ela supostamente se casou com um senador romano e terminou sua vida como uma nobre romana rural. Ao contrário de Tétrico, Zenóbia havia sido uma rebelde armada até o final da guerra. O fato de não ter sido executada pela traição deve-se menos ao cavalheirismo do que à política. Aureliano havia notado o sentimento pró-Zenóbia que causara mais uma revolta em Palmira e a simpatia por Zenóbia que continuava forte no Egito. Tudo não passou de um claro cálculo político. Os povos do Império Romano do Oriente tenderiam mais a se rebelar em memória de uma rainha guerreira mártir que morrera lutando pela liberdade ou por uma matrona romana casada e domiciliada perto de Tívoli?

CAPÍTULO 16

ALARICO, O VISIGODO: O BÁRBARO NOS PORTÕES

[Os embaixadores romanos] declararam, talvez em um estilo mais altivo do que condizia à sua condição abjeta, que os romanos estavam resolvidos a manter sua dignidade, seja na paz ou na guerra; e que, se Alarico lhes recusasse uma justa e honrosa rendição, ele poderia soar suas trombetas e se preparar para lutar contra inúmeras pessoas, experientes no uso das armas e animadas pelo desespero. “Quanto mais denso o feno, mais facilmente ele é moído”, foi a resposta concisa do bárbaro. *Gibbon Declínio e Queda do Império Romano*

Por meio de uma série de mutações linguísticas, as palavras godo e gótico hoje se referem a uma moda dos adolescentes que usam maquiagem excessiva e roupas escuras. Porém, nos séculos IV e V d.C., os godos eram muito mais aterrorizantes.

Que Jesus possa, no futuro, proteger o mundo contra esses animais selvagens! Eles estavam por toda parte. Sua velocidade era tal que chegavam antes mesmo de haver rumores de sua aproximação. Nem a religião, a posição ou a idade faziam com que alguém fosse poupado. O choro dos bebês não lhes provocava nenhuma piedade.

Jerônimo *Cartas* 60.16

Os godos influenciaram fundamentalmente a história inicial da Espanha e da França ao participarem de maneira ativa da queda do Império Romano do Ocidente. No entanto, no tempo de Alarico, o Império de César e de Cícero era uma triste sombra de seu antigo poderio e, ao cair, a queda não foi muito grande. Na verdade, muitos medievalistas dão aos godos o crédito de revigorar a cultura ossificada e estéril em que o mundo mediterrâneo havia declinado.

A origem dos godos é um tanto intrigante. As evidências do século II d.C. os colocam na área da Polônia moderna. Os godos acreditavam que haviam ido para lá a partir do Báltico, e alguns filólogos indicam Gotland, na Suécia, como uma possível terra natal. Os godos continuaram a se mover para o sudeste, transformando-se por fim em dois povos separados, mas relacionados: os

ostrogodos, ou godos orientais, e os visigodos, que se instalaram na então abandonada província romana da Dácia.

Em 238, eles se apresentaram aos romanos com a primeira das incursões que se tornariam habituais, cruzando o Danúbio. Durante o século e meio seguinte, a saúde do Império Romano podia ser mais ou menos mensurada pelo sucesso ou fracasso dessas incursões e mais de um imperador romano morreu tentando impedi-las. O atrito constante com Roma transmitiu parte da cultura romana para os godos. Úlfilas, um seguidor do credo ariano, converteu os visigodos ao cristianismo em meados do século IV e deu uma forma escrita ao idioma godo. Parte dele sobreviveu em um texto conhecido como *Codex Argenteus* (“a Bíblia de prata”), tornando o godo a linguagem germânica oriental antiga mais bem conhecida.

As invasões godas não eram inspiradas apenas pela cobiça. O poderio crescente dos hunos nas estepes da Ásia havia deslocado ondas de povos para o ocidente. Os ostrogodos pressionaram os visigodos e estes, presos entre seus primos desesperados e o Império Romano, pediram ao imperador Valente uma proteção dentro de suas fronteiras.

Valente permitiu que os visigodos se mudassem para as regiões despovoadas da Macedônia Superior, para agir como uma proteção contra seus primos selvagens fora do Império. Mas segundo o relato do historiador godo, Jordanes:

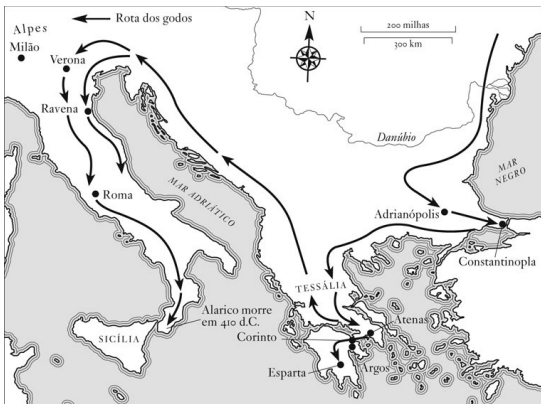
Logo a fome e o desejo os afligiram, como muitas vezes ocorre com os povos que ainda estão se instalando em um país. Aqueles que governavam os godos em lugar dos reis, Fritigerno, Alateo e Safrax, começaram a se desesperar com as condições de seu hospedeiro e imploraram a Lupicínio e Máximo, os comandantes romanos, que abrissem um mercado. Mas existe algo a que os homens não se rebaixem se impelidos por um maldito desejo de ouro? Os administradores, impelidos pela cobiça, venderam-lhes a alto preço não só carne e carneiro, mas até carcaças de cães e animais contaminados, de modo que um escravo podia ser trocado por um pedaço de pão ou por 5 quilos de carne.

Jordanes 26.134

A ambição e estupidez das autoridades romanas locais fizeram com que os godos abandonassem seu compromisso de fidelidade ao Império. Quando Valente levou seu exército para sufocar a revolta, os godos caíram sobre ele em Adrianópolis em agosto de 378.

Apenas cerca de um terço de todo o exército [romano] escapou. Nunca, exceto na batalha de Canas, houvera um massacre tão destruidor.

Amiano Marcelino 31.14



32 As viagens de Alarico e dos godos, começando no Danúbio, onde Alarico nasceu, e terminando perto da Sicília, onde ele morreu. Depois da morte de Alarico, os godos foram para a Gália e a Espanha.

O que tornou essa derrota ainda mais catastrófica é que os mortos eram praticamente a última formação militar que Roma possuía. Daí em diante, Roma dependeu de aliados (*foederati*) e de mercenários para sua defesa.

Alarico tinha cerca de 10 anos na ocasião da batalha de Adrianópolis. Seu local de nascimento foi a ilha de Peuce (ilha Fir Tree) na embocadura do Danúbio. Sua família, os Baltingos (literalmente “homens calvos”), só ficava atrás dos Amals em sua posição no povo godo e pode ter incluído Fritigerno, o líder que levou os godos para a Macedônia.

Enquanto Alarico era jovem, o líder godo Athanuis firmou a paz com o imperador Teodósio, em Constantinopla. Os godos voltaram ao Império, com a condição de que poderiam lutar sob seus próprios comandantes com sua própria organização militar. Como muitos jovens dos aliados bárbaros de Roma, Alarico foi enviado a Constantinopla quase como um refém, em parte para ser romanizado, e em parte para receber uma educação militar. Em Constantinopla, Alarico conheceu primeiro Estilício, o general que, embora fosse um bárbaro da tribo dos vândalos, era o último grande defensor de Roma.

Em 394, Teodósio levou Estilício e Alarico para o oeste para lidar com

Eugênio, um pretendente ao trono e fantoche do líder franco Arbogasto. Esperando a chegada de Teodósio, Eugênio e Arbogasto haviam se entrincheirado no leste dos Alpes perto do rio Frígido. Um ataque frontal a essa posição seria praticamente um suicídio, mas Estilício e Teodósio exigiram exatamente isso de Alarico e dos godos. Os godos lutaram ferozmente, mas foram repelidos de maneira previsível e sanguinolenta.

Apesar disso, a habilidosa subversão do inimigo combinada com uma tempestade oportuna deram a vitória a Teodósio. Eugênio foi morto e Teodósio celebrou um triunfo em Roma. Lá, ele nomeou seu filho Honório como imperador do Ocidente, sob a guarda de Estilício. Alarico e seus homens foram recompensados por seu empenho, mas Alarico suspeitou que seus homens haviam sido, na melhor das hipóteses, sacrificados com negligência e, na pior, propositalmente descartados.

Teodósio morreu em 395. Seu império foi dividido entre seus filhos Honório, no Ocidente e Arcádio, em Constantinopla. Alarico se sentira desvalorizado por Teodósio, e Honório mostrou-se ainda menos receptivo. Alarico não recebeu o alto comando que desejava e os godos não receberam as honras que geralmente acompanhavam uma mudança de imperador.

Os sinais de alerta de um desastre próximo eram claros. Alarico estava irritado e amotinado. Os dois novos imperadores eram fracos e incompetentes e seus principais ministros detestavam-se mutuamente. Segundo o historiador Zósimo, Estilício e seu colega oriental, Rufino, eram igualmente corruptos.

Assim sendo, em suas respectivas cidades [Roma e Constantinopla], iniquidades de todo tipo governavam os dias. O dinheiro fluía para os cofres de Rufino e de Estilício de todas as direções enquanto, por outro lado, a pobreza assombrava a casa daqueles que haviam sido ricos. Os imperadores realmente nem sabiam o que estava acontecendo. Era como se eles supusessem que tudo o que Rufino e Estilício ordenavam fosse feito por meio da força de alguma lei não escrita. Eles reuniram imensas riquezas...

Zósimo História Nova 5.130

Segundo Zósimo, Rufino rapidamente percebeu o desfeto de Alarico e provocou-o para que se rebelasse.

Enquanto Rufino estava trabalhando em suas maquinacões, ele descobriu que Alarico havia se tornado rebelde. Ele [Alarico] não gostou de não ter recebido o comando de outras forças militares além dos bárbaros que Teodósio lhe dera quando ajudou a derrubar Eugênio, que pretendia o trono. Portanto, Rufino enviou mensagens particulares a Alarico, pedindo-lhe que liderasse seus bárbaros e os guerreiros aliados de qualquer outra nação que não estivesse a serviço de Roma, pois ele poderia conquistar facilmente todo

o país [Itália] para si mesmo.

Zósimo História Nova 5.133

Os godos de Alarico pensaram a mesma coisa. Segundo Jordanes, “eles preferiam criar um reino para si mesmos em vez de continuar em uma sonolenta submissão a outros”. Alarico foi levantado sobre um escudo e proclamado rei da nação livre dos godos. Essa foi uma inovação, pois os godos anteriormente haviam sido governados por “juízes” – membros das principais famílias, eleitos como líderes de guerras ou para resolver disputas.

A princípio, a iniciativa de Rufino pareceu voltar-se contra ele. Alarico liderou sua nação contra Constantinopla, ou por uma tênue lealdade a Honório ou pela atração mercenária pelas grandes riquezas do Império Oriental. Porém, Alarico devia saber que tinha poucas chances de invadir a bem defendida cidade de Constantinopla.

Repelido em Constantinopla, Alarico saqueou por todo seu caminho pela Tessália até a Grécia, conquistando cidades antigas e majestosas como Esparta, Corinto e Argos. Atenas não foi saqueada, provavelmente porque se rendeu de imediato, embora Zósimo dê um relato mais fantasioso:

Quando Alarico avançou com todas as suas forças contra a cidade, ele viu Minerva [...] e Aquiles em uma postura heroica, como quando Homero o descreveu lutando furiosamente contra os troianos para vingar a morte de Pátroclo. Alarico foi tomado pelo terror com essa visão e abandonou sua tentativa de invadir a cidade. Em vez disso, enviou emissários com propostas de paz. Estas foram aceitas e juramentos mútuos foram trocados. Alarico entrou em Atenas com um pequeno número de soldados. Lá ele foi recebido com toda a polidez possível e com grande hospitalidade, depois do que ele recebeu alguns presentes e partiu, deixando a cidade e toda Ática preservadas. Assim, apenas Atenas foi poupada...

Zósimo História Nova 5.134

Enquanto habitaram as regiões ao redor do Mar Negro, os godos aprenderam com os citas a arte da guerra usando cavalaria. A cavalaria pesada tornou-se o braço armado predileto dos godos. Os cavaleiros godos usavam uma pesada lança chamada *kontos* e carregavam também diversas lanças leves. Embora seja altamente improvável que os godos tivessem estribos (que teriam tornado suas lanças muito mais eficazes), certamente suplantavam a cavalaria romana. Poucas unidades de infantaria romana tinham agora a disciplina e a coesão para confrontar um ataque godo e quando se abriam eram presas fáceis para os cavaleiros que os perseguiam.

Sem ter uma longa caravana de bagagem, a infantaria de Alarico era mais móvel do que sua contraparte romana. Usavam peles de animais e, com

frequência, exibiam mantos e túnicas coloridos. Suas armas eram leves e, às vezes, lutavam despidos até a cintura. As espadas eram populares entre os soldados de cavalaria e de infantaria, e a antiga arma germânica, o machado de batalha, estava ainda em uso (embora a arqueologia mostre que a maioria deles não era da variedade com duas lâminas). A infantaria tinha arqueiros em suas fileiras que passavam a ser espadachins eficientes na luta corpo a corpo. Os escudos eram pintados com padrões simples em cores primárias brilhantes e continham mais do que algumas partes aproveitadas dos escudos romanos apanhados ao longo do caminho.



33 Soldado visigodo de infantaria. A principal força do exército visigodo era sua cavalaria pesada, mas como o exército tendia a viver das terras que cruzava, até mesmo a infantaria era muito mais ágil e manobrável do que seus oponentes imperiais.

Os godos suplantaram facilmente o exército que Rufino enviou contra eles. Nossas informações sobre a campanha do Peloponeso são confusas, principalmente porque os próprios eventos foram confusos. Rufino tentou várias vezes vencer os godos por meio de traição, enquanto os desafortunados gregos em cujo território a guerra era travada mostravam uma lealdade que oscilava para o lado que promettesse saqueá-los menos.

Rufino foi morto, não se sabe se por seus próprios soldados frustrados ou pelas maquinações de Estilício. Alarico aterrorizou a Grécia por dois anos (395-396), até que Estilício trouxe reforços do Império Ocidental e logo pressionou Alarico contra as fronteiras da Arcádia. Por breve tempo pareceu que a carreira do rei godo havia chegado ao fim.

Porém, de algum modo, Alarico conseguiu tomar um barco e cruzar o Golfo de Corinto, fugindo para o norte com seu saque. Isso pode ter sido uma brilhante manobra militar ou parte de um acordo clandestino com Estilício, e nem os historiadores contemporâneos nem os modernos estão certos quanto ao que houve. Com certeza, Alarico estava profundamente envolvido na rivalidade secreta e verdadeiramente bizantina entre os impérios do oriente e do ocidente. Em seu retorno a Ilírico, Alarico foi, por algum motivo desconhecido, nomeado prefeito de uma grande parte daquela importante província por Arcádio, o imperador do Oriente. Subitamente, uma obscura intriga política transformou o rei godo de um bárbaro saqueador em uma alta autoridade romana.

O arquiteto dessa improvável metamorfose deve ter sido Eutrópio, sucessor de Rufino, igualmente desonesto e interesseiro. “Ele guiou o imperador como a um cordeiro”, relatou Zósimo desdenhosamente.

Eutrópio estava embriagado pela riqueza e se imaginava tão elevado como se estivesse acima das nuvens. Ele enviou emissários para quase todos os países, a fim de investigar tanto as questões públicas quanto as circunstâncias de todos os indivíduos. E de nenhuma dessas coisas ele deixou de imaginar um modo de tirar lucro.

Zósimo História Nova 5.139

As relações entre o Oriente e o Ocidente estavam se deteriorando rapidamente. Eutrópio declarou Estilício inimigo público de Constantinopla, e Alarico tornou-se um fantoche para uma guerra por procuração* contra Estilício. Assim, depois de uma pausa adequada para preencher suas fileiras com recrutas e seu arsenal

com armas (as últimas provenientes das fundições imperiais que ele agora controlava), Alarico ouviu a voz do destino.

O poeta Claudiano nos diz que Alarico estava passando por um bosque sagrado quando uma voz misteriosa sussurrou: “Pare de adiar, Alarico. Este é o ano para atravessar a barreira dos Alpes. Este é o ano em que você deve penetrar na própria cidade”. A voz misteriosa também havia inspirado Radagaiso, outro líder godo, a atacar Roma. Se os godos estavam agindo em conjunto, seus ataques foram mal coordenados. Radagaiso chegou ao início de 402 e encontrou Estilício.

Quando Radagaiso, rei dos godos, tendo assumido posição muito perto da cidade, estava caindo sobre os romanos com um exército grande e selvagem, ele foi em um dia derrotado, de forma tão rápida e total que nem mesmo um único romano foi ferido, muito menos morto, enquanto muito mais de 100.000 inimigos foram mortos, e ele [Radagaiso] e seus filhos foram capturados e prontamente mortos, recebendo a punição que mereciam.

Agostinho *A Cidade de Deus* 23

Radagaiso era, diz Agostinho, “um adorador de demônios”, mas Alarico era cristão. Por este motivo, interrompeu o saque de Piemonte para celebrar a Páscoa adequadamente. Para sua indignação, o menos praticante Estilício caiu sobre ele com seu exército. Pegos em desvantagem, os godos lutaram corajosamente. Eles infligiram pesadas baixas aos romanos, mas foram obrigados a recuar. Estilício alcançou-os em Verona e os impeliu a cruzar os Alpes. Segundo um relato, Alarico teve até de abandonar sua esposa como prisioneira dos romanos.

Embora fosse um grande general, Estilício era também realista. Os godos eram tão numerosos, e Roma estava tão enfraquecida, que era necessário algum tipo de acordo. Além do mais, as relações com Constantinopla estavam tão envenenadas que Alarico poderia ser necessário para uma guerra contra Arcádio. Embora provavelmente não fosse ainda um aliado formal do império ocidental, Alarico levou seu exército para o leste, até Épiro, na Grécia. Lá, em 408, recebeu a notícia da morte de Arcádio e seu exército podia se retirar.

Rápido em aproveitar uma oportunidade, Alarico exigiu uma enorme indenização pelos gastos de se preparar para a guerra e pelo saque que ele deixaria de obter. Para chamar a atenção dos romanos, deixou Épiro e foi para a província de Nórico, perto da Itália. Isso persuadiu o imperador Honório a se retirar da capital imperial de Milão para os pântanos impenetráveis ao redor de Ravena, onde (segundo a opinião popular) poderia continuar em seu passatempo de criação de galinhas sem ser perturbado pelos perigos e sustos do mundo exterior.

Estilício voltou sua atenção para o senado:

“Alarico passou todo esse tempo em Épiro a fim de se juntar a mim contra o imperador do Oriente e de retirar os ilírios de seu governo, acrescentando-os aos súditos de Honório”, disse Estilício. “Isto já teria sido feito se cartas do imperador Honório não tivessem chegado, adiando a expedição ao Oriente, embora Alarico tenha passado tanto tempo preparando-se para ela” [...] Desse modo, o senado decidiu que Estilício estava sendo completamente razoável e decretou que Alarico recebesse 1.400 quilos de prata por manter a paz, embora a maioria dos senadores votasse mais por medo de Estilício do que por seu próprio julgamento ou inclinação.

Zósimo *História Nova* 5.156

Os bárbaros do norte eram profundamente temidos e desprezados por toda a Itália. Os italianos dependiam desses *foederati* para sua segurança, mas os consideravam inconstantes, violentos e indignos de confiança. O fato de que séculos de má fé e hipocrisia romanas haviam, em grande parte, provocado isso era ignorado. Ao persuadir o senado a entregar uma enorme soma a Alarico, Estilício esgotou suas reservas políticas, no momento em que mais uma incursão bárbara e a invasão de um pretendente ao trono do Ocidente diminuiriam ainda mais seus recursos.

Os inimigos do general reagiram rápido. Honório, que algumas vezes parecia ser menos inteligente do que suas galinhas, foi informado de que Estilício visava ao trono imperial. O imperador foi persuadido a assinar o mandado de morte do único homem capaz de salvar seu Império. Estilício serviu ao Império até o fim, oferecendo docilmente seu pescoço ao carrasco para impedir uma desastrosa guerra civil. O último grande general de Roma morreu em agosto de 408, e toda esperança de preservar o império ocidental morreu com ele.

A morte de Estilício deu início a uma perseguição geral aos povos germânicos na Itália, e milhares das esposas e filhos dos *foederati* de Roma foram massacrados pelas pessoas que há muito pagavam impostos para sua manutenção. Ninguém parece ter considerado a consequência óbvia de que não havia mais nada que impedisse Alarico de cair sobre Roma como um lobo sobre um rebanho de ovelhas. Em 408, seu exército estava acampado nos portões da cidade. Os godos continuavam sendo ruins na guerra de sítio, mas Alarico teve tempo para um cerco prolongado, e a fome conquistaria Roma para ele.

Ele bloqueou os portões ao redor da cidade e, tendo o controle do rio Tibre, impediu a chegada de suprimentos do porto à cidade [...] Os romanos [...] não receberam nenhum auxílio e, quando todas as provisões haviam sido consumidas, a fome previsivelmente foi seguida pela peste, e todos os locais ficaram repletos de corpos mortos. Os mortos não podiam ser enterrados fora da cidade, pois o inimigo controlava todas as vias de acesso, e assim a cidade

se transformou em seu sepulcro.

Zósimo História Nova 5.164

O senado vociferou, depois implorou e, depois – com os rumores de canibalismo correndo por toda a cidade –, perguntou a Alarico quanto custaria para que ele se fosse. O preço foi tão alto que os emissários atônitos perguntaram o que Alarico pretendia lhes deixar. A resposta foi breve e direta: “Suas vidas”. Por fim, Alarico concordou em 2.300 quilos de ouro, 13.600 quilos de prata, 4.000 vestes de seda e outros tecidos finos e uma grande quantidade de pimenta. Esta era importada da Índia e de outros países distantes e tinha grande valor.

Alarico aceitou esse suborno porque o saque de Roma iria expor seu exército à praga que grassava na cidade. De qualquer modo, Alarico não queria a queda do Império Romano, mas um lugar de honra dentro dele para si mesmo e para seu povo. Ele declarou repetidamente sua amizade e indicou que poderia até desistir do enorme resgate de Roma em troca de terras entre o norte da Itália e o Danúbio.

As negociações chegaram a um impasse porque a corte de Honório combinava a teimosia tradicional romana com uma incapacidade de fazer algo prático, incomum entre os romanos. Havia alguma razão para essa política. O crescente sentimento antibárbaros que ajudara a precipitar a crise presente agora impedia que a corte imperial fizesse qualquer concessão e, de qualquer modo, as concessões só pareciam inclinar Alarico a fazer exigências ainda maiores. A morte de Arcádio havia trazido certa reaproximação com o império oriental e esperava-se ajuda de lá.

Alarico decidiu romper o impasse. Retornou a Roma em 409 e, depois do mais breve dos sítios, persuadiu o senado a depor Honório e a proclamar um imperador mais cooperativo. O homem escolhido foi Prisco Átalo, o prefeito da cidade. Infelizmente para Alarico, os romanos da África permaneceram leais a Honório e, no século V, a África era o principal fornecedor de grãos para Roma. Com a arma da fome nas mãos de Honório, Alarico, sempre realista, depois rapidamente seu fantoche e reabriu as negociações.

Ele tinha agora um trunfo novo, pois no segundo cerco, Gala Plácida, a irmã do imperador, havia caído em suas mãos. Alarico, para seu crédito, não destratou sua valiosa refém, fingindo que ela era uma hóspede que ficaria em sua companhia até a conclusão pacífica das negociações.

Para enfatizar esse ponto, Alarico marchou para Ravena, enviando protestos de amizade à frente de seu exército. Ele foi ignorado pela corte de Honório, que parecia determinado a desconsiderar sua presença na Itália. Os romanos foram incentivados pela presença na Itália de Sarus, um aristocrata visigodo de uma família tradicionalmente oposta ao clã baltingo a que Alarico pertencia.

No meio tempo, Alarico seguiu para Ravena para confirmar a paz com

Honório, mas o destino inventou outro obstáculo que ninguém poderia ter esperado, nem mesmo predito que aconteceria ao estado. Pois, enquanto Sarus e uma comitiva bárbara haviam se baseado em Picenum e não se aliaram nem com o imperador nem com Alarico, Ataulfo [um dos godos de Alarico], que tinha uma rivalidade com Sarus por causa de uma disputa antiga, levou todo o seu exército ao lugar em que Sarus se encontrava. Sarus tinha apenas 300 homens consigo e não era páreo para seu inimigo. Assim que viu o exército que se aproximava, Sarus decidiu fugir para Honório e auxiliá-lo na guerra contra Alarico.

Zósimo História Nova 5.178

Alarico soube disso quando estava a poucos quilômetros de Ravena. Os portões da cidade foram escancarados, e os homens de Sarus lançaram um ataque fulminante à vanguarda de Alarico. Este esperava uma negociação relativamente civilizada com a corte imperial, e o ataque súbito pegou-o de surpresa. Para piorar as coisas, um arauto enviado por Honório então insultou Alarico em nome de Sarus. Estava bastante evidente que Honório não pretendia negociar. Com Ravena fortemente murada e ainda mais protegida por pântanos intransponíveis, não havia nada que os godos pudessem fazer.

Enfurecido, Alarico voltou-se contra Roma, transformando aquela infeliz cidade em uma mensagem para Honório, em Ravena. O terceiro cerco foi ainda mais breve do que os anteriores. O senado tentou uma defesa desesperada e um tanto patética, mas foi em vão. A Porta Salária foi aberta para o exército que se aproximava – talvez por uma conspiração oculta em favor de Alarico, ou por uma vingança de algum servo ou escravo. Pode até ter ocorrido que alguns romanos, lembrando-se dos horrores do sítio anterior e certos do resultado deste, simplesmente decidissem acabar com a situação. Por quase oito séculos, nenhum inimigo havia pisado em Roma. Agora a cidade de onde as legiões haviam marchado para saquear quase todas as capitais em um raio de 1.600 quilômetros enfrentava um saque.

No que se refere a saques, o de Roma, ocorrido em 24 de agosto de 410, foi bastante polido. Exceto um incêndio nos jardins de Salústio, os romanos perderam principalmente seu orgulho e suas posses. (A suavidade desse saque explica porque as pessoas que têm uma tendência para a destruição impensada são chamadas de vândalos – que, mais tarde, saquearam Roma muito destrutivamente – e não godos.)

Infelizmente, nossas fontes são muito falhas, mas é provável que o melhor relato seja o de Procópio de Cesareia, escrito mais de um século depois.

Porém, alguns dizem que Proba, uma mulher de incomum eminência em riqueza e fama entre os senadores romanos, sentiu compaixão dos romanos que estavam sendo destruídos pela fome e pelos outros sofrimentos que

suportavam, pois eles já estavam provando a carne humana; e vendo que toda a esperança os havia deixado, pois tanto o rio quanto o porto estavam em poder do inimigo, ela ordenou a seus servos, segundo dizem, que abrissem os portões durante a noite...

E eles [os godos] puseram fogo às casas próximas ao portão, entre as quais estava também a casa de Salústio, que nos tempos antigos escrevera a história dos romanos, e grande parte dessa casa permaneceu semiqueimada até minha época; e, depois de saquear toda a cidade [...] seguiram adiante.

Procópio de Cesareia *História das Guerras* 3.2.30-39

Apesar do suposto bom comportamento dos bárbaros, o saque de Roma deve ter sido rude e brutal. No entanto, Alarico encontrou defensores, entre eles Santo Agostinho de Hipona.

E agora esses infelizes não agradecem a Deus por sua grande misericórdia ... que ele tenha decretado que, se Roma devesse ser tomada, que fosse por bárbaros que, a despeito da prática de todas as guerras que aconteceram antes, protegeram, pelo respeito à cristandade, todos que buscaram refúgio nos lugares sagrados. Esses bárbaros eram muitíssimo opostos aos demônios e aos ritos dos sacrifícios ímpios e assim pareciam estar travando uma guerra contra eles que era muito mais terrível do que sua guerra contra os homens. Assim, o verdadeiro Senhor e governante de todos castigou os romanos com compaixão...

Agostinho *A Cidade de Deus* 23

Uma história popular da época diz que, quando Honório ouviu a terrível notícia de que “Roma pereceu”, ele ficou consternado: “Mas ela estava comendo milho da minha mão há menos de uma hora!” Para o imenso alívio do imperador, seus cortesãos explicaram que a calamidade se abatera não sobre sua galinha favorita, mas sobre a cidade cujo nome ela recebera. Essa história improvável mostra o sentimento predominante e justificado de que os governantes do Império não eram capazes de defender seus súditos nem estavam particularmente interessados em fazê-lo.

O choque do saque reverberou em todo o mundo romano. São Jerônimo, então em Jerusalém, nos diz como a notícia foi recebida.

Ouvimos um terrível rumor sobre os acontecimentos no Ocidente. Eles nos disseram que Roma esteve sob cerco e que a única segurança para seus cidadãos foi a que eles puderam comprar com ouro e que, quando isso lhes foi tomado, foram sitiados novamente, de modo que perderam não só suas posses, mas também suas vidas. Nosso mensageiro deu a notícia com uma voz trêmula e mal podia falar em meio aos soluços. A cidade que havia

capturado o mundo agora havia sido capturada.

Jerônimo *Cartas* 127

Na Itália, os problemas de Alarico com o suprimento de grãos convenceram-no de que a chave para o poder imperial encontrava-se na África. Ele passou uma semana retirando de Roma tudo o que podia ser movimentado e, depois, dirigiu-se para o sul, Calábria, para obter uma frota para a invasão da África. Como se poderia esperar de um povo do leste do Danúbio, os godos eram navegadores inábeis. A primeira frota foi destruída por uma tempestade e, antes que Alarico pudesse reunir outra, foi tomado por uma doença súbita e morreu.

Que o conquistador de Roma não sobrevivesse muito tempo a seu ataque impiedoso provocou muita satisfação em Ravena. Ainda mais agradáveis foram as notícias de que o sucessor de Alarico, seu cunhado Adolfo, pretendia deixar a Itália e atacar os gauleses. Alarico foi enterrado com suas armas e ouro em verdadeiro esplendor bárbaro.

Em Cosenza, na Calábria, o curso do rio Busento foi desviado enquanto Alarico era enterrado no leito do rio. Quando o rio retornou a seu curso original, Alarico estava a salvo da vingança dos romanos. Ele assim permaneceu, apesar dos esforços dos caçadores de tesouros e arqueólogos.

* Quando poderes opostos usam terceiros como substitutos para lutar entre si diretamente. (N.E.)

CAPÍTULO 17

ÁTILA, O HUNO: O FLAGELO DE DEUS

Agora os líderes das diversas nações esperavam pelo aceno de Átila como uma multidão de escravos. Quando ele indicava seus desejos, mesmo que apenas por um olhar, cada um vinha à frente, tremendo atemorizado e, em qualquer circunstância, fazia como lhe fora ordenado. Átila era o senhor supremo de todos esses reis.

Jordanes 200

De todos os horrores que acompanharam a queda do Império Romano do Ocidente, nenhum foi mais aterrador do que os hunos. Sua marcha para o oeste empurrou os ostrogodos contra os visigodos e levou os visigodos a uma colisão fatal com Roma. Então, no final do século IV, os hunos chegaram.

Suas feições são tão terríveis que intimidam totalmente até mesmo aqueles que são seus iguais na guerra. Seus inimigos fogem cheios de horror diante de seus rostos escuros e aterradores. Eles têm, por assim dizer, não mais do que um calombo sem forma como cabeça e olhos minúsculos [...] eles são brutais com seus filhos desde o dia em que estes nascem, usando uma espada para fazer cortes na face dos meninos de modo que aprendam que devem suportar ferimentos antes de receberem a nutrição do leite. Uma face assim marcada pela espada estraga a bela aparência natural de uma barba, e os jovens são feios e envelhecem sem barba [...] embora tenham corpo de homens, são tão cruéis quanto os animais selvagens.

Jordanes 127-28

A origem dos hunos situa-se em algum ponto das estepes da Ásia. Os chineses os conheciam como os Hsiung-Nu, e seus ataques selvagens ameaçaram o norte da China durante a maior parte do milênio antes do nascimento de Cristo. Na época em que Roma estava iniciando a primeira de suas grandes guerras com Cartago, em meados do século III a.C., os chineses estavam construindo sua Grande Muralha contra os hunos. Naturalmente, essa muralha não era um problema para os atléticos hunos, mas era um grande obstáculo para seus cavalos.

E os hunos eram quase que exclusivamente um exército de cavalaria. Tinham dois tipos de cavalos: pequenos corcéis vigorosos, com grande energia, e

cavalos maiores, especialmente criados para cargas, que eram usados pela cavalaria pesada. Cada guerreiro huno viajava com uma fileira de cavalos, algumas vezes até 16 por cavaleiro. Essa troca de montaria prontamente disponível combinada com a resistência natural dos hunos os tornava uma das forças de maior mobilidade e velocidade do mundo antigo. Os hunos até cozinhavam em marcha – sua dieta básica em campanha era supostamente carne crua que cozinhava lentamente entre suas coxas e o corpo de seus cavalos durante a cavalgada do dia.



34 Enquanto estavam nas estepes, os hunos eram quase que exclusivamente guerreiros montados e cada cavaleiro tinha várias trocas de montaria. Porém, foi

demonstrado que o tamanho de seu exército sob Átila era tal que nem mesmo as planícies húngaras teriam oferecido pasto suficiente para um exército apenas de cavalaria, então muitos soldados devem ter lutado a pé.

Com seu poder diminuindo no Oriente, os hunos se voltaram para o oeste. Essa não foi uma migração organizada, pois na época cada tribo hunica tinha seus próprios líderes. Conforme o pasto e a pilhagem em uma área declinavam, eles se moviam para campos novos mais a oeste e, com esse processo de migração lenta, chegaram à grande planície húngara e às fronteiras do Império Romano do Oriente.

Duas mudanças principais aconteceram durante esse período. A liderança dos hunos gradativamente tornou-se mais consolidada e monárquica, e as planícies da Hungria, apesar de vastas, ofereciam pasto insuficiente para as manadas de cavalos hunos e, assim, o exército passou a incluir uma grande massa de infantaria. Nem todos os soldados de infantaria eram hunos. Os ostrogodos haviam sido conquistados em 374 e estavam então entre os soldados vassalos de seus antigos inimigos.

A princípio, as relações com Roma foram pacíficas; de fato, alguns hunos podem até ter lutado ao lado de Estilício em sua campanha contra Radagaiso, em 402 (ver Capítulo 16). A fronteira do Danúbio tornou-se um ponto de encontro onde o ouro romano, as sedas e as especiarias eram trocados por cavalos e escravos bárbaros. Os romanos também gostaram muito que uma nova onda de povos hunos, conhecidos como heftalitas ou “hunos brancos”, havia se instalado ao norte do Mar Cáspio e estavam tornando a vida difícil para os persas sassânidas (p. 233 *et seq.*), que muitas vezes eram rivais de Roma.

Teodósio II, o filho do imperador do Oriente, Arcádio (pp. 262-63), promoveu o rei do maior dos grupos de hunos, um homem chamado Rugila, ao posto de general e lhe pagou um subsídio de 160 quilos de ouro para garantir a segurança da fronteira norte do Império. Em 433, Rugila morreu. Ele foi sucedido por dois irmãos, Átila e Bleda, que se pensa serem filhos de Mundzuk, irmão de Rugila. Bleda não fez nenhuma marca na história. Acredita-se que Átila tenha mandado matá-lo em 445, embora isso suponha (talvez injustamente) que a política dinástica hunica era tão sedenta de sangue como as das nações “civilizadas” ao sul.

Na época em que subiu ao trono, Átila já era de meia-idade.

Ele tinha um andar arrogante e fazia caretas conforme olhava ao redor. O poder daquele espírito orgulhoso transparecia em cada movimento de seu corpo. Ele certamente amava a guerra, mas era contido, tolerante com aqueles a quem dava sua proteção, compassivo com os suplicantes e perspicaz em seu julgamento. Ele era baixo, com um peito largo e uma grande cabeça. Tinha olhos pequenos e uma barba esparsa com fios grisalhos. Sua ascendência era claramente evidente em seu nariz achatado e

sua pele morena.

Jordanes 180

Átila renegociou as relações com Teodósio, dobrando seu tributo e exigindo que os refugiados que haviam fugido da soberania hunna para o Império lhe fossem entregues. Também foi acordado que Roma não se aliaria com os inimigos dos hunos e que seriam abertos mercados livres para o comércio entre as duas potências. A paz estava longe de ser perfeita. A cidade romana de Margus, na área do Danúbio, foi arrasada quando seu bispo ofendeu gravemente os hunos, em 441, e houve confrontos com o império do ocidente. Depois desses incidentes, Átila foi facilmente comprado com outro enorme resgate em ouro, principalmente porque ele estava envolvido com os persas e trácios, no leste, e os burgúndios e outras tribos, no oeste.

Porém, o Império Romano era grande demais e um alvo tentador demais para que Átila o ignorasse para sempre. Em 447, os hunos atravessaram as defesas do império do oriente. Como Alarico antes deles, consideraram Constantinopla difícil demais e voltaram sua atenção para a Grécia. Teodósio, mais uma vez, enviou seu tesouro em batalha. O tributo anual agora chegava a 950 quilos de ouro (incluindo as dívidas que não foram pagas enquanto Átila saqueava o Império), e então Átila também exigiu e recebeu a soberania sobre uma grande extensão de território ao longo do médio Danúbio.

Os romanos investiram mais uma soma de ouro para subornar um dos comandantes de Átila para assassiná-lo. A tentativa fracassou sem perturbar Átila. Temos um relato detalhado de uma visita ao líder huno feita por um certo Prisco, que permaneceu junto a Átila em sua corte. Ele fala da vida entre os hunos e de Átila, que conheceu pessoalmente em um jantar:

Uma refeição suntuosa havia sido preparada em pratos de prata para nós e os hóspedes bárbaros [de Átila]. Átila comeu carne em um prato de madeira e foi igualmente contido de outras maneiras. Enquanto os hóspedes bebiam em taças de ouro e prata, sua taça era de madeira. Sua roupa também era simples e limpa. A espada a seu lado e os cadarços de seus sapatos citas [...] não tinham ornamentos.

Prisco Na Corte de Átila 448

Em outro ponto de seu relato, Prisco nos diz que um pastor nas planícies do Danúbio havia encontrado um de seus animais mancando com um estranho ferimento. O pastor havia seguido o rastro de sangue desse ferimento até encontrar a lâmina de uma espada estranha que estava muito enterrada no solo. Reconhecendo um bom augúrio quando a viu, o pastor apressou-se a ir até Átila com a espada misteriosa. Átila imediatamente identificou-a como a Espada de Marte e anunciou que “havia sido indicado como o senhor do mundo e que, por

meio dessa espada, ele tinha a garantia da vitória em todas as suas guerras”.

Além de ilustrar o uso das técnicas básicas de propaganda, essa história mostra que as crenças religiosas de Átila, embora em grande parte incertas, podiam até mesmo se expandir para acomodar um deus do antigo panteão romano. Ele demonstrava um respeito prudente pelo poder temporal da cristandade, mas sentia-se totalmente livre para destruir edifícios sagrados e para tomar as vidas e os tesouros daqueles que neles estivessem.

O poder da propaganda de Átila e a violência de seus atos o enraizaram no folclore europeu. Seu cavalo sinistro e sua espada mágica são temas recorrentes nas sagas da Noruega e da Islândia e na antiga *Nibelungen Lied* da Alemanha, Átila é Etzel, aquele que usa as 12 coroas poderosas e que promete a sua noiva as terras de 30 reis. A capital de Etzel, Etselenburgh, é evidentemente a capital de Átila, a cidade no local em que hoje fica Budapeste.

Teodósio morreu em 450. Seu legado foi o famoso Código de Teodósio, a organização sistemática das leis do Império, que afetou profundamente o desenvolvimento dos sistemas legais europeus. Sua morte devolveu ao poder a irmã do imperador, Pulquéria, que já fora regente para seu irmão mais novo, mas que recentemente havia sido deixada de lado por uma luta de poder no palácio. Pulquéria casou-se com o competente administrador e general Marciano, que deu a Átila o aviso de que o pagamento de seu tributo iria cessar.

Quando isso aconteceu, Átila já estava planejando invadir o Império Romano, mas seu alvo era a metade ocidental. Ele estava indo exigir Honória, irmã do imperador Valentiniano, como sua noiva. O que era ainda mais surpreendente, ele estava indo a convite de Honória. A irmã do imperador havia sido descoberta em um caso clandestino com um funcionário do palácio e pode até ter sido engravidada por ele. O imperador tentou esconder o escândalo e a irmã do público. Honória ficou furiosa com sua reclusão forçada e com a execução de seu amante e contrabandeou um anel e uma mensagem a Átila, pedindo-lhe ajuda.

Átila decidiu tratar isso como uma oferta de casamento e deu-se de presente metade dos domínios de Valentiniano como seu dote. “Foi algo vergonhoso, de fato [que Honória], buscasse licença para sua paixão à custa do bem-estar público”, comentou tristemente Jordanes.

A invasão não foi um ato impulsivo, e o gesto de Honória não passou de um mero pretexto. O enorme exército de Átila incluía centenas de milhares de hunos, seus vassalos ostrogodos, e elementos de outras tribos germânicas, inclusive os gépidas e os alanos. Relatos antigos estimam que cerca de 300.000 a 700.000 homens atravessaram o Reno para as mal defendidas províncias da Gália. Imediatamente antes de sua invasão, Átila garantiu aos romanos que seu problema era com Teodorico, rei dos visigodos; e disse a Teodorico que sua invasão era parte de sua busca por Honória, lembrando-o de suas inúmeras lutas

com os romanos. Jordanes comenta a diplomacia de Átila: “Por trás de sua grande ferocidade, ele era um homem sutil e lutou com arte antes de travar a guerra”.

O defensor da Gália era Aécio, um valoroso sucessor do grande Estilício. Ele ocasionalmente obedecia ao imperador Valentiniano, mas um sinal da crescente irrelevância do imperador romano era que Aécio tivesse chegado ao poder não por indicação imperial, mas ao derrotar um rival em batalha. Aécio estava muito familiarizado com os hunos, pois havia vivido em exílio entre eles durante um dos pontos mais baixos de sua carreira política.

Aécio reuniu os remanescentes do poder militar romano, mas isso só poderia aumentar a força necessária para parar Átila – os francos e os visigodos reunidos que eram, de qualquer modo, os verdadeiros governantes das terras a oeste de Roma. Em primeira instância, cabia aos bispos cristãos das grandes cidades organizarem sua defesa ou fazer as concessões que pudessem ao conquistador. O estado de espírito prevalecente foi bem resumido por um eremita cristão que enfrentou Átila corajosamente: “Você é o Flagelo de Deus, a punição dos cristãos”. Átila imediatamente adotou o novo título. Se seus inimigos acreditavam que ele fora enviado por seu deus para punir seus maus atos, então opor-se a ele poderia ser interpretado como uma blasfêmia. Certamente, isso não ajudou o moral cristão.

O historiador Amiano Marcelino nos dá uma descrição dos hunos em campanha.

Eles formam colunas para entrar em batalha, enchendo o ar com seus gritos selvagens e dissonantes. Geralmente, não têm uma ordem de batalha regular. Eles se movem rápida e subitamente, dispersando-se e, depois, se reunindo em uma massa solta, que então espalha a catástrofe em toda a planície, ou então invade as defesas e saqueia o acampamento quase antes que seu ataque seja percebido. Deve-se reconhecer que eles são guerreiros formidáveis. Lutam à distância usando ossos afiados astuciosamente fixados às pontas de suas armas. De perto, lutam com espadas e, embora o inimigo tencione resistir a seu ataque selvagem, lançam uma rede sobre ele e assim prendem seus membros para que ele não possa nem andar nem lutar.

Amiano Marcelino *Historia* 31.2.9

Incentivada pelas promessas de apoio de Aécio, a cidade de Orleans suportou um cerco feroz. A história diz que os reforços chegaram bem no momento em que Átila ultrapassava as muralhas, mas, na verdade, o líder huno foi forçado a abandonar o cerco pelas notícias de que seus inimigos haviam declarado guerra contra ele.

A batalha de Chalons (com mais exatidão chamada de batalha das Planícies da Catalunha) foi uma das mais decisivas da civilização ocidental. Isto é, sem

uma vitória de Aécio, não teria havido uma civilização ocidental, além daquela cuja existência Átila permitisse.

Os exércitos se encontraram em 19 de setembro de 451 d.C., quando os francos se depararam com um bando de gépidas que haviam se separado da força principal de Átila. Pode-se perceber a ferocidade da luta do dia seguinte pelo fato de este encontro ser considerado uma escaramuça, embora tenha deixado 15.000 mortos. Ao amanhecer do dia seguinte, ficou claro que quem ocupasse uma crista no centro do campo de batalha teria uma vantagem decisiva. Cada lado ocupava seu próprio lado da crista, e os romanos acabaram vencendo a dura batalha pelo cume. Os hunos retrocederam em desordem e os visigodos lançaram uma série de ataques ferozes de cavalaria contra o inimigo que se retirava.

A luta se tornou corpo a corpo, feroz, selvagem, confusa e sem a menor trégua. Nenhuma saga antiga registrou tal conflito. Esses atos foram feitos de modo que nenhum bravo que perdesse esse incrível espetáculo pudesse esperar ver algo tão incrível pelo resto de sua vida. Nossos anciãos relatam que o sangue dos corpos dos mortos transformou em uma torrente um pequeno riacho que corria pela planície. Os que se sentiam desesperadamente sedentos, devido a seus ferimentos, bebiam a água misturada com sangue de modo que, em sua miséria, parecia que estavam sendo obrigados a beber o mesmo sangue que havia fluído de suas feridas.

Jordanes *A História dos Godos* 207

Enquanto liderava um ataque, Teodorico (rei dos visigodos) foi atingido por uma lança, caiu e morreu sob as ferraduras de sua própria cavalaria. Poucos o notaram no momento e aqueles que notaram foram incitados a uma fúria ainda maior por causa disso. Átila havia se posicionado em meio a seu exército e seu centro retrocedeu sobre as carroças de seu acampamento conforme o resto do exército huno se dispunha ao redor delas. A noite trouxe uma confusa interrupção à batalha.

Diz-se que Átila permaneceu magnificamente composto mesmo nesse momento de extremo perigo. Ele havia saltado sobre uma grande pilha de selas de cavalos e estava determinado a se lançar nas chamas dessa pira funerária se o inimigo invadissem. Assim, ninguém teria a satisfação de tê-lo ferido fisicamente, e o mestre de tantos povos diferentes não teria caído nas mãos de seus inimigos.

Jordanes *A História dos Godos* 213

Aécio aconselhou contra um ataque às carroças de Átila. Alguns achavam que ele queria manter Átila como um contrapeso aos visigodos; outros pensaram que,

sem uma ameaça iminente a Roma, a posição de Aécio ficaria enfraquecida. Na verdade, os motivos de Aécio provavelmente eram menos cínicos. Os visigodos estavam enfraquecidos pela morte de seu rei, e o exército de Aécio estava em condições bastante ruins. Idácio, um historiador contemporâneo, relata ter havido 300.000 mortos dos dois lados. Mesmo descontando um possível exagero, isso torna Chalons a batalha mais sangrenta desde Adrianópolis e a maior de todas as batalhas travadas na Europa ocidental nos 500 anos seguintes. Com o caminho de Átila interrompido, Aécio podia ser perdoado por salvar os remanescentes de seu exército para a multidão de outras ameaças a Roma.

Átila fugiu cruzando o Reno e nunca mais perturbou a Gália novamente. Ele passou o inverno reunindo suas forças e planejando a vingança. Em 452, lançou outro ataque devastador contra o império ocidental e, desta vez, seu alvo foi a própria Roma. No norte da Itália, Concórdia, Altinum e Patavium (a moderna Pádua) foram rapidamente conquistadas e queimadas. Os atacantes hunos se espalharam pela Lombardia e atacaram Milão, impelindo muitos italianos do norte para as ilhas de uma lagoa na costa nordeste, onde eles fundaram a cidade que mais tarde se tornaria Veneza.

Aécio e o exército romano não fizeram nada. As relações entre Aécio e a corte imperial variavam entre a amargura e a aversão e, com sua base de poder segura na Gália, Aécio não estava muito inclinado a ir à Itália para ajudar Valentiniano. Além disso, sem a ajuda dos visigodos, Aécio não tinha muita chance de parar Átila. Porém, o mais importante é que a fome e a peste já haviam chegado à Itália, antes dos cavaleiros hunos. Aécio calculou que a invasão de Átila teria de chegar ao fim simplesmente porque os hunos acabariam com suas provisões mais depressa do que a peste atingiria suas fileiras. Foi um triste reflexo do quanto a Itália havia caído em termos militares a ponto de não valer a pena invadir nem defender o país.

Foi dito que Átila pretendia destruir a própria Roma, mas que seus conselheiros estavam igualmente determinados a mantê-lo fora da cidade por causa de seu assombro supersticioso quanto ao destino de Alarico, que havia saqueado Roma e morrido logo depois. Então, quando Átila se preparava para vadear o rio Mincio, no norte da Itália, ele recebeu uma delegação incomum.

Este relato foi escrito pelo historiador Próspero cerca de três anos após o acontecimento:

Agora Átila, tendo mais uma vez reunido suas forças, que haviam sido dispersadas na Gália, tomou seu caminho pela Panônia rumo à Itália [...] Para o imperador e o senado, e para o povo romano, nenhum dos planos propostos para se opor ao inimigo pareceram tão praticáveis quanto o de enviar delegados ao mais selvagem dos reis para implorar pela paz. Nosso abençoado Papa Leão – confiando na ajuda de Deus, que nunca abandona os

justos em suas dificuldades – assumiu a tarefa, acompanhado por Avieno, um homem do corpo consular, e pelo prefeito Trygetius. E o resultado foi aquele que a fê havia previsto, pois quando o rei recebeu os emissários, ficou tão impressionado pela presença do sumo sacerdote, que ordenou que seu exército abandonasse a guerra e, depois de ter prometido a paz, partiu para além do Danúbio.

Próspero de Aquitânia *Crônica Gaulesa* An.452

Escritos posteriores dão relatos mais elaborados do encontro, com os apóstolos Pedro e Paulo aparecendo ao lado do papa, e o poderoso Átila quase prostrado em reverência. O mais provável é que, do mesmo modo em que Átila havia antes buscado qualquer pretexto para invadir a Itália, ele agora buscasse algum pretexto para se retirar. Seu ataque havia sido, pelo menos em parte, para reparar o dano a sua reputação depois da batalha de Chalons, e seu objetivo fora realizado, ao menos em alguma medida. Ele partiu, alertando que logo voltaria, a não ser que fosse seguido por Honória e seu dote.

Porém, a derrota em Chalons e uma campanha infrutífera na Itália significavam que Átila estava na posição incomum de ter de economizar seus recursos. Suas ameaças foram corretamente percebidas pela corte de Valentiniano como pouco mais do que um blefe, e Honória permaneceu na Itália. Átila, então, enviou seus embaixadores ao imperador Marciano, em Constantinopla, prometendo-lhe a mais sangrenta das campanhas se o tributo de ouro que ele recebia de Teodósio não fosse restaurado. O imperador oriental não se abalou mais do que seu colega ocidental. Sob o enérgico e capaz Marciano, o império oriental estava em melhor forma do que estivera durante anos. Átila desistiu da invasão, julgando provavelmente que mesmo uma campanha bem-sucedida o enfraqueceria tanto que ele ficaria vulnerável à multidão de seus inimigos e povos submetidos e rebeldes.

Tentando reduzir o número de seus inimigos, Átila atacou os alanos, um povo que ele quase havia submetido a seu controle antes da batalha de Chalons. Mas os visigodos estavam atentos e seu novo e jovem rei, Turismundo, apressou-se em ajudar os alanos. Os hunos foram derrotados. A batalha foi muito menor do que Chalons, mas custou caro a Átila. Sua reputação de conquistador invencível foi gravemente abalada. Embora os hunos fossem formidáveis contra o que restava do poder de Roma, estava evidente que os visigodos e seus aliados eram capazes de enfrentá-los.

Átila tinha 47 anos. Apesar dos revezes recentes, continuava a ser a pessoa mais poderosa na Europa, e seu comando sobre seus próprios domínios era inquestionável. Jordanes comenta: “Não havia modo de que qualquer [...] tribo pudesse ser retirada do poder dos hunos, exceto pela morte de Átila – um acontecimento ansiosamente desejado pelos romanos e por outras nações”.

Nenhum pretendente a rebelde estava pronto para enfrentar a lendária ira de Átila. Dizia-se que ele havia comido dois de seus filhos, embora os motivos para isso não fossem claros. Uma história sugeria que uma esposa enciumada havia matado os filhos e, depois, dera-os de comer a seu marido, sem que este soubesse, para vingar algum insulto que Átila lhe fizera. Certamente, uma esposa de Átila teria motivos para ciúmes. Os hunos eram polígamos e Átila tinha uma esplêndida coleção de esposas.

Foi o desejo de aumentar essa coleção que se mostrou fatal a Átila. A virgem em questão chamava-se Ildico, uma jovem de tal beleza que mesmo hoje algumas mães esperançosas dão esse nome a suas filhas. No casamento, Átila abandonou a moderação que fora mencionada com tanta admiração por Prisco. Ele estava cambaleando de bêbado no momento em que se retirou para o leito nupcial.

No dia seguinte, nem mesmo os encantos óbvios da noiva podiam explicar a demora de Átila para deixar o quarto nupcial. Seus servos ficaram cada vez mais alarmados e, por fim, em meio a cenas de tumulto, as portas foram arrombadas. O governante dos hunos foi encontrado morto em sua cama enquanto sua nova esposa estava assustada em um canto do quarto, em um estado de histeria. As suspeitas naturalmente recaíram sobre a moça. Porém, até mesmo a ciência forense dos hunos foi capaz de rapidamente estabelecer a causa verdadeira da morte. Enquanto estava deitado na cama, Átila teve um grande sangramento nasal. Normalmente, ele teria virado de lado e o sangramento teria passado. Porém, Átila estava tão profundamente inconsciente que o sangue fluíu para os pulmões até que ele passou de completamente bêbado a completamente morto. “Sua morte foi tão esquálida quanto sua vida foi maravilhosa”, diz Jordanes.

Prisco acreditava que a morte de Átila foi uma bênção tamanha que os deuses a anunciaram pessoalmente aos governantes do mundo. Marciano viu, em um sonho, uma divindade que pairava acima dele, mostrando-lhe um arco quebrado. Isso simbolizava que o poder dos hunos, que tanto dependiam do arco, agora estava quebrado.

Átila recebeu um funeral a sua altura:

Seu corpo foi colocado em uma tenda de seda no meio de uma planície, como foco da adoração geral. Os melhores cavaleiros de todos os hunos cavalgaram ao redor da tenda em círculos, como se estivessem em jogos na arena. No lugar para onde ele fora levado, o canto funeral louvou seus feitos. “Este é o senhor dos hunos, o rei Átila, filho de Mundzuk, senhor das mais corajosas tribos, único mestre dos citas e germânicos. Nenhum homem fez tanto quanto ele. Ele capturou cidades e aterrorizou os romanos do Oriente e do Ocidente. Apenas por suas súplicas, aceitava um tributo anual e abstinha-se de pilhagens. E a sorte favoreceu-o a tal ponto que, depois de todos esses

feitos, ele não morreu nas mãos de seus inimigos nem por traição de seus amigos, mas no coração de uma nação, em paz, feliz, alegre e sem dor”.

Jordanes 257-260

Seu caixão tinha três camadas. Uma era de ouro e outra de prata, mostrando que Átila havia recebido tributos de dois impérios. A terceira camada era de ferro, mostrando como Átila impusera o pagamento desse tributo. Os guerreiros hunos cortaram seus rostos com suas espadas para que ele não fosse pranteado apenas com as lágrimas das mulheres, mas com o sangue dos homens. Então, Átila foi enterrado com as armas capturadas de seus inimigos e uma parte substancial do ele havia obtido por meio de saque. O enterro ocorreu em segredo, no meio da noite, e os hunos mataram os homens que o enterraram para que ninguém soubesse qual o último local de descanso de Átila.

Talvez então, em 453, os hunos já soubessem que seu poder estava enfraquecendo. Sem a personalidade de Átila para mantê-los unidos, a tribo se fragmentou em facções adversárias, lideradas pelos filhos de Átila, que não concordavam quanto a quem deveria liderar seu povo. Os antigos súditos de Átila livraram-se alegremente do jugo dos hunos, e as tribos germânicas logo reabsorveram suas conquistas. Duas gerações depois, os hunos eram uma vaga lembrança, e seu principal legado à Europa foi o nome que deram às terras em que se estabeleceram. Na Hungria, Átila continua a ser um herói nacional e, como ocorre com o nome de sua infeliz noiva, Ildico, o nome Átila também é uma escolha popular para batizar crianças.

EPÍLOGO

O Império Romano no Ocidente terminou em 476 d.C. Terminou não com uma explosão, mas com uma lamúria. Nenhum palácio imperial foi invadido, nenhuma horda bárbara conquistou o último bastião da civilização. Mesmo assim, o Império Romano foi ferido tão claramente quanto qualquer empresa falida seria hoje.

O último imperador ocidental ficou conhecido como Rômulo Augustulo (o “pequeno Augusto”). Ele ficou conhecido assim porque, como muitos imperadores que o precederam, era o fantoche do comandante do exército romano no Ocidente. Neste caso, esse comandante era Orestes, o pai de Augustulo. Em 476, Orestes foi derrubado por um golpe militar liderado por um de seus oficiais, um homem chamado Odoacer, e o tempo de Augustulo no trono imperial chegou ao fim.

Odoacer iniciou negociações com Zeno, o imperador do Império Romano Oriental. Nessa época, Zeno reconheceu outro pretendente ao trono imperial ocidental e concordou com Odoacer que ele deixaria de apoiar esse candidato se Odoacer não disputasse o trono imperial ocidental. O resultado foi que Augustulo foi enviado para a aposentadoria em um monastério e Zeno anunciou-se como o senhor (em teoria) de todo o Império Romano. Odoacer devolveu as insígnias reais do imperador romano ocidental a Constantinopla e continuou a governar a Itália.

Esses desenvolvimentos não pareceram particularmente extraordinários na época. Eles apenas continuaram a tendência dos 100 anos anteriores em que os povos germânicos assumiram maiores responsabilidades militar e política pelas terras a oeste dos Balcãs. Devemos lembrar que essas “hordas bárbaras” eram tão cristãs quanto os próprios romanos. Muitos deles eram bem instruídos e assumiram postos públicos elevados no Império Romano mesmo enquanto o tecido do Império se desfazia suavemente a seu redor. E, é claro, soldados romanos e germânicos haviam lutado lado a lado contra outros invasores bárbaros, e contra outros soldados romanos e germânicos em diversas guerras civis.

A queda do Império Romano do Ocidente não foi especialmente indesejada por seus ex-cidadãos. Quando, sessenta anos depois, o Império Romano do

Oriente reconquistou a Itália, a reação dos italianos foi de desalento. Roma era vista como sinônimo de governo corrupto, impostos pesados e alistamento forçado no exército para qualquer pessoa que fosse pobre demais para obter sua dispensa por meio de suborno. Os godos, que governavam a Itália na época da reconquista romana, rebelaram-se de imediato e a cumplicidade dos nativos apoiou essa rebelião. Finalmente, sob a pressão dos persas no oriente, Bizâncio reconheceu tacitamente que o império ocidental estava além de seu controle. Isso ocorreu em parte porque o oeste agora estava desesperadamente pobre e tinha pouco a oferecer ao leste, fosse em comércio ou em impostos.

Existem muitas teorias a respeito de como o Ocidente foi reduzido a esse estado. O historiador Gibbon culpou a cristandade. Na verdade, tantos romanos contemporâneos concordavam com ele que, por esse motivo, Santo Agostinho escreveu seu extraordinário elogio aos godos em *A Cidade de Deus* no qual indicava que, desde que os novos mestres da Itália também fossem cristãos, tudo havia terminado bem. No ano em que Agostinho morreu, a tribo dos vândalos conquistou sua cidade nativa, Cartago.

Outros historiadores culpam a diminuição da população pela queda de Roma, indicando referências nos textos antigos a pragas e a *agri deserti* (“campos abandonados”). Certamente, no final do Império, alguns milhares de homens contavam como um exército substancial enquanto, nos dias de glória da República, uma única legião continha 6.000 homens. O peso sufocante de uma burocracia corrupta e os retornos decrescentes dos impostos excessivos também tiveram um papel na queda de Roma. Se era quase impossível qualquer tipo de empresa prosperar sem atrair imediatamente a atenção dos funcionários públicos cobiçosos, o lamentável estado da economia romana não é de surpreender.

Outro ponto que tem sido destacado pelos historiadores modernos é que, nos primeiros 700 anos de sua história, a economia romana cresceu graças às suas conquistas, com os saques vindos das fronteiras que eram levados para o centro. Durante a longa paz dos imperadores antoninos no século II, Roma estava essencialmente vivendo de suas reservas. Esse sistema quebrou no século III sob a pressão do excesso de centralização, do fracasso econômico e da invasão bárbara. Embora o Oriente fosse capaz de sustentar a colonização imposta no século IV por Diocleciano e seus sucessores, a devastação econômica do Ocidente mostrou-se grande demais e o governo romano desabou, ou melhor, simplesmente se desfez.

No decorrer de sua história, Roma havia lutado contra uma mistura de estados civilizados e bárbaros e, em geral, saiu-se melhor quando lutou contra inimigos civilizados. Foram os bárbaros gauleses que primeiro saquearam Roma em 387 a.C., e os bárbaros visigodos que fizeram o mesmo em 410 d.C. É verdade que Roma não era geralmente muito superior a seus inimigos bárbaros em termos de tecnologia bélica. É provável que os hunos de Átila tivessem

trazido o estribo para a Europa ocidental, e que as armas de sítio romanas, que tanto impressionaram Josefo em Jotapata, fossem amplamente usadas por todas as civilizações mediterrâneas e possuissem uso limitado contra os bárbaros.

Roma tinha logística e organização soberbas, mas essas eram igualmente úteis contra inimigos civilizados e bárbaros. Porém, ao lutar contra oponentes civilizados, os comandantes romanos podiam definir objetivos claros. Uma vez que o inimigo fosse derrotado em batalha, suas principais cidades seriam sitiadas ou ameaçadas com um cerco, e a rendição ou as negociações se seguiriam. De outro modo, a tomada da capital geralmente marcaria o final da guerra. Essa tática foi tão eficiente contra os palmiranos de Zenóbia quanto contra os cartagineses de Aníbal.

Problemas muito maiores eram causados por inimigos que se recusavam a obedecer a essas regras. Mitrídates e Jugurta lutaram mesmo depois que suas principais cidades haviam sido tomadas, e outras nações, como os lusitanos de Viriato e os germânicos de Armínio, ofereceram muito pouco aos romanos em termos de objetivos físicos estratégicos. Na Britânia, é provável que Suetônio Paulino terminasse a rebelião de Boudica ao levá-la à luta ameaçando os locais sagrados nas Midlands.

Durante os anos da República, Roma tinha grandes reservas de mão de obra e uma vontade férrea de vencer. Foram esses dois fatores que sustentaram o estado durante a guerra com Aníbal, depois de uma série de derrotas em batalha que teria forçado muitos outros países a sentar-se à mesa de negociações. A estrutura social de Roma foi uma força que impeliu a expansão da cidade. Como o sucesso militar era um fator importante no progresso político, os comandantes romanos tendiam a buscar confrontos militares ativamente.

Assim, Filipe V da Macedônia teve frustrados seus esforços para negociar com Quinto Flamínio, que chegou até a pedir a seus amigos em Roma que buscassem a paz caso seu comando contra Filipe não fosse renovado, mas que pressionassem para que a guerra continuasse, se fosse mantido no cargo. Depois, Mitrídates de Ponto encontrou o mesmo problema – os governadores romanos das províncias vizinhas buscavam ativamente provocar guerra com vistas a seus próprios objetivos políticos. Isso continuou até o fim da República, quando César guerreou contra Vercingetorix e Crasso invadiu a Pártia.

No entanto, mesmo nos primeiros anos do Império, ficou evidente uma mentalidade mais defensiva. Os imperadores eram menos ávidos para que seus generais obtivessem glórias em campos estrangeiros, e a expansão do Império tornou-se restrita aos momentos em que o imperador estava disponível para obter essa glória. Cláudio fez questão de estar presente quando os romanos se estabeleceram em Colchester, na Britânia, e Trajano liderou pessoalmente seus exércitos contra Decébalo. Quando a maré virou contra o Império no século III d.C., os imperadores romanos lutaram e morreram com seus homens. Valeriano

foi o único imperador a cair em mãos inimigas, quando foi capturado por Shapur I; mas Cláudio Gótico e Valens morreram em batalha.

Embora Roma fosse abertamente dependente dos soldados estrangeiros na época da queda do império ocidental, os soldados de outras nações haviam se integrado aos exércitos romanos quase a partir do início. Jugurta, Espártaco, Armínio, Vercingetorix e Alarico, todos lutaram no lado romano no início de suas carreiras. Crasso levou a cavalaria da Gália consigo para a Pártia, e a cavalaria germânica, recrutada por César, teve um papel vital na derrota de Vercingetorix. Outras unidades, como os arqueiros de Creta, os palestinos que lutavam com clavas e os catafratos palmiranos acrescentaram habilidades especializadas que as legiões não podiam prover.

No entanto, no final, o que levou à queda de Roma foi a perda dos fatores que levaram a cidade a se transformar em um Império. Com a população aparentemente em declínio, e seu povo despojado de sua cultura militar, Roma, no século V, estava pronta para ser conquistada.



1 Públio Cornélio Cipião assumiu o nome de Africano após derrotar Aníbal em Zama. Culto e admirador da cultura helênica, Cipião despertou suspeitas e inveja entre seus rivais, que acabaram por expulsá-lo de Roma para morrer no exílio. Cartago foi, mais tarde, arrasada por Cipião Emiliano, outro membro da mesma família.



2 Moeda com um elefante africano. O elefante representado aqui não é o elefante africano subsaariano, que é mais alto na espádua, mas uma espécie que viveu no sul do Mediterrâneo e que atualmente está extinta. Aníbal é mostrado no outro lado.



3 Um busto encontrado em Cápua e que se acredita ser de Aníbal. Os romanos pensavam que a característica principal de Aníbal era sua crueldade, o que pode explicar a expressão que o escultor escolheu para representá-lo.



4 Busto de Flamínio, *circa* 180 a.C. O autodenominado “libertador da Grécia” teve de lutar arduamente contra algumas cidades antes de elas estarem dispostas a serem libertadas, pois Filipe V havia sido um soberano relativamente benigno. A libertação dos gregos, realizada por Flamínio depois de ele derrotar Filipe, foi um gesto bastante popular mas, em última análise, vazio.



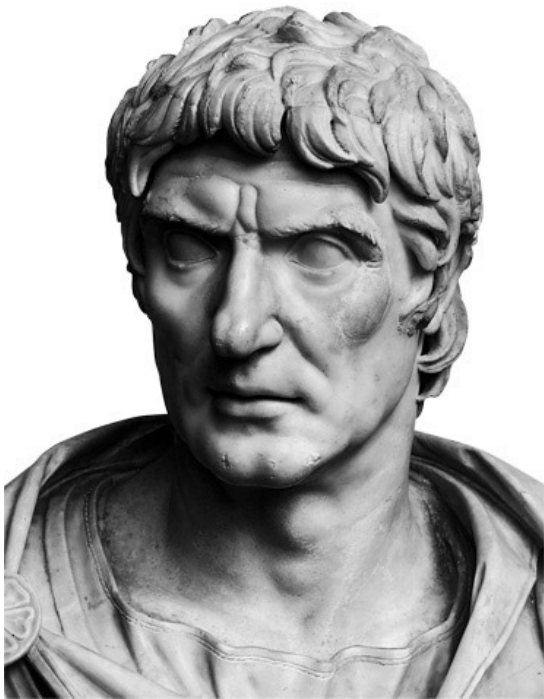
5 Tetradracma de prata de Filipe V, *circa* 190-180 a.C. Embora tivesse chegado ao poder ainda muito jovem, Filipe foi um governante competente e enérgico. Foi um dos primeiros monarcas orientais a perceber que o crescente poder de Roma poderia ameaçar seu reino.



6 O monumento de Pidna, erigido por Flamínio para celebrar sua vitória contra Filipe em Pidna, na Macedônia. Embora boa parte da escultura esteja muito desgastada, o cantão característico no escudo do cavaleiro auxiliar pode ser visto claramente, do mesmo modo como se vê o escudo *hóplon* do guerreiro caído.



7 *A Morte de Viriato*. Esse quadro encontra-se no Museu do Prado, na Espanha, e foi pintado pelo pintor neoclássico José de Madrazo (circa 1808/18). A luta de Viriato contra os romanos teve forte repercussão na época de Madrazo, quando seu povo travou uma guerra de guerrilha igualmente selvagem contra Napoleão.



8 Busto de mármore de Sula, o inimigo de Jugurta, o homem que primeiro liderou um exército romano contra Roma e que matou centenas de seus oponentes políticos em expurgos sangrentos. Sula tinha cabelos loiros e abundantes, mas sua pele ficava manchada com o sol, fazendo com que os atenienses o apelidassem de “amoras com farinha de milho”.





9, 11 Moeda e busto de Mitrídates VI, Eupator. Mitrídates foi tanto um monarca helênico quanto asiático. O reino de Ponto representou a fusão da cultura nativa e da cultura grega que ocorreu desde os primeiros colonos gregos na Ásia Menor, mais de 500 anos antes.



10 Cneu Pompeu elevou-se em meio ao caos da guerra civil nos anos 80 a.C. e derrotou Mitrídates, tornando-se o homem mais importante em Roma. Na época desta escultura (*circa* 50 a.C.), a idade e os excessos da boa vida haviam acabado com a famosa boa aparência de Pompeu. Sua aparência e suas conquistas

levaram-no a ser chamado de “o Alexandre romano”.



12 Embora o combate entre gladiadores como um evento de jogos funerários

viesses da civilização etrusca, ele não foi uma parte importante da vida romana até a República tardia, e os itens do equipamento especializado para gladiadores que Espártaco talvez tenha usado, como este elmo, eram raros até o século I d.C.



13 Detalhe do monumento funerário de Lucius Storax. Embora originários das camadas marginalizadas da sociedade romana, os grandes gladiadores, como Espártaco, eram tão celebrados como os astros do cinema de hoje. O glamour desse estilo de vida brutal era tanto que teve de ser aprovada uma lei proibindo que os jovens nobres lutassem na arena.



14 Estátua de Vercingetorix, em Alésia, França — o líder que estava em desvantagem em relação a César em quase todas as frentes, mas que mesmo assim chegou perto de expulsar César da Gália. Hoje, os franceses reverenciam Vercingetorix como o primeiro homem a unir seu país. Seu desafio ao poderio romano ainda é uma inspiração na França moderna.



15 *O gaulês agonizante*. Essa cópia romana de um original em bronze (atualmente nos Museus Capitolinos, Roma) na verdade representa um gaulês da Ásia Menor. A peça é especialmente evocativa, pois representa a morte não só de um indivíduo, mas de toda uma cultura que Vercingetorix lutou em vão para salvar.



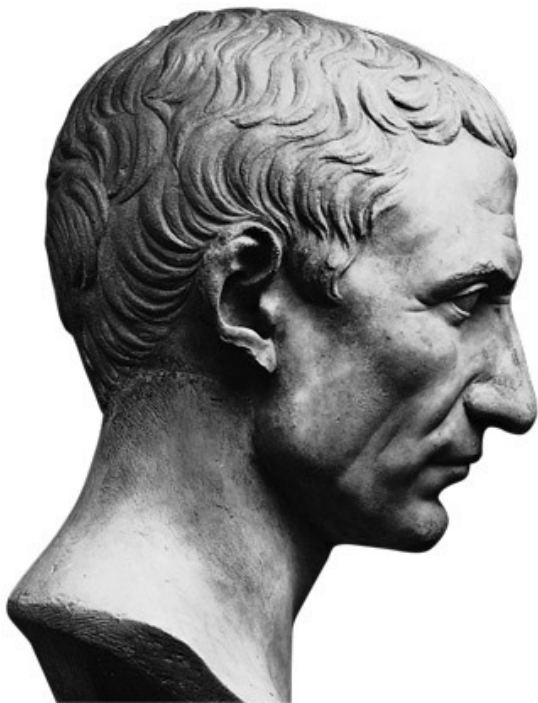
16 Um relevo de Cleópatra e de Cesário no templo de Hator em Dendera, Egito. Que uma macedônia pura e seu filho, meioromano, optassem por serem representados de um modo tão completamente egípcio indica os esforços que a dinastia ptolomaica fez para se identificar com a cultura e o povo do Egito.



17 Moeda de prata de Orodes II. Os reis partos tentaram se apresentar como monarcas helênicos para seus súditos gregos, e isso levou alguns historiadores a subestimar as ricas tradições nativas e a considerar a cultura parta como um reflexo fraco da grega.



18 Busto de Cleópatra, *circa* 50-30 a.C. Apesar dos mitos posteriores, Cleópatra não tinha uma beleza devastadora. Ela atraiu César e Marco Antônio pela pura força de sua personalidade e porque lhes deu acesso à riqueza do Egito.



19 Busto de Júlio César. Na verdade, por volta dos 40 anos, o cabelo de César

caiu, deixando-o com uma careca frontal e ele penteava o cabelo restante sobre a parte calva. No entanto, o escultor captou bem o charme e a energia do ditador.



20 Busto de Marco Antônio, *circa* 40-30 a.C. Apesar de dissoluto e um mau administrador, Marco Antônio era um bom soldado e foi um subordinado leal a César enquanto este viveu.



21 Arminio em seu cavalo atravessa as linhas romanas. Com o nome “reescrito em alemão” como Hermann, Arminio tornou-se um herói nacional para o povo alemão, que estava redescobrando seu senso de identidade nacional no século XIX. O quadro acima, *A Batalha de Hermann na Floresta de Teutoburgo* (*circa* 1846), de Wilhelm Lindenschmit, é um dos inúmeros exemplos da arte idealizadora da época.



22 Um busto, possivelmente do jovem Arminio, *circa* 16 a.C.-21 d.C. A identificação é duvidosa, pois os romanos dificilmente representavam os líderes inimigos em esculturas, e ainda mais raramente aqueles que os venceram na guerra. Porém, o homem determinado e visivelmente tenso pode muito bem se parecer com Arminio enquanto esteve a serviço de Roma.



23 Estela de um centurião romano, 49-50 d.C. Muitas lápides romanas em Colchester foram preservadas ao serem jogadas ao solo com o lado inscrito para baixo antes de serem corroídas pelo tempo. Observe a haste de videira do cargo na mão direita do centurião e os detalhes de sua carreira inscritos na pedra abaixo.



24 Boudica como os vitorianos a viam. Esta estátua de Thomas Thornycroft (erigida em 1902) na margem do Tâmesa, em Londres, mostra uma rainha guerreira de aparência nobre com as filhas, inexplicavelmente de seios à mostra, em carro implausível, com foices nas rodas.



25 Os despojos da guerra. Nesta cena do Arco de Tito, na entrada do fórum romano, vemos alguns dos objetos do saque de Jerusalém, tão vividamente relatado por Josefo, inclusive o clássico candelabro judaico.



26 Busto de Tito. O filho mais velho de Vespasiano, Tito, foi deixado para terminar a guerra na Judeia depois da partida do pai para se apoderar do poder supremo em Roma. Tito, mais tarde, teve um caso com a rainha judia Bernice que fez as línguas romanas se agitarem.



27 Provavelmente Decébalo, rei da Dácia, mostrado aqui na coluna de Trajano. Note o distinto elmo dos que estão próximos ao rei, o escudo dácio com a ornamentação típica.



28 O friso de Adamclisi, na Romênia (108-109 d.C.), é muito menos sofisticado do que a escultura da coluna de Trajano, mas, em muitos aspectos, mais realista. Aqui, o guerreiro dácio brande sua foice (*falx*) de batalha com as duas mãos, e a armadura extra no antebraço do legionário não é registrada em nenhuma outra campanha.



29 O teatro de Palmira, com o castelo ao fundo. Ao contrário de muitas cidades antigas no Oriente Médio, Palmira não teve uma cidade moderna construída sobre ela, e as ruínas atraem um fluxo de turistas atraídos pela lenda de Zenóbia.



30 Busto de uma mulher rica de Palmira. Tanto as feições quanto as roupas dessa mulher mostram que Palmira era tanto oriental quanto romana, mas o

olhar amplo e frontal dessa estátua é típico da escultura romana do final do século III.



31 Shapur I, representado como um poderoso caçador no interior desta tigela de prata. Shapur continuou o trabalho de seu pai para criar um império que durou vários séculos mais do que o Império Romano do Ocidente. Algumas características do reino de Shapur, especialmente na religião e arquitetura, ainda são influências poderosas no Oriente Médio atual.



32 Relevo da vitória de Shapur em Naqs-i Rustam. A figura com o manto ajoelhada diante do rei é o imperador Valeriano capturado, e a partir de sua pose é fácil entender a tradição de que Shapur tinha o hábito de usá-lo como uma escada humana para montar em seu cavalo.



33 O imperador Honório. Esse retrato de marfim é uma mistura de estilos tradicionais e contemporâneos. Suas vestes são as de um general tradicional, mas a bandeira tem uma mensagem cristã e ele usa uma tiara, que os imperadores anteriores não usavam.



34 Relevo em marfim de Estilício, c. 400 d.C., um dos últimos grandes generais de Roma. A influência das tribos germânicas pode ser vista nas armas de Estilício, seu longo manto e no fato de que ele parece estar usando calças sob sua túnica.



35 Selo de Alarico, c. 410 d.C. Apesar do entalhe grosseiro, o estilo é romano contemporâneo e a inscrição na lateral está em latim. Alarico não se considerava como um dos destruidores de Roma, apenas buscava encontrar um lugar no Império para si mesmo e para seu povo, ao mesmo tempo em que aproveitava todas as oportunidades de enriquecimento.



36 Neste detalhe do quadro *O Encontro de Átila com o Papa* (1514), de Rafael, Átila, o Huno está surpreso e maravilhado pela repreensão celestial para que cessasse sua tentativa de invasão de Roma. Na realidade, os homens de Átila tinham poucos suprimentos e foram afetados pela peste, e Átila procurava uma desculpa para fazer uma retirada da Itália com dignidade.

LEITURAS ADICIONAIS

- Abranson, E. 1979. *Roman Legionaries at the Time of Julius Caesar*. Londres: Macdonald Educational.
- Adcock, F. 1957. *The Greek and Macedonian Art of War*. Sather Classical Lectures, v. 30. Berkeley: University of California Press.
- Appian (trans. White H.) 1932. *Appian's Roman History Book 6, The Wars in Spain*, Capítulo 12. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts.
- Applebaum, S. 1989. Josephus and the Economic Causes of the Jewish War. Em Feldman, L. H. (ed.) *Josephus, the Bible and History*, pp. 237–64. Detroit: Wayne State University Press.
- Ashton, S. 2003. *The Last Queens of Egypt*. Londres: Longman.
- Baldwin, B. 1966/67. Two aspects of the Spartacus slave revolt. Em *Classical Journal* 62, p. 289ff.
- Barnett, G. 1994. *Zenobia, Empress of the East*. Wide Awake Press: Alhambra, CA.
- Bédoyère, G. de la. 2003. *Defying Rome*. Stroud: Tempus.
- Bertrand, A. C. 1997. Stumbling through Gaul: maps, intelligence and Caesar's *Bellum Gallicum*. Em: *Ancient History Bulletin* 11.4, pp. 107–22.
- Bishop, M. and Coulston, J. 1989. *Roman Military Equipment*. Princes Risborough: Shire Archaeology.
- Bohrmann, M. (trans. Lloyd, J.) 1994. *The Zealots and Yavne. Towards a Rereading of the 'War of the Jews'*. Nova York: Peter Lang Publishing Inc.
- Bradford, E. 1981. *Hannibal*. Londres: Macmillan.
- Bradley, K. 1989. *Slavery and Rebellion in the Roman World*. Bloomington: Indiana University Press.
- Brown, P. 1978. *The Making of Late Antiquity*. Harvard: Harvard University Press.
- Cameron, A. 1993. *The Later Roman Empire*. Londres: Harper Collins.
- 1993. *The Mediterranean World in Late Antiquity, AD 395–600*. Londres: Routledge.
- Connolly, P. 1998. Legion vs. Phalanx, *Military Illustrated* 124, pp. 36–41.
- Cook, S., Adcock, F. and Charlesworth, M. (eds) 1930. Rome and Macedon: Philip against the Romans. Em *The Cambridge Ancient History*, ed. I, II vols,

- Rome and the Mediterranean VIII, 218–133 BC, pp. 116–37. Nova York Macmillan.
- Creighton, J. and Wilson R. (eds) 1999. Roman Germany: Studies in Cultural Interaction. Em *Journal of Roman Archaeology Supplement* 32.
- De Beer, G. 1975. *Hannibal: Challenging Rome's Supremacy*. Nova York Viking.
- Delbrueck H. 1975. *Warfare in Antiquity*. Nebraska: University of Nebraska Press.
- Dudley, D. and Webster, G. 1962. *The Rebellion of Boudicca*. Nova York Barnes & Noble.
- Ehrhardt, C. 1969. What should one do about Dacia? Em *Classical World* 63 no.7, pp. 222–26.
- Ferrill A. 1986. *The Fall of the Roman Empire: The Military Explanation*. London & Nova York Thames & Hudson.
- Flamarion, E. 1993. *Cleopatra: The Life and Death of a Pharaoh*. Nova York Abrams.
- Foreman, L. 1999. *Cleopatra's Palace: In Search of a Legend*. Nova York Discovery Books.
- Furneaux, R. 1973. *The Roman Siege of Jerusalem*. Nova York Hart-Davis.
- Garnsey, P. and Humfress, C. 2001. *The Evolution of the Late Antique World*. Cambridge: Orchard Academic.
- Gibbon, E. 1985. *Decline and Fall of the Roman Empire*. Nebraska: Bison Books. (versão on-line: <http://ccat.sas.upenn.edu/jod/texts/gibbon.fall.html>.)
- Gilliver, K. 2002. *Caesar's Gallic Wars 58–50 BC*. Londres: Osprey.
- Goldsworthy, A. 2001. *The Punic Wars*. Londres: Cassell.
- 1996. *The Roman Army at War, 100 BC – AD 200* (Oxford Classical Monographs). Oxford: Clarendon Press.
- Goodblatt, D. 1987. Josephus on Parthian Babylonia. Em *Antiquities Vol. XVIII*, pp. 310–79.
- Grant, M. 1992. *Cleopatra*. Nova York Barnes & Noble.
- Green, P. 1993. *Alexander to Actium: The Historical Evolution of the Hellenistic Age*. Berkeley: University of California Press.
- Halsall, P. 2003. Mithridates and the Roman conquests in the East, 90–61 BCE. Em *Ancient History Sourcebook: Translated Selections from Appian and Plutarch with Introductory Material*. (e-book disponível em: <http://www.fordham.edu/Halsall/ancient/asbook.html>.)
- Jacobs, W. 1973. *Hannibal: An African Hero*. Nova York McGraw Hill.
- Jones, T. 1996. Jugurtha. Em *Colliers Encyclopedia*. Nova York MacMillan.
- King, A. 1990. *Roman Gaul and Germany*. Londres: British Museum Press.
- Livy (trans. Yardley, J. C.) 2000. *The Dawn of the Roman Empire, Books 31–40*. Nova York: Oxford University Press.
- MacKendrick, P. 1975. *The Dacian Stones Speak*. Chapel Hill: University of North

- Carolina Press.
- Maenchen-Helfen, O. 1973. The world of the Huns. Em *The Columbia Encyclopedia*, 6th ed. Columbia: Columbia University Press.
- Marshall, B. 1973. Crassus and the command against Spartacus. Em *Athenaeum* n.s. 51, p. 109ff.
- Masaoki, D. 1984. On the negotiations between the Roman state and the Spartacus army. Em *Klio* 66.1, p. 170ff
- McGing, B. 1986. Foreign policy of Mithridates VI Eupator, king of Pontus. Em *Mnemosyne Supplement* 89.
- Michalowski, K. 1970. *Palmyra*. Nova York Praeger.
- Millar, F. 1993. *The Roman Near East: 31 BC – AD 337*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Momigliano, A. (ed.) 1987. *On Pagans, Jews, and Christians*. Connecticut: Wesleyan University Press.
- Narain, A. 1957. *The Indo-Greeks*. Oxford: Oxford University Press.
- Peddie, J. 1997. *Hannibal's War*. Phoenix Mill: Sutton Publishing.
- Plutarch (trans. Dryden) 1962. *Life of Marius*. Londres: Everyman.
- Pomeroy, S. 1975. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*. Nova York Schocken.
- Powell, A. and Welch, K. (ed.) 1998. *Julius Caesar as Artful Reporter: The War Commentaries as Political Instruments*. Londres: Duckworth.
- Pribichevich, S. 1982. *Macedonia: Its People and History*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.
- Rice, E. 1999. *Cleopatra*. Gloucestershire: Sutton Publishing.
- Rossi, L. 1971. *Trajan's Column and the Dacian Wars*. Londres: Cornell University Press.
- Sallust (trans. Handford, S. A.) 1963. *The Jugurthine War / The Conspiracy of Catiline*. Londres: Penguin Classics.
- Salway, P. 2001. *A History of Roman Britain*. Oxford: Oxford University Press.
- Speidel, M. 1970. The captor of Decebalus. Em *Journal of Roman Studies* 60, pp. 142–53.
- Stark, F. 1966. *Rome on the Euphrates: The Story of a Frontier*. Londres: John Murray.
- Stoneman, R. 1992. *Palmyra and its Empire: Zenobia's Revolt Against Rome*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Syme, R. 1964. *Sallust*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press.
- Tacitus (trans. Mattingly, H.) 1971. *The Agricola and the Germania*. Londres: Penguin.
- Todd, M. 1987. *The Northern Barbarians, 100 BC – AD 300*. Oxford: Basil Blackwell.
- 1992. *The Early Germans*. Oxford: Blackwell.

- Trevino, R. and McBride, A. 1986. *Rome's Enemies: Spanish Armies 218–19 BC*. Londres: Osprey.
- Trow, M. 2003. *Boudicca: The Warrior Queen*. Stroud: Sutton Publishing.
- Vaughan, A. 1967. *Zenobia of Palmyra*. Nova York: Doubleday.
- Volkman, H. (trans. Cadoux, T.) 1958. *Cleopatra: A Study in Politics and Propaganda*. Londres: Elek Books.
- Warmington, B. 1964. *Carthage*. Londres: Hale.
- Watson, A. 1999. *Alaric, Aurelian and the Third Century*. Londres & Nova York: Routledge.
- Webster, G. 1978. *Boudicca: The British Revolt Against Rome AD 60*, 2nd ed. Londres: Batsford.
- Whittaker, C. 1994. *Frontiers of the Roman Empire*. Baltimore: The John Hopkins University Press.
- Wiesehöfer, J. (ed.) (trans. Azodi, A.) 1996. *Ancient Persia: From 550 BC to AD 650*. Londres: I. B. Tauris.
- Wilcox, P. 1982. *Rome's Enemies: Germans and Dacians*. Londres: Osprey.
- Wilcox, P. and McBride, A. 1986. *Rome's Enemies: Parthians and Sassanians*. Londres: Osprey.
- Wyke, M. 1997. *Projecting the Past: Ancient Rome, Cinema, and History*. Nova York & Londres: Routledge.
- Yarshater E. (ed.) 1983. *Cambridge History of Iran: The Seleucid, Parthian and Sasanian Periods 4, part 1*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zeev, S. 1994. *The Economy of Roman Palestine*. Londres: Routledge.

FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

Desenhos

Dominic Andrews 25; Cartographica Ltd. 3; Peter Inker 22; mapa principal Martin Lubikowski, 1, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 17, 23, 24, 27, 29, 30, 32; Ben Plumridge 12, 18, 19, 20, 26, 28, 31; Schelay Richardson 33, 34; Drazen Tomic 14; Claire Venables 2, 8, 16, 21.

Cadernos de imagens

Frontispício Bryna/Universal (Cortesia Kobal). **1** Châteaux de Versailles et de Trianon, Versailles. **2** British Museum, Londres. **3** Museo Nazionale, Nápoles. **4** Delphi Museum. Foto Ecole Française d'Archéologie, Atenas. **5** Foto Hirmer. **6** Delphi Museum. Foto Ecole Française d'Archéologie, Atenas. **7** Prado, Madri. Foto Scala. **8** Staatliche Antikensammlungen, Munique. **9** Cabinet des Médailles, Bibliothèque Nationale, Paris. **10** Ny Carlsberg Glyptotek, Copenhagen. **11** Louvre, Paris. **12** British Museum, Londres. **13** Museo Archeologico Nazionale, Chieti. Foto Giovanni Lattanzi. **14** Foto Ancient Art & Architecture Collection. **15** Foto Roger Wilson. **16** Foto Heidi Grassley, © Thames & Hudson Ltd., Londres. **17** British Museum, Londres. **18** Staatliche Museen, Berlim. **19** Museus do Vaticano, Roma. Foto DAI, Roma. **20** Kingston Lacy, The Bankes Collection, Dorset. **21** Staatliche Kunsthalle, Karlsruhe. **22** Museus Capitolinos, Roma. Foto akg-images, Londres. **23** Colchester and Essex Museum, Colchester Castle, Essex. **24** Thames Embankment, Londres. Foto National Monuments Record. **25** Foto Giovanni Lattanzi. **26** Museus Capitolinos, Roma. Foto Alinari. **27** Foto Professor F. B. Florescu. **28** Foto DAI, Roma. **29** Foto A. F. Kersting. **30** Ny Carlsberg Glyptotek, Copenhagen. **31** British Museum, Londres. **32** Foto Roger Wood. **33** Aosta Cathedral. Foto Alinari. **34** Cathedral Treasury Monza. Foto Hirmer. **35** Kunsthistorisches Museum, Viena. **36** Stanza di Eliodoro, Museus do Vaticano, Roma.

FONTES DAS CITAÇÕES

Todas as citações são traduções feitas pelo autor, exceto:

pp. 216, 219, 222 Trechos retirados de Shapur, *Feitos do Deus-Imperador Shapur*, inscrito em Naqs-i Rostam, retirado de Fergus Millar, *The Roman Near East* (Harvard).

p. 278 Trecho retirado de Próspero de Aquitânia, *Crônica Gaulesa* An.452, retirado do website Fordham.edu.

ÍNDICE REMISSIVO

Os numerais em *itálico* referem-se aos números das figuras no texto. Os numerais em **negrito** referem-se aos números das ilustrações nos cadernos de imagens.

A morte de Viriato 7

Áccio, batalha de 131-2, 136

Adamclisi 28

Aderbal 58, 60, 61

Adgandéstrio 156

Adolfo 228

adramitinos 77-8

Adriano 138-9, 187-8, 208, 216

Adrianópolis, batalha de 192-4, 218-9, 235

Aécio 233-4, 235, 236

aeduis 98, 99, 101, 103, 104, 105, 107

África 20, 22, 26, 38, 39, 58, 61, 62, 68, 108, 125, 193-4, 226, 227; província romana da 60

agari, tribo 76-77

agri deserti 240

Agripa 131-2

Ahahita 195-6

Ahura Mazda 75, 202, 203, 204

alanos 193, 234, 235, 236, 242

Alarico 193, 217-28, 236-7; moeda de 35

Alateo 217-8

Albino (governador) 170-1

Albino, Aulo 62

Albino, Póstumio 62

Alésia 106, 107

Alexandre Hélio 127-8, 130

Alexandre, o Grande 14, 21, 41-2, 43, 72, 73, 108, 109, 117-8, 191, 195, 196, 197

Alexandria 9, 120, 122, 123, 175; Grande Biblioteca de 121-2

Allier, rio [104](#)
alóbrogos [27-28](#), [105](#)
Alpes [26-7](#), [28](#), [61](#), [91](#), [92-4](#), [98-9](#), [147-8](#), [219-20](#), [223-4](#)
Altinum [235](#)
Amals [218-9](#)
Amaseia [75](#)
Amasra [75](#)
Ambiorix [100-101](#)
Amílcar Barca [22](#), [23](#)
Amon-Ra [123-4](#)
Andaluzia [17](#)
Andraste [157-8](#), [162](#)
Anglesey [155-6](#)
Ânglia Oriental [138](#), [155](#), [164](#)
angrivarianos [152-3](#)
Aníbal, relação com Massinissa [59](#); ataque a Rodes [39](#); morte de [40](#); efeito sobre Roma [89](#); derrota de [10](#), [11](#), [17](#); família [23](#), [24](#); rivalidade com Roma [20-40](#), [241](#); invasão da Itália [26](#), [27-36](#); invasão de Roma [10](#), [17](#); significado do nome [26](#); personalidade [24-25](#); relações com Filipe V da Macedônia [44](#), [45](#); invasão de Saguntum [25](#); transporte dos elefantes [26-7](#); [2](#), [3](#)
Antíoco III [39](#), [45-6](#), [48](#), [49](#), [71-2](#), [209](#), [215](#)
Antióquia [114](#), [192](#), [199](#), [200](#), [209-10](#), [211-2](#)
Antiquities [176-7](#)
Antonio, Marco [114](#), [115-6](#), [118-20](#), [125](#), [126](#), [127-8](#), [129](#), [130](#), [134](#), [206](#); [20](#)
Anúbis [123-4](#)
Apamea [211-2](#)
Apeles [42-7](#)
Apeninos [30-1](#)
Apiano [50-1](#), [53](#), [74](#), [78-9](#), [83](#), [87](#), [89](#), [91-2](#), [118](#), [186](#)
Apis [123-4](#)
Apolodoro de Damasco [121-2](#), [185](#)
Apúlia [33](#), [34](#), [91](#)
aqueanos [42-3](#), [45](#)
Aquiles [221-2](#)
Aquileu [215](#)
Aquílio, Mânio [77-8](#)
Arábia [206-7](#), [209](#)
Arato [43-4](#)
Arbogasto [219-20](#)
Arcádia [222-3](#)
Arcádio [220](#), [222](#), [223](#), [226](#)

Arcathias 78-9
Arco de Tito 25
Ardashir 195, 196, 197, 198, 204
Aretusa 211-2
Argos 42-3, 46, 220-1
Ariarate V 76-7
Ariarate VI 76-7
Ariarate VII 76-7
Ariobarzanes 74, 78, 79, 80, 82
aristocracia 10, 13, 19, 68
Ariston 78-9
armadura 12, 52, 160-1, 183, 204, 211-2
Armaea 206
Armênia 82, 83, 111-3, 195-6
Armênia Menor 76-7
armênios 111-3, 129
Armínio 137, 140-51, 241, 242
Arno, rio 31-2
arqueiros 129-30, 183, 204, 205, 213, 239-9, 241-2
Arquelau 78, 79, 111-3
arquitetura 19, 26
Arrio, Quinto 91
Arsaces 108-9
Arsinoe 121-2, 123, 127-8, 131-2
Arsu 206-7
Artabanus V 195, 196
Artaxerxes 197-8
Ártemis 186
Artemísia 209
arvernos 98, 100-101, 102, 104
Asdrúbal (irmão de Aníbal) 27, 37
Asdrúbal (pai) 23, 25
Ásia 197, 217-8, 229
Ásia Menor 9, 11, 39, 44-5, 70, 74, 77, 79, 108, 114-6, 118-20, 126, 191, 192
Assíria 166-7, 198, 209
Átalo, Prisco 226
Atenas 45, 79, 237, 222
Athanius 220
Átila, o Huno 11, 111, 193-4, 229-38, 241; 36
auctoritas 136
Audax 56
Augusto 115-6, 136, 137, 142-3, 145-6, 147-8, 180, 181

Aureliano [192](#), [210](#), [211](#), [212](#), [213](#), [214](#), [215](#), [216](#)
Auréolo [209-10](#), [214](#)
auxiliares [87](#), [144-5](#), [184](#)
Avaricum [102-11](#)
Avieno [235-6](#)
Azizu [206-7](#)

Baal Hammon [26](#)
Babilônia [166-7](#)
Babilônia [197-8](#)
Balbino [196-7](#)
Bálcãs [192](#), [210-1](#), [212](#)
Balkh [195-6](#)
Baltingos [218-9](#), [226](#)
bandidos [63](#), [88-89](#), [137-8](#)
bandidos sírios [212-3](#)
Barbalissos [199](#)
bárbaras, incursões [11](#)
bárbaros [41](#), [42-3](#), [45](#), [46](#), [48](#), [61](#), [75-6](#), [97](#), [178-9](#)
Bárcida, família [16](#), [22](#), [26](#), [37](#)
Basso, Q. Cecílio [114](#)
bastarnas [180-1](#), [186](#)
batavos [142-2](#)
Batiatus, Lentulus [85](#), [87](#), [88](#)
Bébio [47-8](#)
Bendis [186](#)
Beócia [78-9](#)
Béstia, L. Calpúrnio [61](#)
Beth-Horon [172](#), [175](#)
Bitínia [77](#), [78](#)
bituriges [102](#), [103](#), [138-8](#), [178](#)
Bizâncio [199-200](#), [240](#)
Bleda [230-1](#)
Bocchus [65](#), [66](#)
boios [101-2](#), [104](#), [180-1](#)
Bomílcar [63-4](#)
Bostra [209-10](#)
Boudica [137](#), [154-65](#), [241](#); [24](#)
Britânia [99-101](#), [137-8](#)
britânicos [102](#), [137-8](#), [154-65](#)

Brundísio [94](#)
Brútio [91](#)
Brutus [114](#), [115-6](#)
Buda [203](#)
Budapeste [232-3](#)
budismo [203](#)
Burebista [180-1](#), [182](#)
burgúndios [231-2](#)
Busento, rio [228](#)

Caio [137-8](#)
Calábria [227-8](#)
Cales [33-4](#)
Calígula [137](#), [154](#), [168](#), [170](#), [190](#)
Campânia [33-4](#)
Canas [17](#); batalha de [33-37](#), [38](#), [43-4](#), [91-2](#), [218](#); *4*
canibalismo [81](#), [225](#)
Canídio [127-8](#), [130](#), [131-2](#)
Canuctator [33](#)
canúii [78-9](#)
Capadócia [75](#), [76](#), [80](#), [82](#), [199-200](#), [209](#)
capite censi [12](#), [68](#), [70](#)
Capri [137-8](#)
Cápua [34](#), [36](#), [38](#), [85](#), [87-8](#)
Caransebes [182-3](#)
Carataco [154-5](#)
Carbo, Papírio [61](#)
carnutos [100-101](#)
Carpetânia [52-3](#)
carpetanos [25](#)
Carras [112](#), [113](#), [114](#), [208](#)
carros [97](#), [160-1](#), [216](#)
Cartago [10](#), [16-18](#), [20-40](#), [125](#), [230](#), [240](#), [241](#)
Casilino [34](#)
Cássio, C. [92](#)
Castus [94](#)
Catilina [71-2](#)
Cato [70-1](#)
Cato, o Censor [17](#)
catos [142-2](#), [153](#)
Catulo, C. Lutácio [22](#)

Catulo, Lutácio 147-8
caúcos 142-3, 145-6, 151-2
cavalaria com armas pesadas 204, 205
cavalaria numídia 2
cavalaria, armênia 129-30; britânica 160; cartaginesa 31-5; dácia 183; dalmácia 211-2; gaulesa 34, 35, 97, 103, 104, 105; germânica 102, 106, 241-2; goda 221-2; hunas 230; lusitana 52; numídia 63; 2; palmyrena 212-3; parta 108-9, 112, 125; persa 204-5; pesada 204, 221-2; 29; pônica 81-2; romana 33, 34, 38, 39, 65, 78-9, 112-4, 144, 150, 156, 204, 222; sarmaciana 183; espanhola 34; visigoda 234
cavalos numídios 28, 34
celtas, 10, 97, 140-1, 160-1, 178
celtíberos 18, 52, 53
célticos 50
Celtillus 99, 101
Cenabum 101, 102
Cépio, Servílio 54, 55, 56
César, Júlio 70, 71-2, 73, 82, 98, 99, 100-101, 102-4, 105, 110-1, 111, 112-3, 114, 115-6, 117, 120-5, 136, 140-1, 180, 242; 19
Cesareia 175
Cesário (Ptolomeu César) 124, 125, 130, 131-2; 16
Chalons, batalha de 234, 235, 236, 237
China 108, 112-3, 193-4, 201, 202, 207, 229
chineses 201, 229, 276
Chipre 118-20
Cícero, Marco 71-2, 82-4, 124-5
cidadania 69
Cílicia 80, 81, 129-30, 209
cilícios 93
címbricos 66
cimbros 69, 147-8
Cinoscéfalos 46-7
Cipião, o Jovem (Africano) 17, 37, 38, 39, 48-49
Cipião, o Velho 27-30
Cirene 130
Cirta 60, 61
citas 75-6, 77, 81, 108, 199-200, 222, 232
Cius 74
Cízico 81, 93
clã liciano 70
Classicianus, Julius 164

Clastidium 29
Claudiano 223-4
claudianos 12
Cláudio 152-3, 242
Cleópatra Selene 127-8, 130
Cleópatra Trifena 118
Cleópatra VII do Egito 72-3, 115-6, 117-32, 209, 210, 214; 18, 19, 16, 18
cloaca maxima 10
Clódio 70-1
Clunn, Major Tony 146
Codex Argetiteus 217-8
Código de Teodósio 232-3
Colchester 137-8, 156, 158-9, 164, 241-2
colinas de Wiehengebirge 146
coluna de Trajano 139-40, 178-9, 186, 187
comati 184
comércio 10, 26, 41, 101, 108, 144, 202, 207, 232
Cômodo 190, 191
Concórdia 235
Constantino 192-3
Constantinopla 193, 220, 237, 224, 231, 237, 239
Contra Apionem 177
Cora 89-90
Corinto 42-3, 220-1
cornucópia 129-30
corrector totius orientis 209
corrupção 19, 63, 64, 68, 219-20, 240
Cosenza 228
Cotiso 180-1
Crasso, Marco 137, 181
Crasso, Marco Licínio (triumvirato) 70, 71, 72, 73, 92-4, 110-4, 241-2
cretenses 242
cristandade 192-3, 203, 218, 224, 232-3, 234, 239, 240
cristãos 233-4
Crixo 87-88, 91, 92
Crônica de Tabari 195-6, 211
crucificação 94, 95
Ctesifonte 111, 195, 196, 202
cultura La Tene 97
cultura, greco-romana 10; grega 17, 110, 178; La Tène 97; mediterrânea 10, 11;
parta 109-10; persa 9; romana 10, 11, 18

Dácia [178-88](#), [217](#)
dácia, moeda [28](#)
Dácico *ver* Trajano
dácios [138](#)
Dafne [211-2](#)
Dalmácia [178](#)
Damasco [206](#)
Danúbio, rio [41](#), [178](#), [181](#), [183](#), [184](#), [185](#), [193](#), [212](#), [217-8](#), [219](#), [227](#), [230-1](#), [232](#),
[235-6](#)
dardanianos [45-6](#)
dardanos [180-1](#)
Dárdanos [79-80](#)
Dário [74](#), [191](#)
Dasteira [82-3](#)
Decébalos [138-9](#), [178-188](#), [160-1](#); [27](#)
Deciano, Cato [157](#), [158](#), [159](#), [164](#)
Décio [197-8](#)
Demétrio (filho de Filipe V da Macedônia) [48-9](#)
Demétrio [108](#)
Demétrio de Faros [43](#)
Demétrio II da Macedônia [41](#), [42-3](#)
deserções [11](#), [27](#), [28](#), [164](#)
despojos [114-5](#)
despovoamento [240](#), [241-2](#)
deuses: dos cartagineses [26](#); dácios [186](#); egípcios [123-4](#); romanos [19](#); *ver também*
divindades
Dido [20-21](#)
Diegis [182-3](#)
dinastia arcáside [109-10](#)
dinastia de Kanishka [197-8](#)
Diocleciano [193](#), [215](#), [218](#)
Diodoro [27](#), [52-3](#)
Diofanto [69-70](#)
Ditalco [52](#)
divindades [69](#), [186-7](#); *ver também* deuses
divindades ctônicas [184](#)
dizimação [93](#)
Dneister [170-1](#)
Dolabella [112-4](#)
Domiciano [125](#), [126](#), [171](#), [172-3](#)
Domício Ahenobarbo [13](#), [115-6](#)

Donar [133](#), [134](#)
Doston, Antígono [40](#), [41](#)
Douras [171](#)
Douro, rio [46-7](#)
druidas [138-9](#), [145-6](#)
druidismo [91-2](#), [127-8](#)
Druso [129-30](#), [135](#)
Druso, Lívio [63-4](#)
dux Romanorum [188](#)

Ebro [26-7](#)
Ebro, tratado de [23](#)
eburones [91-2](#)
Ecbatana [106](#)
egípcios [9](#), [108-20](#)
Egito [9](#), [38](#), [39](#), [66-7](#), [106](#), [108-20](#), [124](#), [151](#), [190](#), [190-1](#), [193](#), [194](#), [195](#)
Eleazar bin Jair [153](#)
elefantes [26-7](#), [29-30](#), [36](#), [49](#), [185](#)
Emesa [199](#), [211-2](#), [213](#), [214](#)
Emiliano, Cipião [59](#), [61](#), [64-5](#)
Emiliano, Emílio [199](#)
Emiliano, Quinto Fábio [52](#), [53](#)
Eneias [20](#)
Enomau [87](#), [91](#)
Épiro [223-4](#), [225](#)
Eporedorix [105](#)
Erisone [53](#)
Eros [215](#), [216](#)
Eryx [22](#)
escravos [12](#), [17](#), [78-9](#), [87](#), [89-90](#), [93](#), [94](#), [95](#), [164](#), [202](#); ver *também* Guerra Social de Espártaco [43](#), [69](#)
Escrofa, Cneu Tremélio [94](#)
escudos [52](#), [142](#), [183](#), [222-3](#)
espada de folha larga [98](#)
Espada de Marte [232-3](#)
espadas [52](#), [86](#), [98](#), [142](#), [143](#), [160-1](#), [183](#), [221-2](#), [232-3](#)
Espanha [16](#), [17](#), [18](#), [23](#), [26](#), [27](#), [28](#), [34](#), [35](#), [37](#), [38](#), [53](#), [59](#), [60](#), [64-5](#), [69](#), [70](#), [80](#), [94](#), [108](#), [217](#)
espanhóis [34](#), [35](#), [68](#)
Esparta [220-1](#)
Espártaco [70-1](#), [85-7](#), [87-96](#), [137](#), [242](#)

espartanos 42-3, 46-7
Ésquilo 108
essênios 167-8
Estakhr 195, 196
Estilício 193-4, 219, 220-1, 222, 223, 224, 225, 231, 232; 34
estóico 167-8
estribos 221-2
etolianos 43, 45, 46, 48, 49
Etrúria 12, 30-1, 32, 33
etruscos 10, 85; apoio para Tarquínio, o Soberbo 13
Etsel 232-3
Etselenburgh 232-3
Eubeia 78-9
Eufrates, rio 108, 110, 138-9, 195, 197-8, 199
Eugênio 219-20
Eugênio, Batista 227
Eutrópio 223, 224
exército, como “cidadania armada” 13

Fábio Máximo 25, 54
falange 46-7; 6
falcata 52
falx 183
fariseus 167-8
Farnaces 83, 84
Farsalos 46-7, 72-3, 114, 120-1
fenícios 10
Filipe II da Macedônia 41-2, 117
Filipe V da Macedônia 17, 18, 41-49, 242; 5; personalidade 42-44, 45, 47-9; morte de 49
Filipe, o Árabe 197-8
Fímbria 78, 79, 80
fimbrianos 81, 82
Flamínio, Caio 32, 33
Flamínio, Quinto 44-6, 47, 48, 49, 242; 4
Flavus 143-4, 150, 152, 153
flechas partas 111-3
Floresta de Teutoburgo 146, 147-8
Florus 87, 91, 93, 95
foederati 193, 218-9, 225

fome 10, 169-70, 193-4, 217-8, 225, 236-37

framea 142

França 10, 217

francos 11, 233, 234

Frates III 109-10

Frates IV 115-6

Frígia 75-6

Frígido, rio 219-20

Fritigerno 217-8, 219

Frontino 54, 91

Fúlvia 125, 126, 127-8

Fusco, Cornélio 181, 182, 184

Gabínio 109-10, 111

Gades 23

Galba, Sérvio Sulpício 50-2

Gália 71-2, 97-16, 114, 137, 152-3, 154, 156, 159, 160, 193-4, 206, 233, 235, 236

Galiano, Licínio 192, 199-200, 208, 209, 210, 214, 215

Galileia 137-8, 167-8, 172

Gallia Comata 98

Galo, Treboniano 199

Galos, Céstio 172

gauleses 14, 31, 32, 33, 34, 35, 87, 91, 94, 140-1, 161, 216, 228, 241

Gaza 210-1

Gêmino, Servílio 33

gépidas 233, 234

Gergóvia 101, 104, 106

Germânico 137, 148-9, 150, 151-2, 153

germânicos 98, 99, 103, 104, 137, 140-51, 181, 190, 191, 193, 196, 198, 233, 234, 241

Gessio Floro 170-1

getae 178

Gev 109

Gibbon, Edward 202, 240

Glaber 89, 94

gladiadores 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95; 12

gladius 86

Gobannitio 101

godo (idioma) 217-8

godos 11, 193, 198, 199, 206, 209, 210, 217-28, 240

Golfo de Corinto 222

Gordiano II [196-7](#)
Gordiano III [196-7](#), [198](#)
Górdio [76-7](#), [80](#)
Gorgobina [101-2](#)
Gótico, Cláudio [209-10](#), [211](#), [215](#), [238](#)
Gotland [217-8](#)
Graco, Tibério [18](#)
Grande Muralha da China [230](#)
Granicus [94](#)
Grécia [41](#), [78-9](#), [94](#), [108](#), [220-4](#); cidades [14](#), [17](#), [36](#), [41](#), [77](#), [78](#), [220](#); colônias [180](#); cultura [17](#), [109-10](#), [178](#); derrota dos republicanos na [72-3](#); hunos na [231](#); influência sobre Roma [11](#); Filipe V, rendição de [47](#); vitória sobre a Pérsia [108](#); saque visigodo na [220](#), [222](#)
gregos, alfabeto [10](#); atitudes diante dos macedônios [42](#); cultura [17](#), [109-10](#), [178](#); no Egito [122-3](#), [124](#); influência sobre Roma [11](#); na Sicília [10](#); tratamento parto aos [109-10](#)
Guadalquivir, rio [53](#)
Guadiana, rio [50](#)
Guerra da Numídia [65-6](#)
guerra de guerrilha [138-9](#)
Guerra Judaica [177](#)
Guerra Mitridática [77-8](#)
Guerra Numantina [53](#)
Guerras da Gália [71-2](#)
Guerras Púnicas [10](#), [19](#), [24](#), [26](#), [41](#), [98](#)
guerreiro gaulês [14](#)
guerreiro germânico [21](#)
guerreiro lusitano [8](#)
guerreiro parto [16](#)

Halicarnasso [209](#)
hamspah [110-2](#)
Hanão [26](#)
heftalitas [230-1](#)
helenização [26-7](#)
helvécios [99](#)
Hércules [42](#)
Herodes, o Grande [129](#), [167-8](#)
Herodes, Sétimo [209](#)
Herodiano [209](#)
Híbrida, Antonio [181](#)

Hiempsal [60](#)
Hircânia [114-6](#), [195-6](#)
Histria [180-1](#)
Homero [221-2](#)
honestiores [175](#)
Honória [219](#), [220](#), [224](#), [225](#), [226](#), [227](#), [228](#), [232](#), [233](#), [235](#), [236](#); [33](#)
Horacianos [13](#)
Horácio [85](#), [180-1](#)
Hormazd [204-5](#)
Horus [123-4](#)
Hsiung-Nu [229](#); *ver também* hunos
Hungria [230](#), [231](#), [237](#), [238](#)
hunos [193](#), [218](#), [229-38](#), [241](#); [34](#)
hunos brancos [230-1](#)

Ibéria [50](#), [56](#)
ibéricos [18](#)
icenos [137](#), [157](#), [158](#), [164](#)
Idácio [235](#)
Idade Média [9](#), [11](#)
Idastavisus [151-2](#)
Ildico [236-7](#), [238](#)
Ilhas Égadi [22](#)
Ilíria [41](#), [43-4](#), [214](#)
Ilírico [222-3](#)
ilírios [44-5](#)
Immae [211-2](#)
Imortais, Os [204](#)
imperadores [208](#)
imperadores ilírios [211-2](#)
Império Aquemênida [191](#), [198](#)
Império Bizantino [194](#)
Império da Gália [214](#)
Império dos Kushanas [196](#), [197](#)
Império Parto [72-3](#), [109](#), [197](#)
Império Persa [42](#), [109](#), [109-10](#), [197](#)
Império Selêucida [9](#)
impostos [137](#), [159](#), [177](#), [191](#), [208](#), [225](#), [240](#)
Índia [108](#), [202](#)
Indo, rio [14](#)

infantaria leve judaica 25
infantaria líbia 34-5
inflação 191
Inguiomer 148-9, 150, 151
Irã, arte do 109-10
Irã, literatura do 109-10
Irmun 143-4
Islândia 232-3
Itália 10, 12, 26-36, 37, 62, 69, 70, 71, 83, 85, 91, 93, 137, 147-8, 194, 224, 235, 237, 240
Itálico 153
iwan 202

Jericó 129-30, 167-8
Jerusalém 114, 167, 172, 175, 176, 177; templo 167, 177
João de Gischala 172
Josefo, Flávio 153, 166-74, 175-7, 241
Joseph ben Matthias, ver Josefo, Flávio
Jotapata 173-4, 241
Judaea capta, moeda 26
Judeia 114-6, 129, 137, 138, 167, 175
judeus 109-10-20, 123, 144-5, 166-74, 175-7
Jugurta 19, 58-66, 107, 109, 241, 242
Justino 108

Kalkriese 146
Karin 109-10
Kart Hadasht 20, ver também Cartago
Karun, rio 200-1
Kaviani 204
Khosrau I 195-6
kontos 221-2

Labieno, Tito 102, 104, 114
Lácio 21
Lade, batalha de 45-6
lago Lucânio 94
Lago Trasimeno 32
lanças 111-3, 221-2

lanças 38-9, 221-2, 234
langobardos 152-3
Laódice 76-7
Larissa 211-2
latifundia 89-90
latim 9, 64-5, 71-2
Lêntulo 91-2
Lépido 125
Líbano 19
líbios 33, 34, 35
Liviano, Cláudio 184
Lívio 24, 36, 38, 44-5, 47-8
Lombardia 28, 235
Londres 137, 159, 160, 164, 165
Longino, Cássio 112-3, 114, 115-6, 185, 209, 214
Lucânia 91
Lúculo 79-80, 81, 82, 94
Lupicínio 217-8
Lusitânia 50, 53
lusitanos 17, 50-7, 241
lusitanos 50

Mácares 80
Macedônia 8, 17, 18, 41, 42, 43, 44, 45, 108, 166-7, 217-8, 219
macedônios 16, 47-8
machado [atirado] 142-3
machados de batalha 222-3
Macrino 195
magi 109-10, 203
magna mater 186
Magnésia, batalha de 39, 71-2
Mago 27, 30-1, 37
Maharbal 33, 34, 35, 36
mamertinos 21
Mani 203
maniqueísmo 203
Mar Adriático 180-1
Mar Báltico 217-8
Mar Cáspio 108, 230-1
Mar Egeu 78-9
Mar Negro 75, 76, 79, 80, 82-3, 84, 180-1, 183, 192, 204-5

Marcelino, Amiano [202](#), [204](#), [204](#), [233](#), [234](#)
Marciano [193](#), [233](#), [236](#)
Marco Aurélio [190](#), [191](#)
marcomanos [142](#), [145-6](#), [147-8](#)
Margus [231-2](#)
Mário, Caio [64](#), [66](#), [68](#), [70](#), [147-8](#)
Marobóduo [142](#), [145-6](#), [147-8](#), [152](#)
Maronea [48-9](#)
Marselha [10](#)
marsos [152-3](#)
Marte [12](#)
Masada: fortaleza de [167-8](#); cerco de [138-9](#), [177](#)
Massinissa [38-9](#), [59](#), [62](#), [65-6](#)
Massiva [62](#), [63-4](#)
Mastanabal [59](#)
mauritânios [64-5](#)
Máximo (comandante) [217-8](#)
Máximo (imperador) [196-7](#)
Máximo, Tibério Cláudio [187](#)
Mênfis [122-3](#)
Meno, rio [142](#)
Meonio [209](#)
mercenários [22](#), [82](#), [104](#), [142-3](#), [218-9](#)
Mercúrio [20-21](#)
Mésia [138-9](#), [178](#), [181](#), [182](#), [184](#), [185](#)
Mesopotâmia [196-7](#), [198](#), [209](#)
Messana [21](#), [22](#)
Metauro [37](#)
Metelo, Quinto Cecílio [64](#), [65](#)
Micipsa da Numidia [53](#), [58](#), [59](#), [60](#)
Milão [98](#), [224-5](#), [235](#)
Mincius, rio [235-6](#)
Minden [151-2](#)
Minerva [220-1](#)
Minurus [56](#)
Misiche [199](#)
Mitras [74](#)
Mitrídates (o Grande) [70](#), [71](#), [74-84](#), [93](#), [241](#), [242](#)
Mitrídates Euergetes [75](#)
Mitrídates Filopater [79-80](#)
Mitrídates I [108](#)

Mitridates II [109-10](#)
Mitridates III [109-10](#)
moeda, estabilização [191](#), [193](#)
Monte de Vênus [52-3](#)
Monte Gárgano [91](#)
Montes Orastie [181-2](#)
Montes Tauro [209](#)
Mumio, em Mundzuk [237-8](#)
Murena [79-80](#)
Muthul [63](#)
Mutina [92](#)

Nabis de Esparta [46-7](#), [48](#)
Nápoles [10](#)
Naqs-i Rostam [200-1](#)
Neoptolomeu [75-6](#)
Nero [137-8](#), [138](#), [156](#), [157](#), [164](#), [167](#), [168](#), [177](#), [175](#), [190](#)
Nerva [138-9](#), [182](#)
Nicephorium [110-1](#)
Nicomedes [76-7](#), [78](#)
Nike [110-1](#)
Nilo, rio [122-3](#)
Nisbis [208](#)
Nola [89-90](#)
Norfolk [157](#)
Nórico [224-5](#)
Noruega [232-3](#)
Nova Cartago [27](#), [28](#)
Nuceria [89-90](#)
Numância [53](#)
Numídia [59-66](#)
Numídio, Metelo [68](#)
numídios [38-9](#), [59-66](#)

O gaulês agonizante, escultura [15](#)
Odenato, Sétimo [192](#), [201](#), [203](#), [208](#), [209](#), [215](#)
Odessa [180-1](#)
Odessa [199](#), [200](#)
Odoacer [239](#)
Ofanto, rio [34](#)

Ópio Sabino [181](#)
optimates [69](#)
Orestes [239](#)
Orleans [234](#)
Orodes II [72-3](#), [108-16](#); [17](#)
Oroles [180-1](#)
Osaces [114](#)
Osíris [123-4](#)
Osnabruck [146](#)
Ostório Escápula [154-5](#)
ostrogodos [217](#), [229](#), [230](#), [233](#)
Otávia [127-8](#), [130](#)
Otaviano [125](#), [126](#), [127-8](#), [129](#), [130](#), [131-2](#), [133](#)

Pacoro [112-3](#), [114](#), [115-6](#)
Pádua [235](#)
Paflagonia [75-6](#), [77](#)
País de Gales [154-5](#), [156](#)
Palestina [167](#), [168](#), [177](#), [172](#)
palestinos [212-3](#), [241-2](#)
Palmira (palmiranos) [192](#), [200](#), [201](#), [203](#), [206-16](#), [241](#), [242](#); teatro/castelo [29](#)
Panônia [142-3](#), [181-2](#), [236](#)
Panticapaeum [83-4](#)
Papa Leão [235-6](#)
Papak [195](#)
Parthava [108](#)
Pártia [81](#), [82-3](#), [108-18](#), [168-9](#), [180](#), [186](#), [195](#), [206](#), [242](#)
partos [72-3](#), [83](#), [108-18](#), [191](#), [202](#), [205](#)
Patavium [235](#)
Pátroclo [221-2](#)
Paulo, Emílio [34](#), [35](#)
Pávia [28](#)
Paz de Fênix [44](#)
Pela [175](#)
Peloponeso, campanha do [222](#)
Pera, Júnio [85](#)
Pereia [167-8](#)
pergamezes [44-5](#), [46](#)
Pérgamon [44-5](#), [77](#), [78](#)
persa, cultura [9](#)

persas 14, 108, 109, 193, 195, 196, 199, 200, 203, 206, 208, 209, 213, 215, 231, 240; vestes e aparência 202; conhecimento de literatura e artes 204; religião 203-4

Persépolis 195

Perseus (filho de Filipe V da Macedônia) 48, 49, 52-3

Pérsia 74, 196, 200, 201, 202, 213, 215

peste 193-4, 199, 225, 235, 240

Petílio Cerial 158-9, 162

Peuce 218-9

Pharnaceia 82

Piceno 92

Pidna 49

Pidna, monumento de 6

pileati 184

pilum 98

Pirineus 27

Pirro 14, 21

Placência 29, 31

Plácida, Gala 226

planalto iraniano 71-2

Planícies da Catalunha, batalha das *ver* Chalons, batalha decatafratos 111-3, 183, 212-3, 242

Pláucio, C. 52, 53

Plauto 18

plebeus 13, 61

Plínio, o Jovem 138-9

Plínio, o Velho 109-10

Plutarco 44, 66, 87, 88, 95, 110, 111, 112, 112-3, 120, 122, 126, 131-2

Po, rio 92

Poênio Póstumo 160-1

Políbio 19, 23, 24-25, 30, 31-32, 44, 47

Pompeu 70-1, 72, 82, 83, 84, 95, 110, 114, 121

Pompeu, Q. 53

Pôncio Pilates 169-70

Ponto 70, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 242

Popeia 169

Porta Salária 227

Portões de Ferro 182

Portugal 50

Prasutagus 157, 158

Primeira Guerra Mundial 26

Primeira Guerra Púnica [41](#)
principado, o [136](#)
principes [136](#)
Prisco [231-2](#), [237-8](#)
Próbo [210-1](#)
Próspero [235-6](#)
Província, a (Provença) [98](#), [99](#), [102](#), [105](#)
Prúrias da Bitínia [40](#)
ptolomaicos [9](#), [42](#)
Ptolomeu Filadelfo [129-30](#)
Ptolomeu V [44](#), [123](#)
Ptolomeu XII (Auletes) [129-30](#)
Ptolomeu XIII [72-3](#), [129-32](#)
Ptolomeu XIV [122-3](#), [125](#)
Publicola [91](#)
Públio [112-4](#)
Pulcro, Ápio Cláudio [88-9](#)
Pulquéria [232-3](#)
Pupieno [196-7](#)

Queroneia [78-9](#)
queruscos [142-3](#), [144](#), [145-6](#), [148-9](#), [151](#), [152](#), [153](#)
Quintilo [210-1](#)

Radagaiso [223-4](#), [230-1](#)
Ravena [224](#), [226](#), [227](#), [228](#)
Régio [93](#), [96](#)
Régulo, Atilio [22](#)
reis arsácidas [72-3](#)
reis guerreiros [12](#)
reis vassalos [109-10](#)
religião: de Átila [233](#); dácia [186](#); britânica [161](#); persa [203-4](#)
Remo [12](#)
Reno, rio [99](#), [138](#), [143](#), [150](#), [152-3](#), [191](#), [234](#), [235](#)
Reshiana [197-8](#)
revolta gaulesa [27](#)
Rodes [39](#), [78-9](#)
rodianos [44-6](#)
Roma: avanço sobre Atenas [78](#); anexação da Bitínia [80](#); arquitetura [10](#);
aristocracia [10](#), [19](#), [68](#); artes [138-9](#); como potência marítima [16](#); como

otimizada para a guerra 10; muralhas de Aureliano 211; captura pelos gauleses 14; cidadania 69; conflito com Armínio 140-51; conflito com Boudica 154-15; conflito com Cartago 16-18, 20-40; conflito com dácios 178-88; conflito com hunos 229-38; conflito com lusitanos 50-6; conflito com Mitrídates 74-84; conflito com numídios 18-19, 59-66; conflito com palmiranos 206-16; conflito com partos 108-18; conflito com Filipe V da Macedônia 43-9; conflito com Shapur I 195-205; conflito com Espártaco 85-96; conflito com Vercingetorix 97-16; conflito com visigodos 217-28; cultura 10, 11, 19; estabilização monetária 191, 193; declínio da República 68-73; despovoamento 240, 242; início 9; economia 240-1; eleitorado 12; fim do Império 11, 190-200, 239-42; fundação 10; inflação 191; no século VI a.C. 12-13; lei 72; metalurgia 10; monarquia 13; casas nobres de 13; relacionamento com Josefo 166-74, 175-7; ascensão como uma superpotência 16-19; papel na Espanha 16-17; saque pelos gauleses 241; saque pelos godos 227, 228, 241; comerciantes 143-4; guerra com os samnitas 14

romeno (idioma) 188

Rômulo 12

Rômulo Augustulo 239

roxolanos 178

Rufinus, Cocceius 209, 219-20, 221, 222-3

Rugila 230-1

sabinos 12, 13

sacrifício 25-6, 142, 146

sacrifício infantil 25-26

saduceus 167-8

Safrax 217-8

Saguntum 25

Saint Albans 137-8, 161, 164

Salinas 89

Salústio 19, 58, 59, 60, 62, 64, 65

samnitas 14, 27, 36, 110

Santo Agostinho 227, 240

São Jerônimo 227-8

Sardenha 25

sarmacianos 75-6, 178, 183

Sarmizegetusa 184, 185, 186, 187

Sarus 226, 227

sassânidas 191, 195, 196, 197-8, 199, 200, 202, 204, 208, 230-1

Saturnino 69, 182-3

saunion 52

Scaurus, Marcus Aemilius [61](#)
Schlüter, Prof. Wolfgang [146](#)
scramasax [142-2](#)
Segestes [145-6, 148-9, 150](#)
Segimundo [148-9](#)
Segóbriga [52-3](#)
Selêucia [47-8, 110-1](#)
selêucidas [18, 39, 41, 44, 48, 70, 72, 74, 77, 108, 192, 206, 209](#)
Semíramis [209](#)
semnones [152](#)
Semprônio, Tibério [28](#)
Sêneca [157, 158](#)
Sérapis [123-4](#)
Sertório [80](#)
Serviliano, Fábio [53, 54](#)
Severo, Alexandre [196-8](#)
Shapur I [191, 192, 195-205, 208, 212-3, 242](#)
Shapur, tigela de [31](#)
sica [170-1](#)
sicários [137, 138-9, 170, 177](#)
Sicca [63-4](#)
Sicília [10, 27, 38, 93](#); papel no conflito entre Roma e Cartago [16, 21-22](#); revoltas de escravos na [89](#)
Sigimer [143-4, 153](#)
Silaces [110-1, 112-3](#)
siluros [154-5](#)
Síria [41, 109-10, 112-3, 114, 115-6, 120, 127-8, 138, 144, 192, 199, 206, 209, 210](#)
sírios [30-1](#)
sítio, de Alésia [106-5](#); de Avaricum [103-4](#); de Jerusalém [137](#); de Jotapara [173-](#); de Masada [138, 177](#); de Orleans [234](#); de Roma [225](#)
Sitwell, N. H. [109-10](#)
Siwa [123-4](#)
Sósio [127-8](#)
Strabo [75, 109](#)
suborno [52-3, 62](#)
Suécia [217-8](#)
Suetônio Paulino [147-8, 155, 156, 160, 161, 162-5, 241](#)
suffêtes [26](#)
Suffolk [157](#)
Sula, Lúcio Cornélio [65, 70, 77, 79-80, 108, 110; 8](#)
Sura, Licínio [184](#)

Suren [109](#)
surenas [110](#), [111](#), [112](#), [112-3](#)
Susiana [195-6](#)
Suthul [62](#)
synergon [109](#)

Tad'mor [206](#)
Tanit [26](#)
Tântalo [56](#)
Tapae [182](#), [184](#)
Tarento [37](#), [38](#)
targes [52](#)
Tarquínio, o Soberbo [13](#)
Tarso [126](#)
Tebas [122-4](#)
Templo de Ártemis, Éfeso [77](#)
Templo de César, Colchester [158](#)
Templo de Júpiter Hammon [209](#)
Teodorico [233](#), [234](#)
Teodósio [219-20](#), [221](#)
Teodósio II [230](#), [231](#), [232](#), [236](#)
Terêncio [19](#)
Téspias [78-9](#)
Tessália [42](#), [43](#), [46](#), [48](#), [49](#), [78](#), [221](#)
Tétrico I [214](#), [216](#)
Thala [63-4](#)
Thermo [42-3](#)
Thetford [157](#)
Tibério [29](#), [30](#)
Tibério Cláudio [137](#), [142](#), [147-8](#), [149](#), [150](#), [152](#), [206](#)
Ticino [29](#)
Tigranes da Armênia [76](#), [80](#), [81](#), [82](#)
Tigre [110-1](#)
Timesitheus, Gaius [197-8](#)
Tique [110-1](#)
Tiro [39](#)
Tito [138](#), [172](#), [175](#), [176](#); [26](#)
Tivoli [216](#)
Trácia [41](#), [87](#), [94](#)
Trácios [82](#), [87-8](#), [231-2](#)

Trajano [138](#), [182](#), [183](#), [184](#), [185](#), [186](#), [187](#), [188](#), [242](#)
Transilvânia [186](#)
Trapezus [76-7](#)
Trasimeno [33](#)
Trébia [29](#), [30](#), [31](#)
Tribola [52-3](#)
trinovantes [154](#), [156](#), [158-9](#)
Troia [20](#)
troianos [221-2](#)
Try getius [235-6](#)
Tuliano [66](#), [107](#)
Túlio, Sérvio [12](#)
Turdetânia [52](#)
Turi [93](#)
Tusnelda [145-6](#), [148-9](#)

úbios [142-2](#)
Ulfilas [217-8](#)
Unimano, Cláudio [52-3](#)
Urânio Antonino [199](#)
urbanização [10](#)
Urso [52-3](#)

Vabalato [209](#), [210](#), [211](#), [212](#), [214](#)
vaceus [25](#)
Vaga [63](#), [64](#)
Valente [193](#), [194](#), [217](#), [218](#), [242](#)
Valentiniano [232-3](#), [234](#), [237](#)
Valeriano (Públio Licínio Valeriano) [199](#), [200](#), [201](#), [202](#), [206](#), [208](#), [242](#)
Valerianos [13](#)
vândalos [11](#), [219](#), [227](#), [240](#)
Varínio [89-90](#)
Varo, Quintílio [137](#), [144](#), [145-6](#), [146](#), [147-8](#)
Varrão, Terêncio [34](#)
Varusschlacht [146](#)
Vatia, Lentulus *ver* Batiatus, Lentulus [85](#)
Veii [13](#), [14](#)
Veneza [235](#)
Ventídio [114-6](#), [127-8](#)
Vênus [20](#)

Venúsia [65-6](#)
Vercassivellaunus [107](#)
Vercingetorix [72](#), [97-108](#), [242](#); [14](#)
vernae [87-8](#)
Verona [223-4](#)
Verrucoso, Fábio [33](#), [34](#)
Verulamium (Saint Albans) [160](#)
Vespasiano [139-40](#), [158](#), [172](#), [173](#), [174](#), [175](#)
Vesúvio, Monte [87-8](#), [89](#)
vetões [50](#)
Vettius [52](#), [53](#)
vexillationes [158-9](#)
Vezinas [182-3](#)
Via Ápia [95](#)
vir consularis [209](#)
Viriato [18](#), [50-7](#), [241](#); [7](#)
Viridomarus [105](#)
visigodos [193](#), [194](#), [217-28](#), [229](#), [233](#), [234](#), [235](#), [236](#); [33](#)
Videntes Inimitáveis [126-7](#)
Vulturno [34](#)
Volux [65-6](#)
Vopisco [212-3](#)

Weser, rio [142-4](#), [150](#)

Xerxes [191](#)
Xiandi [201-2](#)

Zabdas [211-2](#)
Zama, [63-4](#); batalha de [38-9](#)
Zamolxis [186](#)
Zebba [210-1](#); *ver também* Zenóbia
zelotes [137-8](#), [169-70](#), [171](#), [174-6](#)
Zend Avesta [203](#)
Zeno [239](#)
Zenóbia [191-2](#), [206-16](#), [240-1](#); [31](#)
Zeus Stratios [75](#)
zoroastrismo [9](#), [203](#)
Zósimo [199-200](#), [211](#), [220-1](#), [223-6](#)